

Ivo Di Camargo Junior - Ícaro Luís Fracarolli Vila
ORGANIZADORES

Educação Empreendedora

Uma Resposta aos Desafios do Século XXI



Mentes Abertas

Ivo Di Camargo Júnior
Ícaro Luis Fracarolli Vila
(Organizadores)

Educação Empreendedora: uma resposta aos
desafios do século XXI



Mentes Abertas

Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida ou arquivada, desde que levados em conta os direitos dos autores.

Ivo Di Camargo Júnior e Ícaro Luis Fracarolli Vila [Organizadores]

Educação Empreendedora: uma resposta aos desafios do século XXI. São Paulo, Mentis Abertas, 2020, 320 p.

ISBN: 978-65-80266-39-5

1. Educação empreendedora. 2. Inovação. 3. Desenvolvimento. 4. Conhecimento. I. Título.

CDD 370

Capa: Elite Estúdio Criativo.



Mentis Abertas
www.mentisabertas.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
Ícaro Luís Fracarolli VILA	
PEDAGOGIA EMPREENDEDORA: UMA FERRAMENTA NA PREVENÇÃO DO BULLYING	9
Mayara Esteves de ARAÚJO	
A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	23
Luciana Barbosa Pizorusso AZEVEDO	
EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS – EDUCAÇÃO BASEADA EM PROJETOS EM CONTEXTUALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO 4.0	41
Claudemir de Sousa BUZATO	
EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO ENSINO MÉDIO	55
Ivo DI CAMARGO Jr	
A IMPORTÂNCIA DA CULTURA E DA LUDICIDADE PARA UM ENSINO EMPREENDEDOR E INTEGRAL DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL	73
Simone Machado CAMILLO	
EMPREENDEDORISMO NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA ATRAVÉS DE PROJETOS DE MINICURSOS	99
Kátia Gumiero Ferracioli COLMANETTI	
PEDAGOGIA EMPREENDEDORA: UMA FERRAMENTA PARA O SUCESSO DA EDUCAÇÃO	115
Augusta Helena da Silva GAMA	
GRÊMIOS ESTUDANTIS COMO MÉTODO PARA DESENVOLVER A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA	131
Cinthia Cristina Amaro MONTEIRO	

EMPREENDEDORISMO E CONSCIÊNCIA AMBIENTAL PROMOVIDA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO EM ESCOLA TÉCNICA	145
Flávia Botelho Honório de MORAIS	
EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA PERSPECTIVA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	161
Maria Luiza Simões Florio de OLIVEIRA	
EMPREENDEDORISMO SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO DA METODOLOGIA APAC DE ITAÚNA COMO FERRAMENTA DE REPRESENTATIVIDADE SOCIAL PARA A RECUPERAÇÃO E REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS RECUPERANDOS	181
Gleiciane Ferreira dos SANTOS	
AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA PARA A SAÚDE FINANCEIRA FAMILIAR	201
Flávia Aparecida da SILVA	
ENSINO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE: A PORTA PARA O FUTURO	225
Silvio Rogério Pinheiro da SILVA	
O GESTOR EDUCACIONAL E O EMPREENDEDORISMO	243
Juliana Tófani de SOUSA	
EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	263
Fábio Marques de SOUZA Vera Lucia ISAIAS	
O PODER TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA NA SOCIEDADE BRASILEIRA	279
Simene de Matos TEIXEIRA	

FERRAMENTAS DE GESTÃO ESTRATÉGICA PARA O SUCESSO DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR: UM BREVE ESTUDO BIBLIOGRÁFICO	295
Ícaro Luís Fracarolli VILA	

PRÓLOGO	313
Prof. Dr. Julieno Lopes VERGARA	

SOBRE OS ORGANIZADORES	319
-------------------------------	------------

APRESENTAÇÃO

O século XXI veio repleto de desafios. Em tempos líquidos de relações superficiais, a escola continua sendo o principal agente de transformação social e fonte de conhecimento, mas não é mais o único. As novas tecnologias tiraram a supremacia das nossas lousas e têm demandado ressignificação de práticas e de conteúdo.

Um grande desafio é despertar no aluno a vontade de aprender. Por isso, métodos e abordagens de ensino são presentes cada vez mais nas universidades, em busca da melhoria do ensino ofertado. Outro ponto positivo trazido pela nossa contemporaneidade é a necessidade de se formar um aluno empreendedor, que almeje desenvolver a sua região.

Para isso, a educação empreendedora procura desenvolver nos aprendentes, de qualquer nível educacional, características e competências de um empreendedor. Ensina ainda como lidar com as adversidades no mundo corporativo e contar com a troca de experiências, a fim de ter êxito em alguma delas.

Sabe-se que a situação econômica de nossa amada pátria não é muito favorável para conseguir um emprego formal. Assim, o empreender tem sido uma saída muito tomada por aqueles que buscam a sobrevivência. Diante disso, cresce ainda mais a importância da educação empreendedora, que desenvolve tais habilidades nos jovens e os ajuda até a serem geradores de empregos. Basta uma ideia e um mundo de possibilidades se abre.

A cultura empreendedora é ainda muito restrita em nosso país. Segundo o *Global Entrepreneurship Monitor*, o maior relatório mundial acerca da temática, apenas 9% da população brasileira teve acesso a algum tipo de treinamento, ao passo que no ensino superior esse número se reduz a 3%. É um número bastante preocupante, dadas as vantagens que o empreendedorismo pode trazer para uma nação.

Apenas o Sebrae tem trabalhado a temática de forma ampla com a comunidade, ofertando cursos online e em algumas localidades. Contudo, falta mais. É preciso que se adentre às salas de aulas e os jovens tenham vontade de empreender. Daí a importância da boa formação do docente em qualquer nível de ensino. O mestre consegue promover ainda o empoderamento dos jovens, mudando atitudes e mentalidades, para que se possam encontrar soluções para os mais diversos problemas. No fim das contas, empreender é muito mais do que ter um negócio ou empresa. É ter capacidade de ser resiliente, planejador, autoconfiante, líder, perseverante e ter disciplina para atingir metas.

Esta obra é o resultado de muita pesquisa e dedicação. Os autores deste livro foram alunos do curso de Educação Empreendedora, turma 2018, da Universidade Federal de São João del-Rei. Nós todos fomos tocados pela necessidade do ensino do empreendedorismo no país e, sobretudo, acreditamos no potencial dos nossos alunos. Aqui, o leitor terá artigos mais teóricos como definição, até os que envolvem a prática, tanto no Ensino Médio como em algumas disciplinas curriculares. Alguns temas mais delicados como o bullying, também são abrangidos. E, por fim, os gestores escolares têm um rico conteúdo para profissionalizar o seu trabalho diante as escolas.

Espero que você, leitor, consiga fazer a diferença com esta riquíssima obra em mãos e, mais que isso, fazer a diferença na sua realidade. Boa leitura.

Ícaro Luís Fracarolli Vila
Organizador

PEDAGOGIA EMPREENDEDORA: UMA FERRAMENTA NA PREVENÇÃO DO BULLYING

Mayara Esteves de Araújo¹

O presente trabalho tem como tema a importância da escola na prevenção de doenças psicológicas da atualidade, bem como do suicídio infanto-juvenil em consequência do *bullying* que vem causando grande preocupação na sociedade em geral sendo, inclusive, bastante divulgado nas grandes mídias nos últimos tempos.

Nesta perspectiva, construíram-se questões que nortearam este trabalho, sendo elas:

⊙ Em qual momento a escola deve começar a preocupar-se e tomar providências frente às brincadeiras entre os alunos?

⊙ Quais atitudes devem ser tomadas para que haja uma conscientização acerca das possíveis consequências do ato do *bullying*?

⊙ O que a escola pode fazer para prevenir doenças psicológicas bem como o suicídio de jovens gerado pela possível influência de jogos, séries e filmes os quais são de fácil acesso a este público?

A escola sempre foi idealizada como um local destinado à formação do cidadão de maneira que ele esteja apto a integrar, ser parte ativa, crítica, segura, ética e, como tal, capaz de agregar valores à sua sociedade.

Smith e Morita consideram o *bullying* como uma subcategoria do comportamento agressivo. Tais autores constatam que este tipo de conduta pode se desenvolver em todos os ambientes em que haja relações sociais. Neste momento, especificamente, nos interessa tal questão para o caso deste estudo, quando tais comportamentos envolvem alunos de escolas. Ou seja, o *bullying* na escola, na sala de aula, em outros ambientes escolares, em seus entornos durante a entrada e saída dos alunos, etc. e a válvula de escape das vítimas. (SMITH & MORITA, 1999 apud MARTINS, 2005, p. 1).

Quando se fala em ambiente escolar, facilmente remete-se à imagem de um grupo numeroso de jovens de diferentes faixas etárias, classes sociais e culturais. Dada à convivência de tal diversidade, é natural que haja adversidades cotidianas. Tais diferenças são atenuadas, sobretudo, por

¹ Professora da Educação Infantil, nível Pré-escola no Município de Barbacena, MG. Graduada em Pedagogia pela UEMG. Especializações em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira; Supervisão Escolar e Orientação Educacional; Gestão Escolar e Educação Infantil; Educação Empreendedora. E-mail: mayaraearaujo@gmail.com

meio das chamadas brincadeiras que ocorrem todos os dias entre os mais variados grupos de alunos.

Ao lembrar os momentos escolares, muito possivelmente nada de relevante se ouvirá comentar a respeito de conquistas e sufocos acadêmicos típicos à época. Ao contrário, é bastante comum que se coloque em pauta as relações com os amigos, as situações em comum vivenciadas, as histórias engraçadas, as brincadeiras e, não menos importante, as rivalidades entre grupos.

Desta forma, pode-se perceber o quanto as experiências vivenciadas durante o período escolar das crianças e adolescentes são importantes e podem causar lembranças positivas ou, até mesmo, aversão ao ambiente escolar por toda a vida. Isto por que nem sempre as rixas entre alunos têm efeitos saudáveis do ponto de vista físico e psicológico.

Sendo assim, o caminho escolar torna-se bastante complexo e polêmico, haja vista que traz em seus arranjos essa característica formadora do humano. Nesse cenário se percebe, inclusive, que a escola é também, entre tantas coisas, espaço de expressão e manifestação de uma das muitas máscaras que trazem consigo a bandeira da violência, ou seja, o *bullying*.

Existem variadas reações dos jovens frente a esta prática, por exemplo: omissão, desabafos, agressividade, depressão, síndrome do pânico, busca por ajuda médica, entre outros.

Num primeiro momento, quando se ouve falar a palavra "*bullying*", de imediato detecta-se se tratar de um termo de origem inglesa e há a associação a aquela prática repetitiva e intencional, geralmente estudantil e que perpassa a gradação de uma forma mais simples, como as "zoações", podendo atingir patamares considerados extremamente agressivos, levando inclusive a agressões físicas, suicídios e assassinatos.

Com isso, constata-se a necessidade de uma ação empreendedora por parte da escola para que minimize a origem do *bullying* de maneira a suavizar seus efeitos diante das vítimas, tendo em vista que seus alunos consigam atingir, não apenas a maturidade intelectual, mas também as maturidades emocional e social através da aplicação de projetos que possam conscientizar os alunos da importância deste assunto, propósito primordial deste estudo.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica, realizada a partir da análise pormenorizada de materiais já publicados na literatura.

Metodologia

O *bullying* é uma criação da sociedade para a sociedade. Nesse cenário, assim como outras tantas práticas sociais, no caso, o *bullying* é apenas mais uma das tantas outras facetas de violência que atingem desfavoravelmente o relacionamento social. Por este motivo, tais ações de agressividade repetida, medo e poder clamam também por uma solução hoje ainda não alcançada de forma definitiva.

Conforme o pensamento de SILVA (2010, p. 21 e 22), o problema conta com as marcas características da manipulação, coação, agressão e perversidade sem que se possa apontar um motivo exclusivo. Geralmente, basta uma situação que chame a atenção, uma simples pergunta em sala de aula, o tom de voz, por exemplo, uma particularidade que o torne diferente, minoria, já constitui motivo mais que suficiente para os ataques muitas vezes travestidos de brincadeira, mas carregados de perversidade. Contudo, é de extrema importância salientar que, muitas vezes, agressões físicas e/ou verbais são comumente confundidas com o *bullying*, pelo aumento da popularidade do substantivo em meio a sociedade. Sendo assim, novamente se menciona que para uma ação ser considerada *bullying*, a mesma deve ocorrer repetidamente, de maneira intencional e provocar incômodo na vítima, conforme aborda Meier (2013).

Neste tocante, SILVA (2010) enumera algumas formas do *bullying* escolar que levam ao sofrimento, à evasão escolar e, cada vez mais, a consequências mais graves, tais como: **a) Verbal:** insultos, xingamentos, apelidos, etc.; **b) Físico e Material:** agressão física, furtos e roubos, etc.; **c) Psicológico e Moral:** irritar, excluir, discriminar, aterrorizar, perseguir, difamar, etc.; **d) Sexual:** assédio, estupro, etc.; **e) Virtual:** *cyberbullying*.

Tais formas de *bullying* são claramente retratadas no livro “Os 13 Porquês”, um romance do escritor Jay Asher, publicado no ano de 2007 no estado de São Paulo. Este livro narra a história de Hanna Baker, uma adolescente de 17 anos que cometeu suicídio. Na narrativa a estudante relata situações que vivenciava no ambiente escolar que teriam desencadeado sua decisão de findar com a própria vida, justificando-as como *bullying*. A referida adolescente gravou 13 relatos em diferentes fitas cassete onde expunha seus motivos para ter tomado esta decisão, culpando colegas pelos diferentes tipos de agressões por ela sofridas. Com a grande aceitação e repercussão da história por parte do público jovem, tal romance acabou por inspirar a aclamada série da Netflix “THIRTEEN REASONS WHY”, com direção da cantora pop Selena Gomez.

A série alcançou grande sucesso entre os jovens, mas divide opiniões acerca do seu efeito na sociedade até os dias de hoje, com o lançamento de sua segunda temporada, tendo em vista que, ao expor os treze motivos que a levaram a tirar a própria vida, Hanna Baker traz à tona muitas consequências físicas e mentais que a vítima do *bullying* enfrenta na vida real. Diante deste assunto tão delicado, há quem defenda que a abordagem do livro/série possui caráter positivo do ponto de vista preventivo, já que ao início de cada episódio a direção traz avisos sobre o conteúdo, orientações para a procura de ajuda, bem como números de telefone para denúncia, dentre outras argumentações. Porém, muitas pessoas demonstram grande preocupação com os efeitos que a série pode causar aos adolescentes que estejam passando por situações semelhante à da jovem, no momento em que afirmam que a produção cinematográfica poderia influenciar este público à prática do suicídio. Tal teoria se fundamenta no fato de que, na mesma época em que a série foi lançada e começou a atingir grande parte de seu público jovem, foi descoberto no Brasil o jogo virtual intitulado como a “Baleia Azul” que tinha por objetivo recrutar jovens em estado de depressão (muitas vezes ocasionado pelo *bullying*) tendo como culminância o suicídio.

O referido jogo contava com cinquenta tarefas que deveriam ser cumpridas pelo participante no período de cinquenta dias. Tendo aceitado ingressar no jogo, o jovem teria a obrigação de cumprir todas as tarefas, sofrendo a todo o momento ameaças para o caso de desistência e/ou divulgação do conteúdo do “acordo” para qualquer autoridade. As tarefas a serem cumpridas envolveriam atividades de alta periculosidade, automutilação, isolamento social, perturbação psicológica, dentre outros. A relação das tarefas é de fácil acesso em variados sites da *internet*. No entanto, não há qualquer comprovação da veracidade de todos os desafios enumerados divulgados pelos participantes do jogo, a não ser a palavra dos jovens que conseguiram sair da “brincadeira”.

Somente no Brasil, entre os meses de abril e maio do ano de 2017, cerca de cinco mortes de adolescentes foram associadas ao jogo, bem como centenas de tentativas de suicídio. As informações foram noticiadas em sites como “DNSociedade”, “Pragmatismo Político”, “Globo.com”, “EM.com.br”, “O Dia”, “Portal Interessante”, “Hoje em Dia”, “O Tempo”, entre outros, o que causou grande alarde na sociedade. Ao observar qual seria o público atingido pelo suposto jogo, concluiu-se que, em sua grande maioria, eram recrutados adolescentes que estavam inseridos em algum quadro de depressão e/ou sofriam algum tipo de agressão que remetia ao *bullying*.

De acordo com o exposto pode-se perceber quão frágil e influenciável é o adolescente brasileiro, psicologicamente falando. Em se tratando do relacionamento familiar, nota-se não somente deficiência no que diz respeito ao amparo educacional e intelectual, mas observa-se também grande deficiência afetiva. Sentindo-se desamparados emocionalmente, crianças e adolescentes buscam apoio vindos de outras fontes que nem sempre são dotadas de boas intenções e segurança, sendo estas, na maioria das vezes, advindas do mundo virtual. A família está muito ocupada em manter o sustento do lar, enquanto nossas crianças e adolescentes sofrem com a ausência de autoridade e segurança de seus pais.

Em consequência disso, a escola acaba por assumir uma responsabilidade ainda maior, transformando-se em pilar na missão de melhorar o ambiente em que o jovem se insere. Para isto, parte-se do princípio da prevenção do *bullying* no ambiente escolar, levando-se em consideração ser este um dos fatores desencadeadores (dentro da escola) de depressão infanto-juvenil na atualidade. Diante disto, o ideal seria que a gestão escolar propusesse a inserção de um programa de conscientização e prevenção de tal prática, de forma que o mesmo seja aplicado desde a Educação Infantil até os anos finais do Ensino Médio, de forma que haja reconhecimento e discernimento por parte dos alunos de seus direitos e deveres para consigo e para com o próximo, exercitando o respeito mútuo através da diferenciação de brincadeiras saudáveis e abusos.

Obviamente, tais medidas não acarretarão à extinção do *bullying* no ambiente escolar. Ainda assim, é importante que haja o incentivo à participação de todo o quadro de funcionários da instituição abrindo a possibilidade de, havendo vítimas de tal prática, que estas se sintam acolhidas e à vontade para pedir ajuda, criando-se um ambiente amparador.

Um profissional comumente presente no ambiente escolar que, muitas vezes, é subestimado em suas possibilidades de auxílio no desenvolvimento dos alunos, é o professor bibliotecário. De acordo com a ótica de LOPES NETO; SAAVEDRA (2003, apud MORAES, 2014, p. 19), este profissional possui grandes ferramentas para agir ativamente na prevenção do *bullying* dentro do ambiente escolar. Tais ações, segundo estes autores contam com o uso adequado à infraestrutura disponibilizada pela escola na área da biblioteca. Com isso, este professor bibliotecário poderá trabalhar da seguinte forma:

- a) Montar estantes e cartazes informativos;
- b) Separar o acervo referente aos temas *bullying* e violência escolar e montar um catálogo para consulta do tema;

c) Trabalhar junto aos professores e alunos a literatura sobre o tema, desenvolvendo trabalhos de conscientização acerca do *bullying* e violência escolar;

d) Fazer com que a hora do conto seja voltada para histórias de temática *bullying* e violência escolar;

e) Abrir a biblioteca na hora do recreio e incentivar os alunos a frequentarem, por exemplo, para renovação e empréstimo de livros;

f) Deixar o espaço do recreio para debates.

Sendo assim, segundo ODDONE (1998), o professor bibliotecário teria o poder de intermediar as ações de comunicação da informação, auxiliando no processo de prevenção e combate ao *bullying*.

Agindo na estrutura do processo, estando entre o emissor/produzidor do conhecimento e o receptor/consumidor do conhecimento gerado, identificando e atendendo às necessidades informacionais de seus usuários, sejam imediatos ou potenciais, estabelecendo uma dinâmica entre os repositórios estáticos do conhecimento e as questões dos indivíduos na busca de conhecimento.

Além desta estratégia, seria também de grande valia promover uma discussão que englobasse a participação da gestão, dos docentes, discentes e, principalmente dos familiares dos alunos, de forma que todos os envolvidos nesta intervenção pudessem caminhar no mesmo sentido, em busca de uma passagem tranquila e saudável pelas fases do desenvolvimento escolar e social das crianças, atribuindo funções e delegando responsabilidades a quem são de direito. Este momento seria uma oportunidade de dar voz aos agressores e, sobretudo, às possíveis vítimas de tais assédios, oportunizando um ambiente, não apenas escolar, mas também familiar, que se mostrasse acolhedor e seguro, no qual pudessem expor suas experiências, dúvidas, testemunhos e desabafos. Com este tipo de informação, a escola, juntamente com a família, teria a oportunidade de estudar, traçar objetivos, bem como desenvolver estratégias em prol da resolução dos problemas desencadeados pela prática do *bullying*. Tendo em vista que, na maioria dos casos, o jovem não expõe este tipo de situação para qualquer adulto, neste viés, a instituição escolar criaria uma relação de confiança, dando abertura para estas crianças, de forma a assumir um papel de auxiliar no combate ao *bullying*, comprometendo-se com a adequada punição dos agressores.

Pode-se considerar também como um bom método de levantamento de dados, a aplicação de pesquisas que visem identificar possíveis vítimas e,

inclusive, os agressores que atuam dentro do ambiente escolar, a presença de testemunhas, sua postura frente à situação, a forma como se dão tais agressões, quando, onde, dentre outras informações relevantes, que possam auxiliar no desenvolvimento do programa de prevenção e combate a esta prática, de forma que possa alcançar resultados de maneira mais rápida e eficiente.

Se por um lado, conforme menciona MESQUITA (2015, p. 86), a saída para as vítimas está em aceitar e pedir ajuda, para os agressores, a mesma autora sugere a imposição e a fiscalização do cumprimento de regras claras, visando coibir os comportamentos desfavoráveis sem qualquer tolerância, isto é, não adianta haver prevenção e auxílio das vítimas se não houver punição para o *buller* (agente ativo do *bullying* – o agressor), pois:

Tanto em situações em que o comportamento desrespeitoso é passageiro quanto naquelas em que as condutas juvenis apontam para uma índole verdadeiramente má, jamais podemos perder de vista que tolerar o intolerável e justificar o injustificável são posturas de extremo desrespeito para com a maioria absoluta da humanidade, que batalha todos os dias para um mundo melhor e menos violento. (MESQUITA, 2015, p. 53)

Em tal panorama, nos lembra SILVA (2010) que os recentes estudos buscam a complexa análise do que extrapola as brincadeiras estudantis. Daí, a estipulação de critérios a serem percebidos, como perversidade, intencionalidade, repetição, que surgem como resposta à indagação: quando a brincadeira passa a ser *bullying*?

Neste cenário, seria interessante que a escola, além de colocar em prática projetos que pudessem influenciar positivamente os jovens de maneira que eles pudessem direcionar seus esforços e criatividade a brincadeiras saudáveis, tais como oficinas pedagógicas, monitoria, esportes, shows de talento, bem como as estratégias acima mencionadas, que fosse criado, juntamente com os alunos, um quadro de direitos, deveres e sanções. Com isso, todos os alunos estariam cientes do que convém e do que não convém, bem como quais serão as consequências de seus atos, frisando-se o comentado acima de que não se busque justificativas para fatos injustificáveis, mas que se aja com seriedade e ética frente a todos, de maneira a dar segurança às possíveis vítimas.

Este pensamento vai de encontro às percepções de GUARESCHI (2008), ao abordar que quando não há intervenções e programas preventivos efetivos contra o *bullying*, o ambiente escolar torna-se totalmente contaminado e sujeito a diversas consequências. Alguns alunos

que testemunham situações de *bullying* podem perceber que o comportamento agressivo dos que o praticam não lhes traz nenhuma consequência, sendo, com isso levados a adotá-lo também.

Neste viés, a prevenção e o combate ao *bullying* dentro do ambiente escolar devem, além de conscientizar a respeito do papel social do cidadão de bem, auxiliar estudantes que estejam desenvolvendo e aqueles que já tenham desenvolvido quadros de ansiedade, depressão e pânico, dando a estes alunos a oportunidade de inserirem-se em grupos, sentindo-se úteis e importantes na realização de tarefas, de forma a aumentar sua autoestima e, conseqüentemente, sua autoconfiança. Em casos mais graves, com o apoio da família, seria de grande importância o encaminhamento destes jovens para avaliações e, quando constatada real necessidade, tratamentos e acompanhamentos psicológicos, tendo tais profissionais como auxiliares na tomada de consciência acerca de quaisquer situações que não sejam de conhecimento da gestão escolar, as quais necessitem de alguma intervenção por parte da mesma de forma a assegurar a segurança física e psicológica de seus discentes dentro do ambiente escolar ao qual estão inseridos.

É importante que estas propostas sejam aplicadas, como abordado anteriormente, desde a Educação Infantil, respeitando-se o nível de maturidade e de apreensão de cada faixa etária. Introduzindo-se tais projetos desde o início da vida escolar da criança, a escola poderá auxiliar seu público em uma definição mais concreta de autoconceito. Como afirma PILETTI (1993), “a criança forma seu autoconceito a partir das atitudes que os outros têm em relação a ela [...] os outros são um espelho que reflete a nossa imagem”, isto é, se a escola conseguir construir um ambiente de amizade, solidariedade e respeito de forma natural entre sua comunidade, é bastante provável que, sentindo-se acolhidos e sabendo da existência de um porto-seguro no caso da existência de problemas, possa haver uma maior conscientização de possíveis condutas saudáveis, maduras e inteligentes a serem tomadas frente a impasses. Ter a consciência, desde cedo, que a vida de ninguém é perfeita e que todas as pessoas, sem exceção, enfrentam dias difíceis, é muito importante para que o jovem entenda que para tudo há uma solução e que estas devem ser encontradas com o auxílio de pessoas de sua confiança, aquelas que prezam pela sua felicidade e bem estar.

O grande desafio para que tal consciência seja desenvolvida seriam as mudanças de costumes através dos anos. Enquanto há dez anos os jovens estavam inseridos em um contexto de brincadeiras que desenvolviam sua criatividade, espírito esportivo, psicomotricidade, sociabilidade e amadurecimento psicológico durante seu tempo livre, na atualidade nosso

público se vê cercado de novelas, jogos de *video-game*, filmes, desenhos animados e, mais recentemente, as séries, que tomam a maior parte do tempo livre dos adolescentes. Tal conteúdo tem seu acesso facilitado por meio da *internet*, bem como dos aparelhos eletrônicos. Com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), produções cinematográficas que despertem o interesse do público jovem chega até eles de maneira cada vez mais rápida, alcançando um público muito maior do que nos anos anteriores. Foi o que aconteceu com a série supra mencionada "Os 13 Porquês". Seu conteúdo "viralizou" na *web* despertando a curiosidade de todos, desencadeando influências, tanto negativas, quanto positivas nas atitudes e maneiras de encarar as adversidades encontradas na fase da adolescência.

Há o pensamento de que os meios de distração supracitados não causam influência no público jovem, tendo em vista que as crianças da atualidade já nascem envoltas por uma infinidade de informações advindas do mundo tecnológico, e já são orientadas desde cedo sobre o que é real e o que é fictício. Não obstante, os defensores de tal linha de raciocínio olvidam levar em conta que, na maioria das vezes, os variados personagens que adentram seus lares todos os dias, são dotados de características físicas e psicológicas que causam identificação por parte de todos os seus espectadores, tornando-se espelhos. Ao se identificar com um personagem ou até mesmo com o problema que este vem enfrentando, a tendência é que o jovem, em processo de construção de sua personalidade, acabe por reproduzir a maneira pela qual seu reflexo ficcional utilizou para resolução do contratempo. Exemplo disso seria a criança que imita as atitudes da personagem infantil "Peppa Pig" quando é contrariada; o mesmo ocorre com as crianças que querem utilizar a máscara de seu personagem preferido; repetidamente, há semelhanças no adolescente que pinta o cabelo tal qual o seu *youtuber* favorito; no jovem que utiliza das mesmas gírias e/ou piadas que serão entendidas como referenciais apenas por pessoas que assistem e acompanham determinada série; e até mesmo com o adulto que sonha em ter o mesmo carro do personagem principal daquele filme com o qual se identifica.

Diante destes pressupostos, traz-se a possibilidade de a escola abordar os assuntos de interesse pessoal dos alunos de acordo com o que é oferecido pela mídia. Ao invés de proibir que os alunos comentem, leiam e/ou assistam, por exemplo, a série citada anteriormente "Os treze porquês", seria este o momento ideal de não apenas analisar seus conteúdos, motivações, relações de ação – consequência e *bullying*, mas ler, assistir,

comentar e problematizar juntamente aos alunos, abrindo-se espaço para suas colocações e pensamentos acerca do tema proposto, criando uma visão madura e concreta perante os fatos apresentados, respeitando-se posicionamentos díspares e trazendo as situações à realidade. Nesta oportunidade, criar, juntamente com os envolvidos, soluções para os problemas apresentados pela personagem principal, opções nas quais ela poderia se ater de forma que sua voz fosse ouvida. Com esta postura, é bastante provável que a escola como um todo consiga chegar ao consenso de que Hanna Baker não é a heroína da história, mas uma vítima que não teve coragem de pedir socorro.

É relevante considerar que esta consciência seja criada de maneira a expor à comunidade escolar que o suicídio não é um meio de transformação do mundo, abrindo-se as portas para a discussão que envolve o *bullying* associado a essa prática extremista amplamente divulgada e aceita pela juventude, fato este que pode ser facilmente identificado pelas notícias, cada vez mais frequentes, de jovens que encontram nesta prática a resolução para todos os seus problemas, dentre estes, o *bullying*.

É importante salientar que o adolescente deve adquirir a lucidez de que este livro, como muitos outros transformados em séries (ou filmes) é apenas uma obra de arte/ficção que deve ser apreciada com cuidado, conforme destaca MENDES (2017). Sua leitura, ou mesmo sua aclamação por parte do público não deve interferir ativamente na vida de qualquer leitor/espectador. É preciso maturidade para separar fantasia de realidade, apenas aplicando em sua vida exemplos positivos ou inspiradores.

São maneiras interessantes e eficientes de contar com a participação ativa dos estudantes tirando do foco o caráter considerado negativo do que é trazido para a sociedade, adotando-se posturas positivas com objetivos sérios, éticos, preventivos, didáticos e mantenedores da dignidade humana, visando o bem-estar e a formação de cidadãos de bem.

Conclusões

Diante do exposto, concluímos que a escola possui amplas possibilidades no que tange ao auxílio da prevenção e combate ao *bullying*, bem como na conscientização de suas reais consequências para a vida do ser humano e seus reflexos na sociedade.

Isto quer dizer que a gestão escolar, em sua autoridade, pode e deve incentivar seus alunos a participarem de projetos sociais que tenham como objetivo melhorar a vida de outrem e, além disso, implantar tais projetos

desde o início da vida escolar da criança até os anos finais do Ensino Médio, de forma que estes jovens sintam-se acolhidos, amados, apoiados e, sobretudo reconheçam sua importância e utilidade, visando a melhora do relacionamento (para consigo e para com os outros) dentro e fora de seus muros, adotando-se a consciência de que seus atos, sejam estes positivos ou negativos, causam consequências. Com isto, é importante lembrar que a gestão escolar não deve, sob hipótese alguma, tentar justificar o injustificável ou tolerar o intolerável, carecendo adotar postura firme frente a problemas, aplicando-se as devidas sanções frente a fatos que caracterizem o *bullying*.

Sendo assim, adotando-se uma postura de incentivadora das boas ações, tornando-se espelho de boa postura e bom relacionamento, sendo mediadora na resolução de conflitos, além de conquistar a confiança de seu público alvo, a escola abre a perspectiva de despertar nas crianças e adolescentes o pensamento crítico, usando como dispositivo incentivador parte da vivência cotidiana jovens, tais como livros, filmes, séries e jogos de maneira a desenvolver uma postura madura, ética, serena e, sobretudo, sensata frente a quaisquer problemas que vierem a surgir na atualidade, contribuindo para que tais posturas sejam repetidas e aprimoradas na vida adulta, auxiliando-se na formação de cidadãos sérios e cumpridores de seus direitos e deveres perante a sociedade.

Neste aporte, a gestão escolar necessita separar, manter e aproveitar o equilíbrio do que é positivo e eliminar o que é negativo e perverso, levando-se em consideração que a postura da comunidade escolar frente as agressões aqui discutidas, influenciam ativamente nas consequências que tais episódios violentos podem acarretar para a vida do estudante.

De acordo com tudo o que foi citado por nós neste trabalho, percebemos que a temática se refere a um conceito muito mais complexo do que podemos imaginar inicialmente. Esse fato se dá pelo aumento da violência, seja ela verbal, física ou virtual, associada à dificuldade encontrada por crianças e adolescentes em terem um ponto de apoio para resolução de problemas. A família se encontra muito ausente na atualidade, fato justificado pela alta carga de trabalho, tendo como consequência a falta de tempo para os filhos. Esta rotina tem como agente consecutivo o afastamento e a falta de confiança entre seus pares. O jovem que sofre agressões se vê acuado e totalmente sem saída, tendo em vista a falta de maturidade e desprendimento para lidar com determinados tipos de situações.

Concluímos com este estudo que a escola possui sim um papel de grande importância na reversão deste tipo de prática mas, mais do que isso, observamos que sem o auxílio e mudança de comportamento da família, nenhum desses esforços terá a eficácia e a eficiência necessárias. Como sempre é abordado em reuniões escolares, para o bom desenvolvimento de nossas crianças e adolescentes, escola e família devem caminhar juntos, seguindo uma mesma direção.

Referências

- ANTONIO, D; MORAES, J. E. **O Profissional da informação na sociedade do conhecimento**: aspectos e proposta para a sua atuação na mediação da informação. São Paulo: Ibersid, 2008.
- ASHER, J. **Os treze porquês**. São Paulo. Editora Ática, 2007.
- BBC. **Jogo da Baleia Azul: até que ponto devemos nos preocupar?**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/jogo-da-baleia-azul-ate-que-ponto-devemos-nos-preocupar.ghtml>>. Acesso em: 03Mai2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: 05.Out.1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br>. Acesso em: 23Mai2019.
- _____. **Decreto-Lei Nº 2.848. Código Penal**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848.htm>. Acesso em 23Mai2019.
- _____. **Lei Nº 8.069. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências**. Brasília: 13.Jul.2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 23Mai2019.
- _____. **Lei Nº 9.394. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: 20.Dez.1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 23Mai2019.
- _____. **Lei Nº 13.185. Institui o programa de combate à intimidação sistemática (bullying)**. Brasília: 06.Nov.2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm>. Acesso em: 23Mai2019.
- CORREIA, P. **Baleia Azul. O jogo que está a levar jovens no Brasil a suicidar-se**. Disponível em: < <http://www.dn.pt/sociedade/interior/baleia-azul-o-jogo-na-internet-que-esta-a-levar-jovens-no-brasil-a-suicidar-se-6239917.html>>. Acesso em: 13Mai2019.

- EVANGELISTA, R. **Jogo Mortal Baleia Azul pode ter feito primeira vítima no Brasil**. Disponível em: < <http://hojeemdia.com.br/horizontes/jogo-mortal-baleia-azul-pode-ter-feito-primeira-v%C3%ADtima-no-brasil-1.457801>> Acesso em: 26Abr2019.
- FANTE, C. **Fenômeno *Bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. Ed. Campinas: Versus, 2005.
- FANTTI, B. **Baleia Azul: o perigo está mais perto**. Disponível em: < <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-04-16/baleia-azul-o-perigo-esta-mais-perto.html>>. Acesso em: 15Mai2019.
- GOMES, M. M. **O *bullying* escolar no Brasil**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-bullying-escolar-no-brasil.htm>>. Acesso em: 15Mai2019.
- KIFER, C. **Adolescente participante do jogo “Baleia Azul” tenta se matar em Minas**. Disponível em: < <http://www.otempo.com.br/cidades/adolescente-participante-de-jogo-baleia-azul-tenta-se-matar-em-minas-1.1469671>>. Acesso em: 26Mai2019.
- LYRA, A. R. N; PAZ, L. M. M. C. ***Bullying*: marcas que não se apagam**. Maceió, 2009
- MARTINS, M. J. D. **Agressão e vitimização entre adolescente, em contexto escolar: um estudo empírico**. Análise psicológica, 2005. Disponível em <<http://repositorio.caminhosdocuidado.org/bitstream/handle/419/1/ap.S0870-82312005000400005.pdf>>. Acesso em: 09Mai2019.
- MEIER, M; ROLIM, J. ***Bullying sem blá-blá-blá***. Curitiba: Intersaberes, 2013.
- MENDES, L. **Hanna Baker não é a heroína de “13 Reasons Why”**. Disponível em: < <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/hannah-baker-nao-e-heroína-de-13-reasons-why-por-leo-mendes/>>. Acesso em: 06Mai2019.
- MESQUITA, A. P. L. de. **Recém-sancionada, lei de combate ao *bullying* é distante da realidade**. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2015-nov-13/ana-paula-mesquita-lei-bullying-distante-realidade>>. Acesso em: 12Mai2019.
- MORAES, S. C. **Biblioteca Escolar e a prevenção ao *bullying* escolar**. Florianópolis, 2014.
- MORALES, P. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. São Paulo. Edições Loyola, 1999.
- NETFLIX/BRASIL. **Os treze porquês**. Disponível em: < <https://www.netflix.com/watch/80117471?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C5b7cc4c8b677680552b5ec05dd7a25a442c310ed%3A0fe60b0176dce4925fd086b5dce83684f766b955>>. Acesso em: 14Mai2019.
- OBSERVATÓRIO. **Observatório da infância**. Disponível em:<<http://ww.observatoriodainfancia.com.br/>>. Acesso em: 10Mai2019.

- PARREIRAS, M. **Adolescente Mineiro é vítima do Baleia Azul, o jogo do suicídio.** Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/04/13/interna_gerais,862064/adolescente-e-primeira-vitima-mineira-do-baleia-azul-o-jogo-do-suicid.shtml>. Acesso em 26Mai2019.
- PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência:** estudo e prevenção das críticas agressivas entre crianças. Fundação Caloste Gulbenkian. Fundação para a Criança e a Tecnologia. Ministério da Ciência e Tecnologia. Porto: Ed. Imprensa Portuguesa, 2002.
- PEREIRA, S. M. S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar.** 3 ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- PILETTI, N. **Psicologia Educacional.** São Paulo: Editora Ática, 1993.
- PORTAL G1. **Ministério da Justiça manda PF investigar “Jogo da Baleia Azul”.** Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/ministerio-da-justica-manda-pf-investigar-jogo-da-baleia-azul.ghtml>. Acesso em: 29Abr2019.
- PRAGMATISMOPOLÍTICO. **Por que o jogo “Baleia Azul” já provocou centenas de tentativa de suicídio?** Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/04/jogo-da-baleia-azul-ja-provocou-suicidio.html>>. Acesso em: 27Abr2019.
- RAMIDOFF, M. L. **Bullying: responsabilidade de todos!** Disponível em: <<http://marioluizramidoff.jusbrasil.com.br/artigos/121934689/bullying-responsabilida-de-de-todos>>. Acesso em: 10Mai2019.
- SANTANA, E. T. **Bullying e Cyberbullying:** agressões dentro e fora das escolas: teoria e prática que educadores e pai devem conhecer. São Paulo: Paulus, 2013.
- SERPA, O. **Dicionário escolar inglês-português português-inglês.** Rio de Janeiro: MEC/DENAE, 1961.
- SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas nas escolas – bullying.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SILVA, R. B. Formar leitores na escola. In: SILVA, Rovilson José; BORTOLIN, Sueli (Org). **Fazeres Cotidianos na Biblioteca Escolar.** São Paulo: Polis, 2006.
- VENANCIO. A. **Conheça os 50 Desafios de “A Baleia Azul – O jogo do suicídio”.** Disponível em: < <http://portalinteressante.com/conheca-os-50-desafios-de-baleia-azul-o-jogo-suicidio/>>. Acesso em: 25Abr2019.

A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Luciana Barbosa Pizorusso AZEVEDO¹

A alfabetização é reconhecida pela sociedade como parte do processo educacional. O domínio da leitura e escrita, além de serem fundamentais para uma compreensão do mundo, é um pré-requisito para o desenvolvimento pedagógico do aluno.

É de grande importância desenvolver habilidades empreendedoras desde as séries iniciais para a formação do aluno, explorando a sua capacidade de inovar, questionar, avaliar riscos, criar etc., possibilitando uma cultura empreendedora e favorecendo a aprendizagem e o fazer pedagógico.

A alfabetização agregada ao ensino empreendedor em um ambiente para a formação de alunos críticos, autônomos e conscientes traz uma problemática, pois muitos educadores não são empreendedores ou mesmo nunca tiveram experiências empreendedoras em sala de aula, seguindo uma metodologia de ensino tradicional. Muitos acham que empreendedor é uma qualidade individual de cada pessoa e não pode ser aprendida, e os outros acreditam que tal qualidade empreendedora deve ser aprendida e aprimorada.

Objetiva-se nesse estudo refletir, contribuir e apontar caminhos que levam a habilidades empreendedoras em crianças na fase da alfabetização, promovendo, assim, o desenvolvimento do aluno em todos os âmbitos: pedagógico, social e cultural.

Para a construção da metodologia de ensino foi estudado o que é a Alfabetização e Letramento e como a Pedagogia empreendedora surge como uma prática a fim de mudar os padrões de ensino, pois não se trata de adicionar mais uma disciplina no currículo escolar, e sim os professores conceituarem e incorporarem em sua prática pedagógica o empreendedorismo e os alunos experimentando e vivenciando isso na prática, uma vez que na Educação Empreendedora o uso de metodologias de ensino devem ser exploradas, pois permitem o aluno “aprender fazendo” (LOPES, 2010, p. 29) e quanto mais cedo são estimuladas a

¹ Especialista em Alfabetização e letramento pelo Centro Universitário Claretiano; Especialista em Educação Empreendedora pela Universidade Federal de São João Del Rei; Licenciada em Letras (Português, Inglês e respectivas literaturas); Graduada em Pedagogia. Atua como docente há 18 anos. lucianapizorusso@hotmail.com

Educação Empreendedora, melhor será o seu desenvolvimento e competências.

Com base nesse panorama, este artigo de desenvolvimento teórico visa a compreensão sobre o que é a Pedagogia Empreendedora e suas metodologias que podem ser adotadas desde a Educação Infantil até o Ensino médio, tomando como base o livro “Pedagogia Empreendedora” de Fernando Dolabela (2003), que apresenta conceitos e fundamentos sobre o empreendedorismo para as crianças e jovens.

No segundo capítulo serão apresentados conceitos sobre os métodos de alfabetização e como a Pedagogia empreendedora surge como uma prática eficaz que melhora os padrões de ensino existentes.

Já no terceiro capítulo é exposto o aluno no processo de alfabetização e letramento e a importância da capacitação do professor empreendedor para ensinar com proatividade.

Para finalizar, o quarto capítulo abordará novas estratégias para a alfabetização por meio da pedagogia empreendedora, explorando o processo de ensino-aprendizagem de maneira eficaz e dinâmico, correlacionando os conceitos da educação empreendedora no perfil do aluno.

Pedagogia Empreendedora e a Alfabetização

A criança, antes mesmo de entrar na escola, já está imersa no processo de alfabetização, visto que a alfabetização envolve um processo de aprendizagem em que o indivíduo passa a compreender e reproduzir o que é falado através da leitura e da escrita. Nesse sentido, Soares (2004, p. 24, grifo da autora) afirma que: “[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do **letramento**, já é de certa forma, **letrada**.

Durante muito tempo, o ato de alfabetizar era realizado por processo mecânico; em que o aluno aprendia de forma superficial, com memorização de sons e cópias, tornando o aluno como um sujeito passivo, em que somente o professor deposita informações, denominada por Freire (2000, p. 101) como educação bancária: “é puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo”.

A Pedagogia Empreendedora vem despertar para essa importância e em desenvolver habilidades empreendedoras desde as séries iniciais para a

formação do aluno, pois segundo Fernando Dolabella (2003, p. 16), deve-se: “[...] trabalhar o empreendedorismo com crianças e adolescentes, da pré-escola ao nível médio, dos 4 aos 17 anos”.

Quando a prática pedagógica do professor está alicerçada pelo autoritarismo, remetendo ao aluno o que ele deve fazer e responder, o mesmo acaba limitando-o. A preocupação dos professores em ensinar a ler e a escrever, sem considerar a realidade acerca do aluno, acaba influenciando em uma aprendizagem futura.

Para os alunos que se encontram no processo de alfabetização, a Educação Empreendedora é de extrema importância, visto que é uma pedagogia que explora a capacidade de questionar, inovar, avaliar riscos, criar, etc., possibilitando e favorecendo a aprendizagem e o fazer pedagógico. Assim, acaba sendo um desafio ao professor alcançar os objetivos de alfabetizar um aluno, assegurando que esse seja protagonista do seu conhecimento e da realidade que o cerca.

O ensino da escrita e da leitura, bem como fazer o uso social desse conhecimento, exige bastante preparo e conhecimento do professor.

Conceber a alfabetização como objeto do conhecimento implica que, admitindo com Piaget, que a aquisição do conhecimento ocorre por ação do sujeito, a aquisição da língua escrita se dá através da ação do alfabetizando nas trocas que estabelece com a escrita e a leitura, em situações efetivas de interação: A alfabetização que se embasa no construtivismo/interacionismo aposta nas construções endógenas do alfabetizando, quando é desafiado a explicar, organizar e estruturar a língua escrita. Essas construções são classificadas pelo alfabetizador como construções/reconstruções que o alfabetizando realiza numa busca de aproximação do objeto do conhecimento que o desafia à compreensão (OLIVEIRA, 1997, p. 145).

Dessa maneira, faz-se necessário conhecer os conceitos e principais métodos de alfabetização e suas implicações na prática docente, para que seja inserida, ampliada, a dimensão e importância de uma educação também voltada para o empreendedorismo.

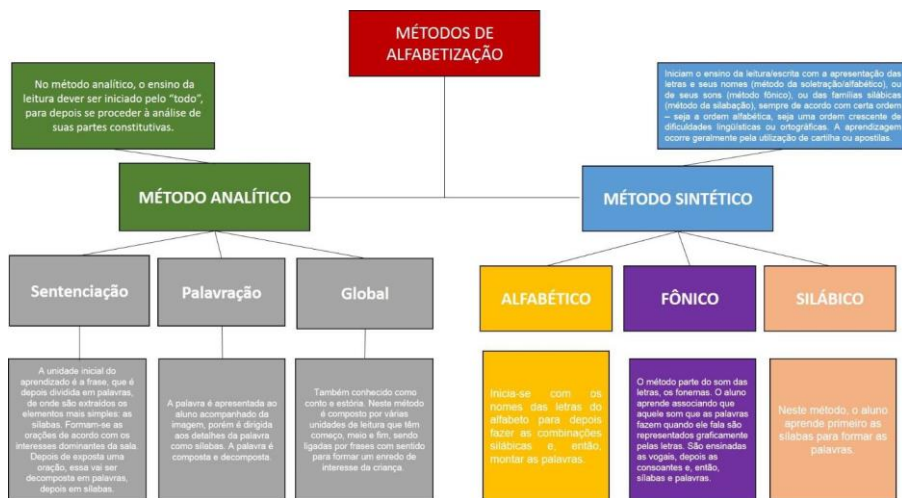
O termo alfabetizar não diz respeito apenas ao aprendizado das letras do alfabeto, mas sim na ação ampla de representar, entender e interpretar o que se lê e inseri-la na sociedade. A alfabetização necessita desenvolver tanto as habilidades de leitura e escrita, quanto as práticas sociais que a cercam, é o que afirma Soares (1998, p. 33):

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo-criança ou adulto tenham acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita em todas as funções em que ela tem em nossa sociedade, também como instrumento de luta pela conquista da cidadania.

Segundo Oliveira (2002, p. 25): “alfabetizar significa saber identificar sons e letras, ler o que está escrito, escrever o que foi lido ou falado e compreender o sentido do que foi lido e escrito”. Conhecer cada método e seus respectivos conceitos, fundamenta o trabalho e delinea a prática do professor no processo de alfabetização.

Assim, dentre as estratégias e métodos de alfabetização, considerados historicamente, agrupam-se em métodos sintéticos e métodos analíticos, conforme explicitado na figura abaixo:

FIGURA 1. MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO – SINTÉTICO E ANALÍTICO



Como visto, várias são as formas de alfabetizar e cada método possui seus benefícios e desvantagens. A Pedagogia Empreendedora vem de encontro para preparar os alunos a desenvolver seu potencial empreendedor diante da aprendizagem que lhe é concebida. Se faz emergir novas práticas e novos caminhos, para que o ensino na fase da alfabetização se desenvolva de forma significativa. Um aprendizado em que o aluno

acaba aprendendo de forma mecânica, ou seja, pela repetição como é feito no método sintético, torna a aprendizagem cansativa e fora da realidade do aluno (já que não leva em conta os seus conhecimentos prévios), e não o oportuniza ter autonomia e criar estratégias de aprendizagem. Uma abordagem focada somente nesse exemplo, trará dificuldades futuras ao aluno em compreensão de textos e criar novos textos.

No método analítico, este também possui desvantagens para uma prática de alfabetização empreendedora, pois também visa focar em palavras e frases de uma determinada ideia, explorada de forma isolada, ficando sem sentido para o aluno, ou seja, acaba tirando o aluno da sua realidade, afetando o interesse do aluno pela leitura, fato esse importante na fase de alfabetização.

Diante dos vários métodos de alfabetização, cada um com as suas especificidades e funcionalidades, este artigo não visa apontar qual o melhor método, e sim, demonstrar a característica de cada um, e despertar a prática da Educação Empreendedora nesse processo de alfabetização, fator esse de grande importância no despertar de um aluno em processo de formação intelectual, social e humana.

Sobre essa grande relevância da implantação de um ensino empreendedor, em 1999, Fernando Dolabela, criou um método educativo chamando-o de Pedagogia Empreendedora, que pode ser implementada nas escolas desde a Educação Infantil até ao Ensino Superior, cuja missão está em desenvolver metodologias do ensino empreendedor. Para Dolabela (2003, p. 16):

Na vida aprendi que todos nascemos empreendedores e que, se deixamos de sê-lo mais tarde, isso se deve à exposição a valores antiempreendedores na educação, nas relações sociais, no figurino cultural conservador a que somos submetidos. Lidar com crianças, portanto, é lidar com autênticos empreendedores ainda não contaminados por esses valores.

A Pedagogia Empreendedora não se trata de uma teoria para transmitir conhecimentos, pelo contrário, ela aparece como um modelo de inovação, acolhendo o conhecimento prévio do aluno, envolvendo-o de forma ativa nas ações de aprendizagem, e também, instigando o aluno a sonhar e estabelecer relações para a construção desses, conhecida também como Teoria Empreendedora dos sonhos. Assim, Dolabela (2008, p. 13) defende que é preciso que os alunos “desenvolvam o potencial de sonhar”, pois o aluno ao formular o seu sonho e tentar transformá-lo em realidade,

torna-se protagonista de todo o processo e seus resultados. Por meio de práticas desenvolvidas no seu cotidiano escolar, ao tentar fazer algo, de aprender até mesmo com suas falhas e erros, de seu processo de evolução, é o que construirá o seu perfil empreendedor.

A Pedagogia empreendedora surge como uma prática a fim de mudar os padrões de ensino existentes, auxiliando para que o aluno seja participativo e desenvolva sua habilidade de empreender, de possibilitar estratégias e formas de aprender, de pensar, de sonhar e de realizar.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implementada neste ano de 2019, cuja finalidade é de regulamentar quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas públicas e particulares e que garante o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno do aluno desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, este documento trouxe uma mudança que afeta a rotina do professor, pois requer um olhar mais atento ao protagonismo do aluno, uma maior inserção da tecnologia e novas metodologias de avaliação, que certamente agregará benefícios para o desenvolvimento do perfil empreendedor de cada aluno.

Especificamente para os alunos que estão na fase de alfabetização, a BNCC ampara e coloca-os de encontro com a Pedagogia Empreendedora, pois o documento determina novas buscas de técnicas de aprendizagem e intensifica o aluno como o agente construtor do conhecimento e transformador da realidade que o cerca.

Capacitação do professor e o aluno no processo de alfabetização e letramento

O termo alfabetização, etimologicamente, significa: levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Assim, a especificidade da alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita (SOARES, 2007).

Para Paulo Freire (1977, p. 27-28), a alfabetização extrapola os mecanismos de codificação e decodificação, pois trata de um processo que envolve, além do conhecimento, a construção de sua relação com o meio onde se vive: “[...] no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas”.

O processo de ler e escrever inicia desde a primeira infância e percorre toda a vida do indivíduo. Nesse processo de construção, a criança passa por estágios pelo qual as habilidades e os conhecimentos são adquiridos ou mesmo alterados. Isso deve ao fato de a criança, dentro do seu contexto sociocultural, já estar inserida e ligada às práticas de leitura e escrita e assim constroem seus conhecimentos prévios sobre o sistema de escrita para as suas vidas.

Uma criança que mesmo antes de estar em contato com a escolarização, e que não saiba ainda ler e escrever, porém, tem contato com livros, revistas, ouve histórias lidas por pessoas alfabetizadas, presencia a prática de leitura, ou de escrita, e a partir daí também se interessa por ler, mesmo que seja só encenação, criando seus próprios textos "lidos", ela também pode ser considerada letrada (SOARES, 2003, p. 43).

Segundo o epistemólogo Jean Piaget (1896-1980), a criança constrói seus conhecimentos por níveis de desenvolvimento, ou seja, por etapas associadas a faixa etária e se desenvolve independente do estágio em que se encontra por meio da relação sujeito/objeto, influenciado assim em seu desenvolvimento. Nessa teoria piagetiana, o professor deve compreender cada estágio do desenvolvimento cognitivo e impulsionar a aprendizagem para a criança que está na fase de alfabetização, este passa ser um facilitador do aluno na aprendizagem da linguagem oral e escrita.

Estudos realizados por Carraher (1984 apud REGO, 1988) e Carraher e Rego (1984 apud REGO, 1988) demonstram que quanto mais a criança é exposta a estímulos e situações em que os atos de ler e escrever são constantes, melhor será o seu desempenho no processo de aquisição da leitura e escrita. Esse fato sinaliza a importância da família e adultos como presença fundamental e influenciadora nos diferentes modos de inserir a leitura e escrita para a criança. A escola também se encaixa nesse contexto, visto que os professores também são grandes motivadores na forma de explorar a leitura e escrita no processo de alfabetização e letramento do aluno.

Com a vivência e conhecimento de mundo de cada criança é possível que essa avance e aprenda cada vez mais. Quanto mais oportuniza a criança ao meio cultural, despertando para o hábito da leitura e da escrita, maior será a contribuição ao seu processo da construção da aprendizagem e letramento. Assim, é preciso repensar a prática escolar para uma melhor alfabetização a fim de “desbancar antigas premissas acerca da alfabetização, segundo as quais: a) o alfabetizador e o método de alfabetização são

considerados aspectos centrais; b) a criança começa sua aprendizagem da leitura e da escrita somente quando ingressa na escola; c) a alfabetização é centrada no processo de codificação e decodificação (MIRANDA, 2008).

Assim, é perceptível que todo o processo de alfabetização é consolidado por meio das oportunidades sócio-cognitivas que são oferecidas às crianças desde cedo. A criança quando chega à escola já vive em um mundo de escrita e leitura e o processo de compreender e organizar o sistema linguístico e oferecer suporte para que avance no processo de construção de forma empreendedora é um desafio, pois necessita de processos de conhecimento de ensino e aprendizagem e comportamento inovador do professor.

O professor observando e dando a importância ao que é sabido pelos alunos, consegue propor atividades e a desafiar os a buscar novos conhecimentos. Várias abordagens e pesquisas sobre alfabetização e letramento e o processo de aquisição da escrita das crianças, tem contribuído para a discussão de uma prática educativa empreendedora e dinâmica, bem como a atuação do professor e suas metodologias diante desse processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Para a seguidora do pensamento Piagetiano, Emília Ferreiro (1999), há um esforço coletivo de busca de novos caminhos, deslocando a investigação de “como se ensina” para “como se aprende”. Ferreiro (1999) traz propostas de valorização do conhecimento da criança, a fim de compreender as hipóteses e construção da escrita através de níveis estruturais. Essa compreensão permite entender o nível de conhecimento da criança e assim diante de recursos metodológicos eficazes ajudar a criança avançar no conhecimento da escrita.

Para Ferreiro (1999), a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo construtivo e a criança tem o seu modo de aprender e estabelecer esse conhecimento. Nesse processo, o aluno passa por etapas evolutivas até dominar todo o código linguístico. Essas etapas são denominadas pela autora em pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Entender essas etapas, conforme é descrita na figura 2, contribui para que o professor possa criar estratégias adequadas a cada hipótese, para que, assim, a criança evolua nessa construção.

FIGURA 2. HIPÓTESES DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA SEGUNDO EMÍLIA FERREIRO (1999)

PRÉ-SILÁBICA	SILÁBICA	SILÁBICA ALFABÉTICA	ALFABÉTICA
<p>Apresenta 6 fases: Icônica (icônica vem de ícone/símbolo, assim a criança usa qualquer símbolo para representar qualquer palavra, uso de desenhos); Grafismo primitivo (lembra desenhos e rabiscos); Diferença entre letra e número (Ainda usa números/símbolos para escrever); Escrita sem controle de quantidade (Escreve com letras aleatórias e se importa com a quantidade de letras que utiliza – realismo nominal); Escrita fixa (Escreve com as mesmas letras em ordens diferentes); Escrita Diferenciada (Varia as letras para coisas diferentes, varia seqüências, não usa mesmas letras juntas, muitas letras para coisas grandes, poucas letras para coisas pequenas). - Não sabem o que as letras representam;</p> <p>Não fazem relação entre som e letra; - Já sabem que é possível registrar aquilo que se pensa ou se deseja falar.</p>	<p>- Já conhecem as letras;</p> <p>- Formam palavras com características especiais;</p> <p>- Para representar apoiam-se na pauta sonora (som/fala);</p> <p>- Sem valor sonoro: Aspecto quantitativo, atento a quantidade de sons que ouve, conflito ao pensar que uma letra não escreve nada.</p> <p>Com valor sonoro: Aspecto qualitativo procura representar o som que ouve com a letra correspondente, cada sílaba uma única letra.</p>	<p>- É silábico qualitativo + alfabético;</p> <p>- Já identifica as sílabas;</p> <p>- Domínio das sílabas simples/padrão (consoante/vogal)</p> <p>- Já sabe formar palavras;</p> <p>- Ainda se concentra na sílaba para escrever;</p> <p>- Período de transição;</p> <p>- Já entende a estrutura da sílaba, porém em sílabas complexas, pode voltar à hipótese silábica;</p>	<p>- Domínio do processo/sistema de escrita, já sabe como ele funciona; - É alfabético não ortográfico, entende como as sílabas são estruturadas na língua portuguesa, porém ainda possuem dificuldade de escrever ortograficamente.</p>

Para Ferreiro (1999), em seus estudos, defende a alfabetização construtivista, em que a criança é valorizada pelo conhecimento que possui, sendo um sujeito ativo na construção de sua aprendizagem. Segundo Soares (2004, p. 10-11), a perspectiva Construtivista para a área da alfabetização:

Alterou profundamente a concepção do processo de construção da representação da língua escrita, pela criança, que deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita, concepção presente nos métodos de alfabetização até então em uso, hoje designados "tradicionais" e passa a sujeito ativo capaz de progressivamente (re)construir esse sistema de representação, interagindo com a língua escrita em seus usos e práticas sociais, isto é, interagindo com material "para ler", não com material oficialmente produzido para "aprender a ler"; os chamados pré-requisitos para a aprendizagem da escrita, que caracterizariam a criança "pronta" ou "madura" para ser alfabetizada pressuposto dos métodos "tradicionais" de alfabetização são negados por uma visão interacionista, que rejeita uma

ordem hierárquica de habilidades, afirmando que a aprendizagem se dá por uma progressiva construção do conhecimento, na relação da criança com o objeto "língua escrita"; as dificuldades da criança, no processo de construção do sistema de representação que é a língua escrita consideradas "deficiências" ou "disfunções", na perspectiva dos métodos "tradicionais" passam a ser vistas como "erros construtivos", resultado de constantes reestruturações.

A psicogênese da língua escrita permite um novo olhar sobre a forma de alfabetizar, bem como o processo de construção a ser feito pelo aluno, pois, ao iniciar a ler e escrever, o mesmo diante das diversas possibilidades que poderá utilizar mediado pelas propostas empreendedoras do professor, o aluno potencializará enquanto um ser pensando e crítico de suas ações.

A alfabetização se dá em um processo de construção realizada pela criança e a mudança na postura do professor que ensina nos moldes tradicionais, de forma mecanicamente ou engessada, se faz necessária. É preciso que o aluno aprenda com autonomia e que assim desenvolva as suas habilidades e adquira competências para o avanço do conhecimento.

Conhecer as linhas e metodologias da alfabetização e letramento é imprescindível, para que o professor não adote práticas ultrapassadas e não funcionais. Assim, afirma Guimarães, Camargo e Silva (2015, p. 15):

Neste contexto, vale ressaltar a importância da formação continuada dos professores alfabetizadores para que se apropriem das novas discussões referentes à aquisição da língua oral e escrita. Muitos desconhecem as inovações na área da alfabetização e insistem em utilizar velhas práticas de decodificação e memorização, desprovidas de significado para as crianças.

Dentro da prática pedagógica do professor que tem um perfil atualizado e consciente, adotar uma postura empreendedora em situações alfabetizadoras, é se comprometer em encaixar dentro da realidade do aluno aquilo que lhe trará bons resultados ou crescimento. Ao aluno que apresenta dificuldades de aprendizado, o professor empreendedor busca mecanismos e formas eficazes para que o aluno aprenda e se forme como um ser pensante e não copista.

O comportamento de um professor empreendedor é aquele que democratiza o saber humano e ensina com proatividade, possibilitando, por meio de suas propostas de atividades, responder ao que se espera de um ambiente alfabetizador – a aprendizagem construtiva e contextualizada,

gerando desafios e novas buscas ao aluno. Além disso, o professor dentro das etapas da aquisição de leitura e escrita atuará como um mediador, reconhecendo e respeitando o aluno diante do que aprendeu e assim determinar qual o próximo passo a alcançar na alfabetização, estimulando a enfrentar os desafios e desenvolver o seu potencial. Assim, corrobora Curto (2000, p. 68): “Ensinar não é apenas transmitir informações a um ouvinte. É ajudá-lo a transformar suas ideias. Para isso, é preciso conhecê-lo, escutá-lo atentamente, compreender seu ponto de vista e escolher a ajuda certa de que necessita para avançar: nem mais nem menos”.

O professor alfabetizador com perfil empreendedor é um precursor de mudanças, pois é empenhado em explorar as necessidades mais emergentes dos seus alunos diante de suas realidades. É um profissional que vai além da sala de aula, pois oferece alternativas ou mesmo adaptações no processo de aprendizagem com soluções inovadoras.

Novas estratégias para a alfabetização

Para que os alunos sejam protagonistas no processo de conhecimento, participando ativamente na construção do saber, é preciso oportunizá-los para que sejam empreendedores em sua forma de ser, levando a transformação de ideias em oportunidades. A formação empreendedora envolve e distribui-se por várias disciplinas, ou seja, ela é multidisciplinar. Para alcançar os diferentes objetivos, é necessário traçar um plano de ensino que adeque a metodologia pedagógica ao contexto da aprendizagem empreendedora. Schaefer e Minello (2016) sintetizam em um quadro, as propostas de ensino convencional e as características da educação empreendedora observadas por Dolabela (2008):

FIGURA 3. DIFERENÇA ENTRE A EDUCAÇÃO TRADICIONAL E A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

EDUCAÇÃO CONVENCIONAL	EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta	Ênfase no processo, aprender a aprender
Conduzido e dominado pelo instrutor	Apropriação do aprendizado pelo participante
O instrutor repassa o conhecimento	O instrutor como facilitador e educando; participantes geram conhecimento
Aquisição de informações “corretas” de uma vez por todas	O que se sabe pode mudar
Currículo programados e sessões fortemente programados	Sessões flexíveis e voltadas a necessidades
Objetivos do ensino impostos	Objetivos do aprendizado negociados
Prioridade para o desempenho	Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergente	Conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo
Ênfase no pensamento analítico e linear; parte esquerda do cérebro	Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade no lado esquerdo do cérebro por estratégias holísticas, não-lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos
Conhecimento teórico e abstrato	Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela
Resistência à influência da comunidade	Encorajamento à influência da comunidade
Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar	Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação
Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel	Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola
Erros não aceitos	Erros como fonte de conhecimentos
O conhecimento é o elo entre aluno e professor	Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância

FONTE: (DOLABELA, 2008 apud SCHAEFER; MINELLO, 2016, p. 62).

Assim, o professor diante de uma sala de alfabetização, precisa obter diferentes práticas, metodologias, técnicas e recursos que leve e promova o ensino empreendedor.

[...] A Pedagogia Empreendedora jamais poderá ser imposta. Sua adoção é uma decisão política de cada escola, congruente com sua visão de mundo. – Por exigir grande energia do corpo para conduzir as mudanças que suscita, é imprescindível total compromisso da escola. – A implementação invasiva é inadequada não só porque a metodologia pressupõe cooperação para a construção coletiva — e esta depende de liberdade —, mas também pela necessidade de recriação da metodologia pelo professor, o que exige empenho e convicção. – A única forma de implementar a Pedagogia Empreendedora será pela construção de instrumentos didáticos adequados às peculiaridades e aos modos próprios de ser dos atores envolvidos, ou seja, a escola, o professor, os alunos, a comunidade (DOLABELA, 2003, p. 110).

Em uma sala de alfabetização, o nível de conhecimento da leitura e escrita pode ocorrer de forma desnivelada, visto que cada aluno apresenta níveis de conhecimentos, habilidades e vivências diferentes. Para que ocorra avanços, a Pedagogia Empreendedora oferece subsídios para que se crie ambientes propícios para investigar, pesquisar e diante dos desafios, ser elaborada soluções para a resolução de problemas.

O aluno deve ser alfabetizado cientificamente, para que assim desenvolva um perfil crítico e reflexivo, capaz de transformar a realidade à sua volta. Nesse sentido, Dolabella (2008, p. 17) afirma que “cabe ao professor, nesse processo, formular perguntas, pois as respostas constituem o centro da tarefa empreendedora e serão construídas pelos alunos”.

Alfabetizar e aprender de forma decorativa limita o aluno para a compreensão do processo de aprendizagem. A Educação Empreendedora coloca-se dentre dos parâmetros para formar indivíduos capazes de questionar e argumentar, enfrentando desafios e propiciando a construção do seu saber.

Dentro do ponto de vista do ensino empreendedor, o ensino deve estar pautado em atividades problematizadoras que permitem aos alunos resolverem problemas; desenvolvendo a sua capacidade de questionar e procurar respostas; ampliando a sua autonomia e a capacidade de processar as informações e utilizá-las de forma adequada em diversas situações e também na realidade que o cerca. As aulas devem ser dinâmicas e com atividades práticas e interativas. Dolabella (2008 ano está ok) ressalta que

não basta acumular um “estoque” de conhecimentos, e sim que é preciso aprender de forma autônoma e constante. Por isso ainda afirma Dolabella (2003, p. 104):

O papel do professor pode ser visto como o de alguém que provoca o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questionamentos, e ao mesmo tempo oferece o apoio necessário para que ele, diante de conflitos cognitivos desenvolva uma ação auto-organizadora.

Diante das perspectivas que conduzem a alfabetização para uma educação empreendedora, alguns aspectos são mais simples de ensinar e outros não. Como exemplos, os autores Lautenschläger e Haase (2011) citam as habilidades e competências como criatividade, inovação, proatividade, tomada de decisão e propensão ao risco, que estes são aspectos que não se encontram devidamente inseridos por métodos de ensino adequados.

A sala de aula torna-se um ambiente empreendedor quando os alunos são provocados a buscar conhecimentos, opostamente ao que ocorre no ensino tradicional, em que o conhecimento é conduzido somente pelo professor. Assim afirma Guerra e Grazzotin (2010, p. 83): “cabe a todos os professores a responsabilidade de fazer com que os alunos sejam estimulados a pensar e agir com uma mentalidade empreendedora. A sala de aula, cada vez mais, tem de se transformar em laboratório de conhecimento”.

O professor em sua prática pedagógica com visão empreendedora tem um importante papel em desenvolver a autonomia das crianças no processo de alfabetização, oferecendo capacidade de tomar decisões baseadas em informações que foram disponibilizadas, bem como estimular a capacidade de resolução de problemas; incentivando a construção de um pensamento crítico. Para isso, é preciso que o professor seja um facilitador e que tenha um olhar atento, compreensivo e que entenda as dificuldades ou curiosidades dos alunos, para que assim colabore e provoque com mediações colaborativas para a reflexão e investigação sobre o que o aluno está aprendendo.

Na fase da alfabetização, desenvolver a criatividade do aluno é importante para estimular o seu potencial criativo. A partir da criatividade, o aluno, ao se deparar com uma situação problematizadora na aprendizagem, passa a imaginar com possíveis soluções, traça estratégias até que chegue a uma solução e, nesse contexto, ainda repassa o que aprendeu inspirando os outros alunos. A criatividade encaminha para a

inovação, que também é um fator imprescindível do processo empreendedor.

Práticas pedagógicas que estimulam os alunos “aprender fazendo”, expostos a diversidade de ensino como debates, discussões e dinâmicas em grupo, enfatizando a interação social é também uma forma de desenvolver ideias e sair do contexto de “carteiras enfileiradas”, onde o professor dita o que precisa ser realizado pelos alunos. É preciso que o educando encontre situações em que é levado a examinar e avaliar situações, coagindo de forma positiva a pensar de modo diferente e assim buscar meios e alternativas – isso faz que o aluno aprenda com o processo e a experiência vivenciada.

Um importante recurso empreendedor para tornar o ambiente atrativo e interativo na Alfabetização é a utilização de ferramentas tecnológicas que propiciam a aprendizagem dos conteúdos de forma diferenciada, lúdica, acarretando novas descobertas e também ampliando o desenvolvimento da autonomia do aluno através da interação com esses meios. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que determina as diretrizes do que deve ser ensinado nas escolas, preconiza o uso das tecnologias ao longo da Educação Básica. No documento, é descrito duas competências gerais relacionadas ao uso da tecnologia:

Competência 4: Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competência 5: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2017, p. 65).

O professor, por meio do uso das metodologias ativas, poderá utilizá-las como auxiliar em suas práticas pedagógicas, mudando a forma do aprendizado através da relação aluno e professor, tornando o aluno protagonista e transformador do processo de ensino. Nesse formato, o professor assume o papel de mediador, permitindo uma participação ativa do aluno no seu processo de construção do conhecimento, contribuindo

para o desenvolvimento de competências empreendedoras como o pensamento crítico.

Conclusões

Os estudos desta pesquisa permitem ampliar e fundamentar a concepção da Educação Empreendedora no processo da Alfabetização e Letramento, possibilitando aos professores em formas de repensar uma boa prática pedagógica, oportunizando aos alunos novos caminhos para o ensino-aprendizagem sob uma perspectiva empreendedora.

Novas metodologias e práticas empreendedoras e o professor assumindo a função de mediador no processo de aprendizagem se faz importante, visto que a educação alienada a métodos tradicionais apenas transmite conhecimentos, não permitindo que o aluno desenvolva o “aprender a aprender”, a de agir com autonomia, de planejar, de buscar novas informações, de expandir a sua capacidade de criar e resolver situações problematizadoras.

Buscar um método ou técnicas que visam somente a questão do acúmulo de conhecimentos na fase da alfabetização é bloquear o aluno para a construção e desenvolvimento de comportamentos inovadores, de valores e atitudes que promovam o seu protagonismo frente a novas descobertas e do aprendizado em sua totalidade. É um desafio ao professor colocar em prática novas formas de ensinar e potencializar características empreendedoras em sala de aula, visto que muitos ainda possuem comportamento tradicional de ensino. O que é preciso para romper estruturas rígidas e permitir que a pedagogia empreendedora seja incorporada na prática alfabetizadora? Quais as melhores estratégias e técnicas pedagógicas para uma formação empreendedora?

O delinear da pesquisa apresentou formas apropriadas para a inserção da formação empreendedora aos alunos que iniciam a etapa da alfabetização. Vale ressaltar a necessidade de promover a formação continuada aos professores, para que possam assumir uma nova postura, aglutinando a formação acadêmica e base teórica que possuem com a experiência da prática empreendedora. Dessa forma, é possível romper com moldes tradicionais de ensino, explorando novas técnicas, metodologias e ferramentas empreendedoras conduzindo para um ensino-aprendizagem em excelência, bem como oportunizando que os alunos sejam os protagonistas do processo ensino-aprendizagem, desenvolvendo e

ampliando as suas capacidades e habilidades, bem como o seu espírito empreendedor.

Referências

- BRASIL, 2017, "**Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**". Brasília, DF, MEC/Secretaria de Educação Básica. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 maio 2019.
- BECKER, A. R., 2014, **Educação Empreendedora: a formação de futuros líderes, "Educação para o empreendedorismo"**, Curitiba, Agência de Inovação da UFPR, p. 22-27.
- CURTO, L. M. et al., 2000, "**Escrever e Ler - Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**", Porto Alegre, Artmed, v. I.
- DOLABELA, F., 2003, "**Pedagogia Empreendedora**", Cultura, São Paulo, Brazil.
- DOLABELA, F., 2008, "**Oficina do Empreendedor - A metodologia que ajuda a transformar conhecimento em riqueza**", Rio de Janeiro, Editora Sextante.
- ENTREVISTA, **Fernando Dolabela**. Disponível em: http://www.educacional.com.br/revista/0408/pdf/06_Entrevista_FernandoDolabela.pdf. Acesso em: 1 jun. 2019.
- FERREIRO, E.; Teberosky, A, 1999, "**Psicogênese da língua escrita**", Porto Alegre, Artes Médicas.
- FREIRE, P., 2000, "**Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**", São Paulo, Unesp.
- FREIRE, P., 1996, "**Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**", São Paulo, Paz e Terra.
- GUERRA, M. J; Grazziotin, Z. J, 2010, Educação Empreendedora nas universidades brasileiras, In: Lopes, R. M. A. (Org.), "**Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas**", São Paulo, Ed. Elsevier. p. 82-86.
- LOPES, R. M. A.; Teixeira, M. A. de A., 2010, Educação Empreendedora no Ensino Fundamental. In: Lopes, R. M. A. (Org.), "**Educação Empreendedora: conceitos, modelos, práticas**", São Paulo, SEBRAE, capítulo 3, p. 45-66.
- OLIVEIRA, J.; Barbosa, M. L, 2014, Processo de seleção de pré-incubação: sob a batuta da subjetividade. In: Gimenez, F. A. P. et al. (Org.), "**Educação para o empreendedorismo**", Curitiba, Agência Inovação, p. 81-97.
- OLIVEIRA, L. C., 1997, "A formação em serviço e a práxis pedagógica de professoras alfabetizadoras da rede pública de ensino de Salvador/Bahia". **Revista FAEEBA**, Ed. Universidade do Estado da Bahia Salvador Bahia, n. 8, p. 139-169, jul./dez. 1997.

- PIAGET, J., 1974, **“A epistemologia genética e a pesquisa psicológica”**, Rio de Janeiro, Freitas Bastos.
- SOARES, M. 1988, **“Letramento: um tema em três gêneros”**, Belo Horizonte, Autêntica.
- SOARES, M., **“Letramento e alfabetização: as muitas facetas”**. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- SCHAEFER, R.; Minello, I. F, 2017, **“Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias”**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4417/441747930006.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2019.
- TSCHÁ, E. R, Cruz Neto, G. G., 2014, **Empreendendo colaborativamente ideias, sonhos, vidas e carreiras: o caso das células empreendedoras. “Educação para o empreendedorismo”**, Curitiba, Agência de Inovação da UFPR, p. 66-80.
- VISVANATHAN, C., **“Métodos de alfabetização: quais são e como funcionam?”** Disponível em: <<http://mundinhodacrianca.blogspot.com.br/2009/10/metodos-dealfabetizacao-quais-sao-e.html>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS – EDUCAÇÃO BASEADA EM PROJETOS EM CONTEXTUALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO 4.0

Claudemir de Sousa BUZATO¹

Inserção da educação 4.0 – metodologias ativas dentro da comunidade escolar

A evolução com o uso da tecnologia, Internet das Coisas (IOT), Indústria 4.0, vem transformando o mercado de trabalho com mudanças de comportamento. O grau de exigência de uma execução de produtos e serviços nos faz a uma reflexão de um novo cenário, dentro da educação técnica profissionalizante.

“O empreendedorismo não deve ser encarado apenas como forma de enriquecimento pessoal. Ele deve ser direcionado para o desenvolvimento social, fazer com que as pessoas sejam incluídas e o País tenha mais condições de viver.” (DOLABELA, 1999). Nesta ideia apresentada por DOLABELA, nos faz refletir que a escola tem o papel de influenciar novas perspectivas de melhoria não somente no âmbito pessoal e particular, mas no desenvolvimento social dentro da sociedade que está engajada, buscando novas formas de empreender.

O grande desafio dentro destas novas metodologias aplicadas e vinculadas na indústria 4.0 seja o fato de o corpo docente não estarem preparados e capacitados a trabalharem com uma geração de nativos digitais, que buscam e tem as informações de forma mais rápida e concisa. Segundo Dolabela (2003), ser um educador empreendedor não é um ‘dom divino’, mas exige-se um treinamento, um aperfeiçoamento contínuo para lidar com as situações do dia-a-dia.

Mas o que é essa indústria 4.0? Por iniciativa do governo alemão, na Feira de Hannover de 2011, foi apresentada esse conceito dentro de uma nova revolução industrial propondo uma importante mudança de paradigmas em relação da maneira de como as fábricas operam nos dias de

¹ Professor e coordenador de curso técnico em Eletrotécnica e Eletroeletrônica do Centro Paula Souza, na ETEC Pedro Badran, no município de São Joaquim da Barra – SP. Formação em Tecnologia em Telecomunicações. Especialização em Automação e Instrumentação Industrial, pela UNAERP. Atuou em equipes de formação e reformulação de matriz curricular de nível técnico, pelo Centro Paula Souza. Especialista de Unidades Móveis de formação continuada e Especialista na Elaboração de Padronização de estrutura física para cursos técnicos pelo Centro Paula Souza. E mail: claudemir.buzato@etec.sp.gov.br

hoje, trazendo uma descentralização dos controles de processos produtivos e uma proliferação de dispositivos inteligentes e conectados a internet, gerando um impacto de produtividade industrial, troca de informações de diferente sistemas e dispositivos, tendo a tão chamada IoT - *internet da coisas*. (Rizzo, 2019).

No Brasil, esse conceito vem bem atrás do existente na Europa. Seria necessário mais de 100 anos para alcançar essa demanda que está acontecendo. Menciona, ainda, a necessidade das instituições acadêmicas e de pesquisas na formação destes profissionais com perfil de capacitados na adequação dentro destas ações que pretendem seguir com maior competitividade no setor produtivo (Rizzo, 2019).

Desafios de novas metodologias aplicadas nos cursos técnicos

Que futuro encontra essa geração de jovens que está sendo preparada para o mercado de trabalho? Que desafios o corpo docente encontra pra suprir a necessidade que o mercado profissional deste jovem egresso? Essas são questões que estão sendo discutidas, refletidas e analisadas com as propostas de melhoria e identificar os aspectos destes momentos que circundam a formação acadêmica profissional.

Professores estão em constante capacitação para adequar, melhorara suas metodologias em sala. A atuação em unidade com cursos técnicos é muito vivenciada dentro desta atuação. Os alunos exigem que haja sempre algo de novo para ser discutido como os demais. Moran (2013) destaca esse retorno que os alunos demonstram quando os professores se destacam em suas metodologias diversificadas.

Segundo Moran (2013), As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos.

Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa.

A capacitação docente fomenta, diversifica e intensifica metodologia aplicada e trabalhadas durante a atividade docente em contrapartida, os discentes tem um ganho considerável no processo ensino-aprendizagem adquirido.

Educação empreendedora na indústria 4.0

A Indústria 4.0, que vem sendo bem difundida atualmente, se trata de uma denominação iniciada a partir de 2011 e tem influenciado na no mercado mundial e o Brasil, apesar de estar atrasado, segundo a Revista Você S/A, de junho de 2018, tem atraído à atenção de investidores e escolas e que acompanham essa proliferação dentro da educação, e que a transformação e influenciado pelo avanço da tecnologia e pela necessidade de desenvolver novas aptidões no ensino brasileiro, não interessa somente aos professores e empreendedores, mas ao todo e qualquer profissional. E, esses profissionais que estarão no mercado de trabalho se manterem mais competitivos dentro deste cenário, todos devemos nos manter sempre como eternos estudantes e capacitando e se aperfeiçoando em cada área de atuação.

A Indústria 4.0 procura descrever a combinação de diversas tendências tecnológicas (a inteligência artificial, sensores sofisticados e a internet das coisas) que unem o mundo virtual e o mundo físico, que têm surgido nos últimos anos e que se esperam que, combinadas, transformem totalmente o modo como conhecemos o setor da indústria atualmente (BRITO, 2017).

E a escola não pode ficar atrás desta situação! É importante a capacitação de professores que estão à frente desta demanda de profissionais que estão sendo colocados no mercado de trabalho, buscando novas metodologias de ensino, ferramentas digitais e ações aprender com a criatividade.

Dolabela (2003) enfatiza que a Pedagogia Empreendedora possui uma abordagem humanista, e eleger como tema central não o enriquecimento pessoal, mas a preparação do indivíduo para participar ativamente da construção do desenvolvimento social, com vistas à melhoria de vida da população e eliminação da exclusão social.

Segundo Moran (2013), as metodologias ativas são caminhos para avançar mais no conhecimento profundo, nas competências sócio emocionais e em novas práticas. O aprendizado torna-se mais atrativo quando a docência desenvolve metodologias diversificadas na condução de suas aulas.

Moran (2013) complementa que aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos em que trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las.

Segundo Führ (2019) apresenta o contexto de mudança ocorridas com a introdução da Educação 4.0:

A Educação 4.0 no contexto da era da tecnologia da informação de comunicação encontra-se no dilúvio de grandes transformações que englobam as instituições de ensino, os educadores e educandos. O contexto do ciberespaço e da cibercultura nos apresentam novos cenários de aprendizagem que exigem novas práticas pedagógicas que envolvem o domínio da linguagem tecnopedagógica. As possibilidades de comunicação e informação na era digital global são limitadas, por isso, os contextos de aprendizagem devem se abrir para redes presenciais e virtuais que formam comunidades de aprendizes sem limites espaciais ou temporais.

Aplicação de atividade práticas e interdisciplinares dentro no curso técnico

Este trabalho tem por finalidade, em um método descritivo, as atividades práticas e interdisciplinares contextualizadas em espaço escolar, frente às ideias e metodologias estudadas quanto à educação atualizada da formação profissional para a quarta revolução industrial, hoje vivenciada.

Introdução de Aula de Iniciação em Robótica

Aplicando metodologias que favorecem aos alunos a possibilidade de introduzir conceitos de raciocínio lógico, desenvolvimento de atividade de situações-problemas, estimular a criatividade, trabalho em equipe, interatividade, empoderamento juvenil, iniciamos em 2017, a partir de uma ideia dos professores de difundir as metodologias já apresentada no curso técnico de Eletroeletrônica, onde destacava o desenvolvimento de projetos técnicos para transmitir os conhecimentos adquiridos e contribuir para o ensino da Unidade Escolar dentro do âmbito do raciocínio lógicos para alunos do Ensino Médio, foi iniciado com uma turma que, além de seus conhecimentos obtidos, estariam participando de competição dentro da robótica educacional que seria de grande importância para sua formação acadêmica.

Segundo as informações do WEF – Fórum Mundial Econômico (2016), apresenta 10 habilidades que o profissionais do futuro devem possuir para não sucumbir no mercado de trabalho, tais como a criatividade, tomada de decisão na realização de soluções de problemas e pensamento crítico.

Partindo deste propósito, é inserido para os alunos que eles mesmos realizam as dinâmicas práticas que, sem identificar o formato de atuação, eles já associados a esse resultado de pesquisa.

Projeto pioneiro na comunidade escolar da cidade, que obteve interesse e receptividade na Unidade Escolar desenvolvida.

FIGURA 1- TURMA INICIANTE NO PROJETO DE ROBÓTICA EDUCACIONA



FONTE: Acervo do autor

FIGURA 2 - APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE ROBÓTICA EDUCACIONAL PARA TURMAS DO ENSIO TÉCNICO



FONTE: Acervo do autor

A metodologia apresentada e trabalhada com os alunos ingressantes partir do pressuposto da realização de situações-problemas na formatação de um protótipo de robô através de programação, montagem eletrônica, testes e desenvolvimento a criatividade, trabalho em equipe e autoconfiança. A participação em competições surgiu de um convite da Faculdade INATEL, com o projeto de Arduino Challenge (que vinha em desenvolver nos alunos o senso do conhecimento técnico e divulgar seu

trabalho em escolas parceiras) e, com a seleção de equipe para apresentar-se na própria faculdade, competindo com demais instituições selecionadas.

FIGURA 3 - PISTA DE PROVA DA COMPETIÇÃO NA ETEC



FONTE: Acervo do autor

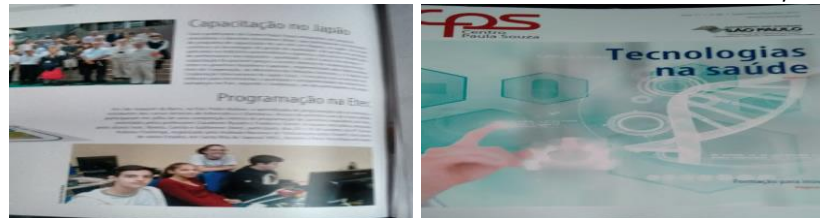
Após essa etapa, com a participação da equipe selecionada na própria faculdade e, pautada em conhecimentos técnico, teóricos e práticos específicos, surge uma metodologia de trabalho que demanda, aos próprios alunos, a realizarem seus desafios e instigar a investigação e solução de hipóteses que são decorrentes quando se é trabalhado nestes formatos de educação instigada a fomentar suas habilidades e competências.

FIGURA 4 - PISTA DE PROVA DA COMPETIÇÃO NA ETEC



FONTE: Acervo do autor

FIGURA 5 - REPORTAGEM DE REVISTA INSTITUCIONAL DO CPS – 10/2017



FONTE: Acervo do autor

Resultado deste projeto, aponta, na visão do autor e coordenador do projeto, um avanço considerável no aprendizado dos jovens envolvidos trazendo um contexto de empoderamento e dinamismo durante a execução

dos trabalhos propostos. No ano de 2017, iniciou-se os estudos e na formulação deste formato de trabalhos teórico e práticos, 14 alunos que matriculados no Ensino Médio, e em 2019, 4 alunos, os quais tem como foco em repassar e instruir os novos alunos deste ano na execução dos projetos. Contribui, ainda, na formação técnica empregada neste tipo de exercício dentro do projeto complementando a formação básica que são adquiridas incorporado no ensino médio.

Aplicação e incentivo de projetos práticos visando à criatividade empreendedora

Por se tratar de curso técnico, que visa principalmente à formação técnica de uma profissão trabalhada, em questão trata-se da área elétrica e eletrônica – Eletrotécnica e Eletroeletrônica – o incentivo a essas praticas desenvolvidora que visam à criatividade, trabalho em equipe, utilização de materiais de custos mais acessíveis e diversas metodologias encontrada para tais aplicações e protótipos realizado, apresenta-se, um projeto de destaque que foi realizado, mesmo que forma momentânea, que foi repassados às turmas iniciantes, de primeiro módulo, a elaboração e a produção de uma luminária, com a utilização de materiais de baixo custo e/ou recicláveis, tendo a segurança elétrica no contexto do trabalho, mas que apresentasse uma estética de um produto exposto em prateleira de lojas especializadas, propondo ações que possam, no futuros, caso haja interesse, no estabelecimento de uma nova ocupação profissional.

Assim, com prazo muito curto, um mês, e em duas oportunidades, o LUMITEC foi realizado exposição dos projetos elaborados por equipes de interesse de alunos e que, de forma satisfatoriamente, conseguiram concluir o que foi proposto e demonstrar as iniciativas criadas para a conclusão do desafio. Isso trouxe uma nova forma de pensar e agir de forma empreendedora, demonstrando seus produtos elaborados, mesmo que de forma inicial e explosiva, mas criando dentro do contexto trabalhado um iniciativa empreendedora dos alunos.

As figuras abaixo, demonstram qualidade, habilidade e criatividade desenvolvida pelos discentes quanto à aceitação do projeto trabalhado e na satisfação de cumprimento da etapa com seu produto sendo exposto para a comunidade escolar.

FIGURA 6 - PROJETO LUMITEC



FONTE: Acervo do autor

Pela qualidade de produtos elaborados, interesse por parte discente na execução, nos transportam às características dispostas dentro da educação 4.0. Fomentar e estimular a criatividade, no olhar mais crítico e complexidade da autoria do trabalho, competência relacionadas a serviços inclusos em componentes curriculares com múltiplas aprendizagens, oferecendo a autonomia e flexibilidade e trabalho em equipe, dispõem itens de destaque que fortalece o trabalho docente no contexto de uma pedagogia empreendedora.

Segundo Führ (2019), destaca que a educação necessita de possibilidades aos discentes de projetos interdisciplinares que enfatizem a resolução de problemas, gestão de competência e habilidades criativas para que possam prosperar na Quarta Revolução Industrial. E complementa que as competências que o mercado de trabalho evidencia, consiste em competências cognitivas e técnicas, resolução de problemas e habilidades físicas. Fatores importantes e relevantes na execução de projeto destacado.

Além de proporcionar aos alunos uma nova vivência de produção e utilização de materiais variados na elaboração do produto final do projeto, há, também, a interação, o trabalho em equipe dentro do ambiente escolar, pois é formado grupos de interesse para a execução a atividade proposta. Isso trouxe satisfação de um projeto bem elaborado e construído de forma que, na demonstração para a comunidade escolar, a qual foi exposta, mostrou que os próprios alunos radiantes pela exposição realizada.

Trazendo essas metodologia apresentadas e trabalhadas, a importância de desenvolver práticas inovadoras e que incentivem e favorecem a

criatividade, autoria de projetos, contextualização dos conteúdos que contribuem no desenvolvimento, num ambiente desafiador, tornado o professor como mediador. A atuação do docente nestas práticas afirma-se como um profissional reflexivo, os saberes a ensinar, atua com dinamicidade dentro da construção do saber, atribuído pelos docentes. (FÜHR, 2019). Criar essas oportunidade e permitir que possam desenvolver ações que visam esses contextos de vivencia escolar, como trabalho em equipe, criatividade e interatividade, indica a função do professor na qualidade de orientador e incentivador empreendedor.

Resultados

Todas as atividades apresentadas, além daquelas que não foram destacadas, são desenvolvidas pelo corpo docente visando à formação do jovem e no desenvolvimento de trabalhos práticos e profissionais, situações-problemas decorrente dentro da área profissional exercida. Assim, como destaca DOLABELLA (2003, p.92) que o desenvolvimento do saber constitui em criar condições para que o aluno possa desenvolver sua capacidade e criar estratégias para sua realização aproveitando oportunidades, os alunos desenvolvem essas competências dentro do ambiente escolar, trazendo de fora ideias e materiais que recriam seus sonhos já idealizados e formulam dentro da prática educacional um ambiente favorável na concepção do “produto” trabalhado.

Descreve-se isso dentro das atividades propostas pelo docente, em diversos componentes curriculares na elaboração, diagramação, concepção e produção dos projetos desenvolvidos. O papel do professor desempenha funções de acompanhar na construção do seus sonhos, oferecendo oportunidades de desenvolver e tornar possível a finalização de um propósito idealizado.

Buscar sempre a melhoria continua e a utilização de metodologias ativas nos projetos propostos, dispõe de uma satisfação discente, atribuído ao método envolvido e desenvolvido – os próprios alunos criarem e elaborarem suas ideia e hipóteses dentro do contexto exposto.

Realizando uma observação destas ideias e projetos concretizados, pode-se atribuir, que, no desenvolvimento, desde a ideação e chegando à concepção executada, passando por ações práticas e diversificadas de suas metodologia adquirida, os alunos obtêm um formação acadêmica voltada a projetos e, por consequência, de forma empreendedora, fazendo seu próprio formato de aprender. Assim é tratado dentro das novas concepções de

estudo na Educação 4.0, que buscam intitular nos jovens o senso de encontrar seu próprio conhecimento dentro de intenção e objetivo já específico de aprendizado.

Vivenciando, assim disposto, a demonstração do projeto, específico para feira tecnológica, ofereceu oportunidade de aprofundar nos conhecimentos, criar uma interação mais contígua com a satisfação de observar.

Análise e discussão dos resultados

Não deixando de lado o fato de que nesta transformação tecnológica que se sustenta e provoca intensas competitividade de mercado, carecemos de aperfeiçoar as novas metodologias de ensino e incentivar as novas gerações a seguir caminhos de adquirir seu melhor conhecimento acadêmico. Exercer o trabalho docente instruindo os alunos a realizar situações-problemas, buscando solucionar questões corriqueiras e inovadoras são fatores importantes como o papel do professor-incentivador. Faz os alunos a criarem uma rotina diversificada de formação, criando novas experiências e motivando novas condutas acadêmicas. Segundo DOLLABELA, 2003, o papel do professor deve ser visto como o que provoca o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, afetado pelos questionamentos, desafios e perguntas, criando ações auto-organizadora, em situações que são influenciados a elaborarem novas ações.

Fato, também, que as escolas têm a necessidade de contribuir, de certa forma, e facilitar esse novo processo de conhecimento para os alunos. É sabido que a situação das escolas, tanto no contexto de infraestrutura e quanto na incompatibilidade de ideias, criando oposições ao novo modelos, não agregam nos moldes para uma educação 4.0. São momentos de reflexão que a equipe docente deve-se realizar para ter com os alunos, um formato criador de projetos e inovador de ideias e soluções.

O trabalho com professor-orientador de projetos nos traz um acompanhamento de formação do conhecimento que gratifica quando esse esforço é recompensado no decorrer da vida acadêmica. Agrega, aos jovens, uma inspiração de realização do trabalho idealizado e concretizado nas apresentações vivenciadas. Para evidenciar toda essa situação conquistada durante muito esforços dos jovens, para a realização do projeto bem executado, apresento momentos que ocorreram durante o processo de trabalho. Na atuação e participação dos jovens envolvidos foi possível

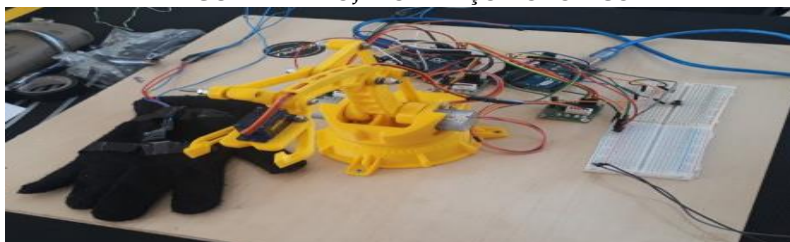
identificar que na devida atuação nos trabalhos desenvolvidos, em depoimentos destacados a seguir:

- Foi demonstrado que, durante as atividades do projeto de robótica, o meu raciocínio lógico, todo o conhecimento de física, o incentivo acadêmico, experiências vivenciadas foram aumentadas e, como sempre tive o interesse pela robótica e a oportunidade de participar e conhecer um pouco sobre o assunto, me deixou extremamente feliz.
- A partir da criação do projeto, pude complementar meus conhecimentos na parte de robótica- que sempre foi meu interesse acadêmico – e dessa forma, com interesse estimulado, ingressei no curso técnico em eletroeletrônica, onde pude aprimorar o conhecimentos. Mesmo no começo, sendo difícil de permanecer na escola das 13h às 15h, a grande demanda de assuntos relacionados valeram a pena, estes como a utilização de componentes e o Arduino. Assim, eu com a minha equipe, podemos criar diversos tipos de projetos com todo o conhecimento adquirido ao decorrer do tempo, sem contar também, que isso ajuda em vestibulares e no Enem. Tivemos projetos bem elaborados e com a nossa força de vontade e sintonia dos integrantes do grupo e, mesmo que apresente falhas nas etapas finais, sempre tivemos um jeito de resolver, sem desistir. Com incentivo, interesse, vontade e sede por inovação, tivemos bons projetos desenvolvidos no decorrer das atividades.
- A motivação durante as aulas e trabalhar com projetos, melhorou o desempenho em atividades em grupo, obtive perseverança em não desistir para o resultado final. E, dentro da robótica, com o interesse e vontade de superar desafios e motivar demais alunos a desenvolverem os projetos práticos, me incentivou a minha participação nas atividades além da contribuição de colegas e professores.

A prática pedagógica do docente, segundo Führ (2019), precisa buscar recursos e meios para facilitar a aprendizagem através da tecnologia digital possibilitando o acesso à informação, e discutir, depurar essas informações dentro do ambiente da sala de aula. Assim, pode-se destacar que dentro do contexto de que, o alunos devem ser engajados a sempre buscar o seu conhecimento, seu aprendizado, ter a presença do professor como orientador e facilitador das atividades propostas, buscando desenvolver ações com visão empreendedora o que fascina em sua vivencia acadêmica.

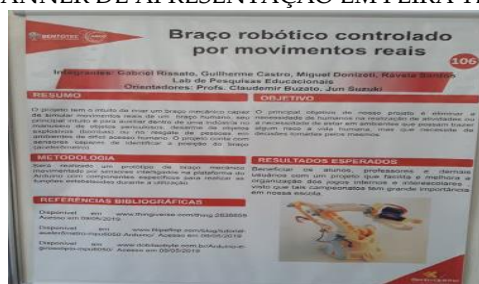
Como parte final de um projeto incentivador, as imagens abaixo demonstram como foi o fechamento desta etapa do projeto, com implementação de protótipo de braço robótico visando facilitar ações com pessoas com deficiência, apresentado em Feira Tecnológica:

FIGURA 7 - PROJETO BRAÇO ROBÓTICO



FONTE: Acervo do autor

FIGURA 8 - BANNER DE APRESENTAÇÃO EM FEIRA TECNOLÓGICA



FONTE: Acervo do autor

No meio de um tsunami de informações que recebemos e convivemos a todo o momento, a inserção de comunicação cibernética e o uso de ambientes tecnopedagógicos, no faz refletir de atuação docente com a tecnologia que as crianças e jovens já vem adquirindo do seu convívio familiar e incorporado na comunidade escolar e demais discentes. A sociedade incentiva a essas novas conexões pessoais e interfere dentro de sala de aula. Conforme Führt (2019): “muitas instituições de ensino ainda estão estagnadas em modelos de gestão e aprendizagem do passado e sentem-se pressionadas a se adaptarem nos contextos atuais”, e devem trazer para os educandos, competências e habilidades cognitivas para o ensino e futuro destes, no setor produtivo. Fato é que deve-se qualificar os docentes para acompanhar esse processo e instiga-los a criar novas metodologia atraentes, aos educandos, com a finalidade, também, de combate à evasão escolar.

Conclusões

Desenvolver atividades práticas dentro dos cursos técnicos, dentro do setor elétrico/eletrônico, com alunos que estão sendo preparado para o mercado de trabalho e para a vida universitária, resulta em um processo de formação docente proveniente da área profissional, que inspira uma demanda técnica no setor produtivo por uma visão de maior pró-atividade na resolução de situações-problemas, criatividade de soluções e criação de produtos e processos. Neste papel docente, de propor desafios, questionamentos e indagações de vivências profissionais, traz para o aluno um interesse na desenvoltura de seus projetos e ideias durante o curso. É fato que temos aqueles que procura apenas uma certificação para sua profissão atual, o que não deixa de repassar o conhecimento já adquirido para os demais colegas de turma.

Contribuir para o ensino regional na formação profissional, mesmo em uma nova percepção de uma indústria que vem se modernizando, e trazer esse princípios para o ambiente escolar, manifesta na atividade docente que é sempre necessário estar atualizado no contexto profissional e educacional. Os avanços tecnológico, a geração dos alunos que já são nativos digitais, que disfrutem de informações mais rápidas e concisas, são dispõe de competências que a vivencia docente impõe na educação 4.0.

Estamos em um processo de aprendizado quanto à formulação de novos conhecimento a serem adquiridos neste contexto de Indústria 4.0. A tecnologia incorporada nas empresas, com a finalidade de não perder espaço no mercado, garantir melhores performances de produtos, é evidenciado na palestra ministrada por, (SCHNEIDER, 2018), e complementa que devemos novamente aprender de novas formas, pois aquilo que já conhecíamos, necessita de novos ensinamentos neste contexto que estamos conhecendo. Além desta gama de avanço tecnológico que passamos, devemos nos atentar à habilidade e competências que devem ser salientadas, como as resoluções de problemas complexos, intensificar a criatividade, o trabalho em equipe, o trabalho, vivência e gestão de pessoas, além de várias habilidades humanas, as quais expande os conhecimentos incorporado na demonstração desta nova revolução tecnológica que insere nos ambientes produtivos.

Neste cenário educacional, podemos observar que o discente tornam autor e ator de aprendizagem por meio de projetos interdisciplinares, e o docente torna-se um orientador e mediador do processo de ensino-aprendizagem, trazendo incentivos em novos ambientes, materiais mais

dinâmicos e atualizados, fomentando a inteligência e senso crítico na resolução de problemas, implicando o aprimoramento de novas metodologias a serem implantadas através da prática pedagógica.

O ensino está em um processo de mudança e reconstrução que carecemos de observar mais de perto, frente às gerações futuras. Portanto, como, segundo Schneider (2018), comenta em sua palestra, sobre o “O Profissional do Futuro” para acompanhar todas as mudanças dentro do cenário profissional e mercado de trabalho, precisamos a “aprender, a desaprender e a torna a reaprender” os ensinamentos a serem adquiridos e engajar neste processo da Indústria 4.0, e por consequência a Educação 4.0.

Referências

- BRITO, A. A. A Quarta Revolução Industrial e as Perspectivas para o Brasil. **Revista Científica Multidisciplinar** - Núcleo do Conhecimento. Edição 07. Ano 02, Vol. 02. pp. 91-96, 2017.
- DOLABELLA, F. **Educação Empreendedora**. São Paulo. Editora De Cultura, 2003.
- DOWBOR, L. **Tecnologias do Conhecimento** – Os desafios da educação. 5ª edição. Editora Vozes, 2011.
- ETEC. **PEDRO BADRAN**, Cursos. Disponível em: <<http://www.etecpedrobdran.com.br/cursos.html>>. Acesso em: 01.jun. 2019.
- FÜHR, R. C. **Educação 4.0** – Nos Impactos da Quarta Revolução Industrial. Editora Appris, 2019.
- GRAY, A. **The 10 skills you need to thrive in the Fourth Industrial Revolution**. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2016/01/the-10-skills-you-need-to-thrive-in-the-fourth-industrial-revolution/>>. Acesso: 06.jul 2019.
- LIMA, L. Revolução na Educação. **Revista Você S/A**. São Paulo: 2018, pp 27-37.
- MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso: 01.jun.2019.
- SCHNEIDER, M. **O Profissional do Futuro**. TEDxFAAP, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9G5mS_OKT0A>. Acesso: 01.jun.2019.
- RIZZO, J. **Saiba o que é a Indústria 4.0 e descubra as oportunidades que ela gera**. Disponível em: <www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/saiba-o-que-e-a-industria-40-e-descubra-as-oportunidades-que-ela-gera,11e01bc9c86f8510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso: 02 ago. 2019.
- ZABALA, A. **A prática Educativa** – como ensinar. São Paulo: Editora Artmed, 1998.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO ENSINO MÉDIO

Prof. Dr. Ivo DI CAMARGO Jr¹

Após a era da industrialização, vivemos hoje a era da informação e do conhecimento, da valorização cultural, ecológica e do lazer, acreditando-se em um avanço onde a humanidade possa alcançar a era da sabedoria que vai além dos conhecimentos adquiridos cientificamente, com a utilização de forma produtiva de culturas populares, experiências vividas, de manter a natureza equilibrada, além de se valorizar os processos intuitivos e percepções emotivas. Procura-se, portanto, refletir sobre metodologias que se mostrem adequadas de inserção do empreendedorismo nos currículos escolares do Ensino Médio, focando desenvolver o homem, a sociedade e a economia de formas sustentáveis. Busca-se assim, por meio da pesquisa bibliográfica, teorias sobre o tema, na intenção da identificação e aplicação de formas possíveis de inclusão da educação empreendedora no Ensino Médio, orientados por uma metodologia da pedagogia empreendedora que vá de encontro com os objetivos do Ensino Médio de educar e formar integralmente os indivíduos para o mercado de trabalho, sendo estes capazes de atuar, direcionar, dirigir, além do pensamento e planejamento críticos.

Atualmente o empreendedorismo é um assunto em pauta, mas poucos se empenham em incentivar os potenciais necessários para que ele ocorra. Este empreendedorismo é complexo e abrange várias questões, o que supõem a necessidade do envolvimento dos vários setores sociais, já que, cada vez mais está difícil a inserção dos jovens no mercado de trabalho em decorrência de uma falta de qualificação profissional adequada. Faz-se necessário, portanto, adequações das bases curriculares da educação para que estas incorporando o empreendedorismo ultrapassem o tradicionalismo, para assim ser possível vislumbrarmos melhores expectativas para os alunos, futuros cidadãos.

¹ É professor de língua portuguesa efetivo dos municípios de Sertãozinho e Ribeirão Preto/SP. Mestre e Doutor em Linguística pela UFSCar, desenvolve pesquisas sobre Mikhail Bakhtin e cinema e outras mídias/linguagens. É Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Metropolitana, Especialista em Educação Infantil pela UFU, Especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio pela Universidade Federal de Brasília/UNB, Especialista em Educação Empreendedora pela UFSJ e cursa Licenciatura em Filosofia pela mesma instituição. É vice-líder do Grupo de Estudos Bakhtinianos da UNESP Assis e Vice-líder do Grupo Tecnologias, Culturas e Linguagens – UEPB. E-mail: side_amaral@hotmail.com

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 9694/96, no seu artigo primeiro, deixa claro que a educação deve abranger processos de formação desenvolvidos nos convívios familiar, humano, no trabalho, nos estabelecimentos de ensino e pesquisa, nos movimentos e organizações sociais, manifestações culturais, além da vinculação ao mercado de trabalho e práticas sociais. Observa-se, porém, que apesar do Brasil já haver copiado muitos modelos educacionais do exterior, este não segue seus exemplos no que se trata da prática de uma cultura empreendedora em seus currículos, como ocorre na Europa e na América do Norte. Questiona-se por que esta cultura empreendedora e seus conceitos não são estimulados nos alunos desde o ensino fundamental.

O sistema educacional, caso utilizado como ferramenta de expansão e estímulo de ações empreendedoras, mostra-se capaz de fazê-lo com consistência, continuidade e certa rapidez. Assuntos relacionados ao empreendedorismo, ao Meio Ambiente, a Responsabilidade Social e ao Desenvolvimento Sustentável, podem ser trabalhados mais intensamente por meio do ensino de matérias de forma transversal desde sua introdução, além dos conteúdos opcionais do currículo. É relevante a criação de meios alternativos para que os alunos após sua graduação, contem com novas perspectivas de atuação no mercado de trabalho, de forma mais atuante e colaborativa, se tornando conscientes da necessidade de uma parceria entre empregados e empresas de forma colaborativa, com a adoção de ações empreendedoras em todas suas áreas de atuação, visualizando inclusive, a perspectiva da constituição de negócios próprios, atuando como empresários.

Um dos estímulos para a realização deste estudo se dá em virtude de não existirem nos dias atuais muitas instituições como escolas profissionalizantes ou de nível superior, que se preocupem com a preparação destes indivíduos capazes de atenderem as exigências do mercado de trabalho, capazes de se arriscarem, terem audácia, criatividade, serem visionários, ou seja, possuírem atitudes empreendedoras. A mídia tem noticiado constantemente que os brasileiros se sentem amedrontados diante do aumento do índice de desemprego, o que não parece ocorrerem em virtude destes não serem criativos, interessados, habilitados e corajosos, mas talvez por não estarem orientados, informados, além da dependência de uma vontade política dos governantes deste país. A universidade no papel de capacitadora técnica demonstra ser o local mais adequado para se formar empreendedores, focados em atitudes sustentáveis, éticas e que

respeitem o meio ambiente. Somente desta forma é viável a construção de um país sustentável.

Pretende-se abordar também, a relevância do docente para o processo capaz de mudar os modelos atuais onde os jovens agem como meros empregados, passando estes a assumirem ações empreendedoras, sendo capazes de transformarem suas próprias realidades de forma autônoma, pois, entende-se que a instituição de ensino entre todas as instituições sociais, é a mais capacitada para mediar às relações entre o sujeito e a sociedade. É na escola, portanto, o local onde ocorre não só a mediação entre o aluno e o conhecimento, mas também as orientações para suas ações perante a sociedade. Porém, é necessário salientar que o processo educativo não é exclusivo do contexto escolar, mas é preciso que se considerem os conhecimentos que o aluno já possui e que foram adquiridos por ele enquanto sujeito social em seus meios de convívio.

O Ensino Médio, por ser a última etapa da Educação Básica é capaz de possibilitar que os alunos continuem seus estudos e/ou se insiram no mercado de trabalho. Estes alunos/ adolescentes normalmente possuem além dos conhecimentos adquiridos no ambiente escolar, grande conteúdo de conhecimentos adquiridos previamente em suas experiências sociais, estando entre estes ações que afloram o interesse destes, como por exemplo, práticas artesanais que aprenderam no ambiente familiar ou com indivíduos e sua convivência.

Os professores que atuam no ensino médio percebem o desejo em seus alunos em finalizarem seus estudos para se inserirem no mercado de trabalho, principalmente alunos com baixa renda familiar, e estes muitas vezes por falta de orientação, se dispõem a toda forma de trabalho para poderem dar sua contribuição nos ganhos da família. Entende-se, portanto, que a instituição de ensino no papel de mediadora entre esses jovens e o meio social, é capaz de uma antecipação responsável e prática dos conhecimentos necessários ao ambiente de trabalho com a capacitação dos alunos para possuírem sua própria fonte de renda, focando nas formas sustentáveis de evolução do local onde vivem, como futuros responsáveis por estes ambientes. Nesta perspectiva a inserção de conhecimentos sobre empreendedorismo no currículo, principalmente do Ensino Médio, pode proporcionar aos jovens formas para desenvolverem suas qualidades, competências e habilidades como empreendedores, associando a isto seus talentos e sonhos profissionais. Podem, assim, reduzir a pobreza e buscar um desenvolvimento sustentável.

Busca-se assim uma reflexão quanto à forma metodológica que mais se adequa a uma inserção do empreendedorismo no currículo das escolas de Ensino Médio, focando um desenvolvimento humano, social e econômico de forma sustentável. Por meio de pesquisa bibliográfica das produções de autores renomados como Fernando Dolabela, Carlos Lavieri, Demerval Saviani, Eliete Ramos de Souza, entre outros, serão abordados temas voltados a Educação Empreendedora no Ensino Médio, na busca de conhecimentos sobre a função social exercida pelas instituições de ensino, no empreendedorismo na escola para o desenvolvimento sustentável, para a redução da pobreza e suas inovações, pois, acredita-se que estando o aluno no centro do processo educativo, é aumentada a possibilidade de êxito nestes processos educativos.

Para Santos (2001), o conhecimento científico é gerador da pesquisa científica que tem como definição ser uma atividade intelectual intencional que visa responder às atividades humanas, para compreender e transformar a realidade que nos rodeia. Significa realizar esforços para investigar, descobrir, conhecer algum fenômeno. Esse mesmo estudioso afirma em seu texto que a pesquisa científica é a atividade intelectual intencional que visa responder às atividades humanas, para compreender e transformar a realidade que nos rodeia. Significa realizar esforços para investigar, descobrir, conhecer alguma coisa.

Esta introdução como primeira etapa do estudo, orienta os temas dos demais capítulos. O segundo capítulo, aborda o papel social da instituição de ensino iniciando-se com um exame histórico da educação. No terceiro capítulo serão abordados alguns estudiosos e suas teorias sobre empreendedorismo e como estas podem contribuir para uma educação empreendedora, relacionando-a com a educação nas escolas. No quarto capítulo atenta-se ao Ensino Médio e seu entendimento, visualizando a perspectiva da introdução de uma Educação Empreendedora nesta fase escolar, além do papel do docente neste processo. O quinto capítulo traz as conclusões dos estudos realizados, e posteriormente, as referências bibliográficas utilizadas para este estudo.

O papel social da instituição de ensino

O processo de socialização dos indivíduos ocorre através da educação, tanto formal como informal, apesar do uso comum do termo educação como sendo referência para educação formal. Esta educação formal ocorre

nas escolas, possui objetivos e requer planejamentos, intencionando a formação do indivíduo para a vida em sociedade.

Nas primeiras civilizações os métodos informais de educação eram predominantes. Através da convivência em sociedade eram transmitidos aos descendentes valores, costumes e princípios de cada povo. Este processo prevaleceu por muito tempo no processo evolutivo da raça humana. A escola surge como instituição Em um momento da história onde o homem se afasta do convívio coletivo em virtude da aquisição privada de terras. Este processo dá início à divisão de classes, que conforme Saviani:

essa divisão dos homens em classes irá provocar uma divisão também na educação. Introduz-se, assim, uma cisão na unidade da educação, antes identificada plenamente com o próprio processo de trabalho. A partir do escravismo antigo passaremos a ter duas modalidades distintas e separadas de educação: uma para a classe proprietária, identificada como a educação dos homens livres, e outra para a classe não proprietária, identificada como a educação dos escravos e serviçais. A primeira, centrada nas atividades intelectuais, na arte da palavra e nos exercícios físicos de caráter lúdico ou militar. E a segunda, assimilada ao próprio processo de trabalho. (2007, p. 155).

A partir desta situação, a escola será vista como o local destinado a educar os filhos dos proprietários de terras, que disponibilizam de tempo livre, já que, se utilizam de mão de obra alheia. Enquanto isso, o restante da sociedade se utiliza da metodologia educacional baseada no repasse de experiências acumuladas por gerações anteriores às futuras gerações. Vem deste fato, na etimologia, o significado para escola como sendo um local de tempo livre. A partir do século XVIII, com o surgimento do movimento iluminista, surge o ideal de uma educação para todos, por meio da educação formal onde todos os indivíduos possam ter acesso. este é um momento na história onde ocorrem mudanças na política, na economia e na sociedade, que esse baseio nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. A escola, no entanto, com características elitistas, não estavam prontas para transformar em escola democrática e universal, processo este, que continua como desafiador na atualidade.

Após este breve contexto histórico sobre o surgimento da escola como instituição, considera-se apropriado relacioná-la ao trabalho como fatores de formação do indivíduo, já que, educação e trabalho estão estreitamente ligados. Para Saviani (2007, p. 152), “trabalho e educação são atividades especificamente humanas”, o que explica o fato de o trabalho e a educação

serem atributos do indivíduo, que necessita adaptar a natureza para ser possível sua existência, e produz assim, sua própria vida. Saviani também nos diz que nas comunidades primitivas a relação entre trabalho e educação visava à produção pela coletividade dos meios de existência e assim eram educadas as novas gerações. Evidencia-se, portanto, que a educação se desenvolvia nos meios de produção com a passagem dos conhecimentos acumulados entre gerações, sendo o trabalho um princípio educativo. No entanto, com o desenvolver da sociedade de classes houve uma separação entre educação e trabalho. Nos dias atuais, a escola transformou-se em uma instituição social que conforme Souza (2013, p. 38), se encontra muito interligada a sociedade e que não conseguimos imaginar o seu fim, já que não existem outras instituições preparadas para assumir este papel. Com o passar do tempo, a instituição de ensino vem agregando muitas funções sociais, através da educação os homens instruem as novas e atuais gerações a uma produção e reprodução de atos capazes de transformar a natureza a si próprios e aos outros, mutuamente através do trabalho. (SOUZA, 2013, p. 38). Nota-se assim, o papel da escola como transmissora dos conhecimentos acumulados pelas gerações e como responsável pela preparação dos indivíduos para a vida em sociedade.

Na obra “Educação e Sociologia” de Durkheim, pode-se achar uma ilustração para o papel da escola em certos momentos vividos por civilizações passadas, como na Grécia onde a educação induzia as pessoas a obedecerem sem questionar o que determinado pelo coletivo, tornando-se parte dele. Nas cidades atenienses tentava-se criar indivíduos capazes de admirar a beleza. Já nas cidades romanas, a intenção era transformar crianças em adultos ativos, que buscassem glórias militares sem se preocuparem com a escrita e com a arte. Na Idade Média a educação era direcionada pela igreja. No período renascentista, predomina características literárias e leigas. Na atualidade existe a predominância dos conhecimentos científicos no lugar dos artísticos. Desta forma, a escola é entendida como estando atrelada ao desenvolvimento e adaptação do indivíduo a vida em sociedade. Souza (2013, p. 48), ressalva que seu objetivo é a transmissão de saberes capazes de desenvolverem os potenciais do homem, permitindo a perpetuação dos formatos atuais da sociedade. O entendimento deste formato social leva a questionamentos quanto às funções sociais da instituição de ensino. Cury (1995 apud SOUZA, 2013), destaca a possível ambiguidade da escola diante a uma sociedade com diversos interesses. Reflete-se, assim, se o formato social que possuímos é realmente o desejado, e questiona o papel da escola na atualidade? Atualmente, de acordo com

nossa Constituição, em seu artigo 205, a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, devendo ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando desenvolver as pessoas de forma plena e prepara-las para exercerem a cidadania, além, de qualifica-las para o mercado de trabalho. (BRASIL, 1998).

Empreendedorismo na educação escolar

Após a análise referente às formas de educação e a função social da instituição de ensino, trataremos aqui, sobre a educação empreendedora abordando alguns estudiosos e suas teorias sobre empreendedorismo e como estas podem contribuir para uma educação empreendedora, relacionando-a com a educação nas escolas. Será analisado em primeiro lugar, o conceito de empreendedor como sendo alguém capaz de inovar e propor diversas formas de realização das coisas e de produzir ganhos por meio da reorganização dos recursos.

Para Lavieri (2010), empreender é ser inovador. Um professor que em sua prática educativa consiga inovar na busca de um desenvolvimento social, pode ser considerado como um empreendedor. Assim, consegue-se por meio desta perspectiva, afastar o entendimento de muitos indivíduos que associam as habilidades empreendedoras como sendo exclusivas das práticas administrativas de negócios ou empresas. Para Dornelas (2001 apud CUNHA; SOARES; FONTANILLAS, 2009), os profissionais das áreas administrativas de negócios ou empresas voltavam a noção de empreendedorismo unicamente para fins econômicos e para seus organizadores, estes, fazem os pagamentos dos colaboradores, planejando, dirigindo e controlando as práticas organizacionais que estão sempre servindo o capitalismo.

O economista francês Jean Baptiste Say (1767 – 1832), foi quem propôs o termo educação empreendedora, este, sofreu influencia dos ideais do iluminismo, sendo discípulo de Adam Smith. A intenção de uma educação empreendedora é buscar aflorar nos discente o desejo de empreender. Segundo Lopes (2010), questionou-se muito sobre ser possível um ensino que vise tornar alguém um empreendedor, mas, houve um deslocamento nas perspectivas das possibilidades de educação, dos conteúdos a serem desenvolvidos, da implementação de metodologias e técnicas que possibilitem o desenvolvimento de habilidades empreendedoras.

A ideia de se ensinar alguém a ser um empreendedor teve sua origem histórica nos Estados Unidos, em instituições para formação de

administradores onde ocorreu o desenvolvimento das orientações referentes ao empreendedorismo. Harvard foi o primeiro local a oferecer o curso de formação de empreendedores orientado pelo professor Myles Mace, em 1947. Em nosso país, este curso começou a ser ofertado e introduzido pelo professor Ronald Degen no ano de 1981. Segundo Lavieri (2010), era uma disciplina voltada para a criação de negócios e integrada ao curso de especialização da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas.

Nesta iniciativa inicial de se ensinar o empreendedorismo em nosso país, o professor Ronald Degen (DEGEN, 2008, p. 13), publicou um estudo que nos dá uma ideia de como era organizado este curso, ele relata que iniciava as aulas falando da desigualdade grotesca e extrema pobreza de muitos brasileiros, assim, desafiava os alunos que viriam a se tornar elitizados, a atuarem em prol de uma mudança. Seu objetivo era propor aos alunos serem empreendedores, desenvolvendo seus próprios negócios e gerando riquezas, desta forma, contribuiriam com o desenvolvimento da economia e com a diminuição da pobreza extrema e das desigualdades sociais, por meio de suas carreiras executivas em empresas de grande porte. Os educandos, por sua vez, mostravam-se entusiasmados com o proposto, novos alunos eram atraídos e as vagas nunca eram suficientes.

O professor Ronald Degen, adotou esta forma de intervenção em aula, motivado pelo que viu em 1970 quando chegou ao Brasil e se deparou com as favelas que apresentavam índices de pobreza extremos e uma desigualdade de renda considerada um das maiores do mundo. (DEGEN, 2008).

Ensinar empreendedorismo é buscar o desenvolvimento de qualidades e habilidades que são primordiais ao empreendedor. Conforme o Consórcio para a Educação Empreendedora (2004 apud LOPES; TEIXEIRA, 2010), entre estas habilidades estão as de reconhecimento de oportunidades e a perseguição destas, a criação de ideias inovadoras com a organização dos recursos que serão necessários, e o pensamento criativo e crítico.

Para o professor Fernando Dolabela, renomado como professor e escritor da área de Educação Empreendedora, é recomendado que esta educação se baseie em sua maioria em fatores motivadores e nas habilidades do comportamento do que em conteúdos instrumentais. O aprendizado dos alunos deve ir além da criação de negócios próprios. O professor Fernando Dolabela determina um ciclo para a aprendizagem do empreendedorismo, onde o aluno inicia com o desenvolvimento de um projeto, o qual possua o desejo de desenvolver, ou algum objetivo almejado,

como, o que pretende se tornar. Na sequência busca as maneiras de realização deste desejo identificando e aprendendo o que for necessário para sua concretização. (LOPES; TEIXEIRA, 2010).

Duas metáforas podem nos auxiliar na compreensão do que seria a educação empreendedora, conforme propõe Dolabela, em uma pede para se considerar o verbo inglês *develop*, que significa “revelar uma foto”, atentando para a existência prévia da imagem, porém, não se encontra ativa. Desta forma, busca-se pela educação empreendedora, o desenvolvimento de potencialidades existentes no homem, ou seja, seu espírito empreendedor; na outra metáfora solicita que imaginem uma garrafa tampada, ao destampar esta garrafa se libertaria o empreendedor que se encontra preso por inúmeros obstáculos provindos de sua cultura, isto seria a educação empreendedora para pessoas adultas. Já para crianças, seria o impedimento de se tampar esta garrafa e aprisionar, assim, as potencialidades empreendedoras oriundas no homem. (DOLABELA, 2006).

Os programas para o desenvolvimento e implementação de uma educação empreendedora estão de acordo com o recomendado para a educação do século XXI conforme os pilares da educação definidos pela UNESCO, ou seja, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, vistos como imprescindíveis para se transmitir informações e se comunicar adequadamente em sociedade. No Brasil, ocorre que a educação empreendedora é necessária para se desenvolver os potenciais educacionais possíveis de promover as capacidades humanas e o desenvolver dos potenciais empreendedores. (SCHAEFER; MINELLO, 2016).

O professor Dolabela, entre outros autores, destaca a necessidade de utilização de metodologias diferenciadas das tradicionais para o ensino do empreendedorismo, devido este não ser um conteúdo cognitivo convencional. Alega que não se pode ensinar alguém a se tornar empreendedor, mas que é possível se aprender a ser empreendedor. (DOLABELA, 2006, p. 30).

Para Lavieri (2010), na realidade existem indicadores de que a educação formal, mesmo a dos dias atuais, estimula o empreendedor e o seu sucesso. Em seus estudos faz uso do declarado por Dolabela, onde não é dada muita importância aos conteúdos, mas sim, ao ensinar a aprender ativamente, notando-se assim, certa inspiração no que propõe a Andragogia, mostrando uma resposta ao que se questiona “o que ensinar?”. Na sequência, relata a existência de propostas diversificadas para o ensino do empreendedorismo vindas de professores e educadores, Schaefer e

Minello (2016) observando o proposto por Dolabela fazem uma comparação entre a educação tradicional e a empreendedora:

QUADRO 1. EDUCAÇÃO TRADICIONAL X EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

EDUCAÇÃO TRADICIONAL	EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA
Destaque ao conteúdo – meta	Destaque ao processo – aprender a aprender
Aluno dominado conduzido pelo professor	O aluno se apropria do conhecimento
Repasse do conhecimento pelo professor	O professor é facilitador e aprendiz, geração de conhecimento pelos que participam do processo
Informações adquiridas como corretas e definitivas	Podem ocorrer mudanças nos conhecimentos que se tem
Forte programação de currículos e sessões	Flexibilidade das sessões que se voltam ao que for necessário
Imposição de objetivos de ensino	Negociação dos objetivos do que se aprende
Priorizar o desempenho	Priorizar a autoimagem que gera desempenho
Rejeitar o desenvolver de conjecturas e ideias divergentes	Conjecturas e ideias divergentes como parte do processo de criação
Enfatizar pensamentos lineares e analíticos; lado esquerdo do cérebro	Envolver todo o cérebro; aumentar a racionalidade do lado esquerdo do cérebro por meio de estratégia holísticas, não lineares, intuitivas; enfatizar a confluência e a fusão dos dois processos
Conhecimentos teóricos e abstratos	Conhecimentos teóricos com ampla complementação por meio de experimentos em sala de aula e fora dela
Resistir às influencias da comunidade	Encorajar a influência da comunidade
Destaque ao mundo externo; experiências interiores como impróprias á escola	Experiências interiores como contextualização para o aprendizado; incorporar sentimentos às ações
Educação como necessária socialmente por determinado período de tempo, como firmadora de habilidades mínimas para um determinado papel	Educação como processo contínuo pela vida toda, com relação apenas tangente com a escola
Não aceitação de erros	Erros como fontes de conhecimentos
O conhecimento liga o professor ao aluno	Importância fundamental às relações humanas entre professores e alunos

FONTE: Dolabela (2008 apud SCHAEFER; MINELLO, 2016, p. 62).

O empreendedorismo é considerado como parte da natureza do homem. Desta forma, todos já nascemos empreendedores, o que o desqualifica como sendo apenas um modismo ou assunto atual, ele está presente desde a primeira atitude de inovação que intencione uma melhora nos relacionamentos entre os homens e com a natureza, mas, não se pode dizer com certeza se alguém alcançará ou não o sucesso como empreendedor. (DOLABELA, 2006).

Dolabela também nos diz sobre a relevância do empreendedorismo para o indivíduo e para a sociedade, onde o indivíduo se torna autônomo, autoconfiante, busca o seu sonho, além de ser uma habilidade necessária em suas atividades profissionais; quanto a sociedade, esta assume a responsabilidade do desenvolvimento econômico e social, presa pela sustentabilidade e reage ao desemprego. (DOLABELA, 2006).

Alguns estudiosos acreditam que o ensino na educação empreendedora apresenta características particulares. Os papéis de aluno e do docente são estabelecidos nos processos de ensino-aprendizagem. Ao resgatar Paulo Freire, renomado estudioso dos processos pedagógicos mundiais, Friedlander (2004 apud SCHAEFER; MINELLO, 2016), ao se relacionar ao aluno, acredita este ser responsável pela própria educação, pois, é quem detém a força para crescer e se autoavaliar. É preciso que se perceba que ensinar não é mera transferência de conhecimentos, mas, produzir os meios para que o aluno aprenda por si mesmo. Freire (2002 apud SCHAEFER; MINELLO, 2016, p. 65).

Para Lopes (2010, p. 29), o ensino também precisa ter o aluno como central, com maiores experiências, práticas e contextualizações com a realidade.

O Ensino Médio e a Educação Empreendedora

A Lei nº 9.394/ 96, Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que estabelece as diretrizes e bases para a educação a nível nacional, em seu artigo 1º § 2º, fala sobre a necessidade de se vincular a educação ao mundo do trabalho e as práticas sociais. No seu artigo 2º, destaca ainda, os fins da educação escolar que devem desenvolver plenamente o educando, o preparando para exercer a cidadania e o qualificando para o trabalho.

Quanto ao Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, este tem o objetivo de: consolidar e aprofundar os conhecimentos que os alunos adquiriram durante o Ensino Fundamental, e possibilitar que o aluno prossiga em seus estudos; preparar basicamente o educando para o trabalho

e para a cidadania, para que este seja capaz de continuar a aprender e se adaptar facilmente a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; o aprimorar o aluno como pessoa humana, com a inclusão de uma formação ética e o desenvolvimento de sua autonomia intelectual e do pensamento crítico; que este seja capaz de compreender os fundamentos científicos e tecnológicos dos processos de produção, e relacionar a teoria com a prática, no ensino das disciplinas. (BRASIL, 2017).

Para Liberato (2006), o Ensino Médio ocorre na mesma época em que os jovens passam por inquietações, a transição entre a adolescência e a vida adulta, caracterizada por vários questionamentos conflitantes, como o preparo para o mercado de trabalho com a escolha de uma profissão em um período de competições e poucas vagas de emprego; dúvidas quanto às tendências econômicas no mundo que nortearam suas vidas profissionais e pessoais; quais os caminhos que devem seguir ao saírem de casa; onde e como buscarem meios de renda.

A formação destes jovens enquanto estão na escola, precisará considerar todos estes desafios. Quanto ao currículo, a LDB define seus componentes conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com diversificações regionais e locais da sociedade, cultura, economia e características dos próprios educandos. (BRASIL, 2017).

Quanto às perspectivas para o desenvolvimento de atitudes e habilidades empreendedoras, a LDB se remete as considerações já feitas por alguns estudiosos no que se refere à educação básica no Brasil, incluindo, as de Dolabela quanto a necessidade de estudos de oportunidades para se desenvolver conceitos pessoais e da próprias capacidade de realização de sonhos. (DOLABELA, 2005, p. 08).

As orientações da LDB quanto ao currículo para o Ensino Médio, assemelham-se aos princípios norteadores da educação empreendedora colocada em citação anterior de Dolabela, de acordo com o artigo 35º A, § 7º: “Os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e sócioemocionais.”. (BRASIL, 2017).

No que se refere aos conteúdos que deverão ser utilizados na educação empreendedora voltada para o ensino médio, fica ressaltado a discussão realizada durante o Fórum de Treinamento para Empreendedorismo realizado no ano 2000 na cidade de Nice na França, onde se destacou a relevância da inserção gradual no currículo o desenvolvimento de

qualidades e habilidades pessoais por meio da aprendizagem. (LOPES; TEIXEIRA, 2010, p. 50).

Quanto a Pedagogia Empreendedora, fica acrescido ao que já se mencionou anteriormente, o professor Dolabela faz sugestão de se utilizar como materiais didáticos na educação empreendedora livros como: “Pedagogia Empreendedora”, destinada aos docentes com conteúdos de bases teóricas e metodológicas; “A ponte mágica”, destinado aos discentes entre 10 e 15 anos; “O segredo de Luísa”, destinado aos discente a partir dos 16 anos; e “Mapa dos Sonhos”, destinado a discentes de todas as séries, como sendo um livro que se constitui no livro de trabalho. Além, de “Cadernos”, destinados aos docentes, uma obra composta por 14 volumes, um para cada série da educação básica, contendo trabalhos para o desenvolvimento dos sistemas de suporte mencionados por Filion². (DOLABELA, 2005).

A Pedagogia empreendedora considera o empreendedorismo como uma maneira de se e não apenas de se fazer. Assim, o aluno precisa ser tratado como cidadão, antes mesmo de ser tratado como aluno. (DOLABELA, 2006, p. 30). Esta forma de ver é semelhante a dos estudiosos do Ensino Médio, estes sugerem um projeto voltado para a formação com bases na integração de todos os aspectos da vida do homem, contradizendo-se aos modelos conservadores de cultura escravocrata, pela divisão social do trabalho, anteriormente vistos no Brasil. Ramos (2008, p. 15) fala da necessidade de desvinculação dos fins do Ensino Médio do mercado de trabalho e volta-los para as necessidades dos sujeitos.

Um dos formatos oferecidos pelo Ensino Médio o integra a uma formação profissionalizante. É comum o aparecimento nas grades curriculares destes cursos técnicos o ensino do empreendedorismo. Mesmo não sendo o objetivo principal deste estudo, nos atentamos a forma metodológica utilizada para se formar empreendedores nesta modalidade de ensino. Sabe-se, como exposto anteriormente, da existência de uma ligação entre trabalho e educação. Saviani (1987 apud RAMOS, 2008, p. 08) afirma que além da existência de sentido ontológico do trabalho deve-se

² A teoria visionária de Filion explica como surge a ideia para um novo negócio, as condições nas quais nasce essa ideia e os processos de criação da mesma. Filion apresenta três categorias de visões: emergentes, central e complementares, que reagem entre si de forma intensa e constante. “Para evoluir de uma categoria para outra, o empreendedor precisa de um alto nível de articulação pessoal, coerência e tenacidade, todos eles importantes fatores para o sucesso ou o fracasso de sua estratégia”. (FILION, L. J. Visão e relações: elementos para um metamodelo empreendedor. RAE – Revista de Administração de Empresas, v. 33, n. 6, p. 50-61, 1993.

atentar para seu sentido histórico, já que é neste período que ocorre a relação entre saber e trabalho, o que vai gerar a força de produção.

Papel do professor

Um novo papel é assumido pelo docente da educação empreendedora, este passa a catalisar e facilitar o aprendizado (SCHAEFER; MINELLO, 2016). Didaticamente se utiliza de estratégias como sonhar e ir atrás do sonho, realiza-lo. “O indivíduo que está motivado para realizar seu sonho saberá desenvolver, segundo seu estilo pessoal, métodos para aprender o que for necessário para a criação, o desenvolvimento e a realização de seu sonho.” (DOLABELA, 2006, p. 42). Nesta perspectiva, este autor faz uma crítica à escola, alegando que esta não trabalha o sonho do aluno, já que, se preocupa principalmente em administrar os conteúdos e ser controladora. Acrescentando ainda, que este comportamento não é exclusivamente da escola, mas também, uma questão social. “Socialmente, o sonho não é estimulado, porque sonhar é perigoso: comunidades que sonham constroem o seu futuro e não se deixam dominar.”. (DOLABELA, 2006, p. 41).

Para que aja uma atuação do corpo docente neste novo cenário, é preciso que se pense em seu preparo pedagógico com foco em disseminar a prática empreendedora. Novas metodologias devem ser utilizadas, conforme nos diz Henrique e Cunha (2008 apud SCHAEFER; MINELLO, 2016, p. 71), é necessária a inclusão de atitudes, incentivo ao contato com empreendedores, mediar resultados atrelados a novas propostas, a criação da escola pautada no empreendedorismo, criar atividades fora do calendário da escola não se limitando a ele, nas avaliações das escolas, privilegiar projetos e subprojetos voltados a se criar empresas..

Conforme Univesia Brasil (2017) são quatro os atributos que devem possuir os professores empreendedores:

a) Intimidade com a tecnologia: Mesmo que os professores tenham excelentes ideias, estas devem estar integradas às tecnologias mais recentes. Assim, o professor deve aprender a lidar com as tecnologias de forma benéfica e descobrir como elas podem ajudá-lo a elaborar aulas mais criativas e interativas.

b) Espírito colaborativo: Juntamente com o uso das ferramentas online, o professor deve pensar no potencial de ajuda que estas podem proporcionar as pessoas que o rodeiam, além da própria educação.

c) Últimas tendências: Professores que empreendem, devem estar constantemente atentos às últimas tendências e abertos para novidades. Já que, estes tem conhecimento de sua área de atuação, conhecendo nomes de relevância, além de experimentarem as inovações em sala de aula.

d) Conhecer o aluno: Acima de tudo, o professor que empreende, consegue uma adequação de suas aulas às novas tendências, acordando com os perfis dos alunos. Deve, portanto, evitar a criação de padrões e julgamentos precoces, mas, procurar entender o perfil dos seus alunos e descobrir como pode lidar com cada um deles.

A possibilidade de alcance das metas esperadas pela educação empreendedora está envolvida diretamente com a capacitação dos docentes visando que estes adotem as práticas e enfoques do empreendedorismo ao desenvolverem o currículo. (LOPES, 2010). Faz-se necessário novos formatos para ensinar e se relacionar. O aluno no papel central do processo ensino-aprendizagem, enquanto o professor busca catalisar e facilitar, apresentando e dando a oportunidade ao exercício de atividades que desafiem o aluno, com a utilização de novas ferramentas e técnicas didáticas e pedagógicas direcionadas a esta educação específica. (SCHAEFER; MINELLO, 2016).

Conclusão

Por meio deste estudo foi possível rever as ideias de estudiosos renomados sobre a Educação Empreendedora e as exigências da prática docente para este ensino. Mesmo compreendendo que o empreendedorismo é algo que não se possa ensinar, mas que é possível de se aprender. Foram pontuados aqui, os desafios e possibilidades para a inserção da educação empreendedora no Ensino Médio.

Foi possível, também, se atentar para a possibilidade do desenvolvimento de propostas empreendedoras e inovadoras capazes de contribuir nas práticas educativas da própria educação empreendedora, orientando-se por metodologias de uma Pedagogia empreendedora, onde o aluno seja o centro dos processos de ensino-aprendizagem, em uma interligação com o que se espera para o Ensino Médio voltado para a formação profissional, em uma perspectiva de se formar integralmente o indivíduo, que se divide perante a sociedade, nas funções de trabalhador, realizador de ações, dirigente, orientador do próprio pensamento e planejador.

Concluiu-se, que uma das principais funções da escola é transmitir os conhecimentos acumulados historicamente, além do desenvolvimento pleno do indivíduo, que deve ser autônomo e capaz do pensamento crítico e de participação nas decisões que envolvem a sociedade da qual pertence. A escola como uma instituição social, deve refletir sobre os rumos que tomará nossa sociedade, qual a sociedade que se apresenta, e qual sociedade desejamos para as gerações que virão. Ao analisar historicamente a escola e sua educação, foi possível também, a percepção de sua interligação com o trabalho.

Observou-se, também, que alguns pensadores acreditam que a forma como a educação se organiza, pode tornar mais difícil o desenvolvimento das habilidades empreendedoras. Desta forma, atentou-se para a necessidade de um planejamento metodológico que se diferencie do utilizado na educação tradicional. Como consequência, é necessária uma nova postura do profissional docente, que se preocupe em acompanhar e incentivar seus alunos a perseguirem e realizarem seus sonhos e objetivos de forma empreendedora.

Estes estudos mostraram a possibilidade de uma educação empreendedora que contemple todas as etapas da educação escolar. Já que, se encontra em concordância com o que foi definido pela UNESCO para a educação do século XXI. Este ensino deve propiciar o desenvolvimento no aluno de qualidades e habilidades imprescindíveis para um empreendedor, habilidades estas que são inerentes ao ser humano, despertando-se, assim, seu “espírito empreendedor”.

Referências

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 11. set. 2019.
- _____. **Lei. 9394, de 20 de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 11. Set. 2019.
- CUNHA, R. M; SOARES, E. L; FONTANILHAS, C. N. **As vantagens de aprendizado do empreendedorismo: um estudo desde o ensino de base até o superior**. Disponível em: <<http://www.uff.br/pae/pca/article/viewFile/60/61>>. Acesso em: 11. Set.2019.
- DEGEN, R. J. Empreendedorismo: Uma filosofia para o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. **Revista de Ciências da Administração**

- v. 10, n. 21, p. 11-30, mai./ago. 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228460273_Empreendedorismo_uma_filosofia_para_o_desenvolvimento_sustentavel_ea_reducao_da_pobreza>. Acesso em: 11. Set. 2019.
- _____. Curso de empreendedorismo para promover o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.
- DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. 30. ed. São Paulo: Editora de cultura, 2006.
- _____. **Ensino de empreendedorismo na Educação Básica como instrumento do desenvolvimento local sustentável**. A metodologia Pedagogia Empreendedora. 2005. Disponível em: <<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educar/ensino-fundamental/ensino-fundamental/fundamental-II/artigos/ensinodeempreendedorismo1.pdf>>. Acesso em: 11. Set. 2019.
- _____. **Pedagogia empreendedora: ensino de empreendedorismo na educação básica**. Disponível em: <<https://fernandodolabela.wordpress.com/servicos-oferecidos/pedagogia-empreendedora/>>. Acesso em: 11 de set. 2019.
- LAVIERI, C. Educação... empreendedora? In: LOPES, R. M. A (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.
- LIBERATO, A. C. T. Empreendedorismo na Escola Pública: Despertando Competências, Promovendo a Esperança. In: Braulio André Dantas da Silva; Maria do Socorro Borba. (Org.). **Histórias de Sucesso do Empreendedor Potiguar**. 1ªed.Natal: SEBRAE/RN, 2006, v. 01, p. 119-137.
- LOPES, R. M. A. Referenciais para a educação empreendedora. In: LOPES, R. M.A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.
- _____; TEIXEIRA, M. A. A. Educação empreendedora no ensino fundamental. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.
- RAMOS, M. **Concepção do ensino médio integrado**. Disponível em: <<https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf>>. Acesso em: 11. Set. 2019.
- SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 4.ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001. 144p.
- SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, nº 34 jan./abr. 2007, p. 152 a 180. Disponível

- em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acesso em: 11. set. 2019.
- SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**. ISSN 1982-2596RPCA. Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, jul./set. 2016, p. 60-81. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/pca/article/view/11270/pdf>>. Acesso em: 11. Set. 2019.
- SOUZA, E. R.. **A escola como instituição social revisitando a função social da escola**. Dissertação de Mestrado. Londrina – PR, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2013/2013_-_SOUZA_Eliete_Ramos.pdf>. Acesso em: 11. set. 2019.
- UNIVERSIA BRASIL. **Professor empreendedor: entenda o que é e como ser um**. Disponível em: <<https://noticias.universia.com.br/atualidade/noticia/2014/03/25/1090469/pr-Professor-empreendedor-entenda-e-e-como-ser-um.html>>. Acesso em: 11. Set. 2019.

A IMPORTÂNCIA DA CULTURA E DA LUDICIDADE PARA UM ENSINO EMPREENDEDOR E INTEGRAL DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Simone Machado CAMILLO¹

É redundante falar da importância de saber a língua inglesa atualmente. Ter a fluência, tanto escrita ou falada em inglês, ou em qualquer outra língua estrangeira, é uma habilidade valiosa e essencial em um mundo globalizado, seja no âmbito pessoal, acadêmico ou profissional. Entretanto, no universo educacional, principalmente nas escolas de ensino fundamental, o inglês é ensinado, na maioria das escolas, de maneira dissociada de um contexto relevante, baseado somente na estrutura gramatical e no uso de dicionários para a tradução de frases e textos do inglês para o português, e vice-versa. Sendo assim, os entraves atuais para o ensino e aprendizagem eficazes da língua inglesa no Brasil precisam ser identificados, entendidos e resolvidos.

A necessidade de se implantar um processo de ensino-aprendizagem empreendedor da língua inglesa através da cultura e da ludicidade no ensino fundamental é imprescindível. A ruptura com modelos tradicionais de ensino é inevitável e para que as competências e habilidades descritas nos documentos curriculares atuais sejam implementadas há a necessidade da implantação de metodologias de ensino diferenciadas e ativas que possam desenvolver ao máximo o potencial de cada aluno de forma integral, despertando a motivação, autonomia e o prazer em aprender, de maneira integral e criativa, ou seja, uma educação empreendedora que contribua com o desenvolvimento das competências cognitivas básicas, socioemocionais e digitais essenciais para o cidadão do século XXI.

Objetiva-se então analisar como os documentos curriculares atualmente em uso como o Currículo paulista e a BNCC trazem o ensino de língua inglesa frente à necessidade de um ensino empreendedor do inglês e destacar a cultura e a ludicidade como elementos norteadores e transformadores nesse processo, para que assim se inicie uma pequena

¹ É professora de língua inglesa efetiva do município de Pradópolis/SP. É Especialista em Ensino da Língua Inglesa pela Faculdade São Luís, Especialista em Educação Empreendedora pela UFSJ e cursa Pedagogia pela Unifran Cruzeiro do Sul. Tem mais de 30 anos de experiência com metodologias ativas no ensino da língua inglesa em escolas de idiomas. E-mail: simonemcamillo@gmail.com

reflexão sobre a importância e a necessidade de mudanças e adequações nessa nova etapa da educação brasileira.

O processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa como “*língua franca*”, segundo a BNCC, precisa ser dialógico, interacional, perpassando pelo universo multicultural dos países de língua inglesa, como também pela cultura dos alunos e da comunidade onde cada um está inserido de maneira lúdica e alegre, dentro de um contexto linguístico relevante para que o aprendizado seja integral e eficaz, através de metodologias ativas como gamificação, projetos, classe invertida e abordagem comunicativa, tudo dentro de uma pedagogia, de uma educação empreendedora, que se baseia no aprender a aprender, com curiosidade e autonomia, voltada às necessidades de cada aluno.

Em suma, conclui-se então que os documentos curriculares estão de acordo com os princípios e propostas das metodologias ativas e da educação empreendedora e que a ludicidade e o diálogo intercultural poderão ser instrumentos facilitadores e norteadores para a implementação de um processo de ensino-aprendizagem inovador, empreendedor e eficaz da língua inglesa no ensino fundamental.

Língua inglesa, cultura e ludicidade

A implementação de um ensino de inglês empreendedor, lúdico, contextualizado, ou seja, com diálogos interculturais é imprescindível para que os alunos, professores e comunidade participem ativamente da construção individual e coletiva do conhecimento e da aquisição relevante e eficaz da língua inglesa de maneira holística, criativa e interativa.

Língua Inglesa

Nos últimos anos percebe-se, no geral, na maioria das escolas de ensino fundamental, especialmente no ensino público, ainda o uso de uma metodologia de ensino da língua inglesa baseada em tradução mecânica com o uso de dicionário, como também na aprendizagem passiva de uma gramática dissociada da realidade, com uma abordagem estruturalista, centrada praticamente somente na gramática normativa da língua, ou seja, baseadas, em sua grande parte, na teoria behaviorista (BLOOMFIELD, 1933; SKINNER, 1957; THORNDIKE, 1932; WATSON, 1924 apud ELLIS, 2005). Tais abordagens consideram a aprendizagem de uma língua estrangeira essencialmente como a formação de hábitos repetitivos.

No início do século XX, Saussure (2000) inaugura a Linguística Estruturalista, considerada uma abordagem inovadora dos estudos linguísticos. Entretanto, a visão saussuriana de língua não leva em consideração a variação linguística. Para Saussure (2000), a língua é a parte social da linguagem e independe do indivíduo; o sujeito não é autônomo para mudá-la, ou seja “é um fato social porque pertence a todos os membros de uma comunidade, é exterior ao indivíduo; esse não pode nem criá-la nem modificá-la (CARDOSO, 1999, p. 15). Contemporâneo a Saussure, Mikhail Bakhtin (1997) demonstra outra perspectiva em relação à língua, a qual é estudada como suporte teórico no ensino de línguas por muitos centros de ensino de línguas estrangeiras.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 124), “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”. Segundo o autor, a língua é basicamente mutável, social, um processo dialógico da interação verbal entre sujeitos, o que torna possível a evolução e recriação da língua. Muitos professores ainda utilizam uma visão mais estrutural da língua, com ênfase em aspectos gramaticais. É essencial que uma visão de ensino de língua dentro de um contexto social, cultural e interacional seja praticada, como proposto por Vygotsky (1997).

Entretanto, o século XXI traz consigo grandes desafios em várias áreas de conhecimento, como também a necessidade de adaptação aos novos tempos, principalmente na educação como um todo. Sendo assim, não poderia ser diferente no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa. Há a necessidade premente de mudanças na utilização dessas abordagens engessadas e reproduzidas por anos a fio, e da implementação de um ensino inovador, empreendedor e integral da língua inglesa.

Segundo Almeida Filho (1998, p. 19), “deve-se ter sentido aprender uma Língua Estrangeira, a qual venha proporcionar a interação com o outro, numa busca de experiências profundas e válidas”. Reflexões sobre os novos rumos da educação e, conseqüentemente, sobre o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa devem ser feitas. O processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira de maneira empreendedora e inovadora não deve estar aparte da trilogia: língua, cultura e identidade porque tais elementos são essenciais na implementação de uma prática pedagógica integral e relevante tanto para o professor de línguas quanto para os alunos envolvidos nessa teia de saberes.

Cultura

O processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira lida com a cultura da vida cotidiana, e o ensino de literatura lida com a cultura da literatura e das artes em geral. Entretanto, há uma variada gama de acepções ao redor da palavra cultura, que podem e devem ser inseridas no processo de ensino-aprendizagem de uma língua, dentre elas: antropológicas, sociológicas, filosóficas, linguísticas, etc. O objetivo deste artigo não é definir cultura, mas salientar a importância de seu papel como um todo no contexto do processo de aquisição e de ensino-aprendizagem da língua inglesa.

O componente cultural em sala de aula pode criar um grande debate entre direção e professores de uma escola porque pode-se achar que a identidade linguística do país ou da comunidade está ameaçada se muita ênfase à cultura dos países falantes de língua inglesa for dada durante as aulas. Sem mencionar também quando há o fator religioso que entra em confronto com a cultura dita como “profana”. No entanto, um fato é certo, o estudo da cultura deve ser vinculado ao estudo do discurso (KRAMSCH, 1998, 2004) e com o conceito de competência transcultural e translingual apresentado pela *Modern Language Association* (KRAMSCH, 2010).

A cultura reflete uma visão ampla, flexível e dinâmica e é parte integral de uma comunidade, cidade ou país. De acordo com Kramsch (2005 apud TAVARES, 2006), em uma visão antropológica, o conceito de cultura deve ser visto em um âmbito integral e, ao mesmo tempo, interdisciplinar no ensino de línguas, jamais indissociável. Para a autora, a cultura é concebida no momento pós-estruturalista como:

[...] cultura agora é vista como parte integral na maneira que pensamos e falamos sobre educação em línguas estrangeiras. Cultura não é mais a alta cultura canônica de uma elite educada. Nem é comida exótica, feiras e folclore de um Outro orientalizado. Também não é o modo de vida de um autêntico falante nativo. Atualmente, cultura é uma complexa realidade histórica e simbólica que pede uma visão pós estruturalista da relação histórica, identitária e ideológica entre linguagem/cultura. Ensinar língua e cultura é uma forma de política cultural e um reflexo da língua como força simbólica (TAVARES, 2006, p. 9).

Kramsch (1998) ainda reforça que um indivíduo não pertence a somente uma única cultura, mas a várias culturas diferentes. Sendo assim, a cultura pode ser abordada a partir da perspectiva pós-moderna, onde as

culturas se misturam, se complementam e, ao mesmo tempo, são únicas. Segundo Vygotsky (1987), para que haja verdadeira interação entre indivíduo e cultura é fundamental que indivíduos sejam inseridos em um determinado meio cultural para que assim aconteçam mudanças relevantes no seu desenvolvimento. Assim, o fato de aprender uma língua dissociada das questões culturais está fora de questão pois o “sentir-se agente do seu conhecimento, além de desenvolver uma aprendizagem interativa, ampliará a visão de mundo desse aprendiz, bem como o fará refletir a respeito de si mesmo, do outro, e naturalmente, sobre a sua cultura e as outras culturas abordadas. O aprendiz de línguas não é mais um mero receptor, mas um indivíduo em formação” (TEIXEIRA, 2013, p. 125).

Em suma, da mesma forma que se deve buscar o saber cultural do aluno para se estimular e fomentar o aprendizado eficaz da língua inglesa, é importante que se promova o prazer ao se aprender e a curiosidade para se aprender, buscando, dessa forma, estimular e impulsionar tanto o educador quanto o educando no processo de ensino-aprendizagem integral, empreendedor e ativo da língua inglesa, com interação verbal, em contextos sociais reais com participantes em uma dinâmica dialógica, comunicativa e interacional (BAKHTIN, 1997).

2.3. Ludicidade

A palavra ludicidade, embora bastante utilizada no contexto da educação, não existe nos dicionários oficiais da língua portuguesa (Houaiss, Michaelis) nem tampouco em outras línguas, como inglês, francês, alemão, espanhol ou italiano (HUIZINGA, 2008; LOPES, 2005), apesar do uso informal desse vocábulo já existir no meio educacional e acadêmico. A ludicidade, segundo um dicionário informal online², é a característica ou propriedade do que é lúdico, do que é feito por meio de jogos, brincadeiras, atividades criativas; ludismo: a ludicidade na educação infantil.

A palavra ludicidade (atividade lúdica) tem a origem na palavra lúdico, que por sua vez, tem sua origem na palavra “*ludus*”, que quer dizer jogo, a palavra evoluiu levando em consideração as pesquisas em psicomotricidade, de modo que deixou de ser considerado apenas o sentido de jogo. O lúdico faz parte da atividade humana e caracteriza-se por ser espontâneo, funcional e satisfatório (LUCKESI, 2002). Além disso, não dispomos de nenhuma outra palavra que encapsule toda a gama de

² <https://www.dicio.com.br/ludicidade>

significados atribuídos à ludicidade porque o conceito de ludicidade é polissêmico, ou seja, tem vários significados.

Segundo Kishimoto (1994, p. 3), as atividades lúdicas possuem duas funções: a função lúdica e a função educativa. A primeira está relacionada ao prazer, afetividade e o trabalho em grupo, já a segunda envolve o desenvolvimento de conhecimento dos alunos. Segundo a autora, essas duas funções devem estar sempre em constante equilíbrio para a otimização dos recursos a serem utilizados para que a ludicidade seja um elemento ativo presente no ensino da língua inglesa. Estes elementos são valiosos na geração de motivação intrínseca para o aluno aprender de maneira eficaz e duradoura. O lúdico integra as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva, tornando o processo de ensino – aprendizagem holístico, integral. Segundo Luckesi (2000, p. 46): “As atividades lúdicas são aquelas que proporcionam experiências de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, as quais não se restringem ao jogo e à brincadeira, mas incluem atividades que possibilitam momentos de prazer, entrega e integração dos envolvidos”.

Entretanto, o lúdico pode ser considerado perda de tempo ou utilizado apenas quando não tem nenhuma matéria para dar e não ser valorizado como uma oportunidade única de aprendizagem, mas ser considerado apenas uma brincadeira quando sobrar tempo ao final da aula. Muitos pais ainda veem o brincar durante a aula com muito receio, às vezes com preconceito também. São esses preconceitos que os educadores devem desmistificar, mas para isso, os educadores devem ter consciência de que o brincar não é apenas diversão por si só, quando há o planejamento prévio das atividades lúdicas a serem utilizadas em sala de aula (KISHIMOTO, 1999).

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem. Utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora (KISHIMOTO, 1999, p. 36-37).

Rubem Alves, em seus livros, “Estórias para quem gosta de ensinar”, “A Alegria de Ensinar”, entre outros, também coloca a educação e o

processo de ensino aprendizagem como uma construção colaborativa de saberes que precisa trazer prazer e alegria e não uma competição atroz. Percebe-se uma educação bancária e conteudista em muitas escolas, transformando o ensino aprendizagem em um ciclo artificial onde se cria a cultura do estudar para passar na prova, no ENEM, no vestibular. Em uma de suas muitas crônicas, “Os Grandes contra os Pequenos”, publicada no site do Instituto Rubem Alves, Rubem Alves descreve esse conflito e excesso conteudista em detrimento do lúdico: “Muitas escolas não passam de jacarés. Devoram as crianças em nome do vigor, do ensino apertado, da boa base, do preparo para o vestibular. É com essa propaganda que elas convencem os pais e cobram mais caro..., mas e a infância? E o dia que não se repetirá nunca mais?” (ALVES, 1983). Reconhecer o lúdico é reconhecer uma necessidade dos nossos tempos. “Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. [...] Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação” (BRASIL, 1998, p. 22). Sendo assim, o elemento lúdico deve ser incluído no contexto do ensinar a língua inglesa com criatividade, colaboração, curiosidade e alegria:

É necessário apontar para o papel do professor na garantia e enriquecimento da brincadeira como atividade social do universo infantil. As atividades lúdicas precisam ocupar um lugar especial na educação. Entendo que o professor é figura essencial para que isso aconteça, criando os espaços, oferecendo materiais adequados e participando de momentos lúdicos. Agindo desta maneira, o professor estará possibilitando às crianças uma forma de assimilar a cultura e modos de vida adultos, de forma criativa, prazerosa e sempre participativa (MALUF, 2009, p. 31).

O papel do professor em criar uma cultura lúdica dentro e fora da sala de aula é essencial. Os educadores precisam empreender no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, e ser agentes de mudança. Rubem Alves (2015), em um de seus vídeos, também defende a alegria e a curiosidade como fatores essenciais para a aprendizagem, e destaca também o papel importante do educador em todo esse processo:

Eu estou pensando há muito tempo em propor o novo tipo de professor. É um professor que não ensina nada, não é professor de matemática, de história, de geografia. É um professor de espantos. O objetivo da educação não é ensinar coisas porque as coisas já estão na Internet, estão

por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar. Criar na criança essa curiosidade. Para mim esse é o objetivo da educação: criar a alegria de pensar.

A liberdade, felicidade, o espanto, a curiosidade, a alegria de pensar e a diversão devem ser elementos presentes dentro e fora das salas de aulas para que os alunos fiquem motivados para aprender e se tornem protagonistas de sua própria história, ou seja, ativos no processo de ensino-aprendizagem. O que o educador fala, deve instigar o aluno a fazer perguntas, daí nasce uma troca, interação, um diálogo colaborativo para a construção dos saberes, daí a grande responsabilidade de ser o agente de mudança e transformação desse processo.

Paulo Freire (2004, p. 142) já dizia: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. A importância de trazer o lúdico aliado ao diálogo intercultural para a sala de aula é essencial para uma aprendizagem “bonita e alegre”. Segundo Luckesi (2002), o lúdico faz parte da atividade humana e caracteriza-se por ser espontâneo e satisfatório. Segundo o autor, o fenômeno da ludicidade foca a atividade lúdica como uma experiência interna do sujeito que a vivência, e define como aquela que propicia a “plenitude da experiência”. Através do lúdico, há o abandono do tecnicismo do ensino puro da gramática para o uso do inglês em contexto, prática da oralidade e maior retenção do que é apresentado. O lúdico como ferramenta pedagógica é fundamental ao desenvolvimento dos aspectos sócio cognitivos dos educandos e tem o intuito de promover a motivação e a aprendizagem mais significativa. Segundo Vygotsky (1994), a motivação é um dos fatores principais, não só de aprendizagem como também de aquisição de uma língua estrangeira. Sendo assim, a ludicidade e o diálogo intercultural são elementos cruciais para a construção integral de saberes significativos, de maneira motivadora, bonita e alegre.

Luckesi (2000, p. 46) ainda afirma: “As atividades lúdicas são aquelas que proporcionam experiências de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, as quais não se restringem ao jogo e à brincadeira, mas incluem atividades que possibilitam momentos de prazer, entrega e integração dos envolvidos”. Precisamos trazer o lúdico e a cultura mais para a sala de aula. Segundo Moser (2004), alguns grandes educadores do passado já consideravam a importância das atividades lúdicas no processo ensino/aprendizagem. A ludicidade precisa ser usada como um recurso

pedagógico, e não somente uma maneira de se passar o tempo com os alunos sem um propósito em mente. Segundo Freire (2002), é natural que o aluno tenha curiosidade, e cabe ao professor, não importa o conteúdo que ele ensina, torná-la epistemológica, ou seja, relacional e pontual, pois no ensino de língua inglesa o professor deve observar, estar atento ao clima de aula e a frequente modificação dos métodos pedagógicos e buscar metodologias e materiais de ensino inovadores, que facilitem ao aluno vencer os desafios ligados à contracultura escolar, que é o de não estudar e não assimilar os conteúdos dados em sala de aula.

Segundo Winnicott (1975), o aluno enfrenta um “ambiente não-facilitador”. Para tal situação, Luckesi (2011), nessa jornada, diz que o educador escolar é o parceiro do educando. Deve-se construir, todos juntos, uma escola atraente, onde a aprendizagem aconteça e os alunos fiquem com prazer e não por obrigação. Uma utopia, será? A ludicidade apresenta uma concepção teórica profunda e uma prática atuante e concreta, promovendo cooperação, participação, alegria, prazer e motivação, fazendo da sala de aula um espaço de construção, com interação entre os sujeitos, facilitando a aprendizagem e contribuindo para tornar a sala de aula um ambiente favorável (NOGUEIRA, 2013); onde o “educador e educando aprendem juntos, numa relação dinâmica na qual a prática, orientada pela teoria, reorienta essa teoria, num processo de constante aperfeiçoamento” (GADOTTI, 2001, p. 253).

Sendo assim, a cidadania cultural, dentro do processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa em um ambiente favorável, deve ser uma das prioridades do educador porque a cultura é um fator mobilizador de saberes, e juntamente com a ludicidade, o desenvolvimento integral do educando é estimulado dentro de um contexto de prazer colaborativo. Giles Brougère (1998), desde os anos 1970 se dedica aos estudos sobre o universo infantil e a ludicidade. Segundo o autor, a cultura lúdica possibilita a aprendizagem do lúdico. Ou seja, o indivíduo que participa da cultura, aprende a jogar, a brincar (BROUGÈRE, 1998). Luckesi (2006, p. 6), por sua vez, oferece um conceito de ludicidade que se expande, pois, para além da ideia de lazer restrito à experiência externa, ampliando a compreensão para um estado de consciência pleno e experiência interna:

[...] quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude, não estamos falando, em si das atividades objetivas que podem ser descritas sociológica e culturalmente como atividade lúdica, como jogos ou coisa semelhante. Estamos, sim, falando do estado interno do sujeito que

vivencia a experiência lúdica. Mesmo quando o sujeito está vivenciando essa experiência com outros, a ludicidade é interna; a partilha e a convivência poderão oferecer-lhe, e certamente oferece, sensações do prazer da convivência, mas, ainda assim, essa sensação é interna de cada um, ainda que o grupo possa harmonizar-se nessa sensação comum; porém um grupo, como grupo, não sente, mas soma e engloba um sentimento que se torna comum; porém, em última instância, quem sente é o sujeito.

Conclui-se que para um ensino colaborativo, alegre, pleno é essencial que haja a cultura lúdica e o diálogo intercultural dentro e fora da sala de aula no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa. Para que então esse diálogo intercultural e a cultura lúdica aconteçam, segundo Oliveira (2014, p. 66), “todo professor de Língua Inglesa tem a obrigação pedagógica de saber o que é método de ensino” para estimular a aprendizagem dos alunos, “através de metodologias, que facilitem ao aluno transpor os desafios ligados de que é o de não estudar” (ALMEIDA FILHO, 1998, p. 15).

BNCC E Currículo Paulista

O aprendizado da língua inglesa possibilita o acesso a bens culturais da humanidade construídos em outras partes do mundo e faz com que a visão de mundo dos alunos se expanda consideravelmente, assim, a integração dos saberes acontece de forma mais natural, relevante e benéfica para o progresso educacional e pessoal dos alunos. Consequentemente, para que o processo de ensino-aprendizagem do inglês seja motivador, integrador, contextualizado, globalizado (intercultural) e empreendedor, ou seja, instigue a autonomia do aluno quanto à produção oral e escrita da língua, é essencial que haja a implementação de metodologias ativas que venham ao encontro às novas exigências da BNCC e, consequentemente, do Currículo Paulista.

A articulação em conjunto do lúdico, da cultura e de um processo de ensino-aprendizagem integral e ativo em busca do conhecimento é o ponto de partida para um trabalho colaborativo, para a criação de uma comunidade que está sempre aprendendo, que forma “um tecido repleto de redes e de encontros, uma manta multicultural e intergeracional interconectada, uma comunidade aprendente” (TORRES, 2016). O currículo para ser colaborativo deve ser conectado à vida, para que o conhecimento tenha a importância de conteúdo lúdico, em um ambiente escolar que

propicie uma prática cultural ativa, ou seja, onde o conhecimento, o aprender, se tornem um prazer a ser experimentado cotidianamente:

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito (VEIGA, 2002, p. 7).

Nesse sentido, um novo olhar crítico e reflexivo para a educação brasileira como um todo é necessário para essa construção colaborativa de saberes.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) está batendo à porta. A BNCC tem como proposta a unificação das aprendizagens em todo o país, para toda a Educação Básica e em todos os seus componentes curriculares, em um regime de colaboração entre os Estados e Municípios, trazendo assim, democraticamente, a construção de uma única estrutura de aprendizagem. Na prática, a BNCC deverá ser implementada até 2020, exigindo nesse momento da educação brasileira uma nova maneira de se integrar saberes, focando mais no aluno e suas necessidades e competências. O texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – aprovado em 15 de dezembro de 2017 e homologado pelo Ministério da Educação (MEC) no dia 20 do mesmo mês – é decorrência de um longo e complexo processo de pesquisas, consultas e discussões, que começou em 2014. Trata-se de um registro da maior relevância, já que deve se transformar em referência para a educação no país. O Estado de São Paulo aprovou em 19 de junho de 2019 os referenciais curriculares alinhados à Base Nacional Comum Curricular para as etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

O foco dado pela BNCC ao inglês é que ele deve ser uma disciplina com função social e política, com *status* de *Lingua Franca* (sem o acento no “i” mesmo) ou língua de contato (BNCC, 2017, p. 239), uma expressão latina que é a “língua que um grupo multilíngue de seres humanos intencionalmente adota ou desenvolve para que todos consigam sistematicamente comunicar-se uns com os outros. Essa língua é geralmente diferente de todas as línguas naturais faladas pelos membros do grupo” (WIKIPEDIA). *Lingua Franca* também é conhecida e chamada de língua internacional.

Conseqüentemente, a Língua Inglesa na BNCC não é mais aquela do “estrangeiro”, cujos falantes servem de modelo perfeito a ser seguido e imitado. Assim, ocorre a descentralização do modelo de falante nativo; ou seja, a desterritorialização da língua; a comunicação, tanto falada quanto escrita, é priorizada em detrimento da norma estruturalista do falante nativo, enfatizando o **caráter formativo** da língua (BNCC, 2017, p. 239), ou seja, o estudo da língua inglesa deverá ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, para que novos caminhos de construção de conhecimentos sejam percorridos com sucesso.

O inglês deve ser usado para maior inserção no mundo acadêmico, cultural e mercadológico, ou seja, mais relevante para a realidade e necessidade dos alunos. Como é afirmado na BNCC (2017, p. 240): “O status de inglês como língua franca implica deslocá-la de um modelo ideal de falante, considerando a importância da cultura no ensino-aprendizagem da língua e buscando romper com aspectos relativos à ‘correção’, ‘precisão’ e ‘proficiência’ linguística”. Sendo assim, ao professor é proposta uma postura de acolhimento e confirmação de diversas formas de expressão na língua. Enfatiza-se o uso adequado do idioma (em oposição ao “correto”) e o alcance dos propósitos comunicativos pretendidos (em oposição ao modelo do falante nativo), para atingir propósitos comunicativos de forma inteligível, com vistas ao desenvolvimento do letramento.

Por isso, A BNCC determina “Multiletramentos” como uma importante abordagem para o ensino na área de Linguagens e, conseqüentemente, no processo de ensino aprendizagem da língua inglesa. O termo multiletramentos foi criado por um grupo de professores e pesquisadores dos letramentos, denominado *New London Group*, em meados da década de 90, nos Estados Unidos. O prefixo “multi” se refere à multiculturalidade das sociedades globalizadas e à multimodalidade dos textos que circulam nelas (WIKIPEDIA). O conceito de multiletramentos, conforme Rojo (2013, p. 13), aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, ou seja, a multiculturalidade de cada comunidade, cidade, estado ou país:

[...] a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica”. Os multiletramentos, conforme a mesma pesquisadora, são interativos [...] são colaborativos; estes textos fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos (verbais ou não).

Na BNCC de Língua Inglesa há ênfase no uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais, inclusive em práticas sociais do mundo digital. Assim, a Língua Inglesa na BNCC propõe o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para acessar saberes linguísticos necessários para o engajamento e a participação em um mundo cada vez mais globalizado, contribuindo para o exercício da cidadania. Os cinco eixos organizadores que deverão nortear o ensino da língua inglesa a partir de 2020 são:

1. a **oralidade** através da construção participativa e contextualizada de práticas de compreensão e produção oral da língua inglesa; 2. a **leitura** através da vivência e ampliação de conhecimentos de temáticas significativas, compreensão e interpretação de textos escritos em língua inglesa em circulação, também de maneira significativa e situada; 3. a **escrita** através do planejamento, produção, revisão de textos individual ou coletiva, interagindo de maneira relevante, autêntica, criativa e autônoma e sua gramática sempre de maneira contextualizada, articulada e a serviço das práticas de oralidade; 4. **conhecimentos linguísticos** através da consolidação da oralidade, leitura e escrita, de maneira indutiva, para que se possa descobrir o funcionamento sistêmico do inglês e também o transitar por diferentes línguas, uma vivência metafísica frutífera que traz aumento de conhecimentos; e por fim, 5. a **dimensão intercultural** com o aprender inglês problematizando os diferentes papéis da língua inglesa no mundo, seus valores, seu alcance e seus efeitos nas relações entre diferentes pessoas e povos, tanto na sociedade contemporânea quanto em uma perspectiva histórica para maior estímulo à reflexão e o desenvolvimento da competência intercultural (BNCC, 2017, p. 240 - 243).

Em relação aos eixos, embora descritos de maneira separada na descrição da BNCC (2017, p. 243), é essencial destacar que “eles estão intrinsecamente ligados nas práticas sociais da língua inglesa e devem ser assim trabalhados nas situações de aprendizagem propostas no contexto escolar. Em outras palavras, é a **língua em uso, sempre híbrida, polifônica e multimodal**”. As habilidades nos eixos da Língua Inglesa, conseqüentemente, devem ser trabalhadas de maneira o mais equilibrada possível.

Com a nova proposta da BNCC de unificação das aprendizagens em todo o país, de maneira colaborativa entre os Estados e Municípios, surgiu o desafio da construção de uma única estrutura de aprendizagem para cada estado brasileiro adequado e enriquecer essa proposta com as peculiaridades

e regionalismos, para que o currículo de língua inglesa fique o mais próximo possível da realidade do educando e do educador. Surge então o Currículo Paulista, levando em consideração o fato que a BNCC (2018, p. 2): “trouxe uma outra visão para o aprendizado da língua estrangeira, estabelecendo para todo o país o aprendizado da Língua inglesa”. A BNCC (2018, p. 2) foi usada como estrutura fundamental para que o Currículo Paulista fosse estruturado, por sua vez, como base para o currículo de cada região do estado, “garantindo aos educandos o desenvolvimento das competências específicas da Língua Inglesa”. As competências específicas de língua inglesa para o Ensino Fundamental da BNCC (2018, p. 246) são descritas a seguir:

1. Identificar o lugar de si e o do outro em um mundo plurilíngue e multicultural, refletindo, criticamente, sobre como a aprendizagem da língua inglesa contribui para a inserção dos sujeitos no mundo globalizado, inclusive no que concerne ao **mundo do trabalho**.
2. Comunicar-se na língua inglesa, por meio do uso variado de linguagens **em mídias impressas ou digitais**, reconhecendo-a como ferramenta de acesso ao conhecimento, de ampliação das perspectivas e de possibilidades para a compreensão dos valores e interesses de outras culturas e para o exercício do protagonismo social.
3. Identificar similaridades e diferenças entre a língua inglesa e a língua materna/outras línguas, articulando-as a aspectos sociais, culturais e identitários, em uma relação intrínseca entre **língua, cultura e identidade**.
4. Elaborar **repertórios linguístico-discursivos** da língua inglesa, usados em diferentes países e por grupos sociais distintos dentro de um mesmo país, de modo a reconhecer a diversidade linguística como direito e valorizar os usos heterogêneos, híbridos e multimodais emergentes nas sociedades contemporâneas.
5. Utilizar **novas tecnologias**, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável.
6. Conhecer diferentes **patrimônios culturais**, materiais e imateriais, difundidos na língua inglesa, com vistas ao exercício da fruição e da ampliação de perspectivas no contato com diferentes manifestações artístico-culturais.

Em suma, o documento “Currículo Paulista 2018” reitera que o processo de formação e construção do currículo de língua inglesa levou totalmente em consideração a estrutura proposta pela BNCC e que as orientações complementares podem ser norteadoras para uma ação mais eficaz do ensino da língua inglesa:

As Orientações Complementares podem, dependendo da habilidade, explicitar o conteúdo, propor formas de trabalho e explicitar o gênero trabalhado, não tendo estes como pontos obrigatórios em todas as habilidades. Estes fatores podem auxiliar o professor no desenvolvimento de seu trabalho” (Currículo Paulista, 2018, p. 3).

As competências gerais da Educação Básica devem se inter-relacionar em todas as três etapas da Educação Básica (Educação Básica, Ensino Fundamental e Ensino Médio). A construção dos conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e a formação de atitudes e valores tem que se articular nos termos da LDB (Leis de Diretrizes e Bases) e a articulação das competências específicas de Língua Inglesa às competências gerais, às competências específicas da área de Linguagens e às demais áreas do conhecimento (Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Ensino Religioso) tornam possível a progressão significativa das aprendizagens dos alunos, sempre em busca do que for melhor e conveniente para alunos e professores, atendendo as “especificidades dos contextos locais, [...] o que também atende a uma perspectiva de currículo espiralado” (BNCC, 2017, p. 245), ou seja, o DNA do ensino da língua inglesa é ter os conteúdos, as competências e habilidades trabalhadas de modo coeso e integrado.

Em entrevista à Nova Escola, a professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Laura Fortes, doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), aprofunda o conceito de ensino-aprendizagem integral, empreendedor e explica como o contato com outros idiomas ajuda a ampliar o repertório do aluno, trazendo uma nova perspectiva sobre a própria cultura e até mesmo sobre as posições construídas social e historicamente, resumindo maneira clara e sucinta, o que de certa forma a BNCC e o Currículo Paulista trazem para esse novo momento da educação brasileira. Segundo ela “Os conteúdos não podem ser vistos como estanques, mas como dinâmicos e articulados de modo interdisciplinar, uma vez que as práticas de linguagem — línguas-culturas — são atravessadas por acontecimentos históricos, construção (e desconstrução) de conhecimentos em diversas áreas, processos econômicos e políticos etc.” (TREVISAN, 2019).

Em última análise, vale lembrar que juntamente com a BNCC e o Currículo Paulista da Língua Inglesa, o Projeto Pedagógico da Unidade Escolar é de suma importância porque é ele que possibilita a escolha dos gêneros orais ou escritos, metodologias e abordagens para o ensino de

línguas e projetos centralizados em metas e objetivos que visam a melhoria das aprendizagens e a possibilidade de avanços elencados pela comunidade escolar inserida neste contexto de novas perspectivas do ensino brasileiro de língua inglesa. Para que toda essa articulação se torne realidade, a adequação de práticas pedagógicas deve acontecer através do uso consciente e inteligente de metodologias ativas e dos princípios da Educação Empreendedora para que a aprendizagem da língua inglesa seja eficazmente implementada em nossas escolas.

Metodologias ativas e Pedagogia Empreendedora

Com a nova BNCC, mudanças educacionais, tecnológicas e sociais, surge a necessidade de um novo olhar para a educação e o processo de ensino-aprendizagem. Uma nova geração de crianças e jovens que são chamados de “nativos digitais”, em sua maioria porque tem o privilégio de ter mais acesso à informação e à tecnologia e estão quase todo o tempo conectados com seus tablets e celulares. A BNCC (RICO, 2019) estabelece como pilares da educação contemporânea 10 competências gerais, a saber 1. Conhecimento; 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório Cultural; 4. Comunicação; 5. Cultura Digital; 6. Trabalho e projeto de vida; 7. Argumentação; 8. Autoconhecimento e autocuidado; 9. Empatia e cooperação e 10. Responsabilidade e Cidadania. Estas serão as competências que irão guiar o trabalho das escolas e dos professores em todos os anos e áreas do conhecimento da Educação Básica de maneira integral e criativa. A ruptura com modelos tradicionais de ensino é inevitável para que esses 10 pilares sejam construídos, sendo assim, a necessidade da implantação de metodologias de ensino diferenciadas e ativas que possam desenvolver ao máximo o potencial de cada aluno de forma integral, despertando a motivação, autonomia e o prazer em aprender, ou seja, uma educação empreendedora que contribua com o desenvolvimento das competências cognitivas básicas, socioemocionais e digitais essenciais para o cidadão do século XXI.

Metodologias Ativas

As metodologias necessárias para o desafio educacional do século XXI vem sendo chamadas de metodologias ativas e têm como principais características, de uma forma geral, “propiciar que os alunos busquem soluções para problemas do mundo real, coloquem a mão na massa, sejam

protagonistas de seu processo de aprendizado, pesquisem, trabalhem em equipe e com tempo determinado para a tarefa, usem tecnologias digitais e se autoavaliem” (CUNHA et al., 2010, p. 11). Dessa forma, as metodologias ativas apresentam um novo e eficiente modelo, uma alternativa essencial para o momento atual da educação brasileira. No processo de ensino-aprendizagem mediado por metodologias ativas, a autonomia é estimulada, o aluno não é mais um agente passivo da aprendizagem, que somente escuta o que é ensinado. O aluno se torna o protagonista na construção de seu próprio conhecimento. Por outro lado, o professor dá menos aulas expositivas porque transforma suas aulas em aulas mais dinâmicas, atuando mais como um mediador do processo de ensino-aprendizagem, conduzindo os alunos rumo a descobertas e novos saberes. De acordo com a educadora Jackie Gerstein, “para trabalhar com metodologias ativas, é fundamental estar disposto a romper estruturas arcaicas e engessadas de ensino. É preciso virar a chave” (CUNHA, 2018, p. 11). Assim, para a aprendizagem integral eficaz dos conteúdos e aquisição significativa de conhecimento, existem inúmeras práticas pedagógicas que podem ser consideradas metodologias ativas. Em um panorama geral, dentre elas, destacam-se: A. O uso de gamificação, em inglês *gamification*, ou seja, educação com tecnologia, inovação e jogos. Os jogos mostram aos alunos o seu desempenho, engajando-os e estimulando-os. B. A aprendizagem baseada em projetos (ABP) – em inglês, *project based learning (PBL)*, que tem por objetivo fazer com que os alunos adquiram conhecimento por meio da solução colaborativa de um desafio apresentado através de projetos temáticos e estudos de caso; C. A classe invertida, ou do inglês, *flipped classroom*. Uma inversão de metodologia nas aulas tradicionais, expositivas é proposta, onde os alunos estudam o conteúdo e preparam o conteúdo antes de terem a aula (GUTENBLOG, 2018). Existe também a Abordagem Comunicativa ou *Communicative Approach*, muito usada no ensino de línguas estrangeiras. Segundo Williams e Burden (1997), o aprendizado de línguas é diferente de qualquer outro aprendizado devido a sua natureza social e comunicativa, daí a importância de uma abordagem comunicativa no processo de ensino-aprendizagem integral da língua inglesa. Brown (1994 apud NUNAN, 1999, p. 30), lista cinco características da abordagem comunicativa:

Uma ênfase no aprender a comunicar-se através da interação com a língua-alvo; - a introdução de textos autênticos na situação da aprendizagem; - a provisão de oportunidades para os alunos, não somente na linguagem, mas também no processo de sua aprendizagem; -

uma intensificação das próprias experiências pessoais do aluno como elementos importantes na contribuição para aprendizagem em sala de aula; - uma tentativa de ligar a aprendizagem da linguagem em sala de aula com ativação da linguagem fora da sala de aula. Os alunos devem ler o conteúdo em casa e durante a aula, acontecem as discussões e resolução de questões.

O papel do professor se torna extremamente proativo e criativo. Ele deixa de ser o detentor do conhecimento, como já mencionado anteriormente e se torna um facilitador, entretanto não é fácil exercer esse novo papel, é mais um desafio a ser enfrentado se realmente almeja-se uma educação empreendedora, eficaz e preocupada com o sucesso pessoal, social e profissional de nossos alunos.

O papel do professor é mais o de curador e de orientador. Curador, que escolhe o que é relevante entre tanta informação disponível e ajuda a que os alunos encontrem sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis. Curador, no sentido também de cuidador: ele cuida de cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira. Orienta a classe, os grupos e a cada aluno. Ele tem que ser competente intelectualmente, afetivamente e gerencialmente (gestor de aprendizagens múltiplas e complexas). Isso exige profissionais melhor preparados, remunerados, valorizados (MORÁN, 2015, p. 24).

Sendo assim, a implementação de metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa se faz mais que necessária, uma vez que o diálogo intercultural e a ludicidade compõem esse universo rico e vasto e precisam ser cada vez mais explorados para que haja realmente um aprendizado integral, profundo, efetivo e empreendedor com soluções inovadoras e criativas e com autonomia na busca por novos conhecimentos.

Pedagogia Empreendedora

O uso do empreendedorismo pode ser utilizado como metodologia ativa, através do processo de formação de atitudes e características como uma forma de transmissão de conhecimentos. O conceito de empreendedorismo tratado nesse artigo não é baseado no conceito econômico de abertura de novas empresas ou novos negócios. Dolabela (2003) oferece a implementação de uma Pedagogia Empreendedora ou Educação Empreendedora, ou seja, uma metodologia de ensino que objetiva o desenvolvimento de competências individuais e coletivas com o intuito de

gerar valor para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo e de buscar a sustentabilidade. A educação ou pedagogia empreendedora engloba um campo de ação e um escopo de ideias muito mais amplo:

A tarefa da educação empreendedora é principalmente fortalecer os valores empreendedores na sociedade. É dar sinalização positiva para a capacidade individual e coletiva de gerar valores para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo, de buscar a sustentabilidade, de ser protagonista. Ela deve dar novos conteúdos aos antigos conceitos de estabilidade e segurança – impregnados na nossa cultura, mas referentes a contextos hoje inexistentes. Atualmente, estabilidade e segurança envolvem a capacidade da pessoa de correr riscos limitados e de se adaptar e antecipar às mudanças, mudando a si mesma permanentemente (DOLABELA, 2003, p. 130-131).

A importância de o aluno aprender, juntamente com professores e colegas de classe, a ser empreendedor é essencial para que ele seja protagonista de sua história de sucesso e todos sejam colaboradores ativos nesse processo. Para Freire (2006, p. 25) “não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”. Destaca-se a seguir alguns elementos desta metodologia de ensino. De acordo com Dolabela (2003), a pedagogia empreendedora: a) utiliza o professor da própria instituição, que conhece a cultura da casa, dos alunos e do meio ambiente onde cada unidade está inserida; b) dinamiza conhecimentos já dominados pelo professor; c) é voltada para a prática, sendo de fácil implementação; d) não se trata de uma receita, um passo a passo: a metodologia é recriada pelo professor na sua aplicação, respeitando a cultura da comunidade, dos alunos, da instituição, do próprio professor; e) agente de mudança cultural; f) não cria a necessidade de formação de "especialistas" (não gera dependência da instituição de ensino a consultores externos); g) integra professores de áreas diferentes; h) a comunidade pode participar, como educadora e educanda; i) é geradora de capital humano e social; j) apoia-se na geração do sonho coletivo, na construção do futuro pela comunidade; k) tem como alvo a construção de um empreendedorismo capaz de gerar e (principalmente) distribuir, renda conhecimento e poder.

O papel do professor, como já dito anteriormente, é de extrema importância e fator primordial na mudança e implementação do processo

de ensino aprendizagem da língua inglesa de maneira eficaz e bem-sucedida. Um grande desafio, onde os educadores se transformam nos principais agentes dessa mudança.

O papel do professor pode ser visto como o de alguém que provoca o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questionamentos, e ao mesmo tempo oferece o apoio necessário para que ele, diante de conflitos cognitivos desenvolva uma ação auto-organizadora (DOLABELA, 2003, p. 104).

Cabe, então, ao professor, implementar uma transição gradativa e pontual do ensino convencional da língua inglesa para um ensino integral, empreendedor, lúdico, com diálogo intercultural através de metodologias ativas, respeitando a realidade pessoal e social de cada aluno, como também da comunidade onde ele, sua família e escola estão inseridos.

Dessa forma, baseando-se no conceito das metodologias ativas, nas habilidades e competências de um ensino empreendedor da língua inglesa que vislumbra uma abordagem comunicativa, através de uma “cultura lúdica”, em um ambiente favorável, pode-se ter um exemplo simples de atividades práticas para o ensino-aprendizagem da língua inglesa, um projeto temático cultural e lúdico, levando em consideração as exigências e competências da BNCC, como também as orientações do Currículo Paulista. Segue um panorama geral de um projeto sobre o meio-ambiente, por exemplo, onde os alunos podem ler sobre os problemas com o clima do planeta e os oceanos, baseados no Dia Internacional dos Oceanos, Dia Mundial do Meio Ambiente e Dia da Terra (EDUCATORS’ CALENDAR, 2019). Alunos podem pesquisar online sobre o assunto mencionado, como, por exemplo, o site oficial da ONU e outros, em busca de material, figuras e vídeos. Em grupo ou pares, discutir os problemas e encontrar soluções, então debater e apresentar em inglês e/ou em português, oralmente e por escrito, o que cada grupo fez, ideias vindas dos alunos sobre como apresentar o projeto devem ser estimuladas. O professor monitora e orienta. Finalmente, utilizar o aplicativo *Litterati*, ainda pouco utilizado no Brasil, mas muito difundido em vários países (ALCANTÁRA, 2018) através de um game de competição para pegar o papel no chão em grupos, registrar a quantidade coletada no aplicativo através de fotos.

Empreender para mudar, crescer e multiplicar. Esse é o desafio. Que possamos empreender para um futuro melhor.

Conclusão

Um educador empreendedor, com um olhar para o futuro se faz mais que necessário para que haja um novo amanhã para um processo de ensino-aprendizagem relevante, significativo e integral através de uma educação verdadeiramente empreendedora com metodologias ativas.

Após uma análise sucinta, mas essencial, dos documentos da atual BNCC e do Currículo Paulista e da importância e necessidade de um novo olhar para o ensinar e o aprender de maneira integral, empreendedora e eficaz da língua inglesa no Ensino Fundamental no século XXI, algumas considerações iniciais podem ser feitas a partir desta análise de conteúdo: a- mudanças e adequações no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, nessa nova etapa da educação brasileira serão essenciais; b- os documentos curriculares analisados estão de acordo com o que as propostas das metodologias ativas e o ensino empreendedor trazem; c- os documentos apontam que o rompimento com o velho ensino engessado e descontextualizado de vocabulário + gramática + tradução com dicionário se faz mais que necessário. Sendo assim, a ludicidade e o diálogo intercultural poderão ser utilizados como instrumentos facilitadores, motivadores e norteadores para a implementação de um processo de ensino-aprendizagem inovador, empreendedor e eficaz da língua inglesa no ensino fundamental; d- a curiosidade para aprender uma língua estrangeira, o interesse pela língua e seu universo cultural através de recursos áudio visuais e tecnológicos, produção oral e escrita de novos vocábulos e estruturas gramaticais e textuais simples, como também o desenvolvimento da compreensão auditiva e de leitura, tudo isso dentro de um contexto relevante, ou seja, levando em consideração a realidade individual e social de cada aluno, de maneira prática devem ser estimulados através de uma pedagogia empreendedora e de uma abordagem comunicativa e intercultural; e- a integração de saberes a partir de conteúdos complementares de outras disciplinas como geografia, história, ciências, artes, etc. para um processo de ensino-aprendizagem mais holístico deve estar presente na formação e desenvolvimento de habilidades e competências da língua inglesa.

Em suma, conclui-se que a presença e a integração de todos os elementos mencionados acima poderão se tornar essenciais para o desenvolvimento e implantação de uma metodologia mais empreendedora para o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa integral, mais eficaz e relevante que prepara o aluno para crescer como indivíduo, parte

de uma comunidade e preparado para o mercado de trabalho, ou seja, dentro de um contexto social, cultural e interacional, integrando sua cidadania à sua realidade cotidiana. Portanto, que sempre sejamos educadores curiosos e abertos para o diálogo intercultural, lúdico e interacional! Empreender para crescer e mudar!

Referências

- ALCÂNTARA, T., **“Coletar lixo é divertido e um app recebeu US\$ 225 mil por essa sacada”**. Disponível em:
<<https://www.tecmundo.com.br/mercado/125733-coletar-lixo-divertido-app-recebeu-usd-225-milhoes-sacada.htm>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
- ALMEIDA Filho, J. C. P. **“Dimensões comunicativas no ensino de línguas”**, Campinas, Pontes. 1998
- ALVES, R., **“A gestão do futuro”**, Campinas, Papirus. 1987
- _____. **“Conversas com quem gosta de ensinar”**, Campinas, Papirus. 2000
- _____. **“Estórias de quem gosta de ensinar: o fim dos vestibulares”**, 9. ed, São Paulo, Papirus. 2000
- _____. **“Os Grandes contra os Pequenos”**, Instituto Rubem Alves. Disponível em:
<<https://institutorubemalves.org.br/wp-content/uploads/2018/08/1983.08.13.pdf>> Acesso em 16 jul.2019.
- _____. **“Sobre Jequitibás e Eucaliptos”** in: **“Conversas com quem gosta de ensinar”**. Disponível em:
<<http://eiclik.com.br/sobre-jequitibas-e-eucaliptos-rubem-alves/>> Acesso em: 16 jul. 2019.
- _____. **“Proponho que sejamos professores de espanto”**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=ByAjkVTXDY8>>. Acesso em: 13 jul. 2019.
- BAKHTIN, M., **“Marxismo e Filosofia da Linguagem”**, 8. ed. São Paulo, Hucitec. 1997
- BNCC., **“Base Nacional Comum Curricular”**. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versa_ofinal_site.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- BROUGÈRE, G., **“Jogo e educação”**, Porto Alegre, Artes Médicas. 1988
- CALENDAR, Educators’. **“Calendário Cultural para Educadores”**, Teacher Vision. Disponível em: <<https://www.teachervision.com/holidays-and-seasonal-events/printable>>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- CARDOSO, S. H. B. **“Discurso e Ensino”**. Belo Horizonte: Autêntica. 1987
- COMUM, Movimento pela Base Nacional. **“A Construção da BNCC”**. Disponível em: <<http://movimentopelabase.org.br/acontece/area-de-linguagens-na-bncc/>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

- CUNHA, M. V., **“História da Educação e Retórica: ethos e pathos como meios de prova”**. In: Silva, M.; Valdemarin, V. T. (Org.). **“Pesquisa em educação: métodos e modos de fazer”**, São Paulo, Cultura Acadêmica. 2010
- DICIO, C. **“Dicionário Online de Português”**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ludicidade/>>. Acesso em: 13 de jul. 2019.
- DOLABELA, F, 1999, **“Oficina do Empreendedor”**, São Paulo, Cultura Editores Associados.
- _____. 2000, **“Pedagogia Empreendedora: ensino de empreendedorismo na educação básica”**. Disponível em: <http://fernandodolabela.wordpress.com/servicos-oferecidos/pedagogiaempreendedora/>>. Acesso em: 13 de jul. 2019.
- ELLIS, R. **“Principles of instructed language learning”**, System, 2005
- FREIRE, P. **“Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa”**, São Paulo, Paz e Terra. 2002
- GADOTTI, M. **“História das ideias pedagógicas”**, 8. ed., São Paulo: Ática. 2001
- GUTENBLOG. **“3 Exemplos Práticos de Metodologias Ativas”**. Disponível em: <<https://gutennews.com.br/blog/2018/07/05/3-exemplos-praticos-de-metodologias-ativas/>>. Acesso em: 13 jul. 2019.
- HOAISS, A. **Dicionário.**, 2001. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1>> Acesso em: 13 jul. 2019.
- HUIZINGA, J. **“Homo Ludens”**, São Paulo, Perspectiva. 2008
- KISHIMOTO, Tizuko M. **“Jogo, brinquedo, brincadeira e educação”**, Porto Alegre, Artmed. 2006
- KOHL, M. de O. **“Conceitos Fundamentais de Vygotsky”**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=mj2XBkwTVDw&feature=related>>. Acesso em: 13 jul. 2019.
- KRAMSCH, C., **“Language and culture”**, Oxford, Oxford University Press. 1998
- _____. **“Theorizing Translingual/Transcultural Competence”**, In: Levine, G.; Phipps, A. (Eds.), **“Critical and Intercultural Theory and Language Pedagogy”**, Boston, 2010
- LOPES, M. C. **“Ludicity – a theoretical term”**, Sixth Annual Convention of Media Association, New York, Fordham University, Lincoln Centre Campus. 2005
- LUCKESI, C. C. **“Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese”**. In: LUCKESI, C. C. (org.) **Ludopedagogia - Ensaios 1: Educação e Ludicidade**. Salvador, Gepel. 2005
- _____. **“Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico”**, São Paulo, Cortez Editora. 2011

- _____. **Ludicidade e atividades lúdicas**: uma abordagem a partir da experiência interna. Disponível em: <<http://luckesi.blogspot.com/.br>>. Acesso: 15 jul. 2019.
- MICHAELIS “**Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**”, Melhoramentos. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=LUDICIDADE>> Acesso em: 13 jul. 2019.
- MÓRAN, J. “**Mudando a educação com metodologias ativas**”, Coleção Mídias Contemporâneas, Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. V. II. 2015
- PAULISTA, **Currículo**. Versão 1. Língua Inglesa, 2018, São Paulo. Disponível em: < <http://www.undime-sp.org.br/versao-1-do-curriculo-paulista-e-documentos-para-a-realizacao-dos-seminarios-regionais/>> Acesso em: 12 jun. 2019.
- ROJO, R.; Batista, A. “**Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**”, Campinas Mercado de Letras. 2003
- SÁNCHEZ, Vázquez, A. “**Filosofia da praxis**”, 4. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1977
- TAVARES, P. de A, “Metodologias Ativas: o papel do professor como facilitador do aprendizado dos alunos”, **Revista Online Nova Escola**, 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/15340/metodologias-ativas-o-papel-do-professor-como-facilitador-do-aprendizado-dos-alunos?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=Conte%C3%BAdo_Site_seguidores_ne&utm_content=metodologias-ativas&fbclid=IwAR0TXUSVithFHpl-CmOQ_w6pepi7Xs1cb9J69czXm-mi-0imq0pthJ7I>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- TAVARES, R. R. (Org.). “Língua, cultura e ensino. Maceió”, **EDUFAL**. 2006
- TEIXEIRA, C. dos S., “**Ensino de língua estrangeira: concepções de língua, cultura e identidade no contexto ensino/aprendizagem**”, Ilhéus, Revista Trama, v. 9., 2013.
- TORRES, S., “**Comunidade Aprendente**”. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-santa-maria/comunidade-aprendente/>> Acesso em: 15 jul. 2019.
- TREVISAN, R. “Por que o Ensino da língua inglesa não deve ignorar fatores culturais”, **Revista Online Nova Escola**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/128/bncc-por-que-o-ensino-da-lingua-inglesa-nao-deve-ignorar-fatores-culturais>> Acesso em: 13 jul. 2019.
- VYGOTSKY, L. S. “**Pensamento e linguagem**”, São Paulo, Martins Fontes. 1987
- WIKIPEDIA, 2019, “**Língua Franca**”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_franca>. Acesso em: 15 jul. 2019.

WINNICOTT, D. W., 1975. **“O brincar e a realidade”**, Rio de Janeiro, Imago.

EMPREENDEDORISMO NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA ATRAVÉS DE PROJETOS DE MINICURSOS

Kátia Gumiero Ferracioli COLMANETTI¹

Sabendo da importância de se complementar a grade curricular do curso e, ao mesmo tempo, motivar os alunos a participarem ativamente da Semana Temática, a coordenação do curso, em conjunto com os docentes promovem minicursos com temas que não fazem parte da grade curricular. Os minicursos são ministrados por profissionais convidados da área, através de uma metodologia diversificada, valorizando não apenas um conhecimento específico, mas sim um contexto de aprendizagem. Nessa semana é priorizado o trabalho em equipe, mesclando os alunos dos quatro módulos para que os mais avançados auxiliem os novatos, através de uma metodologia diversificada e interdisciplinar. O trabalho em equipe, o entusiasmo dos alunos com a oportunidade de aprenderem na prática e o dinamismo do processo foram as formas impulsionadoras. Os projetos de minicursos são importantes para despertar a curiosidade e aguçar o espírito investigativo dos alunos, tornando os conteúdos mais atrativos e facilitando a aprendizagem.

Os minicursos trazem um grande aprendizado para todos e uma satisfação de trabalhar em equipe, compartilhar conhecimentos, aprender a trabalhar com pessoas diferentes em todos os sentidos e a respeitá-las. A assiduidade dos alunos na Semana chegou a 100% onde entenderam a importância da responsabilidade de serem proativos adquirindo competências e habilidades para ingressar no mercado de trabalho e na área acadêmica.

Os projetos podem contribuir para melhorar a motivação dos alunos, pois são ouvidos, tanto com relação ao tema, quanto à metodologia que será usada. Podem valorizar o conhecimento que o aluno já possui. O trabalho com projetos estimula práticas democráticas no cotidiano escolar contribuindo para uma interação mais próxima e produtiva entre aluno,

¹ É graduada em Bacharelado em Química com Atribuições Tecnológicas pela UNICAMP. É graduada em Licenciatura em Química pela UNIFRAN. É professora de Química efetiva da rede estadual de ensino, no Ensino Médio, no município de São Joaquim da Barra. É professora e coordenadora do Curso Técnico em Química em uma Escola Técnica Estadual do Centro Paula Souza, no município de São Joaquim da Barra. É especialista em Ciência e Tecnologia pela UFABC. É especialista em Educação Empreendedora pela UFSJ.

professor, comunidade e direção. Em uma escola que trabalha com projetos, as decisões são tomadas em grupo e os alunos trabalham em colaboração com os professores. Assim o professor não é o único que ensina, os alunos buscam seus conhecimentos e ficam muito felizes com os resultados.

No desenvolvimento de projetos, a escolha do tema deve ocorrer entre alunos e professores das disciplinas participantes, contextualizando o trabalho e partindo da análise de contextos que sejam familiares aos alunos, mas levando-os a percorrer outros contextos. O trabalho com projetos mostra que a aprendizagem não ocorre de forma unilateral, acabando com a ideia de que o professor é o único que ensina e o aluno o único que aprende.

O Centro Paula Souza (CPS) é uma instituição que foi criada pelo decreto-lei de 6 de outubro de 1969, na gestão do governador Roberto Costa de Abreu Sodré. É uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico. A instituição administra 223 Escolas Técnicas Estaduais (ETECs), localizadas em 321 municípios com mais de 213 mil estudantes nos Ensinos Técnico, Médio e Técnico Integrado ao Médio, oferecendo 151 cursos, voltados a todos os setores produtivos públicos e privados.

As indústrias químicas no Brasil surgiram no final do século XIX. A partir daí houve a necessidade de importar técnicos, equipamentos e processos devido à falta de escolas que capacitassem profissionais para este setor industrial. O Curso Técnico em Química surgiu com a finalidade de proporcionar uma formação profissional na área da Química, em menor tempo que o curso superior e com menores custos de mão de obra especializada. O aluno sai com a formação técnica de nível médio.

O Curso Técnico em Química tem a duração de 2 anos, divididos em 4 semestres, e, para iniciar seus estudos o aluno deve estar cursando o segundo ano do Ensino Médio ou já tê-lo concluído. A grade curricular é composta de um conteúdo teórico nas áreas de Ciências Biológicas, Exatas e Humanas e também de práticas para atuação profissional específica na área de Química. O aluno é preparado para operar e coordenar processos químicos que ocorrem nas indústrias e manipular os equipamentos utilizados. Os profissionais podem trabalhar em laboratórios, com análises de substâncias, controle de qualidade, na venda de produtos e na assistência técnica.

Um exemplo de projeto a ser trabalhado no Curso Técnico em Química da Etec Pedro Badran de São Joaquim da Barra é a organização de uma Semana Temática para a semana do dia 18 de junho, em comemoração ao dia do Químico. Para a realização de um minicurso é necessário abordar um

tema que não está no currículo do curso, como sendo uma maneira de complementar a grade curricular. Nos anos anteriores esta semana acontecia apenas com a realização de um ciclo de palestras, com profissionais de diversas áreas da química para compartilhar conhecimentos e experiências através de palestras ministradas aos alunos, a fim de prepará-los para o mercado de trabalho e até mesmo para área acadêmica. Contudo teve-se a percepção de que os alunos não se sentiam motivados em estar presentes nas palestras somente para ficarem na posição de ouvintes, sendo assim houve a necessidade de mudança e inovação na Semana Temática do Curso Técnico em Química, para maior motivação dos alunos.

Toda mudança decorre de uma perda de equilíbrio mediante uma nova situação. No mundo atual é preciso mudar constantemente, pois coisas novas aparecem a todo momento, e, se não mudamos, não acompanhamos as inovações que ocorrem tanto no âmbito pessoal como social. O princípio de toda transformação é o diálogo. Toda transformação envolve o individual e o coletivo, sendo que a realidade é transformada quando se age de maneira coletiva. Primeiramente é necessário uma conscientização da necessidade da mudança e um diálogo dos passos a serem seguidos para que possamos lidar com os conflitos e as crises.

A importância do Projeto Político-Pedagógico

O Projeto Político-Pedagógico é o documento que detalha objetivos, diretrizes e ações do processo educativo a ser desenvolvido na escola. Ele é mais que um documento, reflete a cultura da escola, suas crenças, valores, significados, modos de pensar e agir de todos aqueles envolvidos em sua elaboração. É um documento que reflete o papel e a relação entre direção, supervisão, orientação educacional, professores, representantes de pais e estudantes, bibliotecários, supervisores, psicólogos, assistentes sociais, secretaria, pessoal da limpeza e serviços gerais, tesouraria e comunidade.

É o Projeto Político-Pedagógico que contém a Concepção de Educação que nortearão todos os Planos da Escola, dentre eles os Planos de Ensino dos professores, que terão como horizonte, na elaboração dos seus planos, o perfil de estudante que se pretende formar, perfil este decorrente da Concepção de Educação adotada.

O Projeto Político-Pedagógico é a Identidade da escola, busca sempre a coerência interna no projeto entre a fundamentação teórica com a prática, contém função social da escola enquanto instituição social, o papel do

professor, como devem ser relações interpessoais no espaço escolar e os aspectos técnico-pedagógicos coerentes com a escolha metodológica e desta com a escolha ideológica.

O Planejamento do Ensino elaborado pelos professores da escola em cada uma das disciplinas que compõem o currículo escolar deve ter como referencial o Projeto Político Pedagógico da escola. Nas semanas que antecedem o início das aulas é chegada a hora da chamada “Semana de Planejamento Escolar”.

Nesta semana o Projeto Político-Pedagógico da escola é reavaliado por toda a comunidade escolar para adequar-se às novas necessidades que porventura tenham sido diagnosticadas ao longo do ano anterior. O Plano de Ensino é elaborado com base no resultado desta avaliação. Em uma das escolas que trabalho: Etec Pedro Badran é exatamente assim que acontece. Durante as reuniões de planejamento é passado para os professores todos os resultados do ano anterior, mensurados, como: Saresp, Enem, índice de evasão escolar, entre outros e o planejamento é feito com base no que precisa melhorar e ser modificado.

O papel do Educador e do Coordenador no processo ensino-aprendizagem

O ensinar e o aprender estão totalmente relacionados. O ensinar só é cumprido quando se tem a aprendizagem de quem é ensinado. Ensinar é diferente de “dar aula”. Quando se ensina o aluno realmente aprende. O ser humano é ativo, assim ele também aprende ativamente. O aprender está muito além do simples obter informações, só se aprende quando se adquire uma habilidade para poder usá-la quando necessário. O que realmente é aprendido fica guardado e disponível para ser utilizado quando necessário.

Como por exemplo, aprender uma determinada língua ou aprender a dirigir um automóvel são habilidades adquiridas que serão usadas sempre que surgir tal necessidade. Assim são todos os conhecimentos e habilidades adquiridas.

Para se adquirir uma habilidade pelo aprender é necessário usar o conhecimento que a pessoa já possui, aquele que foi herdado, que já é intrínseco a cada um. As pessoas herdam uma cultura de onde vive, os modos de compreender e agir estabelecidos pela comunidade. Mas, é claro que, pode-se criar novas soluções sempre que necessário. Isso faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano.

Quando se herda alguns conhecimentos, pode-se fazer a assimilação, depois recriar esses conhecimentos e, por fim, transmiti-los à frente. No processo ensino/aprendizagem tem-se um importante papel aquele que ensina. O professor deve orientar seus alunos para que possam usar seus conhecimentos e habilidades de modo a facilitar seu aprendizado.

O professor deve ajudar o aluno a compreender novos conhecimentos e habilidades, exercitar esses conhecimentos e habilidades, orientar para a maneira de usá-los, recriar os conhecimentos que o aluno possui e a criar novas soluções. Esse é o objetivo de um professor, ensinar de forma que os alunos aprendam. Muitas vezes o professor não usa esse caminho para ensinar e sim apenas expõe seus conhecimentos querendo que o aluno aprenda dessa forma. Isso não acontece, pois, o ser humano é ativo e, para aprender, também precisará dessa atividade.

No processo ensino/aprendizagem também é importante o papel de quem aprende. O aluno deve compreender o que foi passado, exercitar esse conhecimento, aplicar o que foi aprendido, recriar o conhecimento para chegar em novas soluções. Assim não basta dar aulas, é necessário expor conteúdos para que os alunos aprendam, dessa forma o professor está sendo muito mais ativo em sala de aula.

Para se ter uma educação de qualidade, o coordenador deve ter a função mediadora, no sentido de interpretar os significados das propostas curriculares, para ajudar seus professores a elaborarem suas propostas, as que estão de acordo com os seus compromissos com a escola e com o aluno. O Coordenador deve oferecer condições para que os professores trabalhem coletivamente as propostas curriculares, em função de sua realidade, tendo o compromisso com o questionamento, ou seja, ajudar o professor a ser reflexivo e crítico em sua prática.

Para se ter um bom trabalho coletivo é fundamental que o coordenador possibilite ações de parceria, para atingir objetivos e metas comuns, podendo ser trabalhados através dos projetos, atendendo às necessidades e objetivos da escola. É importante a interdisciplinaridade, para que o conhecimento do aluno não seja fragmentado.

Os problemas e conflitos que surgirem devem ser enfrentados, e, faz parte da função do gestores, coordenadores, professores, funcionários e alunos. A realidade escolar está recheada de problemas e conflitos, por essa razão a escola deve apresentar um trabalho pedagógico que mude a realidade escolar. Um trabalho pedagógico bem feito, ajudará o professor a ter mais recursos para trabalhar com seus alunos.

A Pedagogia de Paulo Freire e de Dolabela e a Pedagogia Empreendedora

As ideias de Paulo Freire são atuais, apesar de sua obra ter sido escrita há um bom tempo. O empreendedorismo deve ser ensinado baseando-se no desenvolvimento social sustentável, sendo voltado para o desenvolvimento social e não pessoal. “Para isso, é necessário, uma metodologia de ensino baseada no desenvolvimento de competências individuais e coletivas, gerando valores para a comunidade, inovações e a busca da autonomia e da sustentabilidade” (COSTA, 1991).

Freire propõe uma educação transformadora objetivando o pensamento crítico da realidade, sendo o diálogo a melhor maneira de formar um pensamento crítico, de transformar o mundo e de humanizá-lo. Para ele a prática de ensinar não se resume apenas aos educadores, mas sim a todos os trabalhadores, construindo conhecimentos a serem praticados pela sociedade, diminuindo assim o grau de opressão na vida das pessoas. A sociedade tem o compromisso de colaborar para uma transformação social.

Seus pensamentos defendem a interdisciplinaridade e a relação entre teoria e prática, sendo que estas não podem se separar, caminhando sempre unidas. Também não devem ser separados: autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender. Assim nossas qualidades vão sendo construídas ao longo do tempo.

Dolabela diz que o ensino do empreendedorismo deve objetivar o desenvolvimento social sustentável, desenvolvendo os alunos para serem empreendedores em qualquer escolha que fizerem para seguir sua carreira. O ser humano deve ser preparado para colaborar com o desenvolvimento social, visando a melhor qualidade de vida e eliminando a exclusão social. Para Dolabela o professor deve oferecer condições para que o aluno construa seu saber empreendedor, considerando a capacidade crítica dos alunos e instigando-os a sonhar.

Os dois autores pensam de maneira muito semelhante, mesmo que suas obras foram escritas em períodos distintos e têm uma direta relação com a realidade. Os dois autores são a favor de alunos e professores serem transformados em pesquisadores críticos. Acreditam que a relação entre professor/aluno deve acontecer com troca de conhecimentos entre ambas as partes. Eles estimulam uma pedagogia crítica que valoriza o que realmente a sociedade necessita. As duas pedagogias procuram formar um ser humano crítico, ético e capaz, buscando a construção do desenvolvimento

social através da troca de conhecimentos. A pedagogia empreendedora de Dolabela complementa as ideias da obra de Paulo Freire.

Para Dolabela o empreendedorismo não deve objetivar apenas o enriquecimento pessoal e sim ser direcionado para o desenvolvimento social, fazer com que as pessoas sejam incluídas na sociedade de uma maneira geral, com as condições necessárias para viver. Dolabela também defende a disseminação do empreendedorismo através do processo de formação de atitudes e características como uma forma de transmissão de conhecimentos. Dolabela propõe a aplicação de uma Pedagogia Empreendedora, ou seja, uma metodologia de ensino que visa o desenvolvimento de competências individuais e coletivas com o intuito de gerar valor para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo e de buscar a sustentabilidade.

Em relação à educação, a pedagogia empreendedora foca na comunidade e não no indivíduo, sendo que a comunidade se desenvolve a partir de pessoas empreendedoras em suas formas de ser e de agir. E, uma pessoa empreendedora está sempre aberta a mudanças e inovações, é sempre um agente de mudança. Um empreendedor sempre sabe calcular os riscos que as mudanças podem trazer e tenta minimizá-los da melhor maneira possível. É preciso analisar as novas oportunidades tendo sempre: atenção ao mercado, simplicidade, especificidade, aspiração à liderança e persistência.

Ensinar empreendedorismo na Química é importante para que os alunos consigam enxergar a possibilidade de criar uma empresa e não almejem somente encontrar um emprego ou lecionar em uma escola de ensino médio. É necessário formar alunos que acreditem em sua capacidade de protagonizar a construção do seu futuro. O Empreendedorismo Tecnológico é muito importante, visto que a abertura de novas empresas é a fonte principal de empregos e riqueza. Profissionais com formação em Química tem uma posição para atuar no processo de inovação tecnológica. O ensino de empreendedorismo forma os intra-empreendedores. Empregados com atitudes empreendedoras podem, com facilidade, perceber diferentes oportunidades e inovar sua organização. O empreendedorismo pode valorizar a Química, que muitas vezes é vista de forma negativa e pouco valorizada no mercado. Os empreendedores transformam conhecimento químico em tecnologia contribuindo para à realização pessoal e profissional. “Indivíduos empreendedores são capazes de dinamizar suas comunidades, desenvolvendo suas potencialidades e certamente contribuindo para uma mudança de imagem” (ARAÚJO, 2005).

O Empreendedorismo está cada vez mais presente nas mais diversas modalidades de ensino. Um dos maiores desafios está em como cada componente curricular deva ser transmitido aos alunos, tendo em vista que o processo de ensino-aprendizagem deva ser relacionado a Educação Empreendedora, facilitando a relação aluno professor em sala de aula, trazendo a importância de abordar o empreendedorismo para futuros profissionais que serão inseridos no mercado de trabalho. A utilização de projetos de minicursos desperta a curiosidade e o espírito investigativo dos alunos, tornando os conteúdos mais atrativos e facilitando a aprendizagem.

Materiais e métodos

Esta é uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa, pois se caracteriza na realização de uma revisão bibliográfica relacionada ao empreendedorismo no Curso Técnico em Química através de projetos de minicursos.

A metodologia utilizada apresenta um estudo de caso, com objetivos descritivos e exploratórios. Pesquisas exploratórias, segundo Gil, “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximado, acerca de determinado fato” (GIL, 2007).

Já os estudos descritivos foram utilizados para observar e descrever certos aspectos específicos da realidade em questão. O estudo de caso é caracterizado pela maneira de detalhar e investigar de forma profunda tendo ênfase os meios para permitir um conhecimento amplo e com detalhes para uma conclusão. Para o estudo de caso neste trabalho foi realizada uma verificação de relatos de alunos do Curso Técnico em Química que participaram do minicurso deste ano, narrando suas experiências vividas.

Segundo Yin, “o estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (Yin, 2005).

Com o estudo de caso tem-se a oportunidade de definir claramente o contexto estudado, por isso são realizadas observações, pesquisa voluntária com alunos, pesquisa documental, que fornece a realidade do fenômeno estudado. Através dos relatos pode-se perceber as contribuições no aprendizado que os minicursos trazem para o Curso Técnico.

Assim como a entrevista, a observação é importante na pesquisa educacional, pois permite um contato pessoal e estreito do pesquisador com

o fenômeno estudado. Isso apresenta algumas vantagens. “Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno” (LÜDKE, 1986).

O observador pode usar seus conhecimentos e experiências pessoais para ajudar na interpretação do fenômeno estudado. “A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos, um importante alvo nas abordagens qualitativas” (LÜDKE, 1986).

A pesquisa foi realizada com o objetivo de tornar a Semana da Química atrativa e dinâmica, fazendo com que os alunos sejam protagonistas no processo ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo complementar a grade curricular do curso. Com isso o aluno adquire a competência e habilidades para ingressar no mercado de trabalho que procura mão de obra qualificada, ou até mesmo abrir seu próprio negócio. Através dos relatos apresentados no item 3, será possível atestar as proposições defendidas no estudo em questão.

Em uma Escola Técnica Estadual do interior do Estado de São Paulo vários minicursos foram organizados pela coordenação juntamente com os professores, profissionais da área e alunos. Entre eles: Curtimento Ecológico de Peles de Tilápias, Produção de Cosméticos, Processo de Produção de Açúcar e Álcool, Processo de Produção de Cerveja Artesanal, Produção de Iogurte.

No começo do semestre, por volta de março o tema é escolhido entre professores e alunos. De março a junho os alunos vão pesquisando assuntos relativos ao tema, e, enquanto isso, as aulas normais vão acontecendo. São convidados profissionais da área que orientam os alunos durante a Semana Temática, juntamente com os demais professores. Nesta semana acontece uma verdadeira integração entre todas as turmas e professores. São quatro turmas e seus professores trabalhando juntos, de maneira interdisciplinar. O minicurso acontece de forma que os alunos participam ativamente do processo ensino aprendizagem.

A Semana é organizada de forma que os alunos tenham conhecimento de todo o processo tanto na teoria quanto na prática. O primeiro dia fica para a parte teórica, através de slides com fotos, filmes, fluxogramas. Nos três dias seguintes, os alunos vão para o laboratório para a realização da parte prática. Lá eles são divididos em grupos de trabalho e são orientados pelos professores. Nos grupos são mesclados alunos dos quatro módulos para que possam trabalhar juntos e para que os mais adiantados possam auxiliar os novatos no que for preciso. O último dia fica para a confecção do relatório, onde eles precisam relatar tudo sobre o processo que aprenderam.

Resultados e Discussões

Os minicursos trouxeram dinamismo a semana da química e os alunos utilizam conhecimentos da química em projetos interdisciplinares com enfoque sustentável e economicamente viável.

O primeiro minicurso organizado na Semana da Química foi o de Curtimento Ecológico de Peles de Tilápias, realizado no ano de 2015. Nesse minicurso a profissional convidada foi uma professora da ETEC Dr. Júlio Cardoso de Franca - S.P., a aproximadamente 60 Km de São Joaquim da Barra. Esta cidade é o mais importante polo da indústria e comércio calçadista da região. Os alunos conheceram todo processo de curtimento de peles de tilápia tanto na teoria quanto na prática. A assiduidade dos alunos durante a semana foi bem maior do que no dia a dia do curso, chegando a 100 % de alunos presentes.

Este processo de curtimento de pele de tilápia pode abrir portas para a comercialização da mesma que tem uma grande aceitação no mercado para a fabricação de artefatos de couro como detalhes para sapatos, bolsas, cintos e tiaras bem como, para fazer pulseiras de relógio.

No minicurso sobre Produção de Cosméticos, realizado no ano de 2016, os alunos aprenderam sobre o processo de fabricação de shampoo, condicionador e creme hidratante. A palestrante convidada e também profissional da área foi uma professora da ETEC Prof. Alcídio de Souza Prado da cidade de Orlandia a 20 Km de São Joaquim da Barra. Aqui o aprendizado foi muito significativo, onde conseguiram distinguir os shampoos e condicionadores para os diferentes tipos de cabelos. Assim como o creme hidratante adequado para cada tipo de pele. Conseguiram estimar os custos de produção desses processos, desde a matéria prima até o envase, abrindo possibilidades de empreendedorismo.

O minicurso sobre o Processo de Produção de Açúcar e Álcool, realizado no ano de 2017, foi muito importante por se tratar de uma atividade lucrativa e que gera muitos empregos em São Joaquim da Barra e região, onde se tem algumas Usinas de açúcar e álcool. Neste, os profissionais convidados foram dois professores da ETEC Pedro Badran, que trabalham também na Usina Alta Mogiana, em São Joaquim da Barra. Usando uma metodologia diversificada e interdisciplinar, os alunos aprenderam todo o processo de produção de açúcar e álcool tanto na teoria quanto na prática. Um dos objetivos deste minicurso foi a produção de álcool em gel para abastecimento da própria escola, mostrando a importância da sustentabilidade.

Na fabricação do açúcar, aprenderam sobre o processo de cristalização da sacarose, análises sensoriais e analíticas sobre a qualidade do açúcar, como, brix, pol, pureza, transmitância, cor, odor e sabor. Entenderam sobre a importância do controle de temperatura para garantir um produto de boa qualidade.

Na produção do álcool foi estudada a importância do controle microbiológico do fermento, concentrações e diluições ideais, processos enzimáticos como inversão da sacarose. Um subproduto dessa produção é a vinhaça, usada para a produção de adubo. Outro subproduto, o bagaço, é queimado nas caldeiras para a produção de energia elétrica, sendo a Usina autossustentável e fornecedora de energia elétrica.

No minicurso sobre o Processo de Produção de Cerveja Artesanal, realizado no ano de 2018, a profissional convidada é uma ex-aluna do Curso Técnico em Química que trabalhava na área. Os alunos viram todas as etapas do processo de produção de cerveja desde a matéria prima, equipamentos, fermentação até o engarrafamento. Os principais ingredientes são: malte, água, lúpulo e fermento. Aprenderam que a qualidade da água é um fator fundamental para a fabricação de cerveja. Muitas vezes a qualidade e o sabor de uma cerveja são atribuídos à água com a qual ela é feita. Dependendo das condições de fermentação, tem-se diferentes tipos de cerveja.

O minicurso que aconteceu neste ano de 2019 foi sobre o Processo de Produção de Iogurte com uma profissional convidada que também é uma ex-aluna do Curso Técnico em Química e trabalha atualmente na empresa Tio Dondon, entre as cidades de Nuporanga e Orlândia. Através do minicurso os alunos aprenderam tudo sobre o processo de produção de iogurte. Os padrões de qualidade do leite, extremamente importantes para determinar a qualidade do iogurte. Processo de fermentação e controle de temperatura e pH, durante o preparo. No processo de fermentação ficou claro que os microrganismos específicos devem ser viáveis, ativos e abundantes no produto final durante seu prazo de validade. Os alunos puderam aprender sobre os padrões de qualidade de higiene e limpeza para a fabricação de produto alimentício. Conseguiram entender como estipular um prazo de validade para esse tipo de produto e como devem ser os processos de envase e conservação. Durante o minicurso foi feito um teste qualitativo com Alizarol, mostrando um resultado de um leite de boa qualidade e um de má qualidade. Neste minicurso os materiais e reagentes usados foram doados pela palestrante.

A avaliação é realizada através do relatório dos alunos, onde eles precisam relatar tudo sobre o processo que aprenderam. Também é baseada na assiduidade durante a semana, participação no trabalho prático e na qualidade do relatório. Esse relatório tem que conter também toda a parte da química envolvida como por exemplo as reações, podendo usar a pesquisa que fizeram ao longo do semestre. Serão utilizados também os critérios de observação direta, assiduidade, organização, trabalho em equipe e domínio de conteúdo da prática realizada no laboratório de química.

Nesta semana acontece uma verdadeira integração entre todas as turmas e professores, através de uma metodologia diversificada e interdisciplinar. O palestrante, os professores e alunos recebem certificados de participação.

O projeto fez com que a Semana da Química se tornasse totalmente dinâmica e atrativa, visto que nos anos anteriores a mesma acontecia apenas com a realização de palestras. Os alunos saem com um diferencial no currículo para facilitar a empregabilidade ou ser um empreendedor, montando seu próprio negócio.

Em anexo estão algumas fotos das Semanas Temáticas realizadas no Curso Técnico em Química de uma Escola Técnica do interior do Estado de São Paulo. São as figuras de 1 a 11.

As figuras 1 e 2 são do minicurso de Curtimento Ecológico de Peles de Tilápias. Na figura 1 os alunos estão separando as peles por grupos para curtimento com os produtos adequados. Na figura 2 estão as peles curtidas para fabricação de artefatos de couro.

As figuras 2 e 3 são do minicurso de Produção de Cosméticos. Na figura 2 está a palestrante do curso juntamente com os professores. Na figura 3 os alunos preparando os produtos do minicurso no laboratório.

As figuras 4 e 5 são do minicurso de Produção de Açúcar e álcool. Na figura 4 estão os palestrantes nas pontas, com os professores do curso. Na figura 5 estão os alunos trabalhando na aula prática sobre o Processo de Produção de Açúcar e Álcool.

As figuras 5 e 6 são do minicurso de Produção de Cerveja Artesanal. A figura 5 mostra eu com a palestrante, fazendo a abertura para a aula teórica. Na figura 6 estão alunos trabalhando na aula prática, laboratório de química, sobre o Processo de Produção de Cerveja Artesanal.

As figuras 7, 8, 9, 10 e 11 são do minicurso de Produção de Iogurte. Na figura 7 estão alunos trabalhando na aula prática, laboratório de química. A figura 8 mostra o teste do Alizarol, à esquerda o resultado de um leite de

boa qualidade e, à direita, de má qualidade. Na figura 9 está o produto final antes de ser saborizado ao lado de sua embalagem final, onde foi armazenado pronto e, nas figuras 10 e 11 estão alguns detalhes da embalagem, como composição e responsável pela fabricação.

Relatos de alunos sobre o minicurso de produção de iogurte

Seguem abaixo os relatos de alguns alunos do Curso Técnico em Química desta instituição, que participaram do minicurso sobre o Processo de Produção de Iogurte.

Aluna do 4º módulo do curso Técnico em Química, 25 anos - “Com a experiência adquirida em cursos como este sobre laticínios, a grade curricular já presente no curso de química é enriquecida, ampliando o conhecimento do aluno e proporcionando experiências vantajosas para o mercado de trabalho, além de promover uma interação maior entre os envolvidos, incitando o trabalho em grupo e a relação entre empresas e escola”.

Aluna do 4º módulo do curso Técnico em Química, 17 anos - “O minicurso nos proporcionou uma visão mais crítica em relação a constituição do iogurte, além de proporcionar uma aula de forma mais divertida, trabalho em grupo, melhor convivência com as demais pessoas, novas amizades. Aprendemos a utilizar de maneira diferente alguns produtos e equipamentos. Estudamos algumas características presentes no leite, como determinação de proteínas, entre outras. Aprendemos a trabalhar em equipe, mesmo não conhecendo os envolvidos, e também um pouco mais sobre laticínios, nos tornando aptos para ingressar no mercado de trabalho nessa área também”.

Aluno do 2º módulo do curso Técnico em Química, 16 anos - “O minicurso realizado na escola ETEC Pedro Badran, trouxe um aprendizado a mais para o curso de química, motivando a todos presenciar este conhecimento, para adquirir algo que não está presente dentro da grade do curso. Os processos realizados nesta prática, trouxeram consigo um pouco de questionamento sobre como fazer o iogurte. A aula teórica mostrou como é feita sua produção e os diversos produtos químicos que estão em sua composição. A aula prática foi muito interessante e adquirimos o certificado do minicurso”.

Aluno do 2º módulo do curso Técnico em Química, 16 anos - “A experiência de participar da semana da química durante o minicurso foi extremamente gratificante, pois através dele, pude aprender técnicas

avançadas, que são de extrema serventia durante o curso de química. Aprendemos muito com os mais velhos do curso que estavam presentes no grupo, foi até por isso que as atividades se tornaram mais dinâmicas. Através deste curso conseguimos visualizar como a química está presente na nossa vida. Pode-se concluir que além da importância educacional, ele também serviu para nos mostrar como trabalhar em equipe, que vamos enfrentar após o término do curso ao ingressar no mercado de trabalho. Participar do minicurso foi muito prazeroso e gratificante em todos os sentidos”.

Aluna do 2º módulo do curso Técnico em Química, 18 anos - “A maior motivação para nossa participação neste minicurso foi o de ter um aprendizado fora da grade curricular o que claramente causa um interesse maior, possibilitando melhorar o nosso currículo profissional. Foi uma experiência incrível, onde cada um teve a oportunidade de produzir seu próprio iogurte, além do conhecimento, tivemos a certificação, incentivando ainda mais a presença do aluno neste evento. Adquirimos conhecimentos extras ao curso, que já é bem completo em termos de ensino”.

Aluna do 2º módulo do curso Técnico em Química, 18 anos - “Foi uma oportunidade de trabalhar com pessoas diferentes, criando um maior entrosamento entre as salas. Participar de um minicurso que não faz parte da grade curricular despertou um interesse ainda maior pelo curso. A experiência de produzir iogurte foi empolgante e rica em conhecimento. Foi uma experiência maravilhosa, ver todos aqueles processos e o cuidado que se deve ter para produzir, além de poder aprender com os ensinamentos e com a experiência da palestrante, que também foi aluna do mesmo curso”.

Conclusões

Os relatos apresentados mostram como o trabalho com projetos de minicursos foram fundamentais para tornar a Semana da Química atrativa e dinâmica, fazendo com que os alunos sejam protagonistas no processo ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo complementar a grade curricular do curso.

O estudo técnico profissionalizante é um exemplo de educação empreendedora, pois proporciona diversas ações e atividades práticas diferenciadas aos alunos para um melhor aproveitamento dos conteúdos transmitidos e experiências vivenciadas, envolvendo-os em assuntos pertinentes ao seu futuro profissional.

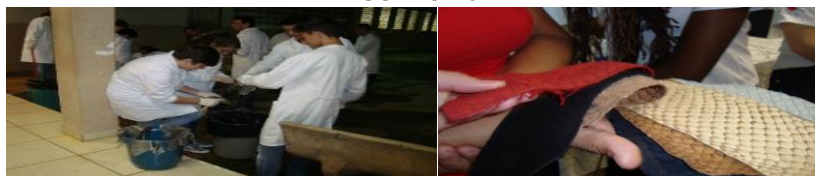
Com os profissionais da área pertinente, com a organização das aulas teóricas e práticas, priorizando o trabalho em equipe e através de uma metodologia diversificada e interdisciplinar, os alunos adquirirão competências e habilidades para ingressar no mercado de trabalho que procura mão de obra qualificada, ou até mesmo abrir seu próprio negócio, conseguindo independência financeira e melhor posicionamento perante a sociedade.

Referências

- ARAÚJO, M. H., ROCHEL M. L., OLIVEIRA, L. C. A., CABRAL, P. R. M., CHENG, L. C., FILION, L. J., “O estímulo ao empreendedorismo nos cursos de química: formando químicos empreendedores”. Química Nova, Supl., v. 28, p. S18–S25, 2005. Disponível em <<https://profes.com.br/pablojorgesilva/blog/4-razoes-para-o-ensino-de-empreendedorismo-na-quimica>> Acesso em: jul. 2019.
- BORBA, M. C., “A pesquisa qualitativa em educação matemática”. Anais da 27 reunião da Anped, p. 21–24, 2004.
- COSTA, S. A., O futuro do sindicalismo no Brasil. Revista de Administração de Empresas, v. 31, n. 2, p. 99–100, 1991.
- DRUCKER, P., “Inovação e Espírito Empreendedor”. São Paulo: Editora Pioneira, 1987.
- GIL, A. C., “Como elaborar projetos de pesquisa”, São Paulo, Atlas, 2007.
- LUDKE, M. A. “Pesquisa em educação: abordagens qualitativas”, São Paulo, EPU, 1986
- PACHECO, A. S. et al, A Pedagogia de Paulo Freire e a Pedagogia Empreendedora. VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006.
- YIN, R. K., “Estudo de caso: planejamento e métodos”. Porto Alegre, Bookman. 2005.

Anexos

FIGURAS 1 e 2



FONTE: Arquivo pessoal do autor

FIGURAS 3 e 4



FONTE: Arquivo pessoal do autor

FIGURAS 5 e 6



FONTE: Arquivo pessoal do autor

FIGURAS 7 e 8



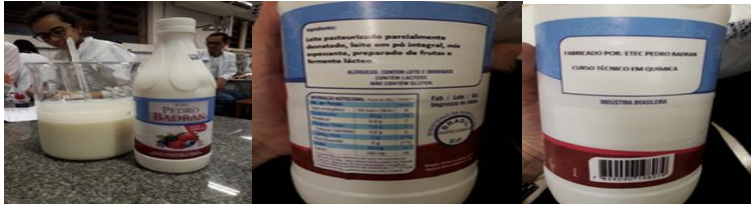
FONTE: Arquivo pessoal do autor

FIGURAS 9 e 10



FONTE: Arquivo pessoal do autor

FIGURAS 11, 12 e 13



FONTE: Arquivo pessoal do autor

PEDAGOGIA EMPREENDEDORA: UMA FERRAMENTA PARA O SUCESSO DA EDUCAÇÃO

Augusta Helena da Silva GAMA¹

No Brasil, o conceito de empreendedorismo tem sido muito difundido, principalmente, no final da década de 1990. A partir de então, esse conceito tem influenciado diversas áreas, principalmente a educação escolar.

O estudo realizado em vários países, comprovando a influência da cultura empreendedora no processo de desenvolvimento econômico de uma sociedade é um fator que tem colocado a questão do empreendedorismo como prioritário nas discussões acadêmicas e econômicas. Esses estudos demonstram que uma parcela maior de uma população com características empreendedoras, maiores são as chances da nação ou sociedade se desenvolver e gerar riquezas. Os educadores e a sociedade devem se atentar para este dever e se questionar se estão formando empreendedores ou apenas profissionais que desempenharão bem o seu papel de funcionário e colaborador.

Levando em consideração o século que se vive onde as “novas” tecnologias estão presentes em quase todos os ambientes da sociedade, o empreendedorismo, tem sua relevância na educação, e é um verdadeiro instrumento para que haja o sucesso no processo de formação dos indivíduos.

A introdução de disciplinas de empreendedorismo na educação básica tem um caráter revolucionário, o que é uma quebra de paradigmas na tradição didática, uma vez que aborda o saber como consequência dos atributos do ser. A educação empreendedora deve começar na mais tenra idade, porque diz respeito à cultura, que tem o poder de induzir ou de inibir a capacidade empreendedora.

Vale ressaltar também uma das competências da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017, p.7):

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da

¹ Habilitada como profissional de magistério em 1985. Professora licenciada em Letras pela Universidade Presidente Antônio Carlos_ UNIPAC. Especialista em Educação Empreendedora pela UFSJ. Professora efetiva do Município de Alfredo Vasconcelos, atuando como professora da Educação Infantil. E-mail: augustasgama1@hotmail.com

cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Fernando Dolabela é o criador de um dos maiores programas de ensino de Empreendedorismo do Brasil, e nessa perspectiva com demais autores como: Santos (2013), Souza (2001), Dornelas (2003), Fillion (1999), Souza Neto (2003), destaca-se a necessidade de refletir sobre a educação empreendedora e abordar a possibilidade de seu ensino em todas as escolas brasileiras. O empreendedorismo ainda não foi implantado como disciplina em todas as escolas e o objetivo é ampliar o entendimento de Educação Empreendedora, como uma ferramenta para o sucesso na Educação. Refletir sobre a ousadia de um empreendedor e destacar a relevância de iniciar esse estudo desde a Educação Infantil.

Dolabela (2003) propõe a aplicação de uma Pedagogia Empreendedora, ou seja, uma metodologia de ensino que visa o desenvolvimento de competências individuais e coletivas com o intuito de gerar valores para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo e de buscar a sustentabilidade.

Dentro desse contexto, as novas práticas da Educação Empreendedora são um dos principais recursos para construir um futuro melhor. Nesse sentido, a escola, enquanto instituição formadora de sujeitos críticos, deve se preocupar em executar práticas que vão de encontro a essa perspectiva de educação. Para tanto, é necessário à conscientização dessa nova proposta pelos membros da equipe pedagógica para colocá-las em prática; reconhecendo essa metodologia como um instrumento para se obter o êxito na educação e possibilitar a capacidade de criar e inovar.

Faz-se necessário, discutir sobre a importância da Pedagogia Empreendedora como uma ferramenta para o sucesso na educação básica brasileira, desde a educação infantil até ao ensino médio. A influência da cultura empreendedora é de fundamental importância para o processo de desenvolvimento de um país.

É de grande importância que os educadores, utilizem tudo o que estiver ao seu alcance para o aprendizado, o desenvolvimento das múltiplas inteligências, a construção do conhecimento, da informação e formação de seres humanos mais dinâmicos, portadores de habilidades para resoluções de problemas e capacitados para enfrentar os desafios cotidianos que se apresentam nos estudos e futuramente no mercado de trabalho.

Assim sendo, o objetivo principal é compreender como a Pedagogia Empreendedora influencia no desenvolvimento e no sucesso da Educação.

Para tanto, faz-se necessário que todas as escolas brasileiras, procurem novos caminhos, novos conhecimentos para aprimorar a ação dos educadores tornando a aprendizagem mais significativa para os docentes e discentes. Dentro desse contexto ressalta-se que deve-se compreender e utilizar essa ferramenta para se obter melhores resultados e tranquilidade na vida profissional de cada indivíduo.

Empreendedorismo

A educação escolar se constitui como um processo formativo, de desenvolvimento integral do ser humano, devendo estar atrelada ao exercício da cidadania e da qualificação para o trabalho. É comum afirmar que a escola, enquanto instituição tem como função preparar cidadãos para o trabalho e para a vida. Dessa forma, alguns autores deixam clara a visão do empreendedor:

Empreender é um processo essencialmente humano, com toda a carga que isso representa: ações dominadas por emoção, desejos, sonhos, valores; ousadia de enfrentar as incertezas e construir a partir da ambiguidade e no indefinido; consciência da inevitabilidade do erro em caminhos não percorridos; rebeldia e inconformismo; crença da incapacidade de mudar o mundo; indignação diante de iniquidades sociais. Empreender, é principalmente, um processo de construção do futuro (DOLABELA, 2003, p. 29-30).

Mediante da citação de Dolabela, verifica-se que os métodos tradicionais não se aplicam num aprendizado de empreendedor em que o professor é o detentor do saber e os alunos meros receptores desse conhecimento. Nesse método do ensino tradicional o aluno não tem chance de desenvolver suas habilidades e nem de expor suas ideias, tornando-se um indivíduo passivo. O mundo contemporâneo não admite mais esse engessamento na educação, pois a própria vida do ser humano é coberta de informações através dos meios de comunicação. Nesse sentido, a escola tem que ser uma instituição em que os professores possibilitem o conhecimento do aluno, procurando caminhos a fim de construir um cidadão crítico, participativo, capaz de projetar seus sonhos, transformando-os em realidade. Todavia, o professor será o mediador desse processo, possibilitando a autonomia do educando, para que sua trajetória seja intrépida, sabendo enfrentar os obstáculos em busca do progresso na vida profissional, intelectual e social.

O termo “empreendedorismo” e sua relação com a educação brasileira, ocorre num momento, em que os autores como Dolabela (2003), criador da Pedagogia Empreendedora, Veiga (2006), Dornelas (2014), Lopes (2010), dentre outros, discutem sua implementação nas escolas públicas e privadas no Brasil, pois veem na formação escolar, um meio significativo de desenvolver, nas futuras gerações do país, conceitos básicos de cidadania, igualdade e desenvolvimento socioeconômico, viabilizando a construção de um mundo melhor para todos (AMORIM, 2018).

O empreendedor é alguém capaz de desenvolver uma visão. Mas não só. Deve saber persuadir terceiros, sócios, colaboradores, investidores, convencê-los de que sua visão poderá levar todos a uma situação confortável no futuro. Além de energia e perseverança, uma grande dose de paixão é necessária para construir algo a partir do nada e continuar em frente, apesar dos obstáculos, das armadilhas e, muitas vezes, principalmente quando inicia, da solidão. O empreendedor é alguém que acredita que pode colocar a sorte a seu favor, por entender que ela é produto do trabalho duro (DOLABELA, 2008, p.61).

O empreendedor hoje é aquele que acredita no que faz, com o intuito de dar certo. O pessimismo não faz parte da mente do empreendedor, pois o empreendedorismo é uma forma de agregar valores, sabendo identificar as oportunidades. Ter atitude para transformar sua ideia em negócio lucrativo. A inovação é relevante e faz parte desse processo, pois faz a diferença no mercado.

A concepção de Empreendedorismo é uma forma de ser e não somente de fazer, pois os sujeitos são construtores da sua história pessoal, como diz Delors (2001,p. 100) , quando se reporta ao papel da educação: “Parece ter como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentidos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos de seu próprio destino”.

Segundo a concepção de Drucher (1987), empreendedor é aquele que cria algo novo, algo diferente, é aquele que muda ou transforma “valores” e também pratica a inovação sistematicamente com fontes de inovação, criando oportunidades novas. Já Kaufmann (1990) ressalta que a capacidade empreendedora está na habilidade de inovar, de expor a riscos de forma sábia e de se adequar às rápidas e contínuas mudanças do ambiente de forma ágil e eficiente. Na opinião de Filion (1999) , um empreendedor é uma pessoa criativa que imagina, desenvolve e realiza suas visões, marcada pela

capacidade de planejar e atingir objetivos, mantendo um nível de percepção do ambiente em que vive e utilizando-o para identificar novas oportunidades de negócios.

O sujeito empreendedor é aquele que gosta do que faz, é um ser ativo, dinâmico, determinado, ambicioso, que sabe pontuar o que quer ser, sendo firme e persistente sem desviar o foco. Não é aconselhável ser tudo para todos ao mesmo tempo. Ter resiliência e determinação para obter um direcionamento naquilo que se pretende. Errar faz parte do processo, procurar a qualidade em tudo que faz também faz parte desse mesmo processo, com o objetivo de alcançar o sucesso.

A educação empreendedora de qualidade trabalha com avaliação de risco, busca aperfeiçoamento de competências e explora oportunidades de negócios. As estratégias pedagógicas precisam ser direcionadas para o desenvolvimento da capacidade avaliativa, de autoconhecimento e desenvolvimento das competências empreendedoras, além de trazer a vivência de empreender (LIMA et al.,2015).

Pesquisas indicam que o empreendedorismo oferece graus elevados de realização pessoal. Por ser a exteriorização do que se passa no âmago de uma pessoa, e por receber o empreendedor com todas as suas características pessoais, a atividade empreendedora faz com que trabalho e prazer andem juntos. Talvez seja difícil encontrar um empreendedor que queira se aposentar ou que espere ansiosamente pelo fim de semana para se desvencilhar do trabalho. Não é raro encontrar empreendedores que tiram poucas férias (DOLABELA, 2008, p. 24). No entanto, a autorrealização é fator inerente para a cultura empreendedora.

Pedagogia Empreendedora

Ao se pensar na estruturação da educação básica, a qual está organizada em pré-escola, ensino fundamental e ensino médio têm-se a atuação integrada e articulada de diferentes profissionais os quais desempenham um conjunto de funções inter-relacionadas com o intuito de promover uma formação integral e que atenda os preceitos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/1996. De acordo com o parágrafo 2º do art.1º da Educação: A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Para Saviani (2001, p.102), a Pedagogia tem íntima relação com uma teoria da prática educativa e salienta que:

Na verdade o conceito de Pedagogia se reporta a uma teoria que se estrutura a partir e em função da prática educativa. A pedagogia, como teoria da educação, busca equacionar, de alguma maneira, o problema da relação educador-educando, de modo geral, ou, no caso específico da escola, a relação professor-aluno, orientando o processo de ensino aprendizagem.

Nesse trabalho, valoriza-se a importância da educação empreendedora a fim de abordar a relevância da escola com toda a equipe escolar, da família, da sociedade a fim de oferecer um processo de formação e de se tornar um indivíduo empreendedor.

A tarefa da educação empreendedora é principalmente fortalecer os valores empreendedores na sociedade. É dar sinalização positiva para a capacidade individual e coletiva de gerar valores para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo, de buscar a sustentabilidade, de ser protagonista. Ela deve dar novos conteúdos aos antigos conceitos de estabilidade e segurança _ impregnados na nossa cultura, mas referentes a contextos hoje inexistentes. Atualmente, estabilidade e segurança envolvem a capacidade da pessoa de correr riscos limitados e de se adaptar e antecipar às mudanças, mudando a si mesma permanentemente (DOLABELA, 2003, p.130-131).

A atuação do professor deve permanecer atrelada com a família e sociedade em geral. Porém, ainda há controversas sobre o assunto e deve-se implantar uma nova proposta de trabalho. Em meio a tantos recursos tecnológicos e a tanta transformação no mundo contemporâneo é necessário inovar a educação brasileira. Sair da zona de conforto, do tradicionalismo e atuar de forma inovadora e persistente, pois a nova tendência pedagógica implica em auxiliar as crianças a escolherem seus próprios caminhos. Infelizmente ainda percebe-se que há professores utilizando atividades de repetição, treinos, memorização, dentre outras, atividades estas que recebem o nome de “tradicionais”, fazendo com que os alunos percam seus estímulos, vontade de aprender, tornando a aprendizagem insignificante e mecânica.

É necessário e urgente compreender que mudar é preciso e necessário. Deixar de lado as formas convencionais de ensinar e buscar alternativas para uma educação de qualidade, perceber que a resiliência é um dos ingredientes que não pode faltar em um educador empreendedor como uma forma de auxiliar o desenvolvimento do potencial dos educandos.

A “Pedagogia Empreendedora” é direcionada para o público escolar na faixa de 4 a 17 anos e possui como estratégia pedagógica de implementação a realização do Mapa do Sonho (MS) e no planejamento da sua execução – que constitui o trabalho a ser realizado durante o curso. [...] o aluno preencherá, com a descrição detalhada do sonho, a análise da harmonização entre o sonho e o sonhador e a estratégia para a sua realização (DOLABELA, 2003, p.93-94).

Todavia a Pedagogia Empreendedora tem como objetivo não somente o indivíduo, mas o coletivo, o social, como forma de estimular o aluno sem influenciar nas suas decisões. Cabe aos professores ficarem atentos, na chegada dessas crianças na escola, ou seja, na educação infantil, pois essas crianças chegam com uma enorme fonte de informações, de conhecimentos e de vivências no mundo atual. Não se pode “podar” esse conhecimento e sim estimular para o avanço e o aprimoramento de seus ideais.

Percebe-se a evidência da pedagogia empreendedora na formação do indivíduo de forma coletiva, pensando no bem estar social e não apenas no enriquecimento pessoal. À vista disso, o sujeito é o protagonista de sua história, criando sua própria forma de interpretar o mundo.

Apresenta-se abaixo uma tabela ilustrativa em que Dolabela (1999) faz um paralelo entre o ensino convencional e o ensino empreendedor.

TABELA 1. PARALELO ENTRE ENSINO CONVENCIONAL X ENSINO EMPREENDEDOR

Ensino Convencional	Ensino Empreendedor
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta.	Ênfase no processo; aprender a aprender
Conduzido e dominado pelo instrutor.	Apropriação do aprendizado pelo participante.
Aquisição de informações “corretas” de uma vez por todas.	O que sabe pode mudar.
Currículos e sessões fortemente programadas	Sessões flexíveis e voltadas a necessidades.
Objetivos de ensinos impostos.	Objetivos de ensino negociados.
Prioridade para o desempenho.	Prioridade para a autoimagem geradora de desempenho.
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamentos divergentes.	Conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo.
Ênfase no pensamento analítico e linear; parte esquerda do cérebro.	Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade do cérebro-esquerdo

	através das estratégias holísticas, não lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos.
Conhecimento teórico e abstrato.	Conhecimento teórico amplamente contemplado por experiências na sala de aula e fora dela.
Resistência à influência da comunidade.	Encorajamento à convivência com a comunidade.
Ênfase no mundo exterior: experiência interior considerada imprópria para o ambiente escolar.	Experiência interior é contexto para aprendizado; sentimentos incorporados à ação.
Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel.	Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionando apenas tangencialmente com a Escola.
Erros não aceitos.	Erros como fonte de conhecimento.
O conhecimento é o elo entre aluno e professor, aluno é de fundamental importância.	Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância.

FONTE: Elaborada pelo autor

A Pedagogia empreendedora altera toda essa concepção de submissão e subordinação da educação na sociedade e estabelece sujeitos autônomos, com capacidade de aprender e saber fazer com criatividade, sabendo posicionar-se em diferentes situações, bem como promover mudanças de atitudes e colocá-las em prática. Essa é a pedagogia dos sonhos, então, se faz necessário à liberdade nas trajetórias de todos os integrantes da instituição. O foco é mudar a maneira de pensar e agir desses profissionais e não desanimar no primeiro obstáculo, pois toda mudança exige comprometimento, segurança e superação.

Infelizmente, muitas vezes, nas escolas, considerando a rotina diária há uma preocupação interna com a quantidade daquilo que se aprende e pouquíssima preocupação com a qualidade, com o desenvolvimento de potencialidades capazes de acelerar o processo do aprendizado.

Atualmente não é necessário muito esforço para perceber as mudanças aceleradas que vem ocorrendo na sociedade, devido à ciência, tecnologia e informação.

No entanto, no âmbito escolar ainda se encontram professores descrentes da existência de benefícios gerados por novas metodologias, para tanto, é necessário cursos de aperfeiçoamento para os professores se adaptarem com a proposta da pedagogia empreendedora e uma asserção do

governo de implantar em todas as escolas públicas e privadas a pedagogia empreendedora a fim de levar os educandos à preparação para enfrentar a mudança na forma de agir e de pensar, mudança essa, que se faz necessária para promover novos comportamentos e novos conceitos para adentrar a sociedade contemporânea; estabelecendo um vínculo grandioso de afinidade entre professor e aluno.

A Pedagogia Empreendedora é uma estratégia didática para o desenvolvimento da capacidade empreendedora de alunos da educação infantil até o nível médio, que utiliza a Teoria Empreendedora dos Sonhos, não se propondo a ser uma metodologia educacional de uso amplo. Restrita ao campo do empreendedorismo conviverá com as diretrizes fundamentais de ensino básico adotadas no ambiente de sua aplicação: a escola (DOLABELA, 2003, p.55).

De acordo com Dolabela (2003) o objetivo da Pedagogia Empreendedora é estimular e preparar o aluno para sonhar e buscar a realização do sonho. Essa busca constante faz com que o indivíduo não tenha medo de errar, pois é através dos obstáculos que ele encontrará o caminho certo para percorrer. Como diz um velho ditado popular: “É errando que se aprende”.

“Por que cometer erros antigos se há tantos erros para escolher?” (RUSSEL, apud DOLABELA, 2008, p.71)

A estratégia didática irá materializar-se pela apresentação de duas propostas de ação aos alunos:

- a formulação do sonho;
- a busca de sua realização.

Tomadas como uma unidade indissociável, as duas ações compõem o eixo do auto-aprendizado e acompanharão o aluno a partir dos 4 anos de idade, a cada série, ao longo dos catorze anos da educação básica; de tal forma que a tarefa pedagógica consistirá em movimentar o ciclo “sonhar e buscar realizar o sonho” a cada ano letivo (DOLABELA, 2003, p. 56).

Assim sendo, a pedagogia empreendedora é um desafio, pois todos os integrantes da instituição têm que estar adeptos para essa nova proposta de trabalho. O foco é mudar a maneira de pensar e agir com as crianças e não desanimar diante do primeiro obstáculo. Portanto, a tarefa do professor é assistir o aluno impulsionando-o e motivando-o para construir seu futuro através dos seus sonhos e criando a possibilidade de realizá-los. É importantíssimo a família e a escola inculquem valores de vida nas crianças,

pois para ser um empreendedor não é necessário ser maior de idade e sim inculcar valores nas crianças desde pequenos.

No ensino convencional, o que foi ensinado em um período letivo é dado como sabido. Na série seguinte, feita a recapitulação, é apresentado um novo conteúdo. Não se dá o mesmo na pedagogia empreendedora, na qual o foco do aprendizado são as relações que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com o mundo, havendo portanto mudança contínua dos conteúdos e também, e principalmente, do próprio ser do aluno no processo de construção do conhecimento (DOLABELA, 2003, p. 97).

Verifica-se que na Pedagogia Empreendedora não existe a transferência de conhecimentos, pois quem gera conhecimento é o aluno, portanto cabe ao professor transformar a sala de aula em um ambiente de conhecimento, de cuidado a fim de manter a integridade e a autoestima elevada dos estudantes. Então, a família e a escola não podem inibir o potencial empreendedor das crianças, pois elas já entram na escola com um alto potencial de conhecimento e criatividade, portanto, a criança é geradora do seu conhecimento e o professor é o articulador e o estimulador, a fim de impulsionar e aprimorar o aprendizado do estudante. .

Dolabela (2003) faz uma crítica sobre a pergunta que as metodologias convencionais aplicam nas crianças quando chegam à escola, que é a seguinte: “O que você quer ser quando crescer?” Sendo que, de acordo com a proposta da pedagogia empreendedora deveria ser: “Qual é o seu sonho e como tentará realizá-lo?”, pois as crianças já trazem uma imensidão de conhecimentos, de vivências, de informações. As crianças não são uma folha de papel em branco, somente pelo fato de serem pequenas e estarem iniciando a vida escolar, pelo contrário, são seres repletos de informações, basta o adulto mudar e (re)pensar como conduzir a conversa perante a criança. Diante desta afirmação de Dolabela, foi realizado um trabalho de campo tentando entender o sentido dessas perguntas. Esse trabalho foi desenvolvido em uma escola de educação infantil, cujo nome é “Jardim de Infância Irineu Bianchetti” que atende crianças de quatro e cinco anos de idade da rede municipal de ensino localizada na cidade de Alfredo Vasconcelos.

Essa proposta foi feita dentro da sala de aula, através de uma roda de conversa com as crianças, propalando a pergunta “Qual é o seu sonho?” Cada criança falava a sua resposta, respeitando a fala do colega. Enquanto a criança falava, foi sendo anotada a resposta da mesma e de todas as demais crianças. Esse procedimento se deu em duas turmas de segundo período, com a idade de cinco anos, totalizando trinta e seis crianças. Uma semana

depois, foi realizada outra roda de conversa para abordar a segunda pergunta: “O que você quer ser quanto crescer?” O procedimento foi o mesmo, através de uma roda de conversa e as anotações das respostas das crianças.

Essa observação junto às crianças é relatada na (Tab. 2 e Tab. 3) em que há descrito algumas falas provenientes de uma amostra dos alunos participantes.

TABELA 2. RESPOSTAS DOS ALUNOS QUANTO A PERGUNTA “QUAL É O SEU SONHO?”.

QUAL É O SEU SONHO?	
Criança 1	“É ter uma casa na árvore.”
Criança 2	“Eu queria uma piscina.”
Criança 3	“Eu não sei.”
Criança 4	“Crescer e andar de moto de verdade.”
Criança 5	“Ir à praia e no gelo.”
Criança 6	“Ser motorista e comprar um carro.”
Criança 7	“Que o meu pai trabalha.”
Criança 8	“Ficar a vida toda montando lego.”
Criança 9	“Ser professora e ser fada.”
Criança 10	“Ficar pintando as bonecas.”

FONTE: Elaborada pelo autor

TABELA 3. RESPOSTAS DOS ALUNOS QUANTO A PERGUNTA “O QUE VOCÊ QUER SER QUANTO CRESCER?”.

O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?	
Criança 1	“Quero ser cantora.”
Criança 2	“Quero ser médica.”
Criança 3	“Quero ser bombeiro.”
Criança 4	“Quero ser motorista e motoqueiro.”
Criança 5	“Quero ser artista.”
Criança 6	“Quero ser corredor de carro, motorista. Aqueles carros de corrida. Sabe tia?”
Criança 7	“Quero ser cabeleireira.”
Criança 8	“Quero brincar no Youtube em casa.”
Criança 9	“Quero ser professora.”
Criança 10	“Quero ser médica.”

FONTE: Elaborada pelo autor

Segundo Dolabela (2003, p. 57) na fase de formulação do sonho, o principal elemento de suporte é o “conceito de si”, que encerra temas como autoconhecimento, autoestima, visão de mundo (sistema de valores), protagonismo. Verifica-se nos quadros acima que a resposta da primeira pergunta (Tab. 2), algumas respostas foram abstratas, difusas, não definindo uma atividade. Outras respostas foram concretas, definindo uma atividade: “Ser motorista e comprar um carro”, por exemplo. Outras crianças responderam “eu não sei”. Nesse caso, percebe-se a necessidade de estimular a criança, para orientá-la na construção do sonho. Já na segunda pergunta (Tab. 3), são condizentes com os valores sociais e familiares, pois representam a extensão da vivência familiar e social, à vista disso a profissão está determinada, pois é o que se ouve dos adultos a sua volta. Nesse sentido, a criança estará realizando um sonho através da indução, pois a própria pergunta já determina isso. O que você quer ser quando crescer?

Inovação

Inovação é uma palavra muito significativa e de grande relevância. Inovar, a própria palavra já diz tudo, é transformação, mudança, realização, é a busca constante do conhecimento. É ter criatividade.

A existência humana se concretiza por meio do ser que realiza ações, pensa, proporciona interações interpessoais e se transforma ao longo de um processo histórico como forma de atender as concepções sociais e culturais do mundo em que se vive.

Inovação tem a ver com a mudança, é fazer as coisas de forma diferente, criar algo novo, transformar o ambiente onde se está inserido. É algo mais abrangente que apenas a comum relação que faz com a criação de novos produtos ou serviços. É um termo econômico ou social, mais do que técnico. O ato de criar algo novo está bastante relacionado a invenções, ideias geniais, lampejos repentinos que acabam por trazer á luz algo inédito (DORNELAS, 2009, p. 17).

Segundo Dornelas, inovação é transformação do ambiente onde está inserido, dessa forma, pensar na sociedade contemporânea capitalista é perceber que os indivíduos estão inseridos em um meio marcado pela multiplicidade de informações e de tarefas a serem realizadas e que muitas vezes resultam em repetição dos mesmos atos. Conviver com a mesmice é algo cansativo e desestimulador, daí por mais comodidade que o indivíduo

tenha é necessário haver mudança, para seu ambiente de trabalho, sua empresa, se torne mais prazerosa. A vida do ser humano é agitada, o novo faz parte do dia a dia das pessoas, pois ninguém vive num mundo patético. Todo sujeito realiza ações, pensa, proporciona interações interpessoais e se transforma ao longo de um processo histórico como forma de atender as concepções sociais e culturais do mundo em que se vive.

Peter Drucker, conforme citado por Dolabela, afirma que:

A inovação é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio diferente. Os empreendedores precisam buscar, de forma deliberada, as fontes de inovação, as mudanças e seus sintomas que indicam oportunidades para que uma inovação tenha êxito (DRUCKER apud DOLABELA, 2003).

Peter Drucker (1987) afirma também que a inovação é a essência do espírito do empreendedor, que a prática de maneira sistemática. Essa “inovação sistemática” é uma busca deliberada e organizada de mudanças.

De acordo com Dolabela (2003, apud AMORIM, 2018, p. 1), “é possível despertar no indivíduo o interesse, e a capacidade de criar e inovar, visando o bem comum, através da Pedagogia Empreendedora e da sustentabilidade, inserindo-as na educação atual”.

Para os empreendedores a inovação é primordial, pois alimenta o ego e promove mudanças, sendo que essas mudanças, esses resultados fomentam o ato do empreendedor e unifica as dimensões de sua existência. Assim, o êxito prevalece, pois o ser humano interage de forma mais dinâmica, tendo maiores possibilidades de transformação.

Quando se fala em inovação, é perceptível que somente aqueles que inovam e se predispõem a mudança, são capazes de atingir seus objetivos. Verifica-se a importância da transformação nas atitudes das pessoas. Atualmente a inovação é tema de extrema relevância, a fim de agregar valores ao profissional, como: motivação, energia, atitude e uma aprendizagem contínua. O sucesso é fruto de dedicação, de buscar novas formas de fazer, redesenhar as estratégias, na tentativa de superar os obstáculos, para alcançar o objetivo. O empreendedor não fica esperando pela inovação, pelo contrário busca a prática da inovação, toma ação proativa com o intuito de obter inovação de forma sistemática.

Resultados

O objetivo desse trabalho foi realizar uma reflexão, sobre a importância da pedagogia empreendedora dentro das escolas do Brasil. Assim sendo, a partir das análises feitas percebe-se que é necessário haver mudanças por parte dos professores, priorizando a autonomia e o protagonismo dos alunos. É um desafio que foi lançado com o conceito de empreendedorismo e cabe ao educador, tentar fugir um pouco do convencional e assumir com atitude o seu papel construtivo no processo educacional. Quando se fala em Pedagogia Empreendedora, fala-se em inovação e criatividade, que são os indicadores de um empreendedor. No entanto, a “visão empreendedora” se faz necessária no dia-a-dia, onde os alunos se transformam em lideranças positivas para atuarem em qualquer área dentro da sociedade.

Análise dos resultados

O envolvimento das crianças nas rodas de conversa para responder as duas perguntas propostas: “Qual é o seu sonho?” e “O que você quer ser quando crescer?” Mostrou que é possível mudar a forma de educar, iniciando o ano letivo com a pergunta: Qual é o seu sonho e como tentará realizá-lo, isso, promoverá um desafio para o educando quanto para o educador, que irá lutar para que cada ano letivo seja um estímulo de como avançar no processo educacional, objetivando oferecer às crianças os procedimentos motivacionais para a construção do sonho. Pois, um empreendedor tem a ousadia de enfrentar os seus sonhos, tendo consciência dos seus erros e acertos.

Conclusões

Através das abordagens teóricas elencadas nesse trabalho, podemos perceber e refletir sobre a importância da pedagogia empreendedora em todas as escolas do Brasil. Essa nova metodologia ainda é muito recente e nem todos professores e entidades têm conhecimento. Por isso, acreditamos que ainda há muito debate sobre a nova proposta e também muito comprometimento de nossos governantes em aderirem e instaurarem essa nova pedagogia dentro das escolas, iniciando desde a educação infantil. É necessário um trabalho de conscientização dos educadores em mudar sua postura e refletir sobre as estratégias, de modo a vencer os obstáculos

encontrados, a fim de promover uma educação de qualidade para todos os estudantes. Devemos acreditar que a pedagogia é uma ferramenta para o sucesso na educação. Muitas escolas, ou seja, muitos professores ainda permanecem com o engessamento no ensino, utilizando formas muito convencionais. O caminho é amplo, as sugestões de mudanças estão presentes nessa pedagogia empreendedora e com as afirmações de Dolabela que dá certo, pois várias escolas do Brasil já implantaram essa metodologia mudando a qualidade de vida dos estudantes. O caminho é amplo, não podemos ficar estagnados, na mesmice, temos que inovar, procurar informações e não acomodar. O comodismo é um recurso utilizado pelos fracos e não é dessa forma que os estudiosos vêm à educação no mundo contemporâneo. A educação empreendedora é uma ferramenta motivadora na construção de novos ideais, auxiliando na formação de cidadãos críticos, participativos, autônomos, capazes de interagir de forma coletiva, propiciando uma vida em sociedade mais justa e igualitária.

A Pedagogia Empreendedora é uma ferramenta para se obter o sucesso na educação, transformando-a em algo realizável. É necessário pensar na sociedade com um pensamento mutável e, por isso, pensar que há esperança de mudarmos o olhar social, para um olhar amável, democrático e sensível perante as nossas próprias dificuldades e perante as dificuldades alheias. Por conseguinte, que idealizaremos e façamos uma Escola que priorize o aluno, que inspire a troca de experiências e vivências, que busque metodologias interativas e estimulantes, que faça do conhecimento uma estratégia para uma aprendizagem prazerosa e significativa. Para tanto, as mudanças de paradigmas e uma reestruturação do sistema de ensino no país se fazem necessárias, para que possamos contemplar a Teoria Empreendedora dos Sonhos, a qual considera empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar esse sonho em realidade.

Concluimos que é necessário refletir sobre as práticas pedagógicas atuais como forma de construir uma proposta de trabalho inovadora, criando novos caminhos e novas práticas para enfrentar os desafios cotidianos, possibilitando o trabalho do professor, que conseqüentemente refletirá no desenvolvimento do aluno a fim de se obter uma melhor formação. É imprescindível citar essa fala de Paulo Freire, que retrata sua paixão pela vida e o saber. “Acho um absurdo afastar o ato rigoroso de saber o mundo da capacidade apaixonada de saber. Eu me apaixono não só pelo mundo mas pelo próprio processo curioso de conhecer o mundo” (FREIRE, 1999, p. 92). Esse processo de conhecer o mundo é que

fundamenta a visão de um educador pautado na pedagogia empreendedora.

Referências

- AMORIM, D. **A Pedagogia Empreendedora Na Educação Básica Brasileira**. "Revista Científica Multidisciplinar - Núcleo do Conhecimento". Ano 03, Ed. 03, Vol. 03, pp. 14-45, Março de 2018. ISSN: 2448-0959.
- BRASIL. **"Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental"**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. **"Lei nº 9.394"**, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 01/08/2019.
- DELORS, J. **"Educação: um tesouro a descobrir"**. 8. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.
- DOLABELA, F. **"Pedagogia Empreendedora"**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.
- _____. **"Oficina do Empreendedor"**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999b.
- DORNELAS, J. C. A. **"Empreendedorismo – transformando ideias em negócios"**. Elsevier Brasil, 2008.
- DRUCKER, P. F. **"Inovação e espírito empreendedor"**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.
- FILION, L.J. **Empreendedorismo: empregadores e proprietários gerentes de pequenos negócios**. "Revista de Administração de empresas da Universidade de São Paulo". São Paulo, v. 34, p.05-28, abril/jun.1999.
- FREIRE, P. **"A educação na cidade"**. 3. ed. Cortez. São Paulo.1999.
- KAUFMANN, L. **"Passaporte para o ano 2000: como desenvolver e explorar a capacidade empreendedora para crescer com sucesso até o ano 2000"**. São Paulo: McGraw-Hill, 1990.
- LIMA, E., LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J. ; SILVA, D. **Opportunities to Improve Entrepreneurship Education: Contributions Considering Brazilian Challenges**. "Journal of Small Business Management", v. 53, p. 1033-1051, 2015.
- SOUZA NETO, B. CARDOSO, M. E., **"Pedagogia Empreendedora"**. São João Del Rei, MG: UFSJ, 2010.
- SAVIANI, D. **"Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações"**. 11. Ed.rev. Campinas- São Paulo: Autores Associados, 2011 (Coleção educação contemporânea).

GRÊMIOS ESTUDANTIS COMO MÉTODO PARA DESENVOLVER A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Cinthia Cristina Amaro MONTEIRO¹

Entendendo que a educação e os métodos de ensino respondem a uma intenção política relacionada à qual o tipo de cidadão se pretende formar, analisamos brevemente a história da educação no Brasil, a partir do golpe de Estado de 1964 e os 20 anos em que a sociedade brasileira viveu sob regime militar, quando o ensino tradicional, baseado na transmissão de conteúdos e reprodução dos mesmos, por parte dos alunos, predominava.

A partir das lutas pelo reestabelecimento do estado democrático de direito e diante das transformações na sociedade, marcadas também pelo processo de globalização, há a necessidade constante, por parte dos educadores, da revisão dos métodos de ensino, de acordo com as inovações tecnológicas e as diversas formas de organização da sociedade. Buscamos, neste trabalho, referenciais teóricos que nos permitam refletir sobre a defasagem do método de ensino tradicional, tendo em vista que estes, não sustentam o modelo necessário para a formação dos novos atores sociais.

A participação do sujeito da aprendizagem no processo de construção do conhecimento não é apenas algo mais democrático, mas demonstrou ser também mais eficaz. Ao contrário da concepção tradicional da escola, que se apoiava em métodos centrados na autoridade do professor, Paulo Freire comprovou que os conteúdos novos, em que alunos e professores aprendem juntos, são mais eficientes (BARRETO, 2006, p.4).

A Educação Empreendedora, conceito novo, quando relacionamos ao tempo histórico, tendo em vista que foi apresentado no Brasil há cerca de 20 anos, nos oferece uma proposta inovadora de ensino baseada na aprendizagem ativa por parte dos estudantes através de propostas de ensino que exaltem a participação, a autonomia, a responsabilidade, o empreendedorismo, dentre outras características. Baseamo-nos, principalmente nos estudos das teorias de Fernando Dolabella, precursor do ensino da Pedagogia Empreendedora no Brasil.

¹ É Pedagoga formada pela USP – FFCLRP; Especialista em Educação Empreendedora pela UFSJ; Professora de Ensino Fundamental concursada no município de Serrana/SP; Atuando como diretora de escola no mesmo município.

Diante das características apresentadas pelo modelo de ensino empreendedor, surge a ideia de estudar a fomentação de grêmios estudantis como um possível método da Pedagogia Empreendedora, tendo em vista que os mesmos são entidades que pretendem ser formadas e administradas somente por estudantes. Buscaremos apresentar atividades que possam ser desenvolvidas pelos grêmios estudantis e relacioná-las com as teorias da Pedagogia Empreendedora.

O estudo pretende orientar educadores e gestores da educação no sentido da valorização da participação dos estudantes no espaço escolar e na comunidade, a fim de proporcionar uma formação autônoma e condizente com as necessidades da sociedade atual. Para alcançar os conhecimentos necessários ao desenvolver a proposta de estudos, utilizamos o método de revisão bibliográfica, através da análise de textos históricos, informativos e críticos através de buscas em livros, artigos científicos, monografias, legislações, entre outras fontes confiáveis.

Breve histórico da educação brasileira

No Brasil, durante anos, sobrepuseram métodos tradicionais de ensino que se baseiam na transmissão de conhecimentos, o que não permite a participação ativa dos educandos nas atividades escolares, tendo em vista que o aluno é visto como um receptáculo de conteúdos, enquanto o professor é o detentor do saber. As metodologias tradicionais de ensino oprimem a reflexão, a crítica e a participação, além de não considerar as diferenças e interesses dos estudantes que, ao final de um conteúdo, devem atingir a capacidade de reproduzir os conceitos decorados, em avaliações.

Partindo do pressuposto de que o método de ensino adotado por um educador ou um sistema de ensino segue um caráter político e prevê o tipo de cidadão que se busca formar, podemos entender que os métodos tradicionais de ensino pretendem criar cidadãos formatados e incapazes de refletir ou questionar o sistema político vigente. Esse sistema corrobora com as intenções políticas no Brasil, na época do Golpe de 1964 e a Ditadura Militar instaurada. Através do acordo MEC USAID, foram retiradas do currículo, matérias consideradas obsoletas, tais como: Filosofia, Latim e Educação Política Também foram diminuídas as cargas horárias de várias matérias, como História. Matérias como Educação Moral e Cívica, foram inseridas, numa clara tentativa de formatar os cidadãos a fim de que não tivessem condições de questionar o regime de exceção que perpassava aquele período.

O Golpe Militar de 1964 já implantava a repressão, impedindo rapidamente que um trabalho mais crítico e reflexivo, no qual relações entre educação e sociedade pudessem ser problematizados, fosse vivenciada por educadores, criando assim, um terreno propício para o avanço daquela que foi denominada “tendência tecnicista” da educação escolar. Foi nesse contexto - Ditadura Militar – em que não havia espaço para a reflexão, crítica e problematização para além dos muros das escolas, que as teorias de processos sistêmicos encontravam terreno fértil para uma adesão acrítica por parte dos educadores (FUSARI, 2010, p.48).

A concepção Tradicional de Educação entende que a sociedade é harmônica, ou seja, para que o estudante a ela se integre, basta que reproduza aquilo que a escola tem a ensinar. A escola então é vista como um espaço onde este sujeito aprenderá a se ajustar e assim a viver em sociedade. Há grupos que defendem que a escola seja um espaço alheio a questões políticas. Ora, a escola é um espaço de formação fundamental, tanto para os estudantes, como para as pessoas que trabalham no ambiente. Em um espaço de formação humana, de personalidades, não há como desvincular questões políticas e ideológicas do processo. Na verdade, quem se diz neutro politicamente no ambiente escolar, assume, de forma velada uma posição ideológica. “Não existe uma educação neutra e (...) toda vez que o educador evita a questão política da educação, a vinculação entre o ato político e o educativo, está defendendo uma certa política, camuflando, ingenuamente ou conscientemente, essa vinculação” (GADOTTI, 1985. p.34).

Diante do avanço dos métodos tradicionais de ensino, considerados limitantes, surgem das lutas pelo reestabelecimento do estado democrático de direito, na década de 80, a defesa de métodos mais democráticos, através dos defensores da Concepção Progressista da Educação. Essas lutas culminaram na aprovação da Constituição Federal de 1988 e, mais tarde na aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que apesar de ter sofrido algumas derrotas, como a desobrigação das escolas particulares de segui-la a risca, promoveu conquistas que fortaleceram o esforço pela democratização da educação e implantação de métodos de ensino com caráter mais democrático e participativo.

Neste contexto podemos citar o educador Paulo Freire, como um dos teóricos da pedagogia crítica, que inspirou diversos autores através de suas teorias voltadas à democratização da educação. Freire defende a busca pela

transformação da sociedade por meio de uma pedagogia baseada na autonomia do aluno e na relação entre teoria e prática, ou seja, na investigação do tema, sua contextualização, ou significado social e a reflexão junto com a problematização. O autor defende que, “através da educação problematizadora, os homens desenvolvem sua capacidade de perceber criticamente os caminhos que existem, no mundo, através dos quais e nos quais eles se encontram a si mesmos, eles passam a ver o mundo não como uma realidade estática, mas como uma realidade em processo, em transformação” (FREIRE, 1970, p.71).

Freire (1970) também se refere sobre a responsabilidade do educador perante a necessidade de transformação do contexto social e argumenta no sentido de que ensinar é mais do que estar em uma sala de aula, é estar na história. É ter a oportunidade de atuar de forma a mobilizar conhecimentos que podem levar a diminuição do grau de opressão na vida das pessoas.

Haidt (1994, p.61) também defende que

quando o professor concebe o estudante como um ser ativo, que formula ideias, desenvolve conceitos e resolve problemas de vida prática através de sua atividade mental, construindo assim, seu próprio conhecimento, sua relação pedagógica muda. Não é mais uma relação unilateral, onde um professor transmite verbalmente conteúdos já prontos a um estudante passivo que os memorizem.

A Concepção Progressista da Educação apresenta o mundo como um espaço de conflitos, de diferenças sociais e lutas de classes. A escola deve ser um espaço onde o indivíduo aprenda a se entender como um sujeito de direitos e deveres e veja a escola como um espaço de luta pela transformação social, contra as injustiças e desigualdades. O professor deve direcionar seus alunos para que desenvolvam uma consciência crítica, autonomia e a emancipação intelectual. O educador também deve, através de seu planejamento e a participação na construção do Projeto Político Pedagógico da escola, proporcionar momentos em que esse indivíduo obtenha a habilidade de se auto educar, pensar com sua própria cabeça e não somente reproduzir conteúdos estanques. “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1970, p. 79).

Segundo Libaneo (2004, p.35) “o Projeto Político Pedagógico é o documento que detalha objetivos, diretrizes e ações do processo educativo a ser desenvolvido na escola, expressando a síntese das exigências sociais e legais do sistema de ensino e os propósitos e expectativas da comunidade

escolar". Diante da importância deste documento é fundamental a participação de todos os atores escolares em sua formulação, para que todos, alunos, pais, professores, funcionários e gestores, estejam engajados e voltados para um objetivo comum e que seja construído baseado em consenso para que a identidade da escola seja construída.

Tal como o Projeto Político Pedagógico, o planejamento dos conteúdos é crucial para o desenvolvimento de um bom processo de ensino e aprendizagem, através do planejamento individual e coletivo, o professor deve definir o tipo de cidadão e de sociedade deseja formar. Neste o professor define sua concepção de educação e sua forma de atuação, pois, além da definição dos conteúdos, importa de que forma serão trabalhados, sobre isso Furtado (2008, p.101) defende que

O centro do processo educativo não deve ser o conteúdo preestabelecido como se tem feito nas escolas ainda hoje. Qualquer professor estaria de acordo em dizer que o centro do processo não é o conteúdo, mas, em sua prática, a grande maioria faz dele todo o processo. Muitas vezes isso acontece até contra sua vontade. É que há uma cultura dentro da escola, junto com os pais e em todo senso comum social, de que se vai para a escola para memorizar alguma informação, normalmente consideradas inúteis até pelas pessoas que exigem.

Diante do exposto é importante buscar maneiras de desenvolver os objetivos do processo educacional na escola e o profissional que busca uma educação mais participativa e democrática deve se atentar às novas concepções educacionais, como a Pedagogia Empreendedora, que pode auxiliar na questão dos métodos de ensino, pois, como defende Libaneo (2004, p.150)

dizer que um professor tem método é mais do que dizer que domina procedimentos e técnicas de ensino, pois o método deve expressar também uma compreensão global do processo educativo na sociedade: os fins sociais e pedagógicos do ensino, as exigências e desafios que a realidade coloca, as expectativas de formação dos estudantes para que possam atuar de forma crítica e criadora, as implicações da origem de classe dos estudantes no processo de aprendizagem e a relevância social dos conteúdos de ensino.

Pedagogia Empreendedora

A Pedagogia Empreendedora surge com uma proposta muito similar a de Freire quando sugere que a escola ofereça (aos alunos) múltiplas possibilidades de construir sua polivalência, além de aprender a resolver problemas e apropriar-se das respostas a fim de tornarem-se cidadãos inovadores, preocupados com as mudanças e atentos às oportunidades.

Em 1996 Fernando Dolabela, o precursor da Educação Empreendedora no Brasil, revolucionou o ensino universitário de empreendedorismo com a criação da disciplina “Oficina do Empreendedor”. O autor defende que

a tarefa da educação empreendedora é principalmente fortalecer os valores empreendedores na sociedade. É dar sinalização positiva para a capacidade individual e coletiva de gerar valores para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo, de buscar a sustentabilidade, de ser protagonista. Ela deve dar novos conteúdos aos antigos conceitos de estabilidade e segurança – impregnados na nossa cultura, mas referentes a contextos hoje inexistentes (DOLABELLA, 2003, p. 130-131).

Apesar dos avanços em propostas de ensino inovadoras, há ainda uma tendência de que a educação seja voltada apenas para atender ao mercado de trabalho, sendo assim, a implantação da Pedagogia Empreendedora no Brasil é um desafio. Ainda podemos citar a visão de empreendedorismo, segundo o senso comum, de que esse termo se refere às questões exclusivamente financeiras ou de produção. Porém os estudos sobre empreendedorismo nos levam a entender que o termo não é voltado somente para questões econômicas, mas a atitudes transformadoras, de cooperação, de criatividade perante as necessidades sociais e econômicas.

Dolabella (2003) defende que através da Pedagogia Empreendedora, inserida na educação atual, podem-se despertar os alunos para a criatividade e a inovação visando o bem e a transformação da sociedade. Porém elucida a necessidade da mudança de paradigmas e reestruturação do sistema educacional, que inclui a formação dos educadores para atender essa nova demanda educacional, formação essa que não se trata apenas de questões metodológicas, mas também de concepções éticas, culturais e socioeconômicas.

Entendendo que a sociedade é desigual e injusta, o empreendedorismo abre portas para que pessoas desenvolvam atividades que podem transformar vidas.

A educação tem um papel fundamental nesse processo, pois é criando novas práticas e descobrindo novos caminhos, que o professor facilita seu trabalho, enquanto formador de cidadãos críticos e atuantes, contribuindo para a formação de uma sociedade democrática, justa e que valorize o ser humano individual e coletivamente (...). Já que ser empreendedor, implica em modificar o meio em que vive de maneira criativa e responsável, pensando no crescimento coletivo, na sustentabilidade e em uma melhor qualidade de vida para todos (Portal Educacional, 2013, sp).

Exemplos de atitudes empreendedoras voltadas para a transformação social constam em uma série de vídeos disponíveis na web (consta das referências bibliográficas deste trabalho) chamada “Imagina na Copa”, citaremos aqui algumas ações para exemplificar.

A História 03 do projeto “Imagina na Copa” conta sobre a ação nomeada TETO. Este vídeo apresenta uma ação realizada em Santo André/SP, mas o grupo realiza atividades em diversas comunidades, não somente no Brasil, mas em 19 países da América Latina. Trata-se da organização de jovens que se unem para construir casas de emergência em comunidades menos favorecidas. A ação estimula a participação da comunidade juntamente com os membros da organização, o que, além de dar moradia para os que não as tem, ou que perderam em desastres naturais, ainda colabora para que as pessoas conquistem a sua dignidade e vejam que é possível mudar a realidade social. Jovens das comunidades, que queiram, são inseridos no grupo, o que os permitem o benefício de poder ter exemplos saudáveis de pessoas que se dedicam a mudar para melhor a vida do outro, exemplo esse tão necessário nos dias atuais em que a criminalidade “salta aos olhos”.

A história 65 do projeto “Imagina na Copa” conta a história de Piva, instrutor de skate que inspirado pelo filme “De Volta Para o Futuro” decidiu fabricar skates artesanais e levar para as comunidades pobres de Teresina, com o objetivo de oferecer, às crianças em estado de vulnerabilidade social, oportunidade de aprender a andar de skate, a manutenção do equipamento, os nomes das manobras, levando a essas crianças o sonho da transformação de suas vidas através deste esporte.

Em tempos em que a criminalidade e o tráfico de drogas estão muito presentes na sociedade, que o investimento público em atividades saudáveis para os jovens não é o suficiente, a ação de Piva é essencial e traz o sonho da conquista da dignidade das crianças por ele instruídas.

Nos exemplos citados podemos observar a oportunidade do estabelecimento de uma cultura empreendedora, que traz a possibilidade de

se formar uma rede de indivíduos para desenvolverem atitudes empreendedoras, ou seja, uma forma para que a cultura empreendedora seja ensinada através de hábitos, costumes, práticas e valores do meio em que se vive. Segundo Dornelas (2014), estamos vivendo a era do empreendedorismo. Em que empreendedores renovam e globalizam conceitos socioeconômicos, eliminam barreiras comerciais e culturais, encurtam distâncias antes empíricas no passado, quebram paradigmas, criam novas relações de trabalho e geram riquezas, em prol de uma sociedade mais humana e igualitária.

Sendo assim, qual seria o melhor espaço para o desenvolvimento de uma cultura empreendedora voltada para a transformação social? Sem dúvida a escola é um ambiente que pode, ou não, favorecer a cultura empreendedora. Se a escola tem uma concepção tradicional de ensino em que o aluno é visto com um receptáculo de conteúdos, não há a possibilidade de que se torne criativo, questionador ou inovador. Por outro lado, se desenvolvermos um ambiente propício para que o educando seja protagonista na relação ensino aprendizagem será a ele permitido ter mais autonomia para desenvolver habilidades voltadas ao empreendedorismo.

Na verdade, o professor cria na sala de aula, uma cultura de empreendedorismo. Eu resisto muito a essa palavra ensino porque quando se fala em ensino, se pensa em transferência de conhecimento. Nesse sentido, não é possível ensinar alguém a ser empreendedor. Por isso é que precisamos criar um ambiente onde o aluno possa aprender sozinho. O pressuposto é que todos nós tenhamos um potencial empreendedor, que é ou não desenvolvido pelas relações que as pessoas estabelecem em sua vida – pela cultura. Se você tem uma família empreendedora provavelmente você vai encarar esse padrão, esse estilo, essa visão das relações como sendo normal. Então você tenderá a ser empreendedor. Se você tem uma família, um grupo social, uma comunidade onde o empreendedorismo, a autonomia não é valorizada, então, a tendência é se empregar (DOLABELLA, 2006, Folha Dirigida).

Tendo em vista que o comportamento empreendedor pode ser construído socialmente, cabe à escola dar oportunidade para que os alunos possam agir de forma criativa, autônoma, consciente e responsável. Assim podemos crer que permitir a participação dos alunos nas decisões, sejam elas administrativas ou pedagógicas, pode levar os educando a se sentirem pertencentes e atuantes, motivando-os a serem agentes das mudanças.

Projetos de grêmios estudantis e educação empreendedora

Uma das formas de se trabalhar a Educação Empreendedora nas escolas de Ensino Fundamental e Médio é através das atividades dos grêmios estudantis que segundo a União Nacional dos Estudantes trata-se de “Entidade que representa o conjunto dos estudantes de uma mesma escola do ensino fundamental, médio ou técnico. O Grêmio possibilita a discussão sobre os problemas gerais ou específicos das instituições de ensino, desenvolvendo as lutas dos estudantes, assim como promovendo sua interação por meio de atividades culturais e acadêmicas. Representa os estudantes de cada escola nos fóruns gerais do movimento estudantil secundarista e promove o diálogo com as entidades gerais (União Estaduais e UBES). Realizam eleições anuais e também assembleias gerais”. Logo, a atuação de grêmios estudantis permite a participação dos alunos em projetos e ações empreendedoras, possibilitando o aprendizado e envolvimento dos mesmos de forma construtiva, reforçando a autoconfiança e a capacidade de intervenção desses no ambiente social.

A atuação de grêmios estudantis é uma prática que existe desde antes de 1937, data da criação da União Nacional dos Estudantes. Porém sofreu revezes na época do regime militar instaurado em 1964, pois a atuação dos estudantes perpassou os muros das escolas e se engajou em lutas pela defesa da soberania nacional, o que ameaçava o regime. “Os Grêmios Estudantis foram as entidades que ao longo da segunda metade do século XX se responsabilizaram pela organização dos estudantes secundaristas nas escolas, servindo enquanto entidade de base, por isto, durante os duros anos da ditadura a sua existência foi proibida” (CHAGAS, p.9, 2006)

Chagas (2006, p. 14) defende que as gestões escolares estimulem a formação e atuação dos grêmios estudantis tendo em vista que

Quando pensamos nas dificuldades que os estudantes possuem atualmente para se organizar podemos associar este fato a tradição que foi quebrada, a falta de experiência e exemplos próximos. A maioria dos estudantes não sabe como proceder quando, por exemplo, querem formar um Grêmio Estudantil, tanto que o Estado, que antes foi o grande responsável pela desestruturação das organizações estudantis agora é o incentivador e espaço onde os estudantes podem obter informações de como proceder na hora de organizar um Grêmio.

Para incentivar a criação ou a fomentação dos grêmios estudantis nas escolas é interessante que os gestores contatem as entidades como a UBES

(União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) ou a UNE (União Nacional dos Estudantes), por exemplo, para que os alunos tenham contato com outros estudantes que possam relatar as suas experiências e conduzir a formação da entidade. Pois exemplos de atividades empreendedoras que deram certo são como uma injeção de ânimo para os novos empreendedores.

Importante destacar que os grêmios estudantis não são entidades que tem como fim apoiar a gestão escolar, ou se responsabilizar por atividades que a coordenação ou a direção proponha, pelo contrário, são entidades autônomas que devem se organizar para realizar ações que sejam consenso entre os estudantes. Dentre as atividades, podemos destacar algumas que tem o potencial de atender às demandas do ensino empreendedor, sugeridas pelo Caderno Grêmio em Forma, do Instituto Sou da Paz.

Cultura: • Montagens de peças de teatro • Dança • Exposições de desenhos, pintura e escultura • Festas • Shows • Festivais de bandas • Oficinas culturais e de artesanato • Semana Cultural • Concursos literários (poesia, contos, crônica).

Esportes: • Campeonatos de futebol, vôlei, basquete, handebol etc. • Participação em campeonatos interescolares • Mini-olimpíadas (corridas, saltos, basquete etc.) • Gincanas.

Política: • Palestras sobre os Direitos Humanos • Avaliação dos diretores, professores e alunos no processo de aprendizagem • Garantir o voto dos estudantes no Conselho Escolar • Campanhas a favor da Cultura de Paz.

Social: • Campanha do agasalho, alimento etc. • Coleta Seletiva Solidária e reciclagem de resíduos sólidos • Campanhas de prevenção (gravidez precoce, drogas etc.) • Embelezamento da escola (murais, painéis, grafites) • Grupos de discussão (preconceito, inclusão social)

Comunicação: • Rádio escolar • Jornal dos alunos • Participação na reunião de representantes de classe • Participação no Conselho Escolar.

As atividades citadas podem colaborar com o desenvolvimento de habilidades empreendedoras que constituem em, trabalho em grupo, projeção das atividades, marketing, organização de tempo e de recursos humanos (gestão operacional) e inovação. Dornelas (2014. p.29-30) defende que

Empreender é um processo essencialmente humano, com toda a carga que isso representa: ações dominadas por emoção. Desejos, sonhos, valores; ousadia de enfrentar as incertezas e de construir a partir da

ambiguidade e no indefinido; consciência da inevitabilidade do erro em caminhos não percorridos; rebeldia e inconformismo; crença na capacidade de mudar o mundo; indignação diante das inequidades sociais. Empreender é, principalmente, um processo de construção do futuro.

Na cidade de São José dos Campos – SP a Educação Empreendedora é fomentada através de uma feira chamada Empreende, onde alunos da rede municipal tem a oportunidade de desenvolver projetos e expor a visitantes. Os projetos apresentados são de caráter mercadológico, tais como “aparelhos eletrônicos, aplicativos para celular e novos negócios na área da tecnologia, saúde e bem estar” havendo premiações para os considerados melhores projetos.

Através da visita a feira, membros do grêmio estudantil da escola Emef Prof^a Mercedes Carnevalli Klein, no Jardim Satélite, região sul da cidade, junto com funcionários da escola, tiveram a ideia de promover na escola um mural de sonhos. Alunos e funcionários foram questionados sobre quais seriam os seus sonhos, e as respostas encheram o mural das mais diversas ideias. Essa é uma ação simples, que não demanda tanta energia para ser realizada, mas pode ser muito significativa, tendo em vista que grandes projetos nascem dos sonhos. Como defende o grande mestre Paulo Freire (1970. p.) “Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem, a um passado de exploração e rotina”.

As atividades sugeridas e o exemplo citado nos elucidam sobre a capacidade do grêmio estudantil em proporcionar atividades que podem ser consideradas empreendedoras, pois ao organizar um campeonato de futebol, por exemplo, os alunos envolvidos irão trabalhar com diversos processos, dentre eles, o planejamento, a organização, a execução e a avaliação da atividade. Isso corrobora com um ensino progressista, onde o aluno é protagonista e não um mero receptáculo de conteúdos.

Na contramão da concepção tradicional de ensino, ao organizar um jornal escolar, os alunos irão desenvolver habilidades de pesquisa e comunicação, assim como numa rádio escolar em que pode ser desenvolvida a oralidade, além do pensamento crítico e opiniões, características essas que são condizentes com o que a sociedade moderna exige de seus atores nos tempos atuais.

Para educadores que pretendem desenvolver seus alunos de forma integral, que anseiam por oferecer um ensino baseado na autonomia e na participação, fomentar a atuação de grêmios estudantis pode ser fundamental.

Conclusão

Parece haver uma evidente fragilidade do método de ensino tradicional em atender a formação de atores preparados para as demandas das novas formas de organização social e a busca por profissionais dinâmicos, inovadores e participativos, tendo em vista que o método não permite o desenvolvimento de tais características por ter como base a transferência de conteúdos por parte dos educadores e a recepção pacífica dos mesmos pelos estudantes.

Diante do exposto há a necessidade de formação, por parte dos educadores e gestores escolares no sentido de buscar métodos que atendam a dinâmica da sociedade moderna.

A Pedagogia Empreendedora surge como uma ferramenta para auxiliar na formação de pessoas com perfil inovador que atendam às novas exigências da sociedade, tanto na questão profissional, como em situações que envolvem as desigualdades sociais e a necessidade de transformações e lutas contra as injustiças.

Uma das formas de trabalhar a Pedagogia Empreendedora é através do incentivo à formação e manutenção de grêmios estudantis nas unidades escolares, entidades essas que perderam suas forças devido à repressão proporcionada pelo regime militar antidemocrático e que precisam ser retomadas para garantir a participação e que as vozes dos estudantes sejam ouvidas no ambiente escolar e fora dele também. Além de ser uma entidade que pode proporcionar a criação de uma cultura empreendedora na escola o que auxilia no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, inovadores, participativos, além de profissionais com iniciativa, organizados, preparados para realizar projetos dos mais diversos.

Referências

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL/MEC. **Lei nº. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996

- BARRETO, J. C. In: NETO, Luis M., PACHECO, Andressa S., PEDRON, Luana E. SCHLICKMANN, Raphael - A Pedagogia de Paulo Freire e a Pedagogia Empreendedora. **VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL**, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/3319747/a-pedagogia-de-paulo-freire-e-a-pedagogia-empresarial>>. Acesso em 18 de julho de 2019.
- CENTRAL EDUCACIONAL - **Educação e Empreendedorismo** . Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/reportagens/educacaoempreendedorismo/default.asp>>. Acesso em 24 de agosto de 2019.
- CHAGAS, M. R. J. **História da Organização Estudantil e os Grêmios na Atualidade**, 2006. Londrina – Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/MARCOS%20artigo%20GT%2006.pdf>>. Acesso em 23 de agosto de 2019 .
- DOLABELLA, F. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.
- DORNELLAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 5 ed. Rio de Janeiro: Empreende / LTC, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.
- FURTADO, A. M. **Planejamento educacional**. Vila Velha (ES): ESAB, 2008
- FUSARI, J. C. **O Planejamento do Trabalho Pedagógico: algumas Indagações e Tentativas de Respostas**. Centro de referência em Educação. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dir_a.php?t=014>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- GADOTTI, M. Educação para quê e para quem? A favor de quê, ou contra quem? Ou por um novo projeto de Educação? **Caderno do CEDES**. São Paulo: Cortez, n. 8, p. 3 - 64, 1985.
- GRÊMIO ESTUDANTIL ONLINE – **Sugestões de atividades para o grêmio estudantil**.. Disponível em: <<https://gremioonline.wordpress.com/2016/09/13/sugestoes-de-atividades-para-os-gremios-estudantis/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- HAIDT, R. C. H. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 1994.
- IMAGINA NA COPA - **História #3**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_eCSJ-Rn6tY&index=1&list=PL6CxlCEQaf6kdbWY_I_8tQR7DhGEn0J9>. Acesso em: 28 de julho de 2019.
- História #65**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8vkh1qKZAvo&list=PL6CxlCEQaf6kdbWY_I_8tQR7DhGEn0J9&index=5>. Acesso em: 28 de julho de 2019.
- LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2004.

- THOMÉ, D. **Aprender a Empreender** – uma questão cultural – Folha Dirigida, 9 a 15 de novembro de 2006.
- OLIVEIRA, D. C. **Gestão democrática escolar**: um estudo de expectativas, efeitos e avanço. Em Aberto, Brasília, v.17, n.72, p.150-155, fev./jun. 2000.
- PESSOA, P. - **Alunos fazem mural para estimular sonho e empreendedorismo**. Disponível em: <<https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2018/julho/04/alunos-fazem-mural-para-estimular-sonho-e-emprededorismo/>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.
- UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES - **Grêmios Estudantis** – Disponível em: <<https://une.org.br/dicionario-do-me/page/4/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

EMPREENDEDORISMO E CONSCIÊNCIA AMBIENTAL PROMOVIDA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO EM ESCOLA TÉCNICA

Flávia Botelho Honório de MORAIS¹

Atualmente o mercado de trabalho busca cada vez mais mão-de-obra qualificada e as Escolas Técnicas Profissionalizantes através de Cursos Técnicos capacitam através de competências e habilidades e estrutura bem definidas, alunos preparados tanto de forma teórica como prática. Os Cursos Técnicos também é uma forma de se capacitar de forma mais rápida e muitas instituições tem ensinos gratuitos.

O objetivo desse projeto é demonstrar Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) onde os alunos desenvolvem com caráter empreendedor e de forma construtivista vinculando o ambiente escolar e o mundo do trabalho. E de forma mais específica será desenvolvido um projeto interdisciplinar entre os Cursos Técnicos em Química, Técnico em Meio Ambiente e Ensino Médio relacionado a um TCC sobre Reutilização do Óleo de Frituras para Produção de Biodiesel e aplicá-lo através de gincana ambiental, organização de programas de educação ambiental e um minicurso para conhecimento da produção de biodiesel e produção de sabão para geração de renda na comunidade.

Escolas Técnicas Profissionalizantes

Através do objetivo em oferecer de forma gratuita ensino profissional primário para a inclusão social de pessoas carentes, o marco inicial foi através do decreto 7.566, de 23 de setembro de 1909, assinado pelo presidente Nilo Peçanha. O ato criou 19 escolas de Aprendizes Artífices, ensino profissional, científico e tecnológico de abrangência federal no Brasil.

Naquela época a economia do País era baseada na atividade rural e dessa forma, essas escolas pioneiras tinham a função de incluir os jovens carentes através do ensino profissional de maneira social do que formar mão de obra qualificada, já que o processo de industrialização nos centros urbanos, ainda ocorria de maneira lenta e precária.

¹ É professora de Química indeterminada na ETEC Pedro Badran – Centro Paula Souza, na cidade de São Joaquim da Barra/SP. Tecnóloga Química e Bacharel em Química Industrial pela UNIFRAN, Licenciada em Química Industrial pela FATEC, Licenciada em Química pela UNIMES. É Especialista em Ciência e Tecnologia pela UFABC e Especialista em Educação Empreendedora pela UFSJ. E-mail: flaviabhm@hotmail.com

Em 1937 a Constituição promulgada por Getúlio Vargas visando proporcionar melhores condições de vida para a classe trabalhadora, o ensino técnico passou a ser contemplado como uma estratégia para o desenvolvimento da economia do País, transformando as Escolas de Aprendizes Artífices em Liceus Industriais que passaram a trabalhar em sintonia com a expansão da indústria onde era preciso, devido a escassez, formar mão de obra qualificada naquele momento.

Uma profunda reforma no sistema educacional brasileiro aconteceu em 1942, onde equiparou o ensino profissional e técnico ao nível médio. Os Liceus Industriais ficaram conhecidas como Escolas Industriais e Técnicas (EITs).

Segundo Souza (2011), foi criado em 10 de janeiro de 1946, por meio do Decreto de Lei 8.621, o SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, uma instituição privada com interesse público, destinado a Educação Profissional aos trabalhadores do comércio.

Em 16 de fevereiro de 1959 publicou-se a Lei n. 3.552, que dispunha de uma nova organização escolar, as Escolas Técnicas, cujo Art. 5º determina-se que os cursos técnicos teriam duração de quatro ou mais séries, assegurando ao estudante a formação técnica para exercer imediatamente as profissões de aplicações tecnológicas exigidas a um profissional dessa graduação técnica (MEC/BRASIL, 1959).

Em 1961 através da fixação por lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, equiparou o ensino profissional ao ensino acadêmico.

Na década de 1970 houve uma grande demanda de oferta de ensino técnico e profissional devido ao crescimento econômico. Em 1978, surgiram os três primeiros Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets).

Preocupados em preparar o País para a revolução tecnológica ocorrida entre os anos 1980 e 1990, os Cefets viraram a unidade padrão da Rede Federal de Ensino Profissional, Científico e Tecnológico e absorveram as atividades das ETFs e das Escolas Agrotécnicas Federais.

O sistema foi reorganizado e em 2008 criou os Institutos Federais de Educação, Ciências e Tecnologia.

No Estado São Paulo as escolas técnicas que se destacam são as Escolas Técnicas Estaduais (ETECs) – Centro Paula Souza (CPS), esta instituição foi criada pelo decreto-lei de 6 de outubro de 1969, na gestão do governador Roberto Costa de Abreu Sodré (1967 – 1971). É uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico. A instituição administra 223 Escolas Técnicas (Etecs) presentes em 321 municípios com um número de matriculados que ultrapassa 213 mil

estudantes nos Ensinos Técnico, Médio e Técnico Integrado ao Médio, oferecendo 151 cursos, voltados a todos os setores produtivos públicos e privados. Os exames para ingressar nas ETECs costumam exigir muita leitura e interpretação, além do domínio de conhecimentos específicos. Os Institutos Federais de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo (IFSP) que é uma autarquia federal de ensino, uma instituição especializada na oferta de educação de qualidade nas diferentes modalidades de ensino profissional, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos às suas práticas pedagógicas. Atualmente, o IFSP possui mais de 40 mil alunos matriculados nos 37 câmpus distribuídos pelo Estado de São Paulo. O ingresso dos alunos se realiza por avaliação de histórico escolar. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) que é um sistema estruturado em bases federativas, com varias formações profissionais, que atende mão-de-obra industrial, especifica de cada região do país. O Poder Público criou e fiscaliza, e as entidades representativas das indústrias, que o administram. Os exames das escolas do SENAI são mais objetivos e exigem domínio de conhecimentos específicos.

Curso Técnico em Química

No final do século XIX iniciou-se a instalação da indústria química no Brasil tendo a necessidade de importar técnicos, juntamente com os equipamentos e processos pela falta de escolas que capacitassem profissionais para este setor industrial.

Na década de 20, as atividades químicas nas indústrias emergentes restringiam-se ao controle de todas as fases da manufatura têxtil, do engarrafamento de cerveja e bebidas, da manufatura de ferragens, da forja do aço e do latão, da laminação de metais, da estampagem do alumínio, da esmaltagem do ferro fundido, da fabricação do papel, da refinação de óleos vegetais, e de diversos tipos de máquinas como elevadores, caldeiras fornos, bombas, balanças e equipamentos de moagem. (RUBEGA&PACHECO, 2000, p. 157).

O ensino técnico de químico surgiu com a intenção de proporcionar uma formação profissional na área da Química, mais rápida, para suprir o mercado com mão-de-obra com alguma especialidade, a menores custos. "... O ensino técnico-químico foi estabelecido com o Instituto de Química, fundado no Rio de Janeiro, em 1918, que previa de um lado cursos científicos, destinados a formar químicos profissionais e, de outro, os cursos

abreviados, destinados a pessoas que desejassem aplicar os conhecimentos na indústria ou no comércio. Nessa mesma época a Escola Politécnica de São Paulo criou o curso de químicos.” (SIQUEIRA, 2005, p.11)

O curso Técnico em Química é uma formação de nível médio com duração de 4 semestres. Para ingressar nesse tipo de formação deve estar frequentando o 2º ano do Ensino Médio ou já tê-lo concluído. O curso conta com aulas teóricas das Ciências Biológicas, Exatas e Humanas e principalmente aula práticas focadas em uma atuação profissional bem específica. Preparam o aluno para operar e coordenar processos químicos que ocorrem nas indústrias e manipular os equipamentos utilizados. O curso forma ainda profissionais para trabalhar em laboratórios, com análises de substâncias e controle de qualidade, para atuar na venda de produtos e na assistência técnica.

Em pesquisa realizada no Brasil sobre indústrias do setor de química aponta como principal obstáculo ao desenvolvimento dessas indústrias a falta de qualificação de pessoal, pois as modificações ocorridas no mundo do trabalho, como a globalização, a produção flexível e as novas demandas do mercado de trabalho, exigem adequação do perfil profissional principalmente qualitativo e não somente quantitativo, responsabilizando sempre o profissional pela sua formação com qualidade.

Curso Técnico em Meio Ambiente

A importância da Educação Ambiental era restrita somente a pequenos grupos de estudiosos que se preocupava com o meio ambiente e tinha a necessidade de conhecer mais profundamente, porém depois das catástrofes que começavam acontecer no Planeta várias mudanças relacionadas a Educação Ambiental começaram a surgir e como consequência foi abordado que a temática deveria ser ensinada para as pessoas de todos os níveis de maneira essencial. Dessa forma criando as Conferências para preservação e melhoria do meio ambiente.

Na década de 80, através da Constituição Federal de 1988 que prevê um capítulo específico ao tema Meio Ambiente, percebe que as questões ambientais começaram a ganhar força no Brasil. A Política Nacional de Meio Ambiente é da década de 80 e início da década de 90.

Na Conferência que aconteceu no Brasil a Rio-92 que foram discutidos os problemas ambientais e propostas de ação para minimizar as consequências nocivas ao meio ambiente e uma dessas propostas foi denominada de Agenda 21. Entre outros, esse documento teve como função

de destacar o papel do ensino da educação ambiental desde o momento que a criança ingressa na escola e no decorrer das séries posteriores para o conhecimento dos problemas ambientais referentes à sua realidade e ter condições de haver discussões para sua responsabilidade ambiental.

O Técnico em Meio Ambiente é conhecido como o “profissional do futuro”, este profissional desenvolverá as competências e habilidades de coleta, armazena e interpreta informações, dados e documentações ambientais. Colabora na elaboração de laudos, relatórios e estudos ambientais. Auxilia na elaboração, acompanhamento e execução de sistemas de gestão ambiental. Atua na organização de programas de educação ambiental, de conservação e preservação de recursos naturais, de redução, reuso e reciclagem. Identifica as intervenções ambientais, analisa suas consequências e operacionaliza a execução de ações para preservação, conservação, otimização, minimização e remediação dos seus efeitos. (vestibulinoetec.com.br).

Em relação ao mercado de trabalho, devido à preocupação das empresas com a responsabilidade ambiental, essa profissão tem se tornado cada vez mais promissora

Empreendedorismo e projetos de TCC nos cursos técnicos de nível médio

A Educação Empreendedora torna-se necessária para formar indivíduos empreendedores que sejam capazes de enfrentar dificuldades através de habilidades e capacidades criativas em conjunto com o uso das grandes inovações tecnológicas, melhorando seu desenvolvimento profissional e ultrapassando os grandes desafios de uma economia globalizada e competitiva.

Dessa forma é preciso incentivar os alunos a sonhar para que quando forem inseridos no mercado de trabalho, tenham capacidade de realizar seus sonhos e se sintam motivados a concretizá-los. Assim o ensino empreendedor cria condições que desenvolvem no aluno a capacidade de criar meios e estratégias para a realização dos sonhos.

A Pedagogia Empreendedora enxerga na escola um futuro coletivo promissor pois desenvolve no educando uma mentalidade questionadora e reflexiva com a sua realidade social.

Nos cursos técnicos, os educadores são capacitados através de cursos de metodologias diversificadas a desenvolver os jovens para o comprometimento no mercado de trabalho. Surgem ideias responsáveis no ensino-aprendizagem com contextualização em todos envolvidos. Neste

contexto, os componentes curriculares Planejamento e Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso nos Cursos Técnicos de Nível Médio, nos módulos finais, sendo um instrumento educacional relevante tomando como base a Educação Empreendedora fazendo com que sejam elaborados projetos empreendedores para os alunos ingressarem no mercado de trabalho.

Diante disso será trabalhado os projetos de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) que os alunos desenvolvem e que tenham caráter empreendedor com proposta de uma formação profissional que seja vinculado a teoria com a prática de forma construtivista, tornando-se necessária a vinculação do ensino oferecido no ambiente escolar com o mundo do trabalho, colocando em prática as metodologias da Educação Empreendedora.

De acordo com os argumentos de Dolabela (2004) que estão muito próximos da visão de Paulo Freire. A escola não deve ser entendida como um local de transmissão unilateral de conhecimento. Trata-se de um processo de aprendizagem, marcado pela interlocução, em que educadores e educandos trocam experiências e compartilham conhecimentos. A Educação Empreendedora foca na comunidade e não no indivíduo, onde o indivíduo adquire autoconhecimento, melhora sua autoestima e faz com que a comunidade se desenvolve a partir das pessoas sempre em busca de ações para preservar o meio ambiente adquirindo conhecimentos específicos na Educação Ambiental.

Tais premissas, como foi dito, tem como base o pensamento do grande educador Paulo Freire que propõe uma abordagem construtivista no processo de ensino-aprendizagem.

Para Freire, uma das principais concepções da educação libertadora é de ser uma atividade em que os sujeitos, educadores e educandos, mediatizados pelo mundo educam-se em comunhão. O pensador chama este processo de conscientização.

As atividades desenvolvidas em contexto real colocam o aluno diante de situações inusitadas, que exigem respostas criativas e viáveis sob o ponto de vista técnico e econômico e permitem a verificação da aplicabilidade imediata dos conceitos tratados na escola e, por conseguinte, permitem o desenvolvimento de competências profissionais valorizadas pelo mundo do trabalho.

Vale destacar Trabalhos de Conclusão de Curso relevantes, viáveis e pertinentes nos Cursos Técnico em Química e Técnico em Meio Ambiente, com foco empreendedor que os alunos desenvolveram em uma Escola

Técnica de nível Médio, localizada no interior do Estado de São Paulo, entre os anos de 2013 a 2019, onde estão disponíveis para pesquisas na Biblioteca da escola. Entre vários projetos desenvolvidos, o trabalho sobre Extração do Etanol da Beterraba para Produção do Álcool em Gel teve como objetivo a obtenção do álcool etílico através da extração, fermentação e destilação fracionada do mosto da beterraba e a fabricação do álcool em gel para uso acadêmico. O trabalho sobre Produção de Papel a Partir da Reciclagem de Bitucas de Cigarro mostra que um dos produtos mais vendidos do mundo – o cigarro – pode causar cerca de 50 tipos distintos de doenças, sendo o câncer de pulmão um dos principais precursores de óbitos no Brasil. A Organização Mundial da Saúde identifica o tabagismo como um fator de risco à vida a ser combatido com alta prioridade, e por essa e muitas outras razões ambientais e de antipoluição, razões estas que levou ao desenvolvimento de um projeto de reaproveitamento dos restos do cigarro, tendo em decorrência tanto a contribuição para a conscientização dos males desse produto, quanto à limpeza das ruas urbanas. Esse trabalho consiste na produção de papel a partir das bitucas do cigarro, contribuindo para a preservação do meio ambiente e reflexão por parte dos fumantes. O trabalho sobre Compensado de Bioplástico com Bagaço de Cana mostra como obter um compensado que além da consistência que é ganha no mesmo, faz com que o bioplástico torne-se um compensado, trazendo a mesma aparência e resistência dos produzidos por madeira. Com o novo produto elaborado pode-se fazer testes para que futuramente venha a substituir o compensado de madeira seca, fazendo assim com que minimize a quantidade e corte abusivos de árvores. O Brasil é hoje o principal produtor de cana-de-açúcar do mundo, ou seja, é facilmente encontrado o seu subproduto, fazendo com que a ideia se torne viável em dois pontos. Primeiro por não prejudicar o meio ambiente e contribuir para a preservação do mesmo e depois pela facilidade em que pode serem encontrados os materiais necessários para o preparo do produto. O trabalho sobre Extração de Prata em Chapas Radiográficas tem como diferencial uma metodologia experimental e informativa que mostra a possibilidade de recuperação da prata através de precipitação química, contribuindo com o meio ambiente em relação a sua sustentabilidade. As iniciativas e ações do grupo possibilitaram uma nova abordagem de repensar e tratar o lixo hospitalar, resultado de equipamentos antigos de radiografias, possibilitando assim, uma limpeza ambiental e a reflexão sustentável. **O trabalho sobre Fécula da Batata como Substituto do Polímero Sintético usado no Tratamento de Água, mostra que a fécula de batata é um eficiente**

auxiliador na floculação do tratamento da água. Além disso, a fécula reduziu o tempo de floculação e o consumo do coagulante $Al_2(SO_4)_3$. Com isso concluiu-se com esse projeto que os polímeros sintéticos podem ser substituídos pelos polímeros naturais, fornecendo o maior acesso de saneamento básico adequado a população, reduzindo os custos e riscos à saúde. O trabalho sobre Utilização da Pectina como Auxiliar de Floculante foi elaborado para substituir totalmente o uso do polímero sintético, que é comumente utilizado como auxiliar de floculante no tratamento de água e efluentes, por um polímero natural, a pectina, a mesma, visa diminuir custos e desperdícios, uma vez que, por se tratar de um polímero natural, possui baixo custo no mercado e é extraída de frutas descartadas, como o maracujá. A pectina, oriunda de tecidos vegetais, foi extraída por aquecimento em água acidificada e testada em Jar Test para análise de sua eficácia em comparação ao polímero sintético, obtendo-se, dessa forma, resultados que podem ser benéficos e satisfatórios para indústrias, ETAs (Estações de Tratamento de Água) e meio ambiente. O trabalho sobre Protetor Solar à base de Cenoura consiste no desenvolvimento de um protetor solar, com uma composição natural, com foco em aproveitar substâncias e características provenientes da cenoura e do óleo de coco minimizando o impacto ambiental na formulação do produto. O Trabalho sobre Biodefensivo com Eugenol extraído do cravo surgiu da necessidade de proteger o meio ambiente com um agente defensivo de ação rápida e segura, com fator repelente, não extinguindo a população das formigas e de outros insetos, produzindo um Biodefensivo a base de cravo. O trabalho sobre Produção de Esmalte de Poliestireno teve como objetivo a reciclagem do poliestireno (isopor), que é polímero sintético, sua utilização tem trazido grande preocupação, pois sua composição é derivado do petróleo, e ainda leva anos para se decompor como solvente orgânico foi utilizado o D-limoneno que é extraído da laranja e a sua composição é menos agressiva a saúde humana.

O trabalho sobre Biodiesel produzido a partir de óleos de frituras residuais podem trazer vários benefícios, visto que poderia aumentar oportunidades de empregos, a conscientização das pessoas em como o descarte indevido do óleo residual resulta em danos ambientais imensuráveis. Esse projeto desenvolvido pelos alunos do Curso Técnico em Química serviu como referência para a aplicabilidade do projeto ambiental e social, interdisciplinar que será desenvolvido com o Ensino Médio, Técnico em Química e Técnico em Meio Ambiente.

Programas na Educação de incentivo para Projetos Empreendedores.

Os programas institucionais na área da educação proporcionam motivação, aprendizagem e oportunidades que incentivam os alunos a serem protagonistas através de projetos que estes desenvolvem.

Diante desse cenário serão destacados os programas que existem no Centro Paula Souza através das ETECs onde trabalham projetos empreendedores com alunos dos cursos técnicos.

“A agência Inova Paula Souza é responsável por programas institucionais de incentivo à cultura de inovação e ao empreendedorismo. Os objetivos estratégicos da Inova Paula Souza são: Aumentar o impacto do Centro Paula Souza no desenvolvimento econômico e social do Estado de São Paulo; Ampliar a interação do Centro Paula Souza com empresas e outras organizações do sistema produtivo e da sociedade, inclusive ICTs públicas e privadas; Canalizar demandas da sociedade e das empresas para atividades de formação; Complementar as atividades curriculares com atividades que desenvolvam competências e habilidades de inovação e empreendedorismo; Promover a cultura da inovação e o empreendedorismo; Promover a difusão de novas tecnologias e seus usos; Ampliar e diversificar oportunidades de trabalho e desenvolvimento pessoal para estudantes e professores.”
(<http://www.inovapaulasouza.cps.sp.gov.br>)

“Todos os programas e atividades da Inova Paula Souza seguem as mesmas diretrizes estratégicas como base para o desenho de suas atividades: Inserir Etecs e Fatecs em ecossistemas de empresas e profissionais, promovendo ambientes de interação e o desenvolvimento local; Adotar processos simplificados para envolver parceiros; Aumentar a circulação de conhecimento em domínio público; Criar espaços de protagonismo para alunos e professores; Dar visibilidade à produção e à qualidade de alunos e professores; Promover incentivos, reconhecimento e oportunidades a estudantes e professores; Usar plataformas via Internet para gestão, interação e divulgação.”
(<http://www.inovapaulasouza.cps.sp.gov.br>).

“O Prêmio ESEG de Gestão é um concurso científico organizado pela Escola Superior de Engenharia e Gestão, destinado aos alunos das escolas técnicas administradas pelo Centro Paula Souza. Os estudantes inscritos terão a oportunidade de apresentar projetos com soluções criativas para a melhoria de processos ou produtos, por meio das mais diversas ferramentas de gestão, considerando a temática que deve envolver Gestão e Engenharia.

Tem como objetivo promover entre os alunos do Centro Paula Souza a disseminação das mais modernas práticas de gestão e elaboração de projetos, com o apoio da ESEG.” (<http://premioeseg.backsite.com.br>)

A Feira Tecnológica da Etec Pedro Badran – EXPOBADRAN tem o objetivo principal em divulgar para a comunidade os projetos desenvolvidos nos cursos técnicos de todos os módulos. A feira tem a função em estimular o interesse pela pesquisa o trabalho experimental, o desenvolvimento da criatividade e do trabalho em equipe, além da integração da unidade de ensino com a comunidade escolar e extra-escolar.

Feira Tecnológica de TCC da Etec Pedro Badran, neste evento os últimos módulos dos cursos técnicos, os alunos destacam vários projetos vinculados a sustentabilidade, empreendedorismo, novas tecnologias e filantropia.

Projeto Empreendedor e Consciência Ambiental

Dentre vários temas de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) desenvolvidos no Curso Técnico em Química e Técnico em Meio Ambiente com o propósito de elaborar projetos empreendedores, são relevantes os que incentivam tanto dentro como fora da escola a ter consciência ambiental, contextualizando o processo ensino-aprendizagem com as questões ambientais, sociais e econômicas da comunidade.

Nesse sentido o propósito é desenvolver um projeto na escola em conjunto com uma empresa de óleos vegetais da região para coleta e destinação adequada de óleos vegetais utilizados em frituras, envolvendo os alunos do Ensino Médio, do curso de Técnico em Meio Ambiente e do curso Técnico em Química.

Com os alunos do Ensino Médio será trabalhado a conscientização ambiental, trabalho em equipe, trabalho solidário, coleta e destinação adequada e conhecimento em várias disciplinas como geografia, sociologia, biologia e química entre outras.

Com os cursos Técnicos em Meio Ambiente e Técnico em Química, os alunos que estão cursando esses cursos técnicos concomitante com o Ensino Médio entram como alunos construtivistas, auxiliando os professores e profissionais da área, disseminando os conhecimentos adquiridos nas disciplinas referentes ao tema, como desenvolvimento sustentável e social, qualidades dos recursos da hidrosfera, litosfera, atmosfera e biosfera, degradação da matéria orgânica, reações orgânicas de saponificação e transesterificação entre outros.

Para Dolabela o termo “empreendedorismo” tem uma conotação predominantemente prática, mas que também implica em atitudes e ideias. Ele propõe o ensino do empreendedorismo voltado ao desenvolvimento social sustentável. A metodologia denominada “Pedagogia Empreendedora” foi proposta por Dolabela (2003).

Educação Ambiental sob a Perspectiva da Educação Empreendedora

A ideia de elaborar este projeto incentiva tanto dentro como fora da escola a ter consciência ambiental, contextualizando o processo ensino-aprendizagem com as questões ambientais, sociais e econômicas da comunidade.

Em relação à parte acadêmica, hoje em dia os educadores têm refletido há realizar de forma construtivista o trabalho com os alunos de serem protagonistas em desenvolver o comprometimento na proteção do meio ambiente. Neste contexto, a coleta, a reutilização e a destinação adequada de óleos vegetais utilizados em frituras pode ser bastante relevante e viável no contexto educativo tomando como base a Educação Ambiental e desenvolvendo a Educação Empreendedora fazendo com que toda comunidade participe do processo.

Na escola e na comunidade em geral é de suma importância a prática da Educação Ambiental para despertar em toda a sociedade a necessidade da preservação do meio ambiente como um todo, diante disso sob a perspectiva da Educação Empreendedora através de metodologia diversificadas e dinâmicas, é possível realizar um processo de ensino-aprendizagem onde toda comunidade dentro e fora da escola, desenvolvem projetos que estimulam o conhecimento, mudanças de hábitos, o senso crítico e empreendedor de todos envolvidos.

O projeto, dentro dos princípios da educação ambiental e da metodologia “Pedagogia Empreendedora”, busca ampliar o espaço educacional para além das salas de aula, visando uma maneira de os alunos vivenciarem, simultaneamente, teoria e prática, e participarem ativamente do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Fernando Dolabela (2008), parte da premissa de que se estimule a formação de um sujeito na sua integralidade, ao mesmo tempo aberto ao diálogo. Isso porque toda transformação é uma mudança não somente individual, mas coletiva.

A visão Interdisciplinar e Construtivista nas Ações Ambientais

É possível trabalhar a questão de preservação ambiental em todas as disciplinas, tornando o aprendizado muito mais amplo e dinâmico através da visão interdisciplinar, onde trabalhando em conjunto uma vai complementando a outra e em uma escola com cursos técnicos e ensino médio são muito relevantes a interação e o compartilhamento de conhecimentos entre os cursos.

Sendo assim o projeto idealizado vai ser trabalhado com interdisciplinaridade e com a perspectiva nas ações ambientais com alunos e professores construtivista, colocando em prática as metodologias da Educação Empreendedora. Tais premissas tem como base o pensamento do grande educador Paulo Freire que propõe uma abordagem construtivista no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Costa & Loureiro, a Educação Ambiental crítica considera de modo integrado as relações sociais e ecológicas e nega a opressão como “naturalização” das relações. Para Freire, uma das principais concepções da educação libertadora é de ser uma atividade em que os sujeitos, educadores e educandos, mediatizados pelo mundo educam-se em comunhão. O pensador chama este processo de conscientização.

Métodos e atividades

Os alunos do Ensino Médio serão organizados em três grupos (A, B e C) para coletar óleos de frituras e conscientizar a comunidade do descarte correto e da preservação do meio ambiente, cada grupo será composto pelas turmas dos primeiros, segundos e terceiros Ensino Médio, como exemplo, o grupo A será composto pelo 1º A, 2ºA e 3ºA, e assim, acontecerá com o grupo B e com o grupo C. Dessa forma os alunos participarão de uma gincana ambiental.

Os alunos que cursam o Técnico em Meio Ambiente concomitante com o Ensino Médio que através de componentes curriculares da grade do curso adquirem competências e habilidades para atuar na organização de programas de educação ambiental, de conservação e preservação de recursos naturais, de redução, reuso e reciclagem, monitorando as variáveis ambientais, compartilhando os conhecimentos pertinentes as disciplinas geografia, sociologia, biologia e química, através de slides, vídeos, práticas e visita técnica na empresa de produção de óleos vegetais parceira do projeto com os alunos do 3º ano do Ensino Médio preparando-os para o ENEM e vestibulares.

Os alunos que cursam o Técnico em Química concomitante com o Ensino Médio que através de componentes curriculares da grade do curso adquirem competências e habilidades para produção de sabão e biodiesel, realizará um minicurso para os alunos do 3º ano do Ensino Médio, onde será compartilhados os conhecimentos adquiridos através de conceitos teórico de química orgânica de reações de saponificação e transesterificação e aula prática no laboratório de química para produção de sabão em barra e líquido a partir do óleo vegetal coletado, que será doado para a escola e comunidade carente e que também poderá ser usado como fonte de renda e conhecer o processo de obtenção do biodiesel. A quantidade de óleo vegetal utilizado em frituras coletado que não será utilizado no minicurso será doada para a empresa de óleo da região que tem um projeto de produção de biodiesel que abastece os transportes da empresa e contribui para preservação ambiental.

TABELA 1. CRONOGRAMA

Etapas	Período de Execução
1. Organização da gincana ambiental do Ensino Médio	Mês 1
2. Coleta de óleo vegetal utilizado em frituras	Mês 2
3. Organização e realização das aulas ministradas pelos alunos orientados pelos professores do Curso Técnico em Meio Ambiente	Mês 3
4. Organização e realização do minicurso de produção de sabão a partir do óleo coletado ministrados pelos alunos orientados pelos professores do Curso Técnico em Química	Mês 4
5. Doação do sabão em barra e líquido produzido a partir do óleo coletado para a escola e comunidade carente	Mês 5
6. Visita Técnica na empresa de óleo vegetal para conhecer o processo de produção de óleo e produção do biodiesel e Estação de Tratamento de Efluentes (ETE)	Mês 6

FONTE: Elaborada pelo autor

Resultados

Após o desenvolvimento do projeto e sua aplicabilidade na escola os resultados esperados serão vincular a Educação Ambiental a uma perspectiva da Educação Empreendedora e a uma visão integrada em que se estimule os participantes a serem protagonistas do processo através da realização de uma gincana ambiental para incentivar os alunos do Ensino

Médio na coleta do óleo vegetal utilizado na fritura, promovendo aos alunos dos cursos Técnicos em Meio Ambiente e Técnico em Química a disseminar seus conhecimentos sentindo-se motivados a serem protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, também propondo um plano de ação interdisciplinar para o trabalho em equipe na comunidade escolar e promover a ação solidária em toda a comunidade.

Análise e discussão dos resultados

A análise através de avaliação será sobre os critérios de observação direta, assiduidade, organização, trabalho em equipe, domínio de conteúdo e relatório da prática que será realizada no laboratório de química feita tanto ao longo do processo como depois de realizado o projeto. Serão feitos os acompanhamentos de coleta, conscientização da comunidade em relação ao destino adequado para o óleo vegetal utilizado em frituras, compartilhamento do conhecimento, trabalho prático, visita técnica, ação solidária e preservação ambiental. Serão avaliados o comprometimento de forma teórica relacionada a pesquisa e a preparação do material para o desenvolvimento do projeto ambiental interdisciplinar e a conduta na prática quanto a sua organização, responsabilidade e cooperação.

Conclusões

Desta forma o projeto se mostra relevante, pois além de contribuir com o meio ambiente, faz com que tanto os alunos como os docentes trabalhem como construtivistas e não repassadores, fazendo com que o processo ensino-aprendizagem seja mais dinâmico e consolidado em teorias, práticas e solidariedade, sendo assim, compreende-se o meio ambiente como um conjunto de vários segmentos interdisciplinar que não possa ser compreendido isoladamente contribuindo para o trabalho em equipe.

Referências

CEETEPS-CETEC, **Orientações Gerais do TCC**, disponível em: <https://www.academia.edu/11575756/centro_estadual_de_educac3%87% c3%83o_tecnol% c3%93gica_paula_souza_unidade_de_ensino_m% c3%89dio _e_t% c3%89cnico_cetec_orienta% c3%87% c3%95es_gerais_do_tcc > Acesso em: Jan. 2019

- CEETEPS, **Plano de Curso para Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de TÉCNICO EM QUÍMICA**, São Paulo, 2009. Acesso em: Jan. 2019
- COSTA, C. A. S. & L., Bernardo, C. F.; **“Educação Ambiental Crítica: Contribuições à Luz de Enrique Dussel e Paulo Freire”**. IN: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; PEREIRA, Celso Sánchez; ACCIOLY, Inny Bello & COSTA, Rafael Nogueira (Orgs). **O Pensamento ambientalista numa sociedade em crise**. Macaé: NUPEM/UFRJ, 2015, p.55-76
- DOLABELA,, F. **Oficina do Empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- _____. **Pedagogia Empreendedora**. In: Revista de Negócios. Blumenau. v. 9, n. 2, p. 127-130, abril/junho 2004.
- ESCOLAS TÉCNICAS ESTADUAIS (Etecs). Disponível em: <<https://www.cps.sp.gov.br/sobre-o-centro-paula-souza/>> Acesso em: 21 jul.2019.
- EXPOBADRAN. FEIRA DE TCC disponível em <www.etecpedrobadran.com.br> acesso: 18 ago. 2019
- HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL, disponível em: <<https://www.sabedoriapolítica.com.br>>. Acesso em: 21 jul.2019
- INOVA, disponível em: <<http://www.inovapaulasouza.cps.sp.gov.br>> Acesso em: 18 ago. 2019
- INSTITUTO FEDERAL, disponíveis em: <www.ifsp.edu.br> acesso: 21 jul.2019
- PLANO DE CURSO DO TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE. Disponível em <www.etecpedrobadran.com.br/.../planos%20de%20curso/pc_meio_ambiente> Acesso em: julho/2019.
- PRÊMIO ESEG, disponível em: <<http://premioeseg.backsite.com.br>>. Acesso em: 18 ago. 2019.
- RUBEGA, C. C.; Pacheco, D. **A Formação da Mão-de-Obra para a Indústria Química: Uma Retrospectiva Histórica**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v6n2/06.pdf>>. Acesso em: Jan. 2019
- SENAI, Disponível em: <www.sp.senai.br> Acesso em: 21 jul.2019
- SIQUEIRA, M. D. **Curso de Química: 60 anos de História**, Setor de Ciências Exatas, Departamento de Química-UFPR, Curitiba, 1999.
- SOUZA, A. A., Nunes, C. R. G. L., Oliveira, E. G.; **Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica no Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- SURGIMENTO DAS ESCOLAS TÉCNICAS. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2011/10/surgimento-das-escolas-tecnicas>>, Acesso: 20 jul. 2019.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA PERSPECTIVA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Maria Luiza Simões Florio de OLIVEIRA¹

O presente estudo tem, como objetivo principal, discutir, argumentar e analisar toda a trajetória da inclusão escolar no âmbito dos marcos legais, os conceitos, suas priorizações, a luta das famílias e a abertura de novos caminhos para a Educação Brasileira, introduzido pelas Diretrizes Operacionais da Educação Especial, o Atendimento Educacional Especializado na educação básica.

E nada melhor para representar a criação da Rede de Cooperação com a síntese da Educação Empreendedora que traz no seu âmago o compartilhar, nascer da comunidade, ser apoio, crescer juntos, objetivos sociais que abarquem a todos.

Seja na escola ou no corpo social ela traz a conscientização do trabalho em equipe, do protagonismo daquela sociedade. É estar em movimento, transformar o ambiente e se sentir parte dele.

E este nascer da Rede de Cooperação vem da necessidade urgente dos atendimentos multidisciplinares, por profissionais de áreas específicas, que nossas crianças precisam e que por falta de políticas públicas estão à mercê do caos.

Aliado a este objetivo, se a médio ou longo prazo, uma prática com as famílias também, para que essas num espírito de cooperação possam receber treinamentos e tenham um espaço de conversa para uma autoajuda, compartilhar suas experiências.

Como ideal, da nossa vivência, buscamos no Projeto Napec – Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado de Cravinhos o suporte para a criação da Rede de Cooperação, que nos leve a atender de forma abrangente

¹ Graduação em Pedagogia; Pós-graduação em Psicopedagogia (Clínica e Institucional); e em Educação Especial e Inclusiva (Centro Universitário Barão de Mauá); Práticas de Letramento e Alfabetização (UFSJ – Universidade Federal De São João Del-rei); Educação na Perspectiva do Ensino Estruturado para Autistas (Abordagem Teacch-Uninter-Curitiba); Análise do Comportamento Aplicada à Educação de pessoas com Transtorno Do Espectro Autista e com Atraso no Desenvolvimento Intelectual (UFSCAR, São Carlos/SP); Especialização em Educação Empreendedora (UFSJ– Universidade Federal De São João Del-rei); Trabalhando atualmente – NAPEC (Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado) – Cravinhos – S.P, como Professora de AEE (Atendimento Educacional Especializado).E-mail: floriomaria43@gmail.com

e necessária toda a demanda em relação às crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Nossos procedimentos são baseados na Análise do Comportamento (Applied Behavior Analysis – ABA, sigla em inglês), que na revisão de literatura, observam-se melhores evidências científicas.

Para Goyos (2018 apud American Psychiatric Association, p. 14), diz:

O autismo caracteriza-se por apresentar uma série de comportamentos, em quantidade, variedade e intensidade, suficientes para tornar o indivíduo prejudicado nas áreas de relacionamento social, profissional, acadêmico e emocional. O prejuízo deve ser observado ainda, nas áreas de comunicação, comportamento restritos e repetitivos e hipo ou hipersensibilidade a estímulos ambientais.

E como ponto dinâmico desta nossa pesquisa, traz a literatura na essência do trabalho, pois através dela o fortalecimento grupal caminha em busca de novos parceiros.

Poder emancipar suas buscas, no coletivo, para que o social seja o olhar de todos, aonde se quer chegar. Fazer do sonho a esperança de muitos.

Atendimento educacional especializado: o novo olhar dentro da escola às crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista)

O processo de inclusão no âmbito da educação brasileira é, ainda, uma história cheia de perplexidade, falta de cumprimento dos direitos, concepções e representações escolares aliadas ao não conhecimento de estratégias educacionais e políticas públicas que favoreçam a intervenção precoce e sistemática no atendimento aos alunos.

Num breve histórico deste processo, no âmbito legal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 ou LDB é a legislação que define e regulamenta o sistema educacional brasileiro, seja ele público ou privado.

Foi citada pela primeira vez na Constituição de 1934, porém só criada efetivamente em 1961, seguida de duas promulgações, uma em 1971 e em 1996, que vigora até os dias atuais, com alterações específicas, que serão objeto de análise e estudo para o presente trabalho através da leitura das leis 7.611 de 2011, 12.764 de 2012, 12.796 de 2013, 13.146 de 2015 e 13.632, de 2018.

Lei 4024/61 de 20/12/61, onde trata, no Título X – Da Educação dos Excepcionais, trazendo em seu texto:

Art. 58 - [...] “enquadrá-los no sistema geral de educação com a finalidade de integrá-los à comunidade”.

Art. 59 - [...] “dando ênfase a iniciativas privadas que consideradas eficientes pelos conselhos estaduais de educação, receberia dos poderes públicos tratamento especial como bolsas de estudo, empréstimos e subvenções”.

Com o conceito de integração, que se entende como um espaço único para essas crianças, desde que a convivência com seus pares não aconteça, já que a leitura que se faz na época é de que elas não poderiam conviver na sociedade de uma maneira geral, ressaltando que muitos eram escondidos pelas suas famílias.

Lei 5692/71 de 11/08/71, já no período da Ditadura Militar, que modificou a estrutura de ensino do país, agrupando o antigo curso primário e o antigo ginásio, no ensino de 1º grau e por ensino médio, o de segundo grau.

Artigo 9º [...] “aos alunos que apresentavam deficiências físicas ou mentais, ou atraso quanto a idade regular de matrícula e os superdotados, receberiam tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação”.

Ainda sobre o conceito de integração, mas agora surgindo espaços onde eram recebidos como alunos (as APAES), que foi uma luta empreendida pelas famílias de crianças com deficiência e que não eram aceitas na rede regular. Foi um avanço, pois se colocou à mostra a verdadeira situação e precarização de que quase nada era oferecido à essas crianças.

A Lei 5692/71 priorizou no Ensino Médio o ensino profissionalizante. Esta situação originou profissionais, professores que se especializaram em áreas próprias para este tipo de escolarização. Esta janela abriu-se para os alunos, na situação de frequência nas APAEs, por exemplo, terem uma abertura para o ensino em algumas áreas como panificação, marcenaria, artesanato, tapeçaria, pintura.

Lei 9394/96 reafirma o direito à educação para todos, conforme a Constituição Federal de 1988, desde a educação básica até o ensino superior, deveres do Estado como agente provedor da educação escolar pública, definindo sua responsabilidade com a União, Estados e Municípios. Estabelece também gestão democrática, progressiva autonomia pedagógica, administrativa e a criação do Plano Nacional de Educação.

Capítulo V, no qual se fala da Educação Especial, recebendo uma nova redação dada pela Lei 12.796, de 2013, contendo os artigos 58, 59, 59-A e 60:

“Art.58 – Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

“Art. 59 – Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:

“Art. 60. Parágrafo único. O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo”

Desta Lei abriu-se para a Educação Brasileira novos caminhos e novas perspectivas na participação de todos os envolvidos: escola, professores, sociedade civil, pois contempla, sob o olhar da Constituição de 1988, uma escola para “Todos” e nesse “Todos” incluiu-se a educação de pessoas com deficiência.

Nesta trajetória, o grande marco para as crianças que apresentam o Transtorno do Espectro Autista foi a Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e é nela que vamos considerar todas as diretrizes para nossa consecução, junto ao trabalho de Atendimento Educacional Especializado.

Neste marco legal, no Artigo 2º, parágrafos II, III, VI, VII e parágrafo único nos dimensiona, dentro das políticas públicas todas as implantações necessárias ao cumprimento da mesma: informação pública, controle social da sua implantação, incentivo e capacitação de profissionais, estímulo à pesquisa científica, firmar contrato de direito público ou convênio com pessoas jurídicas de direito privado.

No Artigo 3º, parágrafos III, IV e parágrafo único proclamando acesso a ações e serviços de saúde como por exemplo, no item b do artigo 3º – o atendimento multiprofissional e no parágrafo único o direito a acompanhante especializado em sala de aula do ensino regular.

Então, esta Lei 12.764 de 27 de dezembro de 12 foi um dispositivo importante para se alterar na LDB os artigos referentes à Lei 12.796/13, que explicitou a oferta de educação inclusiva e o Atendimento Educacional Especializado já no início da Educação Infantil. Aspectos esses qualitativos essenciais, pois para se conceber um sistema inclusivo este tem que se

apresentar, na porta de entrada, como uma experiência significativa e acolhedora.

Regulamentado pelo Decreto nº 6.571, de 18 de setembro de 2008 foi instituído as Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado – AEE na educação básica.

No Atendimento Educacional Especializado dizemos que é uma forma específica para todos os níveis e etapas. Ele é construído na necessidade de cada aluno, disponibilizando orientações, serviços na aprendizagem de turmas no ensino regular.

A matrícula desses alunos deve ser realizada nas escolas regulares, ofertado o atendimento no AEE, para estimular seu acesso, por direito, à uma educação de qualidade.

Tem como premissa constatar, organizar recursos didáticos e de acessibilidade que facilitem a participação dos alunos, fazendo-os peças fundamentais no convívio com as diferenças. Nesta formação vivenciá-los para uma autonomia na escola e fora dela.

Em todas as atividades escolares têm-se que assegurar os serviços e recursos a esses alunos.

O AEE é realizado, prioritariamente, na Sala de Recursos Multifuncionais, na própria escola, ou em outra de ensino regular, no turno inverso da escolarização.

O público-alvo no atendimento do AEE são os alunos com deficiência, com altas habilidades/superdotação. Mas, especificamente, o nosso trabalho de pesquisa direcionado aos alunos com TEA, que, segundo o Decreto nº 6571, de 18 de setembro de 2008, diz:

Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação.

Nasce, então, para essas crianças, um profissional que terá um novo olhar. Serão responsáveis pelo seu material adaptado, pela sua inserção na sala de aula com sucesso, pela convivência saudável com seus pares, pelo encontro e parceria com seus familiares, pelo seu trabalho individual, no atendimento de que aquela criança necessita.

O AEE – Atendimento Educacional Especializado deve constar no Projeto Pedagógico da escola no ensino regular, tendo na sua organização seguindo o que consta no Decreto nº 6571, de 18 de setembro de 2008:

- a) sala de recursos – espaço físico, mobiliários, materiais didáticos, recursos pedagógicos e de acessibilidade e equipamentos específicos;
- b) matrícula do aluno no AEE – condicionada à matrícula no ensino regular da própria escola ou de outra;
- c) Plano do AEE – identificação das necessidades educacionais específicas dos alunos, definição dos recursos necessários e das atividades a serem desenvolvidas e cronograma de atendimento dos alunos;
- d) Professor para o exercício da docência no AEE;
- e) Articulação entre professores do AEE e os do ensino comum;
- f) Redes de apoio – no âmbito da atuação intersetorial, da formação docente, do acesso a recursos, serviços e equipamentos, entre outros que contribuam para a realização do AEE.

Da formação e atribuições do professor:

- a) Para atuação no AEE, o professor deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica na educação especial, inicial ou continuada.
- b) São atribuições do professor de AEE:
 - Organizar serviços, recursos pedagógicos, estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos;
 - Executar plano de atendimento educacional especializado;
 - Acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos na sala de aula comum do ensino regular e estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares;
 - Orientar professores e familiares sobre os recursos pedagógicos utilizados pelo aluno;
 - Promover espaços de interação entre família e escola e conexão com os serviços de saúde, assistência social, entre outros.

Em todas essas tarefas de organizar, criar estratégias, montar o plano educacional individualizado, sua aplicação e desenvolvimento tem este professor o papel de articulador, mediador entre coordenação-aluno-professor de sala de aula, pois através de suas adaptações, adequações

curriculares, conseguirá maximizar as ações competentes para o sucesso do aprendiz e seu fortalecimento no espaço escolar, alcançando assim a tão sonhada “inclusão”, que por direito constitucional é seu.

O que vislumbramos diante de todo esse cenário é um profissional que rege pela atuação dentro da escola. A grande questão para os alunos com TEA não são os muros da escola. Elas estão abertas e acolhendo esses alunos nas salas regulares. Estamos vivenciando este momento. Num segundo passo, priorizar as outras áreas de atendimento, tão importantes como o trabalho escolar e a oferta, aos familiares, de orientações pedagógicas e treinamento de habilidades básicas

Pelo histórico das Leis, de como atendê-los no dia a dia na escola, enxergamos que a LDB tem sido a mais completa legislação em favor da educação já redigida. Isto proporcionou avanços em direção a uma educação mais igualitária.

Os marcos legais posteriores, em relação às crianças com TEA, o Decreto 7611/11 que revoga o Decreto 6571/08, as Lei 12.764/12 e 12.796/13 garantem um sistema educacional inclusivo, o aprendizado ao longo da vida, eliminação de barreiras, recursos pedagógicos e de acessibilidade, o professor de AEE, maximizando o processo de escolarização.

Rede de cooperação para promover atendimentos com profissionais na análise do comportamento (ABA) em crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista)

A implantação do Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado teve por finalidade atender, dentro de um Projeto de Educação Especial, as crianças da Rede Municipal de Ensino, em abril de 2007.

Realizou-se um levantamento da demanda, já que o objetivo era conhecer e intervir, de modo preventivo e/ou remediativo, sobre as variáveis identificadas como barreiras para a aprendizagem, procurando identificar as potencialidades e necessidades educacionais dos alunos, das condições da escola e da família, para em seguida serem encaminhadas para o atendimento em Sala de Recursos Multidisciplinar do município.

Em 2011 passamos a ter sede própria, onde além dos atendimentos para avaliação e inserção dos alunos na sala de Recursos Multifuncional, iniciamos o atendimento na área de Educação Física Adaptada.

Em 2013 o Núcleo foi descentralizado para as unidades escolares do município e passaram a ter uma sala própria de atendimento do AEE, para que o trabalho do professor atuasse como agente de transformação escolar,

na medida em que fomenta, em graus variados, uma mobilização coletiva pró-inclusão.

Este aspecto aponta para um dos princípios fundamentais da educação inclusiva: favorecer mudanças nas práticas escolares, que vão desde o Projeto Político Pedagógico, o currículo, a metodologia de ensino, a avaliação, até a mudança de atitudes e ações que favoreçam práticas heterogêneas. Isto, delineado, inclusive, em âmbito normativo (BRASIL, 2011).

Pensar na inclusão de alunos no ensino regular significa pensar na aprendizagem de pessoas que compõem a diversidade escolar e quando surge para o aluno, a oportunidade de participação nas atividades oferecidas por uma escola mais inclusiva, um novo horizonte se abre à frente, em relação à acessibilidade por meio de materiais disponíveis e que ajudam a participação ativa em muitas atividades realizadas no ensino regular.

Dentre as ações, apontando agora para uma metodologia específica de trabalho, destaca-se: Projeto NAPEC – Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado de Cravinhos – SME- SP.

- Roteiro de Observação para os professores identificarem e preencherem quanto aos alunos com dificuldades de aprendizagem;
- Convocação dos pais e/ou responsáveis para comparecimento na escola, em impresso próprio;
- Anamnese com os pais e/ou responsáveis;
- Autorização dos pais e/ou responsáveis para avaliação psicológica e psicopedagógica, em impresso próprio;
- Avaliação dos alunos;
- Reunião devolutiva aos pais e/ou responsáveis com os devidos encaminhamentos, se necessários, para a Rede Municipal de Saúde do município, em impresso próprio.
- Reunião devolutiva aos professores com o objetivo de orientar e instrumentalizá-los para modificar os conflitos que estão sendo manifestos.

Neste leque de situações abertas ao trabalho do AEE (Atendimento Educacional Especializado), mais precisamente na área da Educação Infantil elaboramos em 2016 um plano de ação que justificasse os atendimentos prioritários às crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista), já que a demanda tornou-se crescente na população da rede municipal e pela importância do diagnóstico precoce e necessidade de intervenções pontuais.

No Estado de São Paulo foi elaborado em 2013 o Protocolo de Diagnóstico Tratamento e Encaminhamento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo foi dar um primeiro passo para a instituição de uma política mais ampla de assistência à pessoa com TEA².

As abordagens terapêuticas devem ser realizadas através de um trabalho em equipe: neurologia infantil, psiquiatria infantil e de adolescente, pediatria, fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, fisioterapia, na área da Saúde Mental em consonância com a área da Educação: pedagogos, psicopedagogos, professores de sala regular e professores de AEE.

Analisando toda esta temática não se vislumbra um atendimento em mão dupla pelas áreas da saúde e educação a uma criança com TEA, sendo necessário transformar, ser algo mais conveniente.

Para Dornelas (2003, p. 17): “a inovação tem a ver com a mudança, é fazer as coisas de forma diferente, criar algo novo, transformar o ambiente onde está inserido. É algo mais abrangente que apenas a comum relação que se faz com a criação de novos produtos ou serviços”.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) não discrimina nacionalidade, nível socioeconômico e está trazendo preocupação para as famílias e profissionais nas áreas de saúde e educação. Avanços científicos tem demonstrado que é possível um diagnóstico cada vez mais precoce e através de uma intervenção comportamental sistemática e intensiva, podemos obter uma melhora nos comportamentos o que facilitaria a inserção social e familiar dessas crianças. (Gomes, 2016).

Em revisão de literatura, observou-se melhores evidências científicas com o uso do ABA (Applied Behavior Analysis) a Análise Aplicada do Comportamento. E é nesta linha que traçaremos nosso Plano de Intervenção.

Os procedimentos baseados na Análise do Comportamento (ABA, sigla em inglês) ajudam a ampliar a capacidade de comunicação de pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista), ajudando-as a se relacionar com a sociedade e com o ambiente, dentro de um trabalho individual, intensivo e conceitos focados na aprendizagem sem erros, conteúdos curriculares em pequenos passos e fragmentação das tarefas, objetivando o que existe e é possível ser trabalhado com aquela criança, naquele momento³.

² <http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br>

³ <https://novaescola.org.br/conteudo/17550/>

A grande questão que envolve todo esse caminho a ser percorrido são os profissionais, a equipe multidisciplinar a que esta criança tem direito, tanto na área da saúde como na educação.

Toda “iniciativa” social ela tem que ter um ponto de partida. Nasce do âmago do ser humano. Quanto ao “social”, sempre orientado ao outro. Reunindo então as duas palavras: iniciativa e social – indica algo originado do interior da pessoa voltada ao próximo. É como a imagem de mulher que espera uma criança: algo de dentro de mim, ou através de mim, quer nascer (BOS, 1994).

Nosso objetivo, ao ter o sonho de ampliar a rede de cooperação, seria contatos com profissionais de todos os setores, dispostos a darem sua contribuição para o atendimento e cada um especificamente na sua área de atuação.

Promover uma ponte, tendo inicialmente um coordenador, que usufruindo pré-contatos com os especialistas estabelecessem dias e horários em que poderia estar aberto ao atendimento para a criança. Com este compromisso o coordenador entraria em contato com a família e asseguraria os dias e horários com aquele profissional. Podemos também, num segundo momento, criar uma plataforma colaborativa, como meio de agilizar no crescimento da rede.

A Prefeitura do município disponibilizaria o transporte já que nossa cidade, sendo de menor porte, não comporta os mesmos de todas as áreas, sendo então necessário este serviço.

A dimensão de ajuda familiar é um dos aspectos mais importantes para o êxito do tratamento e temos que ter esses pais como colaboradores, assim como cuidadores, monitores para o treinamento das habilidades básicas a serem trabalhadas com as crianças, pois o quanto antes começarmos a agir com a estimulação, diminuindo o tempo de crescimento dos déficits.

No aumento de horas sendo conquistadas com as crianças poderíamos vislumbrar a manutenção e a generalização das habilidades aprendidas.

Com este olhar, na união de todos que buscam um trabalho conjunto, nasce a possível mudança para um novo caminho que às vezes é até simples, mas tão bem aceito e assimilado, que se tornam unanimidade. As inovações baseadas em conhecimento são únicas e geralmente criam novos mercados (DORNELAS, 2003).

Acreditar no sonho é o primeiro passo para a sua concretização. Renovar o conhecimento que leva a enxergar a fragilidade das políticas públicas e se antepor ao fracasso, porque nossas crianças podem contar com

um trabalho onde o registro e coleta de dados organizam o ensino e a verificação da aprendizagem.

Nessa intensidade, na aplicação do ABA, que tem como objetivo a ampliação de novos repertórios comportamentais e conteúdos curriculares que possam ajudar o aluno na interação e comunicação social, contamos com a contribuição da escola, da família e desses profissionais abraçados pela rede de cooperação, dando assim também sua contribuição louvável e sistemática numa visão mais abrangente.

Educação empreendedora e o atendimento educacional especializado

Quando utilizamos o termo Educação Empreendedora estamos abraçando a motivação em compartilhar com as pessoas o nosso sonho. Sonho este que se fortalece tendo “a escola como uma das referências de comunidade, considerando-a um lócus de aprendizado da capacidade de construção do futuro. Nesse sentido, a escola é o próprio futuro” (DOLABELA, 2003).

E estando na escola, nos orientamos como instituição no seio da comunidade. Conhecemos seus problemas, suas necessidades, os conflitos sociais, os sonhos, as famílias, as crianças que estão todos os dias ao nosso lado, transformando os seus conhecimentos, melhorando sua interação social, comunicação, convivendo com novas configurações de ambientes, tomando consciência do seu eu, do que é capaz, suas dificuldades e da importância da escola na comunidade.

Para Franco (2000 apud DOLABELA 2003, p. 32): “o empreendedorismo significa protagonismo social, ruptura de laços de dependência, crença dos indivíduos e das comunidades na própria capacidade de construir o seu desenvolvimento pela cooperação entre os diversos âmbitos político-sociais que a caracterizam. Espaço para o exercício de novas formas de solidariedade, parceria e cooperação”. A comunidade cresce, se responsabiliza, sabe aonde quer chegar, se torna dinâmica.

Estaríamos vivenciando um processo de aprendizagem com o autoconhecimento e a autoestima em elementos de desempenho cognitivo quanto às relações do indivíduo com o outro e com o mundo (DOLABELA, 2003).

Seria formatar o “sonho coletivo”, distribuir eixos que compartilhem na engrenagem o saber aonde se quer chegar: dando significados múltiplos à nossa prática afetiva, social, cognitiva e existencial, cujo resultado é a geração do capital social e humano. Como humano no desenvolvimento das

potencialidades, na capacidade de gerar conhecimento, inovar, transformar; como social na capacidade dos membros de uma comunidade se associarem e se organizarem em torno da solução de seus problemas e da construção de sua prosperidade social e econômica. (DOLABELA, 2003, p. 33-50).

Engrenagem essa que possa se apresentar num quadro de possibilidades que, independente do cenário, haja conscientização de um trabalho de equipe centrado nas necessidades sociais e humanas daquele coletivo.

Conforme Dolabela (2003, p. 36): “estratégias pedagógicas relativas à Educação Empreendedora devem enfrentar, quando necessário e de forma pertinente, o desafio de operar mudança cultural. Nessa visão ampla do empreendedorismo – e somente ela – abre as portas para se falar em Educação Empreendedora para crianças e adultos”. Prevalecendo neste processo a adaptação de muitos grupos, tendência multicultural pela rapidez com que convivemos e deslocamentos que se operam no cenário das necessidades do mesmo. Pois estamos na convivência da comunidade, com recomendações pertinentes ao trabalho coletivo, visando as estratégias pedagógicas adequadas ao modelo:

- Ação de trabalho em equipe que normatizem a atenção ao possível cliente dos serviços;
- Preocupação com a qualidade do vínculo com as pessoas da comunidade, principalmente às famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista;
- Reflexão sobre a tarefa a ser executado;
- Determinação dos objetivos comuns;
- Estabelecimento de um canal de comunicação;
- Clareza de papel para todos da equipe escolar, comunidade.

A Pedagogia Empreendedora, ao se relacionar com o processo de aprendizagem de um aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autista), estará se envolvendo com programas de ensino particularmente realizados, construídos para ele.

Nessa visão vamos nos relacionar com estratégias e competências definidas para este universo e fazendo a ligação entre Pedagogia Empreendedora e alunos com TEA, edificando as seguintes características:

- Saber ser – ter uma nova visão, um novo conhecimento (ABA) construindo programas individuais, respeitando suas especificidades;

- Valores para a comunidade – reconhecer que as estratégias usadas para a aquisição de novas habilidades pelas crianças, envolvem suas famílias proporcionando um novo olhar pela comunidade;
- Formação de capital humano e social – no desenvolver desse capital humano com as crianças e familiares todos ganham, pois ampliando a compreensão para o sucesso daquela criança, estamos formando um novo capital social;
- Professor empreendedor – ao chamar as famílias e comunidade para participar dos processos de conquistas da criança com TEA, o professor se fortalece pelos vínculos que se estabelecem nas relações;
- Construção de cooperação – o professor gerando cooperação entre familiares, escola e comunidade se estabelece a integração ao universo de todos;
- Recriação constante – nesta questão, o professor poderá sempre se reinventar, moldando-se às peculiaridades da criança com TEA, aplicando novos conhecimentos, se inter-relacionando com pares e apresentando que existem as diferenças, mas elas podem ser compatíveis nas necessidades de mudanças;
- Recusa de massificação – cada criança com TEA é única e a Educação Empreendedora não pode ser padronizada também. Ela é viável na competência e nas novas habilidades para atender as especificidades da criança;
- Materiais próprios – é uma reconstrução permanente, tanto para a Educação Empreendedora como para as crianças com TEA. No AEE (Atendimento Educacional Especializado), a construção de recursos pedagógicos ensina a linguagem específica, a interação família-escola-comunidade e experimentos únicos que serão incorporados ao processo;
- Reconceituação – No objetivo de aumento de qualidade de vida das crianças com TEA, pelo olhar da Educação Empreendedora abordando, sim, de forma dinâmica a formação de ideias, metas e objetivos sociais, certamente o professor de AEE, da sala regular e dos profissionais envolvidos no atendimento às crianças com TEA, serão protagonistas de patamares evolutivos no desenvolvimento desta (DOLABELA, 2003, p. 106-108).

Estarmos comprometidos com essa tarefa. Proteger essa geração com ações construtivas, vínculos, conhecimento, labor, equipe escolar, que na pessoa do professor de Atendimento Educacional Especializado atenta ao

sujeito histórico, aos conteúdos prévios, à ética, diversidade cultural e construção das possibilidades:

Na vida aprendi que todos nascemos empreendedores e que, se deixamos de sê-lo mais tarde, isso se deve à exposição a valores antiempreendedores na educação, nas relações sociais, no figurino cultural conservador a que somos submetidos. Lidar com crianças, portanto, é lidar com autênticos empreendedores ainda não contaminados por esses valores (DOLABELA, 2003, p. 16).

Não seria orientar, induzir a uma atividade ou ação, mas preservar o que está latente e não caminhar em quimeras ineficazes.

Diante dessas colocações, da escola como representante maior, do protagonismo social da comunidade, do processo de aprendizagem, do compartilhamento, das práticas que elevam o capital social, podemos assegurar a operação de uma mudança cultural que abranja o desejo do movimento, que nos leve, que possamos chegar, mas com objetivos claros, transparentes e fixos na importância do caminho a tomar.

Pois, Dolabela (2003, p. 37) afirma que

[...] para o propósito da Pedagogia Empreendedora, essa se relaciona a uma forma de ser: estilo de vida, visão de mundo, protagonismo, inovação, capacidade de mudanças em si e no meio ambiente, meios e formas na busca de autorrealização, incluindo padrões de reação diante de ambiguidades e incertezas.

É ir à luta, buscar soluções que possam irradiar um futuro breve. Não ficar esperando, ser ação. Então, segundo Dolabela (2003, p. 43),

O empreendedor que é capaz de desenvolver sonhos precisa:

- Ter congruência com o seu eu, porque assim poderá desenvolver sua individualidade e seus potenciais como alguém integrado à comunidade;
- Produza valores úteis à comunidade (riqueza material e/ou imaterial), cumprindo a essência social do indivíduo;
- Gere emoções sob a forma de energia em intensidade suficiente para impelir à sua realização através da cooperação.

Queremos demonstrar a importância desse engajamento porque tudo corre para a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Não estamos sozinhos, muitos precisam desta atitude.

Estamos sim, esgarçando o tecido social, no qual as políticas públicas não absorvem tal demanda e uma comunidade que “sonha” não se deixa levar pelas promessas ou assistência social. Sabe o que precisa, como pode crescer diante das dificuldades e prioridade ao cotidiano das pessoas.

Neste empenho,

A educação tem um papel fundamental nesse processo, pois é criando novas práticas e descobrindo novos caminhos que o professor facilita seu trabalho, enquanto formador de cidadãos críticos e atuantes, sanando as desigualdades sociais. Já que, ser empreendedor, implica em modificar o meio em que vive de maneira criativa e responsável, pensando no crescimento coletivo, na sustentabilidade e em uma melhor qualidade de vida para todos⁴.

Trazendo a escola em uma menção de protagonismo para novas práticas e quebra de paradigmas a estas comunidades e mais precisamente ao trabalho ora construído, será o educador o vínculo de formação íntegra e efetiva, modificando o meio educacional onde está inserido, notadamente para o crescimento coletivo e tendo a visão de uma qualidade de vida melhorada para todos.

Chegando à escola, vamos nos deparar com esta nova figura: o professor de AEE e é nele que vamos estampar todas as prerrogativas de inserção a valores construídos pela sua formação tão específica e como os seus conhecimentos podem colaborar para uma visão de construção de um novo futuro.

O seu trabalho deve estar incluso no Projeto Político Pedagógico, documento este que demonstra todas as atividades, recursos pedagógicos, tudo sobre a vida da escola: “A potência de um PPP é registrar, orientar, estabelecer ações, metas, estratégias e desejos da vida social escolar”⁵.

O Plano do Atendimento Educacional Especializado deve estar presente para todas as crianças que de uma maneira ou outra, com laudo ou sem, precisam de sua intervenção.

E essa tarefa, como já foi mencionada no capítulo 2, traz à tona a especificidade do atendimento, colaborando individualmente com cada aluno e numa visão macro, o desenvolvimento de cada uma, demonstrando os seus avanços específicos e a inclusão de cada criança, sua participação *in loco*, seu desempenho corrente.

⁴Cf. <http://www.educacional.com.br/reportagens/educacaoempreendedorismo/default.asp>

⁵ Cf. www.observatoriodopnb.org.br/_uploads/_posts/50.pdf?157483332

No trabalho desenvolvido vamos encontrar a parceria com a coordenação escolar, com o professor de sala, com os pais, sabendo que nosso papel é ser um elo transformador, na identificação das necessidades educacionais, definição de recursos, articulador, uma rede de acolhimento para todas as necessidades.

E elaborando um plano de ação em que vislumbramos o trabalho do professor de Atendimento Educacional Especializado em consonância com a Educação Empreendedora, vale lembrar todos os pontos aqui colocados entre esses caminhos, tão repletos de unanimidade, pois se apresentam como baluartes de um conhecimento cheio de especificidades, motivos novos para se acreditar na inclusão de nossas crianças.

Estamos inteiros para mudanças, pois o coletivo é necessário e dentro deste contexto podemos apresentar “a escola como espaço sociocultural, pois está comprometida com a recriação permanente da visão de mundo da coletividade em que se situa” (DOLABELA, 2003, p. 53).

No trabalho do Atendimento Educacional Especializado esse professor precisará da participação da escola como também da parceria com os pais, que será de uma importância imensa. Sua colaboração fortalece o referencial escolar, como ao aluno, vislumbrando uma mobilização educacional adequado às suas especificidades.

Nesta perspectiva, ter em mente a diversidade cultural da comunidade, do apoio que será necessário aos pais, o objetivo bem centrado no trabalho com os profissionais, pois a partir da demanda a conexão com os passos a serem dados, terão que contemplar ambos os lados para a eficiência da intervenção.

Chegamos ao contexto onde poderemos fixar a Educação Empreendedora, o Atendimento Educacional Especializado, para crianças com TEA e a criação da Rede de Cooperação, marco maior deste sonho.

Não estamos mais podendo esperar pela solução ideal. Nossa tarefa é empreender junto aos profissionais da área para o que deve ser feito.

A multidisciplinaridade dos mesmos, a prática da inovação, apresentará novas sistemáticas e desafios.

O primeiro passo está sendo dado, vale perseverar no objetivo e dar significado a itens importantes do projeto, segundo Dornelas (2003, p. 17-34):

- 1 – saber lidar com os “acazos” e perceber as oportunidades;
- 2 – saber ler a realidade;
- 3 – saber que estamos vivenciando um processo;
- 4 – saber ouvir, inovar e oferecer alternativas;

- 5 – saber dar continuidade, mesmo com mudanças demográficas, às crianças que já estiverem no atendimento pela rede;
- 6 – saber que a intervenção em ABA, está se dimensionando em nova plataforma de competências;
- 7 – saber que este “conhecimento científico” é uma transformação, um novo paradigma para a educação e saúde do país.

Nesse cenário, vale contemplar o reconhecimento da necessidade desta ação. Ter no professor de AEE um articulador de novas propostas em consonância com as famílias, escola, comunidade e leis em vigor.

Suas atribuições como mediador sintonizam aspectos da educação empreendedora, produzindo desenvolvimento da autonomia, valores comunitários e a cooperação, no sentido, da aprendizagem, estar disponível a cada criança com TEA, sabendo “o que” e “como ensinar”.

Nos ensejos inerentes do trabalho dos profissionais da rede, estaremos definindo o futuro de cada criança, que poderá ter a oportunidade de uma interação social igualmente relevante, a possibilidade de um repertório verbal mais abrangente e a perspectiva de uma generalização nas conquistas diárias.

Conclusões

Através desta pesquisa é possível complementar que a criação da Rede de Cooperação, sob o olhar da Educação Empreendedora, vislumbra muitos aspectos que norteiam a esperança de poder atender nossas crianças por profissionais em suas áreas específicas, atendendo assim a multidisciplinaridade das necessidades individuais em abordagens terapêuticas que atinjam uma intervenção precoce, sistemática e intensiva.

Nessa linha, o trabalho dentro da perspectiva da Análise do Comportamento (ABA) amplia a capacidade de comunicação, interação social e comportamentos sociais desejáveis.

Na escola, em consonância com os profissionais da Rede, se organizando para o Atendimento Educacional Especializado teremos o professor de AEE, que estará pronto para o Planejamento do AEE a cada aluno, identificando suas necessidades educacionais, atividades individuais, cronograma de atendimento, elaboração de recursos didáticos, alcançando, assim, a inclusão, o sucesso escolar da criança.

Em todo o teor do nosso trabalho e como argumentação, análise em relação às Leis apresentadas, têm como responsabilidade minuciosa dos artigos, parágrafos apresentados e o fomento, que as medidas e a garantia

dos serviços de apoio especializado fundamenta-se nos direitos que a pessoa com TEA (Transtorno do Espectro Autista) disciplinam o ensino inclusivo em todos os níveis, o aprendizado ao longo da vida, a proteção de suas necessidades quanto ao diagnóstico precoce, atendimento multidisciplinar, o professor de AEE e o acompanhante de classe (monitor, tutor).

Todas as Leis garantem o acesso à educação básica na sala regular. É uma linha tênue que está sendo demarcada pela ação conjunta da sociedade, principalmente da escola pública, que mesmo sofrendo da falta de recursos financeiros, operacionais recebe esses alunos e promove a inclusão.

A Educação Empreendedora versus o Atendimento Educacional Especializado terá o papel preponderante em unir resultados que se associando, se organizando, terão o início de soluções de problemas, construção de um caminho recheado de protagonismo social, onde a comunidade se faz presente.

Na inserção das famílias junto ao trabalho cria-se um vínculo onde estratégias de trabalho coletivo geram potencialidades, podendo assim transformar, inovar, produzir conhecimento.

A falta de políticas públicas a uma geração de crianças, será quebrada pelo empenho, dedicação de pais, professores e profissionais das áreas da saúde e educação.

Nenhum sonho pode ser menosprezado ou ser visto como impossível. Ele vive no interior de quem acredita, temos que fazê-lo com inovação, respeito e tenacidade.

Referências

BRASIL. **Lei nº 4024/61**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1961. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

_____. **Lei nº 5692/71** de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF, 1971. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

_____. **Lei nº 9394/96** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 abr. 2019.

- _____. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial - **Decreto nº 6571/08** de 18 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art.60 da Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13/11/07. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato_2007-2010/2008/decreto/d6571.htm>. Acesso em: 28 abr. 2019. Revogado pelo Decreto nº 7611 de, 17/11/2011.
- _____. **Decreto nº 7611/11**, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF, 2011. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato_2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm#art11>. Acesso em: 28 abr. 2019.
- _____. **Lei nº 12764/12** de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 12 abr. 2019.
- _____. **Lei 12796/13**, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2914/2013/Lei/L12796.htm>. Acesso em: 28 abr. 2019.
- _____. **Lei 13146/15**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- _____. **Lei 13632 /18**, de 06 de março de 2018. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13632.htm>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- BOS, L. **Doze dragões em luta contra iniciativas sociais**. São Paulo. Editora Antroposófica. 1994
- DOLABELA, F., 2003, *Pedagogia Empreendedora*. São Paulo: Editora Cultura.
- DORNELAS, J. C. A. **Inovação: um imperativo organizacional**. In: **Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- GOMES, C. G. S., Silveira, A. D., **Ensino de Habilidades Básicas para pessoas com Autismo** – Manual para intervenção comportamental intensiva. Curitiba: Appris. 2016

GOYOS, C. ABA: Ensino da fala para pessoas com autismo. São Paulo: Edicon. 2018

PORTAL EDUCACIONAL. **A Pedagogia Empreendedora na Educação Básica Brasileira.** Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/reportagens/educacaoempreendedorismo/default.asp>>. Acesso em: 18 julho 2019.

CRAVINHOS. **PROJETO NAPEC** – Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado de Cravinhos. Secretaria Municipal de Educação Cravinhos-SP. Disponível em: www.cravinhos.sp.gov.br. Acesso em: 9 maio 2019.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: orientações para o gestor escolar, 2016, São Paulo: Fundação Santillana. **(Comunidade Educativa CEDAC).** Disponível em: <www.observatoriodopne.org.br/_uploads/_posts/50.pdf?157483332>. Acesso em: 18 jul. 2019.

PROTOCOLO DE DIAGNÓSTICO TRATAMENTO E ENCAMINHAMENTO DE PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA **(TEA).** Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

EMPREENDEDORISMO SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO DA METODOLOGIA APAC DE ITAÚNA COMO FERRAMENTA DE REPRESENTATIVIDADE SOCIAL PARA A RECUPERAÇÃO E REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS RECUPERANDOS

Gleiciane Ferreira dos SANTOS¹

As transformações em curso no mundo a partir do século XX, decorrentes do desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)² e da economia globalizada têm trazido, além de muito progresso material, o aprofundamento das crises global, ambiental, social, política e econômica.

A ordem econômica tradicional capitalista de sociedade e de empresas, motivadas pelo lucro que seus produtos e serviços podem lhes oferecer, que atendam ao mercado não se importando com os segmentos da sociedade que serão ou não beneficiados, acabam contribuindo para as desigualdades sociais. Um dos efeitos mais perversos desse ambiente de transformações em escala mundial é o aumento da violência, expresso em crimes de natureza diversa e intensidade crescente, que hoje não mais se restringem às grandes cidades (TORREZAN; RIMOLI, 2004, p.51), acarretando o aumento da população carcerária.

Conforme Andrade (2014, p. 35), “Com as políticas neoliberais que pontificaram três décadas, vivemos um quadro de criminalização da pobreza, como o abandono do estado de bem-estar social, substituído por um Estado Penal/Criminal. A palavra de ordem é a concentração e a repressão aos mais pobres”.

Em reação a globalização neoliberal, surge uma globalização alternativa, contra – hegemônica. É nesta globalização alternativa e no seu embate com a globalização neoliberal que estão sendo tecidos os novos caminhos da emancipação social, que de acordo com Santos (2002, p. 12) são:

¹ É professora licenciada em História pela UIT. Especialista em Educação Empreendedora pela UFSJ. E-mail: gleici2788@gmail.com

² De acordo com MOURA, SANTOS, As modificações ocasionadas nos processos de desenvolvimento, e suas consequências na democracia e cidadania, convergem para uma sociedade caracterizada pela importância crescente dos recursos tecnológicos e pelo avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) com impacto nas relações sociais, empresariais e nas instituições. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38946368/As_Tecnologias_de_Informacao_e_Comunicacao>. Acesso em: 02 mar.2019.

Os movimentos sociais, as organizações não governamentais e iniciativas locais destinadas a mobilizar lutas locais. Para ele, “de par com ela e em grande medida por reação a ela está emergindo uma outra globalização, constituída pelas redes e alianças transfronteiriças entre movimentos, lutas e organizações locais ou nacionais que nos diferentes cantos do globo se mobilizam para lutar contra a exclusão social, a precarização do trabalho, o declínio das políticas públicas, a destruição do meio ambiente e da biodiversidade, o desemprego, as violações dos direitos humanos, as pandemias, os ódios interétnicos produzidos direta ou indiretamente pela globalização neoliberal.

Segundo Dolabela (2019), com uma abordagem acentuadamente humanista, o empreendedorismo social elege como tema central não o enriquecimento pessoal, mas a preparação do indivíduo para participar ativamente da construção do desenvolvimento social, com vistas à melhoria de vida da população e eliminação da exclusão social.

Indo ao encontro do pensamento de Dolabela, doravante, portanto, de acordo com Ferreira (2016, pg. 33), o método APAC deve ser entendido dessa maneira: a APAC dispõe de um método de valorização humana, portanto de evangelização, para oferecer ao condenado condições de se recuperar, logrando, dessa forma, o propósito de proteger a sociedade, promover a justiça e socorrer as vítimas.

Ao abordar a visão ampla da metodologia APAC, constata-se o incentivo à cooperação, à cidadania e à ética, e assim proporcionando condições para que o recuperando² se recupere e consiga a reintegração social, em todos os aspectos da pessoa: saúde, educação, instrução, profissionalização, valorização humana e espiritual, que sublinham os princípios norteadores desse novo tratamento do mundo prisional.

2 Numa proposta de valorização humana, é admissível o eufemismo “recuperando”, para evitar o uso dos termos: “preso”, “interno”, “apenado”, “condenado”. “reeducando”, “encarcerado”, etc., os quais, embora verdadeiros, não deixam de chocar e depreciar o ser humano. (OTTOBONI, Mário. Ninguém é irrecuperável. São Paulo, Cidade Nova, 2000).

Assim, como alternativa viável para o caos do sistema prisional não só do Brasil como de todo mundo, a Associação de Assistência e Proteção aos Condenados (APAC) apresenta-se como uma alternativa que rompe com o sistema penal vigente, ao humanizar o cumprimento das penas privativas de liberdade, em uma aposta na recuperação do ser humano que cometeu um crime.

Empreendedorismo

Empreendedorismo não é um tema novo ou modismo: existe desde sempre, desde a primeira ação humana inovadora, com o objetivo de melhorar as relações do homem com os outros e com a natureza.

Para Dolabela (2008, p. 24) o empreendedorismo é uma livre tradução que se faz da palavra *entrepreneurship*, que contém as ideias de iniciativa e inovação

Já de acordo com *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), a palavra *empreendedor* se origina do latim *imprendere*, que significa “decidir, realizar tarefa difícil e laboriosa”. Para o Dicionário Aurélio (Ferreira, 2009) define empreender “como colocar em execução”. Schneider (2012, p. 18).

Nos últimos anos, muito tem-se escrito sobre empreendedorismo, comportamento e perfil dos empreendedores, de acordo com Malheiros, Ferla e Cunha (2005 p.17), o empreendedorismo é definido como um comportamento e não como um traço de personalidade, ou seja, as pessoas podem aprender a agir como empreendedores, usando para isso ferramentas baseadas no interesse em buscar mudanças, reagir a elas e explorá-las como oportunidade de negócios.

A esse respeito, em uma entrevista concedida á Folha Dirigida (2006, p. 2), Dolabela, declara:

Eu trabalho com um conteúdo mais abrangente. O conceito não é vinculado diretamente ao fazer mas ao ser. O empreendedorismo é um potencial da espécie humana que é disparado ou inibido pelas relações sociais, pela cultura. Você pode ser empreendedor em qualquer atividade - no serviço público poeta, professor, jornalista. Ser empreendedor é uma relação que se estabelece com o mundo; é uma forma de ser. Não é só criar empresa. Esse é só o conceito mais conhecido. Na verdade, nasceu ali. Mas ele já transcendeu esse ambiente e está presente, inclusive no terceiro setor que está cheio de grandes empreendedores. O padrão de empreendimento é mesmo, mas ele visa aos mesmos resultados. Na criação de empresa o resultado é o lucro, mas no serviço público a aferição do resultado é diferente. Você pode ser um poeta empreendedor – aquele poeta que pública e consegue atingir seu público e completar o ciclo. Só pode ser considerado empreendedor alguém que oferece valor positivo para os outros, esse é o conceito ético de empreendedorismo. (p.2).

Desse modo, empreendimentos capazes de contribuir para a mitigação dos problemas sociais são apontados como os novos modelos

organizacionais da sociedade contemporânea, pois intencionalmente almejam objetivos sociais específicos juntamente com um retorno financeiro e que medem a realização de ambos, têm a missão explícita de gerar benefícios sociais e/ou ambientais ao mesmo tempo em que proveem resultado financeiro positivo e de forma sustentável.

Empreendedorismo social

Apesar de o Brasil estar entre os países mais empreendedores do mundo, por conta das desigualdades seja por questões econômicas, de gênero, de cor, de crença, de círculo ou grupo social, quando há crescimento econômico no país, nem todos os segmentos da sociedade são beneficiados e uma das consequências mais graves em uma crise econômica é o recuo do investimento em capital humano.

Deste modo, uma das formas de globalização, a globalização neoliberal, ao dessocializar o capital dos vínculos sociais e políticos e ao pressupor que toda a atividade social é mais bem organizada sob a forma de mercado, ocasiona no interior do sistema mundial o aumento das desigualdades sociais entre países ricos e pobres e entre ricos e pobres no interior do mesmo país, pois há uma distribuição desigual dos custos e das oportunidades produzidos. (Santos, 2002, p.30).

Em contrapartida, a globalização alternativa mostra-se como uma visão empreendedora que busca a emancipação social e que transcende o mercado e a busca individual de realização de sonhos, respondendo aos desafios complexos da nossa sociedade que ainda não é capaz de oferecer iguais oportunidades para todos. Segundo Schneider (2012, p. 27) esse é o chamado empreendedor social:

[...] pode atuar não somente em empresas comerciais e indústrias que visam o lucro, mas também em instituições públicas, em organizações não governamentais (ONGs), em outras instituições do terceiro setor e, até mesmo, como voluntário em entidades sociais, como membros de associações de bairro ou como escoteiro.

O empreendedorismo de interesse social, de modo criativo e inovador almeja ao bem-estar coletivo e individual dos grupos menos favorecidos, oportunizando-os a emancipação social. Segundo Oliveira (2004, p.9),

empreendedorismo social se trata, antes de tudo, de uma ação inovadora voltada para o campo social cujo processo se inicia com a observação de

determinada situação-problema local, para a qual se procura, em seguida, elabora uma alternativa de enfrentamento. Observa também que essa ideia tem de apresentar algumas características fundamentais, tais como: 1.º) ser inovadora; 2.º) ser realizável; 3.º) ser autossustentável; 4.º) envolver várias pessoas e segmentos da sociedade, principalmente a população atendida; 5.º) provocar impacto social e permitir que seus resultados possam ser avaliados.

Ao Estado é atribuído responsabilidades sociais, devendo este, garantir padrões mínimos na área da saúde, educação, renda, habitação e seguridade social, dentre outras proteções, a todos os cidadãos. (FREIRE, A. et al, 2017, p.33). Certamente isso é um problema para os governos, mas não cabe, somente a eles resolver essa questão, pois o empreendedor do século XXI em qualquer momento ou situação em que esteja envolvido, pensa sempre de forma holística, ou seja, empreende com foco na conservação ambiental, na eficiência econômica e na equidade social, elementos que estão inter-relacionados. (SCHNEIDER, 2012, p.102).

De fato, DOLABELA (2008, p. 2) considera que não basta o empreendedor ter um bom faturamento, um bom lucro. É preciso contribuir para o bem-estar social do local.

Ao encontro de Dolabela, reconhecido como um dos principais estudiosos do empreendedorismo social, J. Gregory Dees, ajudou a mostrar como a teoria e a prática do empreendedorismo e da inovação poderiam ser combinadas com missões sociais para combater a pobreza, a poluição e outros desafios globais de maneiras novas e de alto impacto.

APAC de Itaúna

A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) nasceu na cidade de São José dos Campos - SP, em 1972, inicialmente, no presídio Humaitá, através de um grupo de voluntários cristãos da Pastoral Penitenciária, que se denominava “Amando o Próximo, Amarás a Cristo” (APAC), para evangelizar e dar apoio moral aos presos, sob a liderança do advogado e jornalista Dr. Mário Ottoboni.

Ottoboni, (2001, p. 25), juntamente com a Pastoral Penitenciária “começou a desenvolver o seu trabalho com cem presos na antiga cadeia de Humaitá, que tinha celas de quatro metros por quatro, com os presos dormindo no chão, um verdadeiro depósito humano”.

Pelo motivo de não existir nenhuma atividade estruturada de preparação do preso para seu regresso ao convívio social, a equipe que

constituía a Pastoral Penitenciária, concluiu que somente uma entidade juridicamente organizada seria capaz de enfrentar as dificuldades e as vicissitudes que permeavam o dia a dia do presídio e assim foi instituída, no ano de 1974, a APAC - Associação de Proteção e Assistência aos Condenados.

Em 1985, com o crescimento das APACs, Dr. Mário Ottoboni fundou a Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (FBAC). Com a missão de congregar as APACs do Brasil e de assessorar as APACs do exterior, a FBAC, entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, mantém ainda a tarefa de orientar, assistir, fiscalizar e zelar pelo fiel cumprimento da metodologia APAC. (FBAC, 2019)

Vale ressaltar que a APAC é uma entidade civil de direito privado, com personalidade jurídica própria, dedicada à recuperação e à reintegração social dos condenados a penas privativas de liberdade. Ela ainda opera como entidade auxiliar do poder Judiciário e Executivo, respectivamente, na execução penal e na administração do cumprimento das penas privativas de liberdade.

Há cerca de quinze anos, o Estado de Minas Gerais adotou o modelo APAC como política pública na execução penal. Consequência disso é que já existem:

Atualmente, mais de 40 APACs administram Centros de Reintegração Social (unidades prisionais de pequeno, médio e grande porte), em seis estados do Brasil, sem concurso da polícia ou agentes prisionais, ou seja, são os próprios presos, nas APACs, denominados recuperandos, que ficam de posse das chaves e que zelam pela limpeza, organização, disciplina e segurança, num trabalho de cogestão com a administração da APAC, constituída de funcionários e voluntários. Outras dezenas de APACs, espalhadas em todo o território nacional, encontram-se em diferentes estágios de implantação; e mais de 20 países no mundo vêm aplicando parcialmente o Método APAC em pavilhões de unidades prisionais. (FERREIRA, 2016, p. 22).

Em Minas Gerais, no ano de 1984 de forma similar à APAC – mãe de São José dos Campos, por meio de um grupo da Pastoral Penitenciária começava a história da APAC de Itaúna. Apesar de algumas críticas, a APAC de Itaúna contou com o apoio e incentivo de juízes, Dr. Paulo Antônio de Carvalho e Dr. Ivo Nogueira, além do Bispo diocesano, Dom José Belvino do Nascimento, e tantos outros.

A princípio, a APAC de Itaúna funcionava como suporte para o sistema carcerário comum ao mesmo tempo em que ganhava autonomia para construir o seu próprio espaço através do Centro de Reintegração Social (CRS). Como todo método precisa adaptar-se à realidade local, a tarefa da APAC de Itaúna foi a de implantar o método pioneiro e revolucionário, nascido em São José dos Campos, no contexto itaunense.

Conforme (NASCIMENTO, 2009, p. 46), em 14 de julho de 1997, com o apoio do Ministério Público, o Dr. Franklin Higino Caldeira – na época responsável pela promotoria criminal – juntamente com outros juízes, entregaram as chaves do CRS à APAC, com a primeira fase da construção concluída, bem como a administração dos regimes: semiaberto e aberto.

O regime fechado só seria implantado, em 1997, após uma rebelião na cadeia pública de Itaúna, que levou à destruição das instalações, sendo necessário transferir 70 presos para as comarcas vizinhas com o compromisso de buscá-los em 30 dias. Ao fim desse prazo, a APAC de Itaúna, então, recebe do Judiciário a oportunidade de reajustar as instalações do CRS e administrar mais um regime: o fechado.

A APAC defende a descentralização dos presídios, isto é, o cumprimento da pena em prisões de pequeno porte, quando muito médio, situadas nas comarcas, contrapondo-se à transferência de condenados do interior do país para as grandes capitais.

A FBAC (2016), órgão coordenador e fiscalizador das APACs no tocante à metodologia, dando orientação sobre como iniciar uma APAC, além de classificá-la segundo suas atividades e aproveitamento, nos descreve os seguintes passos necessários para iniciar o processo de instalação da APAC: 1) realização de audiência pública na comarca; 2) criação jurídica da APAC; 3) visita dessa comissão à uma APAC em funcionamento mais próxima; 4) realização de Seminário de Estudos sobre o Método APAC para a comunidade; 5) organização de equipe de voluntários; 6) instalação física da APAC, construção do Centro de Reintegração Social (CRS); 7) formação de parcerias; 8) realização do Curso de Formação de Voluntários (longa duração - 4 meses); 9) estágio de recuperandos; 10) estágio para funcionários em outras APACs consolidadas; 11) celebração de convênio de custeio com o Estado; 12) inauguração do CRS e transferência dos recuperandos; 13) constituição do Conselho de Sinceridade e Solidariedade (CSS), formado por recuperandos; 14) realização do Curso de Conhecimento sobre o Método APAC e Jornadas de Libertação com Cristo; 15) desenvolvimento periódico de aulas de valorização humana, de espiritualidade, de prevenção às drogas, bem como

reuniões de celas coordenadas por voluntários; 16) participação de eventos anuais promovidos em conjunto pelo Programa Novos Rumos do TJMG e FBAC, visando formar multiplicadores; 17) estabelecer comunicação permanente com a FBAC e coordenação do Programa Novos Rumos do TJMG; 18) realização de novas audiências públicas, seminários ou cursos de formação de voluntários.

Embora, a APAC seja amparada pela Constituição Federal para atuar nos presídios, possuir estatuto padrão próprio, resguardado pelo Código Civil e pela Lei de Execução Penal, operar como entidade parceira dos poderes judiciário e executivo e na administração do cumprimento das penas privativas de liberdade, nos regimes fechado, semiaberto, aberto e livramento condicional, é importante ressaltar, no entanto, que a APAC não foi criada por decreto; não é simplesmente, uma instituição. Consiste em um conjunto de forças vivas da sociedade, que, neste sentido, precisa ser mobilizada. Ou seja, a comunidade local tem que querer recuperar o preso e o estado, enquanto persistir em ignorar que é indispensável cumprir sua obrigação no que diz respeito à recuperação do condenado, deixará a sociedade desprotegida.

Metodologia APAC

No Brasil, diversas comunidades trabalham com dedicação na reconstrução de pessoas presas, muitas vezes esquecidas, ou invisíveis ao cotidiano, por meio de uma metodologia consagrada com o nome de APAC.

De acordo com Andrade (2014, p. 6),

Sempre que o nosso pensamento se volta para o sistema prisional é certo que nos vem à lembrança o ser humano cruel, sem amor, sem escrúpulos, enraivecido e perigoso, que deve ser encarcerado, receber castigos e padecimentos pelo mal que, seguramente, terá provocado a alguém, rejeitado pela sociedade como sendo impossível resgatar a sua dignidade.

Porém, o objetivo da APAC é gerar a humanização das prisões, sem deixar de lado a finalidade punitiva da pena. Sua finalidade é evitar a reincidência no crime e proporcionar condições para que o condenado se recupere e consiga a reintegração social.

Ao contrário do uso dos termos “preso”, “condenado”, “apenado” numa proposta de valorização humana e pela busca da autoestima, a APAC considera os presos como “recuperandos”, os quais são chamados pelo nome. “Ninguém é irrecuperável” (Ottoboni, 2001).

Em razão da experiência que foi se desenvolvendo, o método se aprimorou com novas descobertas, afim de acompanhar as mudanças sociopolíticas, econômicas, culturais e religiosas do país que incidam diretamente sobre a população prisional. (Ottoboni, 2001, p. 21). E, após exaustivos estudos, reflexões e pesquisas, foram delineados os 12 Elementos Fundamentais do Método APAC: 1) participação da comunidade; 2) recuperando ajudando o recuperando; 3) trabalho; 4) religião; 5) assistência jurídica; 6) assistência à saúde; 7) valorização humana; 8) família; 9) o voluntário e sua formação; 10) Centro de Reintegração Social (CRS); 11) mérito e 12) a jornada de libertação com Cristo.

Para Ferreira (2016, p. 16), a metodologia da APAC está fundamentada no papel social do trabalho, se preocupa em buscar a restauração do encarcerado em suas quatro dimensões:

no físico, ao propiciar local adequado para o cumprimento da pena, ao lhe garantir trabalho, com que possa se manter e ao lhe proporcionar assistência à saúde; **no intelectual**, ao lhe proporcionar educação e capacitação profissional, criando condições de inovarem nas maneiras e fazerem as coisas e de resolverem seus problemas, **no emocional**, no sentido de trabalhar o controle das emoções, com confiança no que se pensa e se faz, a fim de que as emoções possam ser usadas de maneira útil e produtiva e, **no espiritual**, ao trabalhar a espiritualidade, na crença da importância de se fazer a experiência de Deus, “com elementos como a Jornada de Libertação com Cristo e O recuperando Ajudando o Recuperando”, que trabalham no desenvolvimento da fraternidade e solidariedade, princípios comuns a todas as religiões.

Assim, o método APAC rompe com a ociosidade do sistema prisional que não cumpre a finalidade principal da pena: preparar o condenado para ser devolvido em condições de conviver com a sociedade. Para melhor compreensão veja a Fig. (1) da metodologia APAC a qual está fixada em doze elementos dogmáticos que são alicerce de seu sucesso:

FIGURA 1. MÉTODO DA AP
METODO APAC
 (mais de 45 anos de estudos e evolução)



FONTE: FERREIRA, 2016 p. 257.

Ao abordar a visão ampla da metodologia da APAC como empreendedora, incentivando a cooperação, a cidadania e a ética, e assim proporcionando condições para que o recuperando se recupere e consiga a reintegração social, todos os aspectos da pessoa: saúde, educação, instrução, profissionalização, valorização humana, espiritual sublinham os princípios norteadores desse novo tratamento do mundo prisional.

Resultados

Algumas diferenças entre o sistema penitenciário comum e a APAC fazem desta uma metodologia inovadora e eficaz, capaz de dissipar as 'mazelas das prisões', ressocializar os condenados e inseri-los na sociedade.

Embora o movimento das APACs seja relativamente novo, percebe-se um grande interesse pela sua metodologia, sobretudo em face dos resultados positivos. Seguem, os quadros com dados estatísticos referentes a esses resultados obtidos, constando a prestação de contas sempre atualizada da entidade, e de todo o trabalho que concerne à população prisional:

A APAC é o único estabelecimento prisional que oferece os três regimes penais: fechado, semiaberto e aberto:

QUADRO 1 - POPULAÇÃO PRISIONAL NA UNIDADE DA APAC MASCULINA

Regime fechado	94
Regime semiaberto – Trabalho intramuros	53
Regime aberto	29
TOTAL	176

FONTE: Quadro Estatístico da APAC desde 14-04-1997

Há muitos anos, um índice de reincidência alarmante, oscila entre 75% e 85%, a sociedade precisa saber que o aumento da violência e da criminalidade decorre, também, do abandono dos condenados atrás das grades, fato que faz aumentar o índice de reincidência, mas a APAC preconiza a valorização humana que é a base do Método APAC:

QUADRO 2 - REINCIDÊNCIA NAS APACS INDICADORES DA FBAC. A NÍVEL NACIONAL DADOS DO CNJ – CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. E A NÍVEL MUNDIAL DADOS DA PFI – PRISION FELLOWSHIP INTERNATIONAL)

Nacional	85%
Mundial	70%
APACs	10%

FONTE: Quadro Estatístico da APAC desde 14-04-1997

QUADRO 3 – FORAGIDOS DA JUSTIÇA

	Evasão	Fuga	Abandono
Total	17	92	319
Com retorno	12	77	303
Sem retorno	05	15	16

FONTE: Quadro Estatístico da APAC desde 14-04-1997

QUADRO 4 – SAÍDA SEM ESCOLTA POLICIAL

Com retorno	33.049
Sem retorno	09

FONTE: Quadro Estatístico da APAC desde 14-04-1997

Hoje um preso custa cerca de 4 salários mínimos por mês ao Estado, em contrapartida pela APAC um preso custa 1 salário mínimo, despesa baixa obtendo retorno positivo:

QUADRO 5 – CUSTO PER CAPITA

Sistema comum	R\$ 2700,00
Método APAC	R\$ 900,00

FONTE: Quadro Estatístico da APAC desde 14-04-1997

A assistência jurídica e assistência à saúde são dois elementos fundamentais do método APAC.

Sem condições para uma assistência jurídica, 95% da população prisional não reúne condições para contratar um advogado, especialmente na fase da execução penal. Esse tipo de assistência jurídica aos condenados engajados na proposta e que revelem firmes propósitos de emenda, é previsto no método APAC.

A assistência à saúde, também, é prevista pelo método APAC. A APAC tem a preocupação de atrair à equipe os seguintes voluntários: médicos, enfermeiros, psicólogos, psiquiatras, dentistas para que não falte assistência aos que estão privados da liberdade. E, para evitar as escoltas policiais e o desconforto dos profissionais voluntários em receber condenados algemados em seus consultórios, é montando na APAC um gabinete odontológico, uma farmácia e um consultório médico.

QUADRO 6 – ATENDIMENTOS REALIZADOS NA APAC

Dentista	9565
Médico	10338
Psicólogo	12557
Assistente Social	12179
Jurídico	16190

FONTE: Quadro Estatístico da APAC desde 14-04-1997

O trabalho faz parte do contexto do método APAC.

Para o regime fechado, momento propício para o recuperando se autoconhecer, a APAC recomenda os trabalhos laborterápicos, tais como: artesanatos, cabelereiro, auxiliar de enfermagem, garçom, músico, monitor de alfabetização, etc. No trabalho no regime semiaberto, se o recuperando não tiver uma profissão definida, cuida-se da mão de obra especializada mediante a construção de oficinas. O método APAC para o regime aberto (prisão albergue) propõe que o recuperando tenha uma profissão definida, apresente uma promessa de emprego compatível com a sua especialidade e tenha revelado plenas condições para voltar ao convívio social.

QUADRO 7 – TRABALHO NO REGIME FECHADO

Laborterapia	44
Magneti Marelli (empresa privada)	15
Trabalhos para a APAC	32
Outras atividades	03

FONTE: Quadro Estatístico da APAC desde 14-04-1997

QUADRO 8 – TRABALHOS NO REGIME SEMIABERTO

Padaria	05
Cozinha	04
Marcenaria	03
Serralheria	02
Horta	02
Viveiro de mudas	02
Magneti Marelli (empresa privada)	12
Fábrica de blocos	02
Trabalhos para APAC	21

FONTE: Quadro Estatístico da APAC desde 14-04-1997

É sabido que no Brasil, estatisticamente, 75% dos presos são analfabetos ou semianalfabetos. O método APAC, de forma sustentável, proporciona ao recuperando capacitação profissional, alfabetização e melhora dos conhecimentos do ensino fundamental e médio, contribuindo para seu retorno à sociedade e à inserção no mercado de trabalho.

QUADRO 9 – ESTUDOS

Ensino Fundamental (anos iniciais)	05
Ensino Fundamental (anos iniciais)	48
Ensino Médio	32
Faculdade	05

FONTE: Quadro Estatístico da APAC desde 14-04-1997

Por meio de um questionário, recuperandos dos regimes fechado e semiaberto fizeram questão de expor o que pensam sobre o Método APAC ao qual se sujeitam. Os depoimentos dos mesmos ficaram assim transcritos:

Pesquisador: Como foi a recepção ao chegar na APAC

Recuperando 01, regime fechado: “Uma experiência diferente, pois quando estamos no sistema comum a opressão, a falta de humanidade é gigantesca e quando chega na APAC a sensação de humanidade, acolhimento, confiança, a volta dos nossos valores”.

Recuperando 02, regime fechado: “Positiva. Pois o CSS (Conselho), administração e plantonistas me tratam muito bem e com dignidade, respeito e afeto”.

Recuperando 01, regime semiaberto: “A recepção ao chegar na APAC é totalmente diferente dos sistemas comuns, pois é mais humana e se preocupa com o respeito moral”.

Recuperando 02, regime semiaberto: “Bom, a primeira coisa diferente na chegada à APAC é que nós não somos mais chamados pelo número, mas pelo nome. E temos uma equipe multidisciplinar que nos atende individualmente, como assistente social, psicologia, etc.”.

P: Quanto tempo você cumpre na APAC?

R 01, regime fechado: “Estou cumprindo cerca de 1 ano e 4 meses”.

R 02, regime fechado: “2 anos e 8 meses”

R 01, regime semiaberto: “aproximadamente 5 anos”.

R 02, regime semiaberto: “8 anos e vinte sete dias ao todo”.

P: Quais são as atividades desenvolvidas na APAC? Essas atividades os ajudam a se recuperar e a se reintegrar na sociedade?

R 01, regime fechado: “Na farmácia, no conselho e na cozinha (desenho). Sim, pois como meio de sustento, muitos adquirem profissões que antes por estarem envolvido no crime, não pensávamos em buscar, assim conquistamos uma profissão futura”.

R 02, regime fechado: “Hoje na APAC trabalho na portaria, dou aula do Método APAC para recuperandos recém-chegados, apresento visita no regime e faço faculdade de Logística no 6º período. Com certeza, tudo que a metodologia APAC nos proporciona, ajuda a nos ressocializar e nos reintegramos na sociedade”.

R 01, regime semiaberto: “Padeiro, estudante de educador social, graduação EAD. Sim, pois ajuda na ociosidade, ajuda a se profissionalizar e ainda na remissão da pena. Para quem quiser, sim, é só agarrar as oportunidades que a entidade oferece em todos os momentos”.

R 02, regime semiaberto: Cuido e auxilio a manter a ordem e a disciplina no regime e ocupo o cargo de Secretário do C.S.S. Essa é uma escolha de cada um, mas a APAC nos dá condições de nos tornar homens melhores”.

P: O que você pensa sobre a APAC?

R 01, regime fechado: “Um órgão prisional que recupera, pois no sistema comum o atendimento é péssimo e aqui se recupera valores que tínhamos perdidos, como ser chamado pelo nome, recuperamos a nossa autoestima e aprendemos muito, com os atos socializadores que nos incentiva a mudar”.

R 02, regime fechado: “A APAC é um lugar que nos proporciona uma mudança de vida, não obriga ninguém a mudar, mas nos dá todas possibilidades que podemos ter para uma mudança de vida”.

R 01, regime semiaberto: “A última porta, para quem como eu cansado do crime, pois as oportunidades são muitas”.

R 02, regime semiaberto: “Uma obra de Deus”.

Estes dados foram levantados no período de 09/03/2019 a 08/06/2019 em curso para formação de voluntário da APAC e através de entrevistas com os administradores da respectiva instituição e questionários de pesquisa individual respondidos pelos recuperandos.

Análise e discussão dos resultados

Após vários estudos, foram efetivos os resultados referentes aos 12 elementos do método, hoje indispensáveis na metodologia de cumprimento de pena neste sistema de encarceramento.

Atualmente, Valdeci Ferreira, presidente da FBAC, vencedor do Prêmio Empreendedor Social do Ano promovido pela *Fundação Schwab*, da Suíça, em parceria com o jornal Folha de São Paulo e um dos ativistas pelos direitos humanos da população carcerária, divulga Brasil afora o método inovador de ressocialização de condenados e segundo ele “nas unidades prisionais humanizadas da APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados), os prisioneiros são tratados como sujeitos de direitos e deveres”.

Enquanto no sistema prisional comum o preso, quando do cumprimento de sua pena, passa por um processo de desvalorização humana, vivendo em lugares superlotados, insalubres, sem higiene, sem atendimento médico, odontológico e psicológico, sem estudo, sem trabalho, com péssima alimentação e maus tratos, em contrapartida, no sistema APAC, todos os recuperandos são chamados pelo nome. Sem a participação da Polícia Militar, Civil ou de agentes penitenciários, os recuperandos são os cogestores do presídio, sendo que as chaves do presídio ficam em poder dos próprios recuperandos.

A APAC atua na qualidade de órgão Auxiliar da Justiça e da Segurança, constituindo-se uma alternativa à execução penal, garantindo ao recuperando o princípio constitucional da individualização da pena, previsto no art. 5º, inciso XLVI, da Constituição da República Federativa do Brasil

Fundamentada no voluntariado a comunidade local tem a oportunidade de participar efetivamente na recuperação do condenado. A remuneração restringe apenas e prudentemente às pessoas destacadas a trabalhar no setor administrativo.

De acordo com FARIA (2011), o Método APAC é inovador porque é capaz de dissipar as ‘mazelas das prisões’, ressocializar os condenados e inseri-los na sociedade, pois:

Assistência espiritual, médica, psicológica e jurídica, além de frequentarem cursos supletivos e profissionais, os recuperandos praticam trabalhos laboroterápicos no regime fechado; no regime semiaberto cuida-se da mão de obra especializada (oficinas profissionalizantes instaladas dentro dos Centros de Reintegração); no regime aberto, o trabalho tem o enfoque da inserção social, pois, o recuperando trabalha fora dos muros do Centro de Reintegração prestando serviços à comunidade; oferecem assistência à família do recuperando e à vítima ou seus familiares, há um número menor de recuperandos juntos, evitando formação de quadrilhas, subjugação dos mais fracos, pederastia, tráfico de drogas, indisciplina, violência e corrupção.

A APAC é o único estabelecimento prisional que oferece os três regimes penais: fechado, semiaberto e aberto. A pena continua tendo o seu caráter de punição e o seu caráter aflitivo, mas o essencial na execução é a atividade restauradora.

A espiritualidade é outro fator essencial da recuperação, visto que uma vida espiritual ajuda o condenado a superar as dificuldades durante o seu tempo de cumprimento de pena e, conseqüentemente, colabora no seu processo de inserção social.

Os recuperandos almejam planos e expectativas de vida, pois o amor, a confiança, a valorização do ser humano e a crença na sua capacidade de recuperação são pilares importantes que diferenciam o Método APAC do sistema comum.

Conclusões

Como é sabido, um dos problemas sociais do Brasil se encontra no sistema prisional convencional, pois não possibilita a recuperação e reintegração social do indivíduo.

A metodologia APAC sob o lema “Matar o Criminoso e Salvar o Homem” tem a finalidade de recuperar e reintegrar socialmente o indivíduo. Porém, o recuperando é livre para decidir sobre seu futuro e sua própria recuperação, se ele próprio assim deseje.

Contudo, a metodologia da APAC que está assentada em 12 pilares fundamentais chamados elementos, com uma trajetória marcada pela

atuação em prol do aprimoramento do sistema penal e pela humanização no cumprimento das penas, tem se mostrado como uma alternativa ao sistema prisional convencional, não só no Brasil como de todo mundo, realizando um trabalho de empreendedorismo social com os recuperandos, dando a eles a oportunidade de recomeçar.

A metodologia traz ainda outras vantagens: baixo índice de reincidência entre os recuperandos das APACs e para o Estado os custos de um preso na APAC são menores.

Ressalta-se, no entanto, que a APAC não é criada por decreto; não é simplesmente uma instituição. Mas, consiste em um conjunto de forças vivas da sociedade, que neste sentido precisa ser mobilizada.

Os Direitos Humanos dizem que toda pessoa presa deve ser tratada com dignidade e o Estado, enquanto persistir em ignorar políticas públicas efetivas, que respeitem estes direitos, deixará a sociedade desprotegida.

Referências

- ABREU, C. **Não há mais como fecharmos nossos olhos para a execução penal.** Jusbrasil. Disponível em: <<https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/661857098/nao-ha-mais-como-fecharmos-nossos-olhos-para-a-execucao-penal?ref=feed>>. Acesso em: 04 jan. 2019.
- ANDRADE, D. Â. **APAC: a face humana da prisão.** Belo Horizonte: Expressa, 2014. CDD: 341.582, CDU:343:8.
- DEES, J. G. **The meaning of social entrepreneurship.** Center for the advancement of social entrepreneurship. Duke University's Fuqua School of Business. 1998. Disponível em: <http://www.caseatduke.org/documents/dees_sedef.pdf> Acesso em: 25 jun. 2019.
- DOLABELA, F. **O segredo de Luísa.** Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- _____. **Pedagogia empreendedora:** ensino de empreendedorismo na educação básica. Disponível em: <<https://fernandodolabela.wordpress.com/servicos-oferecidos/pedagogia-empreendedora/>> Acesso em: 04 mar.2019.
- PIRES, L. L.; SANTOS, L. L. **Negócios sociais em foco: O caso da Yunus Social Business.** CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA UFRGS,2016, Recife. Anais eletrônicos...Recife:UFRGS,2016. Disponível em: <<https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/256.htm> >. Acesso em: 22 mai.2019.
- FARIA, A. P. **APAC: Um Modelo de Humanização do Sistema Penitenciário.** Âmbito Jurídico, 01 abr. 2001. Disponível em:

- <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/apac-um-modelo-de-humanizacao-do-sistema-penitenciario/>. Acesso em: 13 set. 2019.
- FERREIRA, V. A. **Juntando Cacos, resgatando vidas: valorização humana - base e viagem ao mundo interior do prisioneiro: psicologia do preso**. Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2016.
- FRATERNIDADE BRASILEIRA DE ASSITÊNCIA AOS CONDENADOS. Elementos fundamentais do método APAC. Itaúna, jan. 2016. Disponível em [:<http://www.fbac.org.br/index.php/pt/como-fazer/apac-o-que-e/](http://www.fbac.org.br/index.php/pt/como-fazer/apac-o-que-e/)>. Acesso em: 08 jan. 2019.
- FRATERNIDADE BRASILEIRA DE ASSITÊNCIA AOS CONDENADOS. **Presidente do TJMG e governador visitam APAC de Itaúna**. Itaúna, jan. 2019. Disponível em:< <http://www.fbac.org.br/index.php/pt/noticias-site/2489-presidente-do-tjmg-e-governador-visitam-apac-de-itauna>> Acesso em: 11 jan. 2019.
- FREIRE, A. et al. **A relação entre Estado e políticas públicas: uma análise teórica sobre o caso brasileiro**. Revista Debates, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 25-42, jan.-abr. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/niljs/Downloads/72132-301114-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 set. 2019.
- NASCIMENTO, J. L. **O modelo APAC: sua história e relevância na cidade de Itaúna-MG**. In: "Matar o criminoso e salvar o homem" O papel da religião na recuperação do penitenciário (Um estudo de caso da APAC - Associação de Proteção e Assistência aos Condenados - em Itaúna-MG). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009. cap. 3. p. 46.
- NOVO, B. N. **DireitoNet**. A realidade do sistema prisional brasileiro, 07 set. 2017. Disponível em:<<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/10325/A-realidade-do-sistema-prisional-brasileiro/>> Acesso em: 08 jan. 2019.
- OLIVEIRA, E. M. **Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias**. Rev. FAE, Curitiba, v.7, n.2, p.15-18, jul./dez. 2004. Disponível em:< <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/416/299>>. Acesso em: 11 jan. 2019.
- OTTOBONI, Mário. **Ninguém é irrecuperável**. Belo Horizonte: Cidade Nova, 2001. (Assunto: Ciências Sociais – Sociologia). ISBN: 8571120889.
- OTTOBONI, M. **Vamos matar o criminoso?** Belo Horizonte, Editora O Lutador, 2018. ISBN: 978-85-92785-41-3.
- PSICOLOGIA E SAÚDE EM DEBATE, Pimenta, B., & Fonseca, G. (2017). O MÉTODO APAC: o resgate da humanização no processo de cumprimento de pena de condenados. *Psicologia E Saúde Em Debate*, 3(Supl. 1), 32-33. Disponível em < <https://doi.org/10.22289/V3S1A15>> Acesso em: 06 jan. 2019.

- REZENDE, P. P. **A Exclusão Social no Brasil e o princípio constitucional da igualdade.** Webartigos. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-exclusao-social-no-brasil-e-o-principio-constitucional-da-igualdade/127696>>. Acesso em: 03 jan. 2019.
- SANTOS, B. S. **Democratizar a democracia:** os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p.12-30.ISBN 85-200-0594-2.
- SCHNEIDER, E. I. JOSÉ, H. C. B. **A caminha empreendedora:** a jornada de transformação de sonhos em realidade. Curitiba: InterSaberes, p. 18-102, 2012.
- THOMÉ, D. Aprender a empreender: uma questão cultural. **Folha Dirigida**, Rio de Janeiro, 9 nov. 2006. Disponível em: <<file:///C:/Users/niljs/Downloads/Aprender%20a%20empreender%20-%20Uma%20questao%20Cultural.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2019.
- TORREZAN, S; RIMOLI, C. **Empreendedorismo social no sistema prisional brasileiro.** Cadernos de Pós-Graduação. São Paulo: Uninove, dez. 2004. v. 3, p.49-58.Disponível em <file:///C:/Users/NILGLE/Downloads/Empreendedorismo_social_no_sistema_prisional_brasi.pdf> Acesso em: 09 jan. 2019.
- MALHEIROS, R. C. C. FERLA, L. A., CUNHA, C. J. C. A. **Viagem ao Mundo do Empreendedorismo.** 2 ed. Florianópolis SC: IEA – Instituto de Estudos Avançados, 2005.

AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA PARA A SAÚDE FINANCEIRA FAMILIAR

Flávia Aparecida da SILVA¹

A complexidade do mundo moderno apresenta desafios enormes aos indivíduos, são eles de cunho social, emocional e econômico. Todas essas dificuldades acabam se refletindo nos processos de educação, formal ou informal. Se há novos desafios é preciso buscar diferentes estratégias para novas soluções, alcançando saberes e conhecimentos que estimulem diferentes habilidades, aptidões e valores capazes de promover o desenvolvimento humano. Pensar sobre esta reconfiguração do indivíduo é urgente diante dos problemas que se enfrenta diariamente.

É necessária uma educação que gere fortalecimento e autonomia de pensamento, de sentimento, de iniciativa e de ação para empreender a própria vida com todo seu potencial. Neste sentido, o presente artigo abordará como tema central as contribuições da educação empreendedora e seus fundamentos para a base da educação financeira e da educação para o consumo, como caminho diferenciado para formação humana e autônoma.

A educação empreendedora promove a formação do sujeito crítico e reflexivo. Para Fillion (2000) os empreendedores frequentemente desenvolvem maneiras de ser e de fazer que se diferencie daquilo que é a norma de uma sociedade. O autor alerta que atualmente, fala-se muito em tecnologia, mas a maior fraqueza de qualquer sociedade está no subdesenvolvimento do potencial empreendedor das pessoas. O empreendedorismo começa com o saber ser, o que significa que ele nasce e se desenvolve a partir de culturas regionais e locais, sendo a comunidade a terra fértil para germinar a semente empreendedora.

Infelizmente na cultura brasileira o empreendedorismo ainda é pouco desenvolvido e pouco valorizado, tanto na sociedade, quanto nas escolas. O tradicionalismo presente na educação brasileira se opõe à ideia empreendedora; como essa ideia ainda é nova, o empreendedorismo acaba causando controvérsias. Alguns acreditam que ser empreendedor trata-se de uma qualidade própria da pessoa e, portanto, não pode ser aprendida.

¹ Habilitada em magistério em 1999, graduada em pedagogia pela UEMG em 2006. Especialização em Educação Tecnológica pelo Cefet-mg; Neuroeducação e Educação Empreendedora pela UFSJ. Professora da Educação Infantil do Município de Belo Horizonte desde 2005, atuando também na coordenação pedagógica e no ensino médio com formação de professores.

Outros, defendem que tais qualidades podem e devem ser desenvolvidas e aprimoradas por meio da educação.

Conforme Dolabela (2008), o ser empreendedor não se refere somente à atividade econômica ou a um negócio, antes, está ligado às fases da vida. Assim, as escolas trabalham efetivamente com seres humanos, vivenciam valores sociais e ações que refletem diretamente na vida dos alunos. As escolas, principalmente as da educação fundamental, trabalham a formação do indivíduo em sua integralidade e os processos educativos podem interferir na realidade e transformação das condições de vida em sociedade. Para Dolabela (2008) “a realidade só pode ser transformada a partir da atuação conjunta dos indivíduos de uma comunidade” o autor afirma que toda transformação é uma mudança não somente individual, mas coletiva.

Nesta perspectiva, a educação financeira e a educação para o consumo fazem-se necessárias tendo em vista o descontrole financeiro dos sujeitos e das famílias. Essa realidade vem aumentando a cada dia, interferindo na organização econômica e social do país. Esse fato pode ser compreendido à luz de vários fatores: a expansão da oferta de crédito, as alterações culturais, os juros favoráveis, os prazos estendidos para pagamento e a publicidade. Os mecanismos de marketing e propagandas são intensos e afetam a todos, principalmente os segmentos mais vulneráveis da população, como as crianças, os idosos e as pessoas de baixa renda. Diante de tantos estímulos, o impulso para comprar pode ser maior que o valor do dinheiro disponível e, mesmo assim, os brasileiros vão às compras.

Segundo dados do SPC-Brasil de janeiro de 2019, no Brasil mais da metade dos adultos na faixa dos 30 a 39 anos, está negativada. Foi estimado um total de 62,08 milhões de consumidores negativados. O número equivale a algo como 40,2% da população adulta. No Sudeste, região que abriga a maior fatia da população, o número de devedores já chegou a 26,45 milhões de pessoas. O Brasil é um dos países que mais usam o crédito como fonte de aquisição de bens e, para Cerbasi (2003), a sociedade brasileira apresenta “*características culturais de ostentação*”. Os jovens quando são inseridos no mercado de trabalho já querem financiar um automóvel, comprar um apartamento, que será financiado pelos bancos, fazer compras em shopping usando todo o limite do cartão de crédito. Tudo isso provocará um desequilíbrio financeiro individual e familiar, causando muitos desajustes sociais, emocionais e econômicos instaurados na sociedade.

Pode-se dizer que uma família financeiramente saudável é aquela que consegue se planejar para otimizar seus recursos, evitar desperdícios e

manter o foco em seus sonhos, tanto materiais quanto imateriais. No entanto, não é comum que os brasileiros façam planejamentos financeiros, se interessem por consumo consciente, sustentabilidade, ou tenham atitudes empreendedoras. Para Kiyosaki (2000), o adulto “se preocupa excessivamente com o dinheiro e não com sua maior riqueza, a educação.” Ele esclarece que a inteligência resolve nossos problemas e gera dinheiro, mas o dinheiro sem a inteligência financeira desaparece depressa.

Portanto, é necessário promover ações de compreensão das relações de consumo e das relações financeiras, ajudando aos educadores e aos familiares a construírem ações sólidas e objetivas do ponto de vista da educação para o consumo e da sustentabilidade. Ampliar as discussões e questionamentos sobre educação financeira nas escolas e nas famílias, possibilitando a tomada de decisões conscientes, críticas, responsáveis e solidárias.

Para este trabalho utilizou-se como fundamentação teórica, principalmente, os conceitos de Pedagogia Empreendedora apresentados pelo autor Fernando Dolabela. Ele propõe que pessoas simples, quando exercem sua capacidade de transformar sonhos em realidade, produzem coisas maravilhosas e deixa claro que todos podem fazê-lo. Segundo o autor, “o empreendedor é alguém rebelde que consegue extrair felicidade mais da busca do que do fim. Que ousa transformar cada chegada em um novo degrau para o desconhecido”.

A partir dessa premissa, abordou-se a educação empreendedora como fonte de inovação para o bem comum. Acredita-se que as contribuições da educação empreendedora efetiva e consistente é a base para a educação financeira e a educação para o consumo promovendo a saúde financeira das famílias e da sociedade.

Desta forma, este artigo tem como objetivo provocar reflexões sobre a Pedagogia Empreendedora, na perspectiva da educação financeira e educação para o consumo. Para isso, investigou-se sobre os conceitos de educação empreendedora e educação financeira articulados à formação humana e a saúde financeira familiar. Buscou-se responder questões como: O que é educação empreendedora e como ela contribui para o desenvolvimento humano e sustentável? O que é educação empreendedora, na perspectiva da saúde financeira familiar? Qual a função da escola na formação empreendedora das crianças? Qual o papel da família na formação empreendedora?

A metodologia de pesquisa utilizada para a realização deste trabalho foi a revisão de literatura sobre o tema proposto, sendo uma pesquisa

bibliográfica exploratória. Como referencial teórico, foi analisada a Pedagogia Empreendedora, utilizando principalmente os conceitos e reflexões de Fernando Dolabela (2001) e Fillion (2013), que ressaltam a importância de uma educação criativa e coerente, que parta do desenvolvimento pessoal e da relação individual com todos os sistemas que envolvem a vida.

Com base nos trabalhos pesquisados, pode-se dizer que a Educação Empreendedora é base para formação da educação financeira e da educação para o consumo. Ela amplia as reflexões e o entendimento deste tema nas escolas e nas famílias fomentando projetos de ensino desenvolvidos e elaborados junto aos professores e familiares. Com as contribuições desse modelo educativo espera-se internalizar hábitos, que se tornem modelo padrão de comportamentos, a fim de ampliar a formação empreendedora familiar, promovendo a tomada de decisões conscientes e o empoderamento financeiro e emocional das famílias.

Neste sentido, este trabalho pretende promover discussões e servir como material de apoio para a comunidade escolar, tendo em vista a ampliação de ações de formação empreendedora para as crianças e suas famílias.

A pedagogia empreendedora/educação empreendedora

O termo empreendedorismo é bastante difundido nos sistemas administrativos e sempre esteve associado às empresas e à criação de um negócio, porém, seu significado transcende a esses aspectos expandindo-se aos fenômenos sociais. Pode-se dizer que empreendedorismo não se restringe, exclusivamente, ao ato de ganhar dinheiro ou gerar lucros por meio de uma atividade econômica.

A Educação Empreendedora ou Pedagogia Empreendedora são termos e conceitos relativamente novos, que estão associados ao empreendedorismo, que é um conceito complexo. Para este trabalho, as definições desses termos são tratadas como equivalentes. Compreende-se em sua constituição principal as atitudes e os posicionamentos diferenciados frente aos desafios da vida. Considerando empreendedor aquele que está focado em encontrar soluções criativas, inventivas e sustentáveis para garantir novas e melhores formas de vida.

A Pedagogia Empreendedora é destacada pelos autores Dolabela e Fillion (2013), que desenvolveram em várias escolas um processo diferenciado, apontando que o objetivo seria usar o processo educacional

para inserir valores empreendedores e éticos ausentes no ambiente dos indivíduos. Os autores apostando que “novos valores e cultura devem ser transmitidos” indicaram uma primeira preocupação na educação, afirmando que ela deve preparar para a vida e não somente para o mercado. Acreditando que por meio da educação empreendedora podemos incentivar as pessoas a transformar atitudes, sempre em prol de uma coletividade, com pensamento solidário e sustentável.

Na pesquisa por eles realizada (Ibidem), o envolvimento da comunidade na discussão sobre o tipo de mundo em que se deseja viver e no desenvolvimento de sonhos, individuais e coletivos, é apontado como inovação central da Pedagogia Empreendedora (PE). Essas questões contribuem para o aumento de consciência e da necessidade de melhorar a qualidade de vida, a segurança pessoal e a igualdade de oportunidades. Os autores sugerem a introdução dos valores empreendedores desde a educação fundamental brasileira e afirmam que “ao contrário do que muitos pensam, o empreendedorismo raramente é um ato isolado, ele segue uma série de estruturas e valores”. (DOLABELA, FILION, 2013, p. 152)

De acordo com os autores, os valores da educação empreendedora são fortemente transmitidos pela cultura, entretanto, estão ausentes do ambiente cultural em que vivemos. Por isso, deve-se atentar para o envolvimento efetivo das famílias. Os autores reforçam que é preciso expandir conceitos e valores para que não sejam perdidos, em contato com as famílias, pois “as pessoas tendem a reproduzir o que veem, o que sabem e o que são ensinadas a valorizar”. (Ibidem, p. 149)

Reproduzir a vida em sociedade e reconhecer a importância da participação dos jovens alunos em projetos empreendedores desenvolvidos nas escolas foi objeto de pesquisa de Amorim (2018). A autora pontua que o aprendizado e o envolvimento dos alunos, por meio da pedagogia empreendedora desenvolve uma forma construtiva para a vida em sociedade, é capaz de reforçar a autoconfiança e a capacidade de intervenção desses no ambiente social, de maneira prática e efetiva. Ela define a Pedagogia Empreendedora como:

Uma estratégia de ensino, dirigida à transmissão de conhecimentos e informações, capaz de levar o aluno a produzir através de seu próprio repertório, já que, o mesmo é essencialmente constituído pela capacidade de sonhar, de interferir no mundo, de identificar oportunidades, de relacionamentos e habilidades próprias de cada um em busca da realização de seus sonhos. Nesse processo, todo o aprendizado é adquirido durante a construção da experiência, com o fazer dos alunos, a

formulação do sonho e a busca por sua realização. (AMORIM, 2018, p. 21).

As competências adquiridas através desta proposta pedagógica visam extrapolar o contexto escolar e são essenciais para a formação e o desenvolvimento humano. Para Chaves (2009), os resultados são amplos e não estão voltados apenas para o conhecimento das disciplinas escolares, ele pode “mobilizar competências nas dimensões cognitiva, instrumental e social, está igualmente empenhada no aperfeiçoamento da capacidade de reação dos jovens para enfrentarem novos desafios e situações complexas”. (Ibidem, p. 118).

Desta forma,

Desenvolver o perfil empreendedor é capacitar o aluno para que crie, conduza e implemente o processo criativo de elaborar novos planos de vida, de trabalho, de estudo, de negócios, sendo, com isso, responsável pelo seu próprio desenvolvimento e o de sua organização. Sob essa perspectiva, ao disseminar a cultura do empreendedorismo está sendo criado um novo comportamento, individual. (SOUZA, 2001, p. 10)

A Educação Empreendedora propõe romper com moldes tradicionais de formação dos sujeitos buscando internamente o conhecimento e a transformação, para Hill (2017, p.72), a definição sobre a palavra educar, busca as raízes no “vocabulário latino *educio* com significado de desenvolver-se de dentro, projetar-se”. Desenvolver-se de dentro lembra um “desabrochar”, promovendo um processo inicialmente individual de autoconhecimento e de formação pessoal. Nesse sentido, educar e empreender se convergem na busca pelo desenvolvimento individual e, conseqüentemente, coletivo, uma vez que, ser empreendedor é ser pró-ativo e criativo; é desenvolver a capacidade de estabelecer e atingir objetivos, ter visão de futuro, identificando oportunidades e sendo consciente em relação ao ambiente em que se vive. Para empreender é necessário um conjunto de inter-relações, isso é, o estímulo entre a razão e a intuição, sempre apoiado na imaginação. “O empreendedorismo é, também, um estado de espírito que pode muito bem ser pensado como o espírito de iniciativa, de crítica e a vontade de vencer”. (SOUZA, 2001, p. 10)

Relacionando alguns conceitos de empreendedorismo percebe-se que, embora seja um tema muito atual, é um conceito em construção. De acordo com o dicionário de Língua Portuguesa Priberam (2008-2013), Empreendedorismo é:

1. Qualidade ou carácter do que é empreendedor.
2. Atitude de quem, por iniciativa própria, realiza ações ou idealiza novos métodos com o objetivo de desenvolver e dinamizar serviços, produtos ou quaisquer atividades de organização e administração.

De acordo com Filion (2013), empreender é muito mais do que desenvolver um produto ou qualquer atividade de administração, envolve diretamente as pessoas, podendo ser visto como um exercício da coerência pessoal. Assim, a educação empreendedora deve também promover alterações na forma de ser das pessoas, tendo como foco os alunos, as famílias, os professores e toda comunidade escolar. Corrobora com esta ideia o pensamento de Dolabela (2001), ao enfatizar que os conhecimentos instrumentais não definem um empreendedor, a capacidade empreendedora não está no saber, mas sim na forma de ser.

Para o autor, o Brasil tem uma grande riqueza, que ele identifica como o potencial empreendedor dos brasileiros, mas isso é pouco explorado, Dolabela pontua que dificilmente, por meio do ensino convencional, alguém poderá ensinar a sonhar e a transformar os seus sonhos em realidade. Por isso, é preciso transformar atitudes empreendedoras na realidade das escolas e das famílias, precisamos alterar a cultura consumista, o pensamento individualista, que muitas vezes é promovido por políticas de mercado e de economia, que só pensam em lucros. Faz-se necessário romper os muros da prisão cultural e libertar o empreendedor que existe em cada brasileiro.

O brasileiro tem mostrado sua força e criatividade mais para resistir às adversidades do ambiente do que para modificá-lo, isso configura uma sobrevivência passiva. Assim, é urgente alterar essa configuração da realidade, no sentido de transformá-la, trabalhando o desenvolvimento do sujeito ativo e protagonista da sua história (BARBOSA, 1999). Para Freire (1992), a esperança é necessária, mas só ela não é suficiente, é preciso esperança com luta e lutar com esperança. Nesse sentido, a proposta da pedagogia empreendedora é exatamente lutar pela transformação do indivíduo, sendo seu objetivo invalidar a cultura passiva e as formas de submissão em que se estagna a sociedade, deve-se promover a emancipação de novos sujeitos, mais autônomos e ativos.

Diante desse cenário, percebe-se o enorme desafio de lançar alternativas aos modos de educar os sujeitos, tendo por base a Pedagogia Empreendedora (PE) frente à cultura passiva e consumista. Na próxima seção serão abordados os conceitos de educação financeira e educação para

o consumo e quais desdobramentos da educação empreendedora estão propiciando aos sujeitos a oportunidade de refletirem frente ao consumo e se organizarem financeiramente por meio de planejamentos e de ações empreendedoras.

Educação para o consumo e Educação Financeira

Para esclarecer um pouco mais sobre essa relação entre ser um sujeito empreendedor e o consumismo, ressalta-se que o consumo em si não é bom e nem ruim, isso dependerá especificamente das ações críticas e responsáveis diante da vida e da natureza. Portanto, é imprescindível construir significado e dar sentido à vida, uma vez que, a capacidade empreendedora tem a ver com a forma dos indivíduos tornarem-se conscientes, ativos e autônomos. É atentar-se para o seu estilo de vida e questionar o quanto têm-se abusado dos recursos da natureza.

No entanto, muitas vezes não se questionam, e as pessoas acostumam-se a viver apenas reproduzindo aquilo que lhes é passado, sem refletir sobre as consequências de suas ações. Para ilustrar essa temática, destaca-se o que diz Nádya Rebouças (2016):

[...] existimos porque consumimos. Somos conhecidos por nossas escolhas de consumo e, claro, por nossa capacidade de consumir. Gastamos e devoramos a natureza, aniquilamos valores, arrasamos os patrimônios naturais, sociais e culturais, enfraquecemos os saberes ancestrais. Tudo porque criamos um modelo econômico que nos impõe gerar resultados para os acionistas, vender cada vez mais. (Ibidem, p.132)

A autora aponta que foi criado um modelo cruel de consumismo e que tanta modernidade e novas tecnologias da comunicação também estão contribuindo para que os comportamentos fiquem mais automatizados e as atitudes sejam inconscientes.

As discussões sobre o consumo não mais dizem respeito apenas às questões filosóficas ou ideológicas, antes, estão diretamente ligadas à nossa sobrevivência, a pedagogia empreendedora está inserida nessa temática, pois é urgente a necessidade de que mudanças aconteçam e que as pessoas tenham um estilo de vida mais consciente e sustentável. Trata-se de assegurar as condições de vida natural, social e coletiva, numa relação de equilíbrio natural. Sendo a formação da educação empreendedora uma maneira de transformar indivíduos e sua coletividade, é parte dessa

formação a responsabilidade de garantir a sobrevivência das gerações seguintes.

Ações individuais podem solucionar grande parte dos problemas como: fazer coleta seletiva, doar, trocar roupas e brinquedos usados, reduzir gastos, reduzir o consumo de água e energia elétrica, reduzir as compras e reduzir o lixo; tudo isso passa pela ética e pelo bom senso, uma vez que, a maneira de planejar o futuro (individual e coletivo) afeta a vida e a natureza.

Para Solange Jobim e Souza (2016), temos que exercitar a cidadania “há que se incentivar a recusa, por parte dos adultos e das crianças, dos modos cristalizados, tipificados e estereotipados de ser e de agir. A educação para o consumo é também a educação para o exercício da cidadania no mundo”. (Ibidem, p.212) É uma questão de recusar a compra, de analisar desejos e necessidades, não somente agir por impulso ou modismo. É compreender a educação financeira, e sua forte relação com as compras, o dinheiro, o controle das finanças e o planejamento e redução dos gastos.

As discussões sobre a temática da educação financeira cresceram em várias frentes no Brasil, principalmente nos últimos 20 anos. Foram muitas iniciativas vinculadas à administração, à economia e às ações do governo federal, tendo a internet e as redes sociais como o grande meio para a sua divulgação. São centenas de informações e dicas do mundo financeiro, publicadas diariamente em fontes como o *YouTube*, *fanpages*, *Instagram*, *sites*, *e-books*, aulas e seminários *online*, sendo possível acessar, em sua maioria, gratuitamente.

Apesar do interesse pela temática ter crescido na internet e nas redes sociais, as discussões sobre ela não atingiram a mesma proporção no âmbito das pesquisas acadêmicas, em artigos e materiais científicos. Na busca por materiais para a fundamentação teórica e entendimento sobre Educação Financeira, poucas publicações ou livros foram encontrados, sendo que a maioria deles são teses e dissertações.

Dentre as pesquisas encontradas sobre o tema está a de Bessa, Fermiano, Denegri (2014), em que aplicaram testes de Alfabetização Econômica para crianças, constatando que a socialização econômica está rasa e insuficiente para lidar com as exigências atuais do mundo econômico. Esta constatação tem como base o conceito de Educação Econômica, trabalhado e elaborado por Denegri (1997), no qual ela é entendida como uma ação educativa que favorece a construção de noções econômicas básicas e estratégicas para a tomada de decisões conscientes, críticas e responsáveis. A ideia de socialização econômica aborda ainda questões no

âmbito das interações e de como manuseiam o dinheiro, com os pais, na escola e no meio social, tendo em vista que,

As crianças e jovens adquirem a maioria das informações e condutas como consumidores de modo informal, ou seja, imitando a conduta dos adultos, pares e pais, e por influência dos meios de comunicação de massa, não tendo acesso a uma formação intencional que lhes prepare para interagir com uma sociedade de consumo cada vez mais agressiva e complexa. (BESSA; FERMIANO; DENEGRI, 2014, p. 08).

Neste cenário os jovens estão cada vez mais consumistas, imitando os exemplos familiares e aderindo a comportamentos financeiros inadequados. Por isso, é de grande relevância a educação financeira, para que as famílias ensinem aos seus filhos, desde o seu nascimento, a terem uma melhor relação com as questões de consumo, decisões econômicas e sustentáveis.

O Grupo de Estudos em Educação Econômica e Teoria Piagetiana – GAEEC, criado em 2008, organiza um grupo, aberto à participação de toda a comunidade, para que mães, professores e especialistas em educação, preocupadas com a influência do consumismo na formação das crianças e dos jovens, possam discutir e elaborar estratégias para modificar essa realidade. Desde sua criação, o GAEEC dá suporte à implantação de programas escolares na área da Alfabetização Econômica e Educação para o Consumo, o objetivo é promover estratégias para a alfabetização econômica e a educação crítica para o consumo, auxiliando as pessoas a se posicionarem como cidadãos conscientes, críticos, responsáveis e solidários.

Outra organização que aborda esse tema é a Rede Brasileira Infância e Consumo - REBRINC, é uma iniciativa de articulação e mobilização em prol da causa de combate ao consumismo na infância. A rede atua abordando temas como educação e mídia, alimentação saudável, combate ao consumismo infantil, combate à adultização da infância, educação para o consumo, educação para a sustentabilidade, dentre outros.

Mais um projeto que vem sendo implementado em escolas de educação infantil brasileiras, tendo como público crianças de 3 a 6 anos e suas famílias, é o “*Sonhar, Planejar e Alcançar: fortalecimento financeiro para as famílias*”, concebido pela Sesame Workshop (Vila Sésamo), com o apoio da MetLife Foundation e a parceria, para implementação, da DSOP Educação Financeira. No desenvolvimento desse projeto são sugeridas estratégias para sonhar, planejar e alcançar os sonhos, dicas para poupar, consumir com consciência, compartilhar e doar, com o objetivo de “promover uma mudança de comportamento em crianças e seus familiares,

contribuindo para uma nova geração de cidadãos capazes de refletir criticamente sobre necessidades e desejos para consumir de forma consciente.” (Site <http://projetovilasesamodsop.com.br/>)

Nesta perspectiva a educação financeira e a educação para o consumo, estas organizações direcionam para vivências no mundo da criança com o objetivo de educar para o consumo e para a sustentabilidade, ressalta que as crianças devem saber que as coisas e os recursos são finitos e conquistar recursos necessita de planejamento, muito esforço e dedicação, seguindo um cronograma, sendo necessário esperar o tempo planejado. Ensinando as crianças para terem uma relação saudável com dinheiro, com a noção de valor das coisas, de valores materiais e imateriais.

Outro veículo que divulga propostas de educação financeira, vinculadas ao Governo Federal, é o site www.vidaedinheiro.gov.br, onde são apresentados o CONEF – Comitê Nacional de Educação Financeira, a Estratégia Nacional de Educação financeira - ENEF e a AEF-Brasil - Associação de Educação Financeira do Brasil, que divulga projetos educacionais e educação financeira nas escolas. Os principais mantenedores destas iniciativas são instituições como: a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais – ANBIMA; BM&FBOVESPA; a Conferderação Nacional de Seguros, Previdência Privada, Vida e Saúde Complementar e capitalização - CNSEG e a Federação Brasileira de Bancos - FEBRABAN. Os patrocinadores da ENEF são os bancos Itaú, Bradesco, Unibanco, IBM e Visa.

A ENEF, desde 2014, promove a Semana Nacional de Educação Financeira, que completou sua 6ª edição, em maio de 2019. Esta iniciativa envolve ações de entidades públicas e privadas e tem a intenção de ampliar o acesso às informações sobre os princípios básicos de finanças. A cada ano o número de ações e estratégias para educação financeira no Brasil vem crescendo, sendo que, em 2018, foram apresentadas quase 7.000 ações, de 280 instituições, alcançando mais de 4 milhões de pessoas em todo o Brasil, segundo consta no site <http://www.semanaenef.gov.br/>.

O Serasa - Centralização de serviços dos Bancos, responsável por informações, análises e pesquisas de pessoas físicas e jurídicas endividadadas, é também uma instituição que fomenta ações de educação financeira, desde 2003. Naquele ano, lançou e distribuiu gratuitamente nas escolas a cartilha intitulada "*Dinheiro não é brincadeira*", de autoria da educadora financeira Cássia D’Aquino. O material foi direcionado a crianças dos 7 aos 11 anos, com o objetivo de prepará-las para lidar com as questões de consumo e de ética acerca do dinheiro. Assim, tendo em vista os impactos do descontrole

econômico e financeiro na vida das famílias, o projeto embasou-se na perspectiva de que quanto mais cedo se começa, mais cedo se constrói uma mentalidade responsável em relação ao consumo e ao dinheiro.

É importante salientar que, até então, quem mais investe em projetos de educação financeira no país são os bancos e serviços de associações bancárias e de crédito. Todavia, é preciso ter cuidado e olhar crítico em relação aos conceitos e filosofias utilizados por estas instituições que financiam, elaboram e divulgam esses projetos. Sobre isto, pesquisas como as de Britto (2012), Campos (2013) e Santos (2013), que acessaram documentos e materiais de organizações e da internet, fazendo uma análise crítica sobre a educação financeira proposta pelos bancos e associações bancárias, alertam que não encontraram muitas orientações que, de fato, possam ajudar as pessoas que buscam educar-se financeiramente. Antes, o que se encontra é a indução para a utilização de seus produtos e serviços, como dicas de investimentos e planos de previdência privada, dentre outros. Sendo assim, percebe-se o interesse em vendas e não verdadeiramente a intenção genuína em incentivar a Educação Financeira em prol do desenvolvimento humano.

Há várias outras iniciativas de educação financeira e empreendedora no Brasil, elas têm fundamentos e filosofias diferenciadas, mas em sua maioria contribuem com a formação humana e social. Um exemplo é o Programa Nacional da Educação Empreendedora – PNEE, implementado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae, cujo objetivo é disseminar a educação empreendedora em todos os níveis de ensino (fundamental, médio, profissionalizante e superior). Pretendeu-se aqui apenas citar algumas iniciativas, no intuito de exemplificar as ações que vêm sendo desenvolvidas no país, não tendo a intenção de aprofundar o estudo sobre elas.

Enfim, ao contextualizar a educação financeira no Brasil, nota-se que sua definição, abordagens e iniciativas são diversas e ainda muito complexas (CAMPOS, 2013). Sabe-se que há muito a ser pesquisado, estruturado e discutido, visando principalmente a formação das crianças e dos jovens. Como desdobramento desta pesquisa, fica o convite para “que os professores de ensino básico não sejam meros multiplicadores” de programas já existentes (Ibidem, p.172), mas que se envolvam na responsabilidade de discutir, pesquisar, analisar e contextualizar os materiais que já existem. Percebe-se que as principais iniciativas de educação financeira no país não partem da área dos profissionais da

educação, não são dialogadas entre os professores, mas em sua maioria vem de instituições privadas, do governo federal e de bancos.

Nesta seção, buscou-se contextualizar a educação financeira e a educação para o consumo à luz da educação empreendedora, a fim de chamar a atenção das pessoas, principalmente gestores, pesquisadores, professores, pais e familiares para a importância de consolidar uma cultura do consumo e financeira reflexiva. Apontou-se a importância de que todos sejam envolvidos em uma proposta educativa que contribua com a qualidade de vida social e emocional, educando as crianças e os jovens para serem conscientes e responsáveis pelos recursos naturais e sustentáveis. Já na próxima seção, dar-se-á ênfase à importância da escola na promoção da Pedagogia Empreendedora.

A pedagogia empreendedora nas escolas

É na escola que os estudantes poderão vivenciar a oportunidade de lidar e aprender com situações reais do cotidiano, desafios que envolvem incertezas e imprevistos, isso é positivo e exige criatividade, característica necessária aos empreendedores, pois precisam aprender muito sobre o que significa ser criativo para empreender a própria vida.

Para Dolabela e Fillion (2013) quanto maior for a quantidade de projetos nas escolas que abordam a educação empreendedora, mais o ambiente empreendedor mudará. Na perspectiva da pedagogia Empreendedora Dolabela (1999) afirma que as disciplinas ensinadas devem ser: o ser humano e o direito de sonhar. O autor diz que a escola deve ser criadora de *“donos do próprio nariz”*, ou seja, é aprender a sonhar e fazer os planos como caminho para realização dos seus sonhos. Os jovens precisam sonhar e acreditar na concretização dos seus sonhos como o fio condutor para a vida.

Neste sentido, as escolas têm o desafio de buscar alternativas à formação tradicional e oferecer aos alunos múltiplas possibilidades para construir sua identidade em caminhos personalizados (DOLABELA, 2004). O desafio é ainda maior para os professores em criar formas de acompanhar individualmente os planos de realização de cada aluno, relacionando-os aos fundamentos do empreendedorismo e buscando, na prática cotidiana, atitudes e ideias para resolução de problemas. Isso vem a corroborar com as reflexões de Freire (1992), que destaca que o processo educativo exige a relação dialógica, discente e docente, sendo esta a maneira mais produtiva para a formação da personalidade crítica. O autor, enfatiza que na educação todos têm papel fundamental para que cada um seja protagonista na

realização dos seus sonhos, na realização da sua vida. Portanto, as crianças devem ser conduzidas a uma forma de pensamento livre e solidário.

Para Dolabela (2003, 2004), a pedagogia empreendedora visa o desenvolvimento social e sustentável, nesta perspectiva, incentivar o desenvolvimento social é proporcionar mais oportunidades e mais condições de vida sustentável e feliz. Portanto, a Pedagogia Empreendedora nas escolas deve contar com a participação ativa da gestão e dos educadores, buscando reconhecer e trabalhar as individualidades e ser capaz de refazer uma realidade que não atende aos interesses do coletivo.

A educação deve contribuir para o desenvolvimento de um dos principais recursos naturais da sociedade: o capital humano. Isto implica o envolvimento não só dos professores, mas também de outras pessoas preocupadas com o desenvolvimento das crianças em particular, os pais e aqueles que trabalham com desenvolvimento social. (DOLABELA; FILION, 2013, p. 173).

Diante deste desafio, fica evidente que toda a comunidade escolar deve ser envolvida, principalmente os órgãos governamentais responsáveis pela formação docente e pela normatização curricular. Serão necessárias novas propostas metodológicas, atuando sob essa nova perspectiva, com o desenvolvimento de pesquisas e de técnicas didático-pedagógicas, com constante formação empreendedora para os docentes. Destaca-se o papel fundamental do professor para que a Pedagogia Empreendedora aconteça dentro da escola, sendo imprescindível que os educadores busquem seu crescimento e desenvolvimento profissional, buscando uma relação com a realidade que seja questionadora, inovadora e reflexiva.

A próxima seção abordará a importância da formação familiar para a construção de uma sociedade mais empreendedora e saudável financeiramente.

Em pesquisa sobre educação econômica, Denegri (1997) fez uma definição sobre a alfabetização financeira de crianças que aproxima-se das características empreendedoras abordadas aqui, uma vez que, ela a considera como a ação educativa que favorece a construção de noções econômicas básicas e estratégias para a tomada de decisões, que permitam crianças e adolescentes se posicionarem como pessoas conscientes, críticas, responsáveis e solidárias.

A educação empreendedora e a saúde financeira familiar

Os conceitos de educação financeira e educação para o consumo, abordados em seção anterior, referem-se às oportunidades de aprendizagem que devem ser vivenciadas, indo muito além de economizar dinheiro ou juntar moedas. O que se pretende é desenvolver com as crianças e jovens um conjunto de ações e conceitos, baseados na pedagogia empreendedora que se tornam imprescindíveis para a compreensão do mundo econômico e socialmente consumista em que se vive.

Promover vivências de educação empreendedora, educação financeira e educação para o consumo é iniciar um processo que será formado nos aspectos emocionais, cognitivos, sociais e culturais. Para Cosenza (2011), a criança precisa aprender os valores e normas do seu grupo social e cultural. As relações interpessoais vão se desenvolvendo por meio da socialização com seus pais e com a escola, a inteligência intrapessoal é desenvolvida para que ela seja capaz de conhecer suas emoções, manifestar e inibir sentimentos e ações e também conhecer as perspectivas dos outros.

A família e a escola são instituições fundamentais para essa formação humana, atuando diretamente no processo evolutivo das pessoas, visto que, a vivência nestes ambientes poderá ser propulsora ou inibidora do desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social. Sabe-se que as crianças aprendem com os exemplos familiares e constroem suas formas de ver e construir o mundo em suas relações sociais.

É na família que se dá o início da mediação entre o homem e sua cultura, essa vivência é dinâmica e vai construindo as relações sociais e afetivas. Sendo essa mediação responsável pela transmissão dos valores, crenças, ideias e significados. Para Dessen e Polônia (2007, p.22)

É por meio das interações familiares que se concretizam as transformações nas sociedades que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola, constituem fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa.

Todavia, o que acontece na maioria das famílias é que o mundo moderno consome muito dos adultos, que acabam não fortalecendo suas relações e nem oferecendo um ambiente estruturado, que seja adequado ao bom desenvolvimento humano. Atualmente, as configurações e os vínculos familiares vêm sendo alterados, apresentando uma grande

necessidade de compreender e executar as funções de formação familiar e formação escolar. Em meio a tantas demandas ainda é preciso tratar do planejamento financeiro.

Contudo, não é costume das famílias brasileiras ter organização e planejamento orçamentário, a maioria não vivencia fundamentos da Pedagogia Empreendedora, *“na maioria das vezes, orçamento, planejamento financeiro, dinheiro ou controle de gastos não fazem parte das conversas dos casais”*. (CERBASI, 2004, p.34) Se os adultos não dialogam sobre o tema, imagina se irão tratar com as crianças sobre esses assuntos.

Segundo Cantelli (2009), as famílias têm preocupação quanto à *“alfabetização econômica”* de seus filhos, mas demonstram desconhecimento sobre a construção desses conceitos. Os familiares acreditam que as crianças devam ser educadas financeiramente pela família, mas também pela sociedade, é a necessidade de formação cidadã. Por isso, a autora analisa e reconhece a necessidade de propostas educativas de alfabetização econômica, *“tanto para os filhos quanto para os pais”* (Cantelli, 2009). Ela aponta que, quando as famílias apresentam algum tipo de ensinamento aos filhos recorrem ao cofrinho, o que reforça que socialmente tem-se uma visão apenas utilitarista da alfabetização financeira.

Para Cerbasi (2003), as influências que recebemos na infância moldam o nosso modelo financeiro e podem conduzir a hábitos negativos. Sendo assim, pais e filhos precisam ser orientados, pois, a falta de conhecimento se apresenta como a grande vilã para a falta de compreensão de problemas de desenvolvimento econômico e desigualdade social no Brasil. Há, ainda, os argumentos de que *“a educação empreendedora deve começar na mais tenra idade, porque diz respeito à cultura, que tem o poder de induzir ou de inibir a capacidade empreendedora”*. (DOLABELA, 2003, p. 15)

Dessa forma, verifica-se a importância da educação empreendedora para que as famílias possam sonhar novos sonhos, resgatar sonhos, identificar seus desejos e traçar metas que as ajudem a alcançar o que desejam e tenham uma vida sustentável e feliz. Também para que tomem consciência da responsabilidade de formar opiniões e pensamentos, influenciar pessoas e ser exemplo para elas. Lembrando sempre que *“qualquer idéia implantada nesse cérebro por alguém que desfrute a confiança da criança germinará e crescerá...”* (HILL, 2017, p. 136)

Sendo assim, o adulto será o responsável por conquistar a confiança das crianças e incentivá-las a sonhar e ter atitudes que visem a realização de seus sonhos. Dolabela (2009) destaca que além da formação de professores, as famílias têm função principal na educação empreendedora das crianças.

Lembrando que, o conceito de empreendedorismo tratado nesse trabalho é amplo e que o empreendedor é reconhecido como uma “forma de ser”, uma maneira de pensar, uma orientação em direção à inovação e à capacidade de produzir mudanças em si mesmo, no ambiente em que vivem, e na busca por autorrealização (Idem, 2000). O autor usa uma abordagem humanista, com foco na “preparação do indivíduo para participar ativamente da construção do desenvolvimento social, com vistas à melhoria de vida da população e eliminação da exclusão social”. (DOLABELA, 2003)

Nessa perspectiva, a família ocupa um lugar de destaque na formação empreendedora das crianças, devendo a escola considerar que os familiares são parceiros de grande potencial. Assim, deve promover ações, projetos e encontros que favoreçam a compreensão de sua importância e responsabilidade na formação emocional, social e econômica. Nesta perspectiva, é essencial que família e escola caminhem juntas, criem estratégias de orientação, de apoio e de desenvolvimento da comunidade local.

Para Dolabela (2009) o potencial empreendedor dos pais deve ser libertado para que ele possa estimular as crianças. Entende-se assim que, além da formação das crianças, é necessário que a escola crie ações de orientação e formação dos pais, pois isso refletirá positivamente no desenvolvimento delas e na construção de uma sociedade empreendedora.

Para construir uma cultura empreendedora na comunidade é preciso conhecimento individual e coletivo das pessoas. Os conceitos de educação financeira devem ser iniciados desde a Educação Infantil, a partir de temas básicos de alfabetização econômica inseridos na sociedade, como: guardar, gastar, consumo, desperdício, dentre outros e devem ser inseridos, de forma contextualizada em conjunto com as famílias, utilizando as experiências vivenciadas em casa.

Ensinar atitudes de independência e autonomia, cuidado com as pessoas e cuidado com a natureza, deve ser tarefa diuturna de quem se compromete a educar para a vida e para o futuro sustentável. Os pais e educadores devem utilizar situações reais para ajudar as crianças na compreensão do mundo e de suas frustrações, orientando-as a partir dessas vivências. Segundo Dolabela (1999) o empreendedor aprende é com a experiência própria e com a experiência dos outros, ele construirá uma consciência de que é dono de suas atitudes, e deve refletir sobre suas ações, assim poderá tomar decisões assertivas quando adulto, reproduzindo experiências bem-sucedidas na infância. A principal mudança é de postura, mudança de olhar e de atitudes “na forma que o sujeito possui de ler e

interpretar o mundo, tornando-se assim protagonista de sua história” (Idem, 2003).

Conclusão

Despertar a vontade de realizar nossos sonhos parece-nos essencial à vida e ao desenvolvimento humano. Sejam sonhos materiais ou imateriais, é preciso ter a clareza de que alcançar um objetivo e ter um sonho realizado não é simples (não existe fórmula mágica!), depende de um combinado de fatores. A boa notícia é que são fatores que dependem mais da própria pessoa que dos outros, é uma decisão pessoal, é focar no caminho do seu sonho e seguir adiante. É claro que isso exige muito de si, exige planejamento, disciplina, autonomia, persistência e tempo de espera para sua realização. Falar sobre atitudes que realizam sonhos está diretamente ligado aos conceitos da educação empreendedora e da educação financeira.

Nossa cultura precisa urgentemente ser permeada pela essência da educação empreendedora, sejamos adultos ou crianças, estamos expostos a uma sociedade que pouco empreende. Para Filion (2013), o que vai realmente constituir um diferencial no mundo do trabalho e na nossa vida, é o nível de autonomia das pessoas. Não se trata da capacidade de se adaptar às mudanças, mas sim da capacidade de iniciar a mudança em sua vida.

É importante prestarmos atenção nas escolhas que fazemos diariamente, escolhas boas e ruins. As escolhas ruins, quando são analisadas causam uma reflexão pessoal e servem de aprendizado para novas e boas escolhas. O empreendedor aprende por meio das suas experiências e também através das experiências dos outros. Portanto, é fundamental acreditarmos que é possível sonhar e realizar os nossos sonhos, pois só assim vislumbraremos novos caminhos, que nos levarão a novas experiências, reforçando a autoconfiança, a autoestima, a autonomia e a capacidade de assumir desafios e gerar mudanças.

Enfatizou-se nesta pesquisa a importância das famílias na formação empreendedora e a função da escola, na articulação dos conceitos e envolvimento das famílias, a fim de concretizar uma rede de formação humana e transformadora. Notamos que se o modelo de educação empreendedora, educação financeira e educação para o consumo que a criança convive for raso, sem nenhuma orientação ou vivência concreta, a criança dificilmente construirá uma consciência reflexiva sobre suas escolhas e a realização de seus sonhos.

A meta é que todos se preparem para empreender onde estiverem, seja o pesquisador, os governantes, os comerciantes ou os artistas, o importante é conhecer suas forças e fraquezas, sendo criativo e saindo do individualismo, essa conquista geralmente depende de duros ajustes estruturais.

Dolabela (2000) lembra que o brasileiro tem mostrado uma enorme força e criatividade para resistir às adversidades, mas não empenha a mesma energia para modificar sua realidade. Ele afirma que a educação que não considerar o empreendedorismo um fenômeno cultural não terá força para a transformação. É preciso fazer com que as crianças e os jovens se sintam protagonistas, na escola e na vida. Fazer com que tenham sonhos e possam fazer desse sonho uma meta a ser alcançada. Caso contrário, ficaremos resistindo às nossas dificuldades e não buscaremos novos caminhos.

Na formação escolar, o objetivo é inserir no currículo e estudar de maneira interdisciplinar, um conjunto de ações educativas que promovam experiências para as crianças, atividades que favoreçam prioritariamente as relações interpessoais, a tomada de consciência e o autoconhecimento.

Deve-se conduzir a aprendizagem de forma significativa relacionando as diversas situações do cotidiano, sabendo que o aluno não é um sujeito que vive isolado do mundo. Assim, as situações de aprendizagem devem proporcionar o desenvolvimento da função simbólica e de representação do real. Como exemplos de brincadeiras de supermercado, organizar uma lanchonete, um posto de gasolina, compartilhar seus pertences com as outras crianças, fazer doações e trocas de brinquedos, de roupas ou objetos que não utilizam mais. Ainda pode-se envolver a família em ciclos de palestras como escola de pais, em rodas de conversas para que os empreendedores do entorno possam relatar suas experiências.

Aos olhares de Kern (2009), a inclusão da educação financeira e educação para o consumo na escola pública é um assunto complexo e de extrema importância, sendo que os educadores devem ser os principais envolvidos. Destaca-se, portanto, a necessidade de preparar os professores e criar condições para que eles aprendam a trabalhar com essa nova temática, buscando, compartilhando e refletindo sobre o assunto. São conceitos que contribuem para a construção de uma geração de cidadãos autônomos, que sejam capazes de refletir criticamente sobre suas compras, sobre suas necessidades e seus desejos, consumindo de forma consciente e produzindo equilíbrio econômico e social.

Para Freire (1992), os projetos pedagógicos deverão contribuir para uma sociedade inclusiva, porém, percebemos que há pouca vontade política em incluir a todos no desenvolvimento do pensamento empreendedor. Neste sentido, nosso desafio em relação à educação empreendedora e à educação financeira vai muito além de trazer novas ideias e de romper com o ensino tradicional. É, sobretudo, um enfrentamento político, uma luta por inclusão, por oportunidades e contra todas as formas de discriminação.

Nesta pesquisa, abordamos a temática da educação financeira e educação para o consumo para crianças e jovens, pois elas são fundamentadas na educação empreendedora. A pesquisa apontou que a saúde financeira familiar tem raízes na formação de atitudes empreendedoras das pessoas. O desenvolvimento econômico e familiar vai muito além de aprender a juntar moedas, antes, sua essência é uma abordagem humana de criatividade, resistência às adversidades, que gera energia para realizar sonhos e modificar sua realidade. É formação cidadã, com o intuito de preparar os sujeitos para participarem ativamente da construção e do desenvolvimento social, visando à evolução da comunidade e minimização da exclusão social.

Dessa forma, educadores e familiares devem ser despertados urgentemente, devendo assumir a responsabilidade de construir oportunidades de formação empreendedora, com o objetivo de inquietar as crianças e os jovens. Terem a consciência de desenvolver a capacidade de sonhar, de criar novos desafios, permitir que eles possam lidar com incertezas, buscar flexibilidade nas ações e desenvolver alternativas para realizar seus desejos individuais e coletivos.

É ainda pensar a educação empreendedora numa concepção libertadora que pode alcançar resultados grandiosos. Com o envolvimento e compromisso da comunidade em prol de um conhecimento que possa produzir mais equidade e melhor distribuição das riquezas, teremos saúde financeira como consequência. Enfim, considerando o ser humano como essência da nossa missão de educadores, com observância nas suas escolhas e na preservação da natureza, realizando seus sonhos com responsabilidade, segurança e sustentabilidade.

Referências

AMORIM, D. A., **A Pedagogia Empreendedora na Educação Básica Brasileira**, Revista Científica Multidisciplinar. Núcleo do Conhecimento, Ano 03, Ed. 03, Vol. 03, 2018

- BARBOSA, L., **Igualdade e Meritocracia**. A ética do desempenho nas sociedades modernas, Editora FGV, RJ, 1999.
- BESSA, S., F., M. B., DENIGRI, M. C., 2014, “**Compreensão econômica de estudantes entre 10 e 15 anos**”, *Psicologia & Sociedade*, 2014.
- BRASIL, ENEF, **Relatório estatístico 2013**, Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/moodle/> Acesso em 15/08/2019.
- BRITTO, R. R. **Educação Financeira: Uma Pesquisa Documental Crítica**, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora. 2012
- CAMPOS, A. B., Investigando como a educação financeira crítica pode contribuir para tomada de decisões de consumo de jovens indivíduos consumidores. **Dissertação** (mestrado profissional em educação matemática), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora.
- CANTELLI, V. C. B., **Procedimentos utilizados pelas famílias na educação econômica de seus filhos**, Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251742>. Acesso em 12/11/2017.
- CERBASI, G. P. **Dinheiro: os segredos de quem tem**. São Paulo: Editora Gente, 2003.
- CERBASI, G. P., **Casais inteligentes enriquecem juntos**. Finanças para casais. São Paulo: Editora Gente, 2004.
- CHAVES, M. R. R. e M., Empreendedorismo na escola: a emergência de um outro paradigma na educação/formação, **Tese de mestrado**, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. 2009
- COSENZA, R. M., Guerra, L. B., **Neurociência e Educação: Como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DENEGRI, M. C., Como as crianças e adolescentes compreendem a economia? Avaliação do desenvolvimento do pensamento econômico na infância, **Anais do XIV Encontro Nacional de Professores do PROEPRE: Piaget e a educação**, UNICAMP/FE/LPG, Campinas, 1997.
- DESSEN, M. A., POLONIA, A. C., A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano, **Revista Paidéia**, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil, pp. 21-32. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>. Acesso em: 22/08/19.
- DOLABELA, F. **O Segredo de Luísa**, Cultura Editores, São Paulo. 1999
- _____. **A vez do Sonho**, Cultura Editores, São Paulo. 2000
- _____. Empreendedorismo, a pergunta recorrente: e depois que aprendermos a fazer o pão, Artigo publicado na **Revista Aminoácidos**, AED, Brasília, junho, pp. 81/90. 2001.

- _____. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003.
- _____. Pedagogia Empreendedora, In: **Revista de Negócios**, Blumenau, vol. 9, nº. 2, abril/junho, pp.127-130. 2004.
- _____. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- _____. **Quero Construir a Minha História**. São Paulo: Sextante, 2009.
- DOLABELA, F., FILON L. J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação, **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, vol.3, nº. 2. 2003.
- DSOP. **Sonhar, Planejar e Alcançar**: fortalecimento financeiro para as famílias. Disponível em: <[http://projetovilasesamo dsop.com.br](http://projetovilasesamo.dsop.com.br)>, Acesso em: 26/07/19.
- FILION, L. J., “Empreender: um sistema ecológico de vida”, Empreendedorismo - **Curso de Administração**. 2013.
- FREIRE, P., **Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- HILL, N., **A lei d Triunfo**. 16 lições práticas para o sucesso: ensinando, pela primeira vez na história do mundo, a verdadeira filosofia sobre a qual repousa todo triunfo pessoal, Tradução Fernando Tude de Souza, José Olympio, 44ª Ed. Rio de Janeiro, 2017.
- KERN, D. T. B., Uma reflexão sobre a importância de inclusão de Educação Financeira na escola pública. **Dissertação de Mestrado**, Educação, UNIVATES - Lajeado, RS. 2009.
- KIYOSAKI, R. T. **Pai Rico, pai pobre**: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. Tradução de Maria José Cyhlar Monteiro, 64ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier: 2000.
- PRIBERAM, Empreendedorismo, In **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/empreendedorismo>>. Acesso em: 24.jul.2019.
- REBOUÇAS, N., Tchau, consumidores!, In **Criança e consumo**: 10 anos de transformação, Organização Lais Fontenelle, Instituto Alana, 1ª ed., São Paulo, 2016.
- SANTOS, D. B., Educação financeira on-line, **Dissertação (mestrado)**, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2013.
- SOUZA, E. C. L., A disseminação da cultura empreendedora e a mudança na relação universidade-empresa, Artigo VI **Congreso Internacional del CLAD** sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Buenos Aires, Argentina. 2001
- SOUZA, S. J., “Por uma crítica dos modos de subjetivação na cultura do consumo: crianças e adultos em ação”. In **Criança e consumo**: 10 anos de

transformação / organização Lais Fontenelle. 1ªed. São Paulo: Instituto Alana, 2016.

SPC, Brasil, "**Inadimplência de Pessoas Físicas**", Disponível em: <http://www.spcbrasil.org.br>. Acesso em 15/08/19.

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE: A PORTA PARA O FUTURO

Silvio Rogério Pinheiro da SILVA¹

História do Ensino Técnico-Profissionalizante no Brasil

O desenvolvimento de uma nação está diretamente relacionado com a educação de seu povo. A História do Ensino Profissionalizante Brasileiro teve início com a Rede de Ensino Técnico-Profissional, com origem na Primeira República em que entre altos e baixos, teve uma valorização na década de 1960, momento em que empresas privadas e estatais necessitavam de mão de obra especializada.

Segundo dados do MEC (2017), após a abolição da escravidão, em 1888, o Brasil tinha 636 fábricas instaladas com aproximadamente 54 mil trabalhadores e uma população estimada de 14 milhões de habitantes e a economia era agrário-exportadora, com isso o trabalho era rural pré-capitalista.

Com a implantação do novo regime Federativo da República, possibilitou também a organização do ensino profissional por parte dos Estados da Federação. O governador do estado do Rio de Janeiro, Nilo Peçanha, através do Decreto n. 787 de 11 de setembro de 1906, fundou três escolas de ofício, houve um marco histórico na consolidação do ensino técnico-industrial no Brasil.

Em 23 de setembro de 1909, Nilo Peçanha, agora como Presidente da República, fundou uma rede de 19 Escolas de Aprendizizes e Artífices através de Decreto n. 7566 marcando assim o início da Rede Federal de escolas técnicas e posteriormente nos CEFETS (MANFREDI, 2002). As escolas nesta época eram subordinadas ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, que a partir de 1930 passaram a ser subordinadas ao recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública. Em 1937, as Escolas de Aprendizizes e Artífices são transformadas em Liceus Industriais e uma nova modificação acontece em 1942, cujo nome passa a ser Escolas Industriais e Técnicas.

¹ É professor de Química indeterminado na Etec em São Joaquim da Barra/SP. Químico industrial e Engenheiro Químico pela UNAERP. Licenciado em Química pela UNIFRAN. É especialista em Ciência e Tecnologia pela UFABC e Especialista em Educação Empreendedora pela UFSJ. Trabalha como Químico Responsável numa Empresa Metalúrgica em São Joaquim da Barra/SP. E-mail: silviopin@gmail.com

Segundo Souza (2011), foi criado em 10 de janeiro de 1946, por meio do Decreto de Lei 8.621, o SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, uma instituição privada com interesse público, destinado à Educação Profissional aos trabalhadores do comércio.

Em 16 de fevereiro de 1959, publicou-se a Lei n. 3.552, que dispunha de uma nova organização escolar, as Escolas Técnicas, cujo Art. 5º determina-se que os cursos técnicos teriam duração de quatro ou mais séries, assegurando ao estudante a formação técnica para exercer imediatamente as profissões de aplicações tecnológicas exigidas a um profissional dessa graduação técnica (BASIL, 1959).

Em 1978, aconteceu a transformação de três escolas federais, do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná, em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) igualando-se, no que tange à educação superior, aos centros universitários (SILVA, 2009).

Em 1990, ocorreu a transformação de várias escolas técnicas e agro técnicas em CEFET (Centros Federais de Educação Tecnológica), o que deu origem, em 1994, à base do Sistema Nacional de Educação Tecnológica.

Em 1996, foi sancionada a Lei 9.394 considerada como a segunda LDB, dispondo sobre a Educação Profissional num capítulo separado da Educação Básica. A partir desta data foi definido o sistema de certificação profissional permitindo o reconhecimento das competências adquiridas fora do sistema escolar.

Em 1997, foi regulamentada a educação profissional através do Decreto 2.208 criando o Programa de Expansão da Educação Profissional - PROEP.

De 1909 a 2002, houve uma expansão do Ensino Técnico, onde foram construídas 140 unidades escolares, melhorando a configuração da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica brasileira.

Em 2004, foi decretado a integração do ensino técnico de nível médio ao ensino médio através do Decreto 5.154.

Em 2005, com a publicação da Lei 11.195, ocorreu o lançamento da primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com a construção de mais 64 novas unidades de ensino.

Em 2006, o Decreto 5.840 instituiu, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos – PROEJA com o ensino fundamental, médio e educação indígena.

Em 29 de dezembro de 2008, após vários debates, publicou-se a Lei 11.892, criando os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, os quais apresentam um novo modelo de Educação Profissional, estruturados a partir dos CEFETs, escolas técnicas e agro técnicas federais e escolas vinculadas às universidades federais.

O quadro 1 mostra uma síntese do que a Rede Federal construiu ao longo de uma história amparada pelas leis e políticas da Educação Profissional e Tecnológica do governo federal.

QUADRO 1 - LINHA DO TEMPO – REDE FEDERAL – EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

1909	Escolas de Aprendizes e Artífices
1937	Liceus Profissionais
1942	Escolas Industriais e Técnicas
1959	Escolas Técnicas
1978	Centros Federais de Educação Tecnológica
1996	Lei 9.394 (LDB) Sistema de certificado
2008	Institutos Federais de Educação

FONTE: Elaborado pelo autor

A Rede Federal está presente hoje em todo o território nacional prestando serviço à nação, qualificando profissionais para os diversos setores da economia brasileira, realizando pesquisas e desenvolvendo novos processos, produtos e serviços contando com a colaboração do setor produtivo” (BRASIL, 2017). Atualmente a Rede Federal de Educação encontra-se em franca expansão, pode-se afirmar que é a maior expansão desde 1909. Até 2002, já haviam sido construídas 140 escolas técnicas no Brasil, atendendo a 120 municípios. O Ministério da Educação até 2014 criou 514 Campi atendendo a 512 municípios, fazendo parte da Rede Federal: Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, Centros Federais de Educação Tecnológica, Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais e Universidade Tecnológica Federal.

Ensino Técnico e Educação

O Ensino Técnico, com sua abordagem prática, se torna importante para quem quer entrar no mercado de trabalho, pois quem faz um curso técnico adquire habilidades teóricas e práticas que ajudam na resolução de problemas do cotidiano. Além disso, a durabilidade dos cursos técnicos é

menor que de uma faculdade, eles fazem parte de uma categoria especial do Sistema de Ensino Brasileiro.

O objetivo dos cursos técnicos é formar trabalhadores e eles estão em um nível entre o Ensino Médio e o Ensino Superior.

No Brasil existem três categorias básicas para os cursos técnicos, sendo eles:

- Curso Técnico Integrado: que substitui parcialmente o Ensino Médio. O aluno inicia logo após o término do Ensino Fundamental e ao finalizar recebe os dois certificados do Ensino Médio e do Técnico.
- Curso Técnico Externo ou Concomitante: onde o técnico é feito em horário separado do Ensino Médio. O aluno pode iniciar o curso técnico quando estiver cursando o segundo ano do ensino médio e, neste caso, deve ser feito, por exemplo, o ensino médio pela manhã e o técnico à tarde ou à noite.
- Curso Técnico Profissionalizante: é a opção de quem já terminou o Ensino Médio e quer fazer o técnico ao invés do Ensino Superior, pois ele é mais rápido que a faculdade e é uma boa opção para quem quer ingressar no mercado de trabalho.

Os cursos técnicos no Brasil estão divididos em 13 áreas ou Eixos Tecnológicos²:

1. Ambiente e Saúde
2. Controle e Processos Industriais
3. Desenvolvimento Educacional e Social
4. Gestão e Negócios
5. Informação e Comunicação
6. Infraestrutura
7. Militar
8. Produção Alimentícia
9. Produção Cultural e Design
10. Produção Industrial
11. Recursos Naturais
12. Segurança
13. Turismo, Hospitalidade e Lazer

A escolha por um curso técnico profissionalizante depende primeiramente do curso ofertado na cidade ou região onde o estudante está morando e isso está relacionado principalmente do tipo de oferta de

²Confira: <https://www.guiadacarreira.com.br/cursos/curso-tecnico/curso-tecnico/>

trabalho existente nas indústrias e comércio da região. Portanto, cada curso ofertado tem sua procura, levando em conta que você poderá desde o início aprender na prática tudo aquilo que precisa saber para mandar bem no seu futuro emprego.

Segundo o site Guia da Carreira, **Técnico em Segurança no Trabalho** e **Técnico em Logística** estão entre os cursos profissionalizantes preferidos. Além desses dois, fazem parte da lista dos cursos técnicos mais procurados as formações em Enfermagem, Nutrição e Administração. Essas opções são as preferidas pelos alunos que buscam uma carreira técnica profissionalizante que possa lhes garantir um emprego de forma mais rápida.

Observando o Estado de São Paulo, há uma autarquia do Governo Estadual, o Centro Paula Souza, que administra 221 Escolas Técnicas (Etecs) e 68 Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, em aproximadamente 300 municípios. As Etecs oferecem 140 cursos técnicos para os setores industrial, de serviço e agropecuário atendendo mais de 207 mil estudantes nos Ensinos Técnico, Médio e Técnico Integrado ao Médio. Já as Fatecs oferecem 73 cursos de graduação tecnológica em diversas áreas, como Construção Civil, Mecânica, Informática, Tecnologia da Informação, Turismo, entre outras, atendendo cerca de 82 mil alunos³.

Para atender ao mercado de trabalho de determinada região, Etecs e Fatecs oferecem cursos no Estado de São Paulo em diversas áreas como: Administração, Eletrotécnica, Eletroeletrônica, Informática, Marketing, Meio Ambiente, Química, Secretariado e Segurança do Trabalho. Dentre estes cursos os mais procurados na região de São Joaquim da Barra são: Segurança do Trabalho, Administração, Química, Informática e Eletrotécnica, devido às necessidades de indústrias locais com oferta de vagas para os diversos cursos de formação técnica.

De acordo com as atribuições de cada curso os profissionais estão habilitados a atuar na área escolhida, tais como:

Técnico em Segurança do Trabalho: este profissional é muito procurado por indústrias de toda região, pois atuam em ações preventivistas nos processos produtivos com auxílio de métodos e técnicas de identificação, avaliação e medidas de controle de riscos ambientais, desenvolvem ações educativas na área de saúde e segurança do trabalho, orientam o uso de EPI e EPC e executam diversos programas de prevenção em SST, inclusive PPRA (Programa de Prevenção de Riscos Ambientais).

³ Confira: <http://www.portal.cps.sp.gov.br/quem-somos/perfil-historico/>

Técnico em Administração: este profissional pode atuar tanto em indústrias como escritórios administrativos existentes em toda região onde conseguem executar as funções de apoio administrativo.

Técnico em Química: profissional que atua em vários seguimentos industriais existentes na região como Indústrias Sucroalcooleira, Metalúrgicas, Fertilizantes, Produtos Lácteos dentre outras, pois realizam análises em controle de qualidade de matérias primas, produtos e processos industriais.

Técnico em Informática: profissional muito procurado não só pelas indústrias regionais como comércio e instituições que demandam sistemas computacionais, pois montam estruturas de banco de dados e codificam programas, projetam, implantam e realizam manutenção de sistemas e aplicações e selecionam recursos de trabalho, linguagens de programação, ferramentas e metodologias para o desenvolvimento de sistemas. Poderá trabalhar também como autônomos em consultoria, treinamento e desenvolvimento de softwares.

Técnico em Eletroeletrônica: este profissional elabora estudos e projetos de sistemas industriais, participando do desenvolvimento de processos e de produtos. Projeta e executa serviços elétricos, eletrônicos, eletromecânicos e hidráulicos e de telecomunicações; implementa propostas técnicas, instalando, configurando, mantendo e inspecionando sistemas e equipamentos. Proceda à execução e ao controle da manutenção corretiva e preventiva de sistemas industriais.

O mercado de trabalho para estes profissionais são: Indústria eletroeletrônica, Indústria de manufatura e de processos, Empresas de manutenção e automação, Laboratórios de controle e de qualidade, de manutenção e pesquisa, Empresas de consultoria na área, Desenvolvimento de projetos eletroeletrônicos e Prestação de serviços⁴.

Ensino Técnico e Educação Empreendedora

Segundo Dolabela (1999) o empreendedorismo não deve ser encarado apenas como forma de enriquecimento pessoal. Ele deve ser direcionado para o desenvolvimento social, fazer com que as pessoas sejam incluídas e o país tenha mais condições de viver. Dolabela também defende a disseminação do empreendedorismo através do processo de formação de atitudes e características como uma forma de transmissão de

⁴ Confira: <http://www.etecpedrobadran.com.br/cursos.html>

conhecimentos. Dolabela (1999) propõe a aplicação de uma Pedagogia Empreendedora, ou seja, uma metodologia de ensino que visa o desenvolvimento de competências individuais e coletivas com o intuito de gerar valor para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo e de buscar a sustentabilidade.

A abordagem didática do Empreendedorismo está cada vez mais presente nas mais diversas modalidades de ensino. Um dos maiores desafios está em como cada componente curricular deva ser transmitido aos alunos, tendo em vista que o processo de ensino-aprendizagem deva ser relacionado a Educação Empreendedora, facilitando a relação aluno-professor em sala de aula, trazendo a importância de abordar o empreendedorismo para futuros profissionais que serão inseridos no mercado de trabalho. A utilização de dinâmicas e atividades específicas são primordiais para despertar a curiosidade e aguçar o espírito investigativo dos alunos, tornando os conteúdos mais atrativos e facilitando a aprendizagem.

Referencial Teórico

O brasileiro acredita que quem faz um curso técnico não tem a intenção de cursar um superior, como se um diploma de ensino técnico impedisse o estudante de continuar seus estudos. Esse pensamento impacta negativamente para as escolas técnicas, pois acarreta um aumento preconceituoso em relação às formações técnicas e profissionalizantes. Muitos acreditam ser perda de tempo cursar uma escola técnica, pois poderiam estar em uma universidade. Porém, esse pensamento não é verdadeiro. Notamos que cada vez mais o ensino técnico serve para nortear os estudantes em relação à escolha da profissão correta que desejam seguir, sem contar que, com o ensino técnico, os jovens estão se preparando não só para o mercado de trabalho como para um posterior ingresso no ensino superior. A educação profissionalizante além de formar profissionais capacitados com conhecimentos técnicos para o mercado de trabalho, também forma cidadãos responsáveis. Para a sociedade, o papel da educação é de grande importância, pois além de contribuir para sua formação, também promove a inclusão social do cidadão, causando a inserção dos indivíduos marginalizados no contexto social. Um curso profissionalizante deve preparar o aluno com inovações tecnológicas, inserindo-o numa sociedade desenvolvida tecnologicamente. Os cursos técnicos brasileiros procuram suprir a demanda de mão de obra qualificada

e certificada, pois hoje em dia as empresas trabalham respeitando selos de certificações internacionais que necessitam de mão de obra qualificada com certificados profissionais.

Pesquisa encomendada pela CNI (Confederação Nacional da Indústria) ao Ibope mostra que o caminho mais rápido para se conseguir um emprego com um bom salário é o curso técnico profissionalizante. O levantamento desta pesquisa apontou que 90% dos entrevistados concordam que as oportunidades de trabalho aumentam para quem faz um ensino técnico e 82% concordam que os profissionais com certificado de qualificação profissional conseguem salários maiores. Outro ponto positivo é que a formação técnica garante aos jovens sua independência financeira, tornando possível a realização de sonhos e o alcance de vários objetivos como o de financiar sua formação acadêmica⁵. O ensino técnico além de preparar os jovens para o mercado de trabalho agrega valores éticos e morais, conscientizando-os que a educação é a solução mais plausível para a evolução profissional. Com a formação técnica fica mais fácil sua inserção no mercado de trabalho e sua emancipação financeira ocorre de forma responsável ajudando na realização de seus sonhos.

Os resultados da pesquisa realizada pelo IBGE em 2014 mostram que 40,2 milhões de brasileiros têm grande desejo por uma qualificação profissional. A valorização do trabalhador é bem maior quando este é um profissional que cursou a escola técnica.

Rafael Lucchesi (diretor geral do Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) afirma que a educação profissional é o caminho mais rápido para a inserção dos jovens no mercado de trabalho e para a recolocação dos trabalhadores que ficam desempregados. Estudos mostram que muitos retornam aos estudos depois de adultos em busca de uma qualificação profissional, garantida pelos cursos técnicos. É o que mostra também as pesquisas com egressos do Senai, 66% dos alunos que se qualificam em cursos técnicos conseguem trabalho após seu primeiro ano de formatura⁶.

Outro diferencial importante é com relação aos salários, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), entre dois indivíduos com a mesma idade os que frequentaram um curso técnico tem aumento de 15%

⁵canaltecnico.somosensinotecnico.com.br.

⁶Confira: <https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/educacao/pesquisa-do-ibge-mostra-grande-desejo-dos-brasileiros-por-qualificacao-profissional/>

na sua renda mensal. E que várias ocupações técnicas concorrem muito bem com formações de nível superior⁷.

Para Lucchesi a pesquisa reforça ainda a importância do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico (Pronatec) criado em 2011 com o intuito de ampliar as vagas em cursos de educação profissional. Este programa vem de encontro com a necessidade do país em corrigir distorções na matriz educacional brasileira, que possui baixo contingente de pessoas com formação técnica, ao contrário dos países desenvolvidos como na Europa que em média 50% dos estudantes fazem juntos o ensino médio e um ensino técnico, já no Brasil este número cai para cerca de 10%.⁸

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois caracteriza-se na realização de uma revisão bibliográfica relacionada ao Ensino Técnico Profissionalizante no Brasil. A metodologia utilizada apresenta um estudo de caso, com objetivos descritivos e exploratórios. Uma pesquisa exploratória, segundo Gil (1999, p. 43), “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximado, acerca de determinado fato”. Já os estudos descritivos foram utilizados para observar e descrever certos aspectos específicos da realidade em questão. O estudo de caso é caracterizado pela maneira de detalhar e investigar de forma profunda tendo ênfase os meios para permitir um conhecimento amplo e com detalhes para uma conclusão (GIL, 1999). Nesse sentido, o estudo de caso é uma verificação detalhada de relatos de ex-alunos de Cursos Técnicos narrando suas experiências vividas após o término do curso técnico.

Segundo Yin (2005, p. 32), “o estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Com o estudo de caso tem-se a oportunidade de definir claramente o contexto estudado, por isso são realizadas observações, pesquisa voluntária com alunos egressos e relatos de ex-alunos, entre outros métodos que nos fornecem a realidade do fenômeno estudado. O nosso estudo de caso foi realizado através de pesquisa documental e relatos de dez ex-alunos que estudaram na Etec Pedro Badran, Escola Técnica situada no interior do estado de São Paulo. Entre eles há aqueles que frequentemente visitam a

⁷Confira: <http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,ERT143262-16349,00.html>

⁸Confira: <http://portal.mec.gov.br/pronatec>

instituição, outros que mantêm contato com os professores e relatam como o Curso Técnico Profissionalizante auxiliou na sua colocação no mercado de trabalho e como norteou a sua escolha acadêmica. A pesquisa foi realizada com o objetivo de sustentar a importância do Curso Técnico Profissionalizante na formação dos trabalhadores atuais brasileiros e dos futuros ingressantes no mercado de trabalho. Através dos relatos apresentados no item 4, será possível atestar as proposições defendidas no estudo em questão.

Resultados e discussões

Os relatos foram colhidos através de perguntas feitas aos ex-alunos de diversos cursos técnicos, onde questiono sua idade, ano de término do curso técnico, o que estão fazendo no momento, a importância do curso técnico na sua escolha profissional e uma breve descrição de sua trajetória profissional e de estudos.

Seguem abaixo os relatos adquiridos pela pesquisa:

- a) Ex-aluno, 28 anos, curso Técnico em Química concluído em 2008, atualmente faz Doutorado em Química no Instituto de Química da USP em São Carlos:

Sem dúvidas o curso técnico auxiliou a moldar meus rumos profissionais. Meu desejo pelo conhecimento prático da Química foi, felizmente, cultivado e incentivado durante o curso técnico. Aulas práticas e vivência laboratorial despertaram um prazer em compreender como o mundo funciona, e como a Química é capaz não apenas de explicar, mas mimetizar o funcionamento do mundo em uma simples bancada.

Cursei o ensino técnico em comunhão com o ensino médio, terminando-o em meados de julho de 2008, ano de meu terceiro colegial. Ao término do ano prestei uma série de vestibulares para os cursos de Química e Engenharia Química. Como resultado, optei por cursar graduação em Química na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara. Durante os anos iniciais do curso de graduação, os conhecimentos adquiridos no curso técnico foram de grande utilidade, principalmente em disciplinas práticas, as quais demandavam procedimentos e boas práticas de laboratório já aprendidas no curso técnico.

Ao término da graduação em Química (bacharelado), optei pela permanência no meio acadêmico, dando continuidade à busca de conhecimentos e compreensão, iniciadas em 2007 durante o curso técnico.

Assim, cursei Mestrado em Química Orgânica pela UNESP, trabalhando com cromatografia líquida e novas tecnologias para a extração e análise de materiais vegetais.

O passo seguinte de minha trajetória foi buscar maiores desafios e conhecimentos, dando início ao curso de Doutorado, agora no Instituto de Química da USP – São Carlos (IQSC). Durante meu doutorado tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos em Bioquímica e Biologia Molecular, bem como em espectrometria de massas. Durante o terceiro ano de meu doutorado fui aceito pelo professor Anthony Letai para realizar um estágio de 1 ano, chamado de doutorado sanduíche, em seu laboratório no Instituto do Câncer Dana-Farber e na Universidade de Medicina de Harvard. Durante este estágio tive a oportunidade de trabalhar com a descoberta de novos tratamentos para câncer de mama.

Atualmente, finalizando meu doutorado, trabalho também com a avaliação do metabolismo de pacientes de uma doença genética chamada Síndrome de Cri-du-chat, através de uma técnica de análises chamada espectrometria de massas. Neste projeto buscamos encontrar diferenças no metabolismo dos pacientes que possam ser medicadas em prol da melhoria da qualidade de vida dos portadores desta doença.

Por fim, cerca de 10 anos após o término do ensino técnico, posso concluir que este teve caráter fundamental na moldagem da minha ainda jovem carreira, e que ajudou a despertar a vontade de aprender o máximo possível de forma prática, em uma bancada de laboratório, e não apenas atrás de livros. Tenho grande saudosismo ao lembrar dos mestres que antes me moldaram, e muita alegria em saber que a cada dia chego mais perto de me tornar como eles.

- b) Ex-aluno, 26 anos, curso Técnico em Química concluído em 2014, atualmente trabalha como analista de laboratório em metalúrgica em São Joaquim da Barra:

Comecei o curso Técnico procurando me especializar e optei pelo curso Técnico em Química na Etec Pedro Badran, onde finalizei em 2014 e por ter me destacado no curso consegui um emprego como analista de laboratório em uma metalúrgica assim que finalizei o técnico.

Com o salário que ganhava trabalhando, consegui continuar estudando e terminei em 2018 minha graduação em Engenharia Química na Unifran (Universidade de Franca).

O curso técnico me auxiliou na escolha da minha profissão, assim como os conhecimentos adquiridos também auxiliaram nas aulas práticas da universidade. Analisando minha trajetória, foi o curso técnico que abriu as portas para o mercado de trabalho e conseguir realizar o sonho de cursar uma Universidade”.

- c) Ex-aluna, 23 anos, curso Técnico em Marketing concluído em 2013, atualmente trabalha como autônoma em artes gráficas e visuais em São Joaquim da Barra:

Fiz o curso juntamente com o ensino médio, o que além de me auxiliar na área profissional, também me ajudou muito na área escolar, com relação ao método de estudo e maior envolvimento com a escola. Falando sobre a parte profissional, por meio do técnico eu descobri minha paixão pela área, fator que me ajudou muito a decidir qual faculdade fazer e qual profissão seguir, duas das grandes maiores dúvidas que se costuma ter na adolescência. Após minha formação técnica, iniciei o curso de Publicidade e Propaganda, me formei em dezembro de 2017, e apesar de não seguir carreira profissional logo após a conclusão da graduação, por falta de campo na cidade em que resido no interior de São Paulo, estudei aquilo que eu tanto sonhava e o que me permitiu a satisfação de me sentir realizada nesta área. Entretanto, em abril de 2019 surgiu um projeto próprio muito especial na minha carreira, que foi o de começar um empreendimento de artes gráficas e visuais, juntamente com artigos personalizados, para conseguir uma renda extra e poder finalmente trabalhar com aquilo que eu tanto amo. Pouco depois de iniciado, saí do serviço fixo que possuía até então, e fiquei somente com meu trabalho autônomo e empreendedor. Dessa forma, podendo trabalhar naquilo que amo, sendo feliz e realizada profissionalmente. Tudo isso graças a formação inicial e amplamente completa, desde a forma teórica até a prática, que o curso Técnico em Marketing me forneceu. Esta formação foi muito importante na minha vida, porque além de me auxiliar a descobrir o tipo de profissional que eu gostaria de ser, me proporcionou por meio do estudo total suporte, conhecimento e experiência para alcançar meu objetivo.

- d) Ex-aluna, 25 anos, curso Técnico em Química concluído em 2014, atualmente trabalha como farmacêutica em Farmácia localizada em São Joaquim da Barra:

Através do curso Técnico em Química que descobri minha paixão por Química e Bioquímica, além de ter ganho experiência prática que não tive na faculdade de Farmácia. O conhecimento adquirido no curso técnico me proporcionou uma vantagem quanto a área de estudo da faculdade voltada a Química e Física, além da experiência no ambiente laboratorial que me deixou mais segura sobre o que queria e mais confiante na prática durante minha formação acadêmica.

- e) Ex-aluno, 23 anos, curso Técnico em Informática concluído em 2013, atualmente trabalha em Startup em Ribeirão Preto:

Muito importante, pois foi o que me auxiliou na descoberta do meu caminho profissional, além de me ajudar a decidir o curso da faculdade. Depois do técnico, iniciei a graduação em Ciência da Computação, e ingressei no mercado de trabalho através de um estágio na AceData de São Joaquim da Barra. Assim que me formei, consegui uma vaga em uma Startup de Ribeirão Preto, que atua no mercado financeiro. Desde então, pude participar de eventos de inovação em São Paulo pelo Sebrae, participar do desenvolvimento da plataforma, gestão do negócio, brainstorming de ideias de inovação, além de vivenciar o que é uma startup, algo que todo profissional da área de tecnologia almeja em conhecer e vivenciar.

- f) Ex-aluno, 28 anos, curso Técnico em Informática concluído em 2012, atualmente trabalha como programador em Ribeirão Preto:

Sim, no curso técnico tive contato pela primeira vez com a programação de computadores e gostei. No início parecia que ia ser um hobby, mas aos poucos fui aprendendo mais e fui tendo oportunidades para trabalhar na área. Não fosse o curso técnico com certeza eu não seria programador hoje, talvez tivesse feito faculdade de jornalismo ou alguma outra que não tenha nada a ver com exatas, mas acabei fazendo Ciência da Computação.

- g) Ex-aluna, 21 anos, curso Técnico em Química concluído em 2015, atualmente trabalha no controle de qualidade em empresa de Fertilizantes localizada em São Joaquim da Barra e faz Graduação em Química Industrial na Unifran – Universidade de Franca:

O curso me ajudou a decidir qual caminho profissional trilhar e com as visitas técnicas me mostrou um pouco do dia a dia de uma empresa. O técnico também me deu base ótima para faculdade nas áreas de cálculos, preparo de solução e como se portar dentro de um laboratório. Hoje, como profissional, me sinto mais segura e vejo o quão importe o ensino técnico foi, graças a ele comecei a trabalhar na área que sempre desejei, controle de qualidade, mesmo sem ter começado o curso superior.

- h) Ex-aluno, 26 anos, curso Técnico em Informática concluído em 2010, atualmente trabalha com informática em Ribeirão Preto e faz sua segunda graduação em Direito na Unip em Ribeirão Preto:

O curso Técnico com certeza foi importante. Determinante, melhor dizendo. Fiz o curso Técnico em Informática da Etec Pedro Badran, de São Joaquim da Barra. O curso foi decisivo para minha definição de carreira, pois no segundo semestre de curso fui convidado a fazer estágio na Etec e, posteriormente, essa experiência me abriu portas para meu primeiro emprego CLT. Atualmente sou cofundador de uma fintech chamada TCL Soluções. Após o curso Técnico em Informática da Etec, fiz Ciência da Computação na Unip, pós-graduação em Arquitetura de Software na PUC Minas e atualmente estou cursando uma segunda graduação - Direito, também na Unip. Como é possível notar, minha trajetória profissional está fortemente ligada aos conceitos aprendidos no curso técnico. Eles têm sido importantes até mesmo para o melhor aproveitamento da graduação em Direito, apesar de serem áreas extremamente opostas. Ressalto, ainda, que essa importância não se faz presente apenas em mim, mas em todos os candidatos que já entrevistei para vagas de emprego. É nítida a solidez da base dos candidatos que cursaram Etec. Entretanto, nem tudo são flores. A grade curricular das Etecs precisa se atualizar. O mercado de trabalho, principalmente em Tecnologia, é extremamente rápido e sua evolução é diária - o que gera um desafio ainda maior para as Escolas Técnicas.

- i) Ex-aluno, 19 anos, curso Técnico em Química concluído em 2018, atualmente trabalha como aprendiz de laboratório em empresa de fertilizantes em São Joaquim da Barra:

O curso técnico foi muito importante para a escolha da minha profissão, cheio de experiências e reações. Ele me ensinou a ver como as reações químicas e nossa matéria são formadas. Minha vida profissional deslanchou muito após ter feito o curso Técnico em Química, pois é um curso muito amplo e com professores engajados. Abriu portas para oportunidade de emprego, com novos desafios.

- j) Ex-aluno, 45 anos, curso Técnico em Química concluído em 2003, atualmente trabalha como auxiliar de laboratório em metalúrgica em São Joaquim da Barra:

Com certeza o curso técnico abriu várias oportunidades na minha vida profissional. Estudei 100% em escola pública, quando prestei o vestibulinho para o curso Técnico em Química na Etec Pedro Badran em 2001. Foi através do técnico que consegui emprego na área química assim que concluí o curso em usina na região onde moro. Após trabalhei na produção em siderúrgica e retornei para a área química, onde pretendo

me aposentar neste trabalho. Infelizmente não tive condição de fazer faculdade, mas graças a minha formação técnica estou trabalhando e sustentando minha família linda.

Com os dados coletados, nos relatos dos ex-alunos, observa-se que o ensino técnico norteou os estudantes em relação as suas escolhas profissionais, despertando seus interesses e aguçando ideias inovadoras, tornando-os independentes financeiramente, preparando-os não só para o mercado de trabalho, como para um posterior ingresso no ensino superior. Alguns ex-alunos utilizaram dos conhecimentos adquiridos e tornaram-se empreendedores, montando seu próprio negócio, tornando-se protagonistas de suas próprias vidas, praticando o empreendedorismo conforme os ensinamentos de Dolabela (2003, p. 130-131):

A tarefa da educação empreendedora é principalmente fortalecer os valores empreendedores na sociedade. É dar sinalização positiva para a capacidade individual e coletiva de gerar valores para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo, de buscar a sustentabilidade, de ser protagonista. Ela deve dar novos conteúdos aos antigos conceitos de estabilidade e segurança — impregnados na nossa cultura, mas referentes a contextos hoje inexistentes. Atualmente, estabilidade e segurança envolvem a capacidade da pessoa de correr riscos limitados e de se adaptar e antecipar às mudanças, mudando a si mesma permanentemente.

Conclusões

Diante dos relatos verificados nesta pesquisa notamos a importância dos cursos técnicos na vida profissional e acadêmica dos alunos. É possível verificar que eles se desenvolvem no campo profissional por meio dos conhecimentos adquiridos, como também, no campo pessoal, desenvolvendo o trabalho em equipe, através das aulas práticas, ingressando com maior facilidade no mercado de trabalho, alcançando sua independência financeira e se destacando perante a sociedade como profissionais engajados e responsáveis.

O estudo técnico profissionalizante é um exemplo de educação empreendedora, pois proporciona diversas ações e atividades práticas diferenciadas aos alunos para um melhor aproveitamento dos conteúdos transmitidos e experiências vivenciadas, transformando o aluno em protagonista no processo ensino-aprendizagem, envolvendo-os em assuntos

pertinentes ao seu futuro profissional, independente da área em que irão atuar.

Referências

- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS CNI, “**População brasileira acredita que educação profissional abre portas para o mundo do trabalho**”. 2014. Disponível em: <<https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/educacao/populacao-brasileira-acredita-que-educacao-profissional-abre-portas-para-o-mundo-do-trabalho/>>. Acesso em: 21 maio 2019.
- BOAVENTURA, H. “**Pesquisa do IBGE mostra grande desejo dos brasileiros por qualificação profissional**”. 2017. Disponível em: <<https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/educacao/pesquisa-do-ibge-mostra-grande-desejo-dos-brasileiros-por-qualificacao-profissional/>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- CAMPOS, G. A. “**Educação profissional no Brasil: origem e trajetória**”. 2018. Disponível em: <<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2018/05/Edilene1502.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2019.
- CANAL TÉCNIC. , “**Curso técnico é mais uma porta de entrada para a vida profissional**”. 2017. Disponível em: <<https://canaltecnico.somosensinotecnico.com.br/curso-tecnico-entrada-vida-profissional/>>. Acesso em: 20 maio 2019.
- CARVALHO, F. S. B. , “**Formação profissional e cidadania: a contribuição do PRONATEC**”. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos15/24622371.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2019.
- CENTRO PAULA SOUZA, Governo do Estado de São Paulo, 2019, “**Perfil e histórico**”. Disponível em: <<http://www.portal.cps.sp.gov.br/quem-somos/perfil-historico/>>. Acesso em: 16 jun. 2019.
- CORTEZ, G. D. “**Educação Empreendedora no ensino profissionalizante: desafios e experiências numa instituição de ensino**”. 2018. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5264/pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2019.
- DEITOS, R. A.; LARA, A. M. B. “**Educação profissional no Brasil: motivos socioeconômicos e ideológicos da política educacional**”. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n64/1413-2478-rbedu-21-64-0165.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- ESCOLA TÉCNICA GERAÇÃO, 2018, “**Conheça os cursos técnicos mais procurados do mercado**”. Disponível em:

- <<https://tecnica.geracaoweb.com.br/blog/conheca-os-cursos-tecnicos-mais-procurados-do-mercado/>>. Acesso em: 9 jun. 2019.
- ETEC Pedro Badran, **“Cursos”**. 2019. Disponível em: <<http://www.etecpedrobadran.com.br/cursos.html>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- EVOLUA, Ensino Interativo, **“A história do ensino profissionalizante no Brasil”**. Disponível em: <<https://ensinointerativo.com.br/historia-ensino-profissionalizante-interativo-no-brasil/>>. Acesso em: 4 jun. 2019.
- FINDES. **“Mercado de trabalho: confira a lista das profissões em alta até 2020”**. 2018. Disponível em: <<https://sistemafindes.org.br/news/mercado-de-trabalho-confira-lista-das-profissoes-em-alta-ate-2020/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- FORMICE, C. R., **“A importância da educação profissionalizante”**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/a/49011>>. Acesso em: 20 maio 2019.
- GIL, A. C. **“Como elaborar projetos de pesquisa”**, São Paulo: Atlas, 2007.
- GUIA DA CARREIRA, **“O que é curso técnico e por que ele é tão interessante?”**. Disponível em: <<https://www.guiadacarreira.com.br/cursos/curso-tecnico/curso-tecnico/>>. Acesso em: 9 jun. 2019.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, **“Cenário da rede federal de educação profissional e tecnológica”**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2019.
- YIN, Robert K., 2005, **“Estudo de caso: planejamento e métodos”**. Porto Alegre, Bookman.

O GESTOR EDUCACIONAL E O EMPREENDEDORISMO

Juliana Tófani de SOUSA¹

Quando se fala em educação, refere-se a uma das missões mais antigas da humanidade e que se mostra cada vez mais importante, no que tange a formação humana e social do sujeito. É uma extraordinária força cultural que está em contínuo estado de invenção e de reinvenção social. Educar é um ato político e a escola deve ser o maior berço para o mundo igualitário e democrático. Seu papel é apresentar ao aluno o diferente, o diverso e a grandiosidade do mundo, empoderando-o por meio da construção da autonomia e do protagonismo.

De tempos em tempos, sobretudo diante de ciclos históricos, como a atual transição de séculos e de milênios, a sociedade busca e define os pressupostos, os objetivos, os conteúdos e as metodologias da educação. Diante da sociedade contemporânea, vários são os desafios que enfrenta a escola e, portanto, é preciso uma quebra de paradigmas, para que se possa entender o novo formato de escola, educação, aluno e professor que nos pede o século XXI. Faz parte integrante dessa busca traçar o perfil deste profissional ideal, e, conseqüentemente, perguntar que tipo de cidadão queremos formar.

Dentro das relações estabelecidas neste espaço institucional, as posturas do diretor escolar necessitam ser repensadas. Frente ao complexo universo das novas demandas que a escola enfrenta, observando uma sociedade que se democratiza e se transforma. Esse dinamismo, necessário diante dos novos desafios dos dias atuais, traz para as discussões a expressão - "fazer gestão"- remodelando o trabalho do diretor escolar.

A partir deste novo modelo, automaticamente, o conceito de liderança é trazido para o contexto, pois não se faz gestão sem exercer a liderança. Liderança, definida por Lück, (2014, p. 95), "corresponde a um conjunto de ações, atitudes e comportamentos assumidos por uma pessoa, para influenciar o desempenho de alguém, visando a realização de objetivos organizacionais".

¹ Pedagoga, especialista em Educação Infantil, especialista em Educação Empreendedora. Atua na Rede Municipal de Belo Horizonte, como professora, com experiência também como coordenadora pedagógica, vice-diretora e diretora de Escola Municipal de Ensino Fundamental e de EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil. É Assessora Pedagógica: formação de professores: com palestras, cursos e assessorias em escola públicas e particulares. E-mail para contato: em.caminhar@outlook.com

Na escola, tal mobilização se dá através da comunidade escolar que, devidamente organizada, em torno das metas e objetivos educacionais, vão mediante seu esforço e capacidade de realização, garantir a efetividade do trabalho da Instituição.

Em outra de suas obras, Lück (2002), aponta que o líder desempenha funções de extrema relevância para o crescimento e desenvolvimento de uma escola. O conhecimento que possui e o exercício da arte de lidar com os seres humanos constantemente, possibilita a condução de situações diversas com sabedoria.

Também sobre este papel mais amplo e complexo do gestor escolar, encontra-se fundamentos em Freire:

A gestão escolar precisa ser desempenhada em atividades voltadas para tipos específicos em cada setor e para problemas que precisam ser solucionados nas escolas. A moderna prática da gestão escolar requer competências e capacidades para poder acompanhar de perto e compreender adequadamente as grandes transformações advindas dos processos de mudanças educacionais, precisa desenvolver habilidades, novos hábitos e novas condutas que facilitem o enfrentamento de situações com a necessária flexibilidade, permitindo, assim, a participação de todos na construção de uma nova realidade. (FREIRE, 2000, p.26).

Considerando o conceito de liderança e observando o espaço escolar, percebe-se que o líder exerce influência sobre as pessoas para que promovam os melhores resultados em termos de desenvolvimento humano, aprendizagens, transformações, inovações e práticas.

Portanto, liderança deve ser sempre uma influência orientadora, estimuladora, motivadora, inspiradora e conscientizadora. Oliveira, em seu livro *Psicologia Positiva*, 2017, afirma que liderança jamais pode envolver medo. “Liderança é confiança, é alegria, é psicologia positiva. Liderança não chacoalha barcos, mas ajusta as velas. Liderança não grita, mas inspira. Liderança é onipresente”. (p. 216)

Com uma função tão complexa e moderna, pensada dentro dos quatro pilares que orientam a educação atual: conhecer, fazer, ser e conviver, faz-se necessário acrescentar na prática do gestor escolar, um quinto pilar, aprender a empreender. A conduta empreendedora desperta no indivíduo a energia motivacional e, conseqüentemente, favorece a ação para o desenvolvimento dos quatro pilares. Empreender a própria vida, o próprio sonho, despertando nos demais, o ideal coletivo de construir uma escola mais feliz e com qualidade para todos.

Pesce (2012), em seu livro intitulado “A menina do vale”: como o empreendedorismo pode mudar sua vida, compartilha dicas que podem ser consideradas inovações no meio empreendedor. Para empreender, é preciso ir além do poder intelectual, sendo necessário investir nas entrelinhas das relações intra e interpessoais.

“A energia do empreendedor nasce e se renova na busca do sonho”, afirma Dolabela (2002, p. 55), completando que essa busca “é que lhe dá as condições para empreender: empenho, disposição para adquirir conhecimento, capacidade de liderança, habilidade para identificar oportunidades, criatividade, perseverança, autonomia, protagonismo”.

Em meio a suas investigações teóricas, Dolabela, (2002, p.6), avalia o empreendedorismo como sendo um mapa de navegação, que irá permitir a viagem em busca do sonho. Destaca ainda, “que a grande magia empreendedora está na busca, e não na chegada”. A grande questão é entender se os gestores, que ocupam o cargo de diretor escolar, possuem características de um empreendedor e se tais habilidades, constituídas, favorecerão o bom andamento da instituição.

Dolabela (2003) afirma que a tarefa da educação empreendedora passa primeiramente pelo objetivo de fortalecer os valores empreendedores na sociedade. Desta forma, de acordo com o autor, é necessário contar com a participação de gestores empreendedores, isto é, pessoas capazes de inovar, de serem autônomos, de buscar a sustentabilidade, formando indivíduos capazes de correr riscos limitados e de se adaptarem e anteciparem às mudanças do mundo contemporâneo. É certo que um líder empreendedor, estando a frente de uma unidade escolar, não terá domínio de tudo, todo o tempo. Não terá acesso ou dominará todas as áreas de conhecimento e informações necessárias para fazer a máquina andar. Ele vai aproveitar em sua equipe aquilo que cada um sabe e faz de melhor. Irá favorecer a flexibilidade e a inovação e caminhar rumo ao trabalhar democrático.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre o papel do gestor escolar, observando a sociedade contemporânea e a escola dentro deste contexto. Não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas sim de contribuir para um importante debate, envolvendo gestão escolar, democracia, liderança e empreendedorismo.

Compreendendo a gestão escolar e seus desdobramentos

Gestão escolar é o sistema de organização interno da escola, envolvendo todos os segmentos que estão relacionados com as práticas

escolares. Desta forma, a gestão escolar visa estabelecer a unidade e integração de todas as ações do estabelecimento de ensino, de modo que se concentrem na formação e aprendizagem dos alunos. O objetivo maior de uma boa gestão escolar é o crescimento da equipe, através do esforço de todos os envolvidos, organizados em um coletivo, com focos específicos.

A gestão escolar é responsabilidade do diretor da escola. Ele possui várias funções dentro da instituição, dentre elas, elaborar propostas pedagógicas, com base na democracia e na participação da comunidade, garantindo a manutenção da qualidade do ensino.

Para isso, o gestor escolar passa a valorizar a atuação de professores, no propósito que esses assumam a responsabilidade de formar cidadãos críticos sobre a realidade, que tenham opinião e integridade.

Considerando o papel da escola na sociedade e as rápidas mudanças contemporâneas, sua função é hoje mais dinâmica, inovadora e ampla, o que exige novas posturas e a sua formação em serviço e continuada.

Gestão democrática

A escola, no exercício de seu papel na construção da democracia social e política, necessita definir seus objetivos e estratégias. Para promover o desenvolvimento de capacidades cognitivas, operativas e sociais dos alunos, através do trabalho organizado e estrategicamente pensado do professor, a escola vai selecionar os conteúdos escolares, que serão mais significativos e, portanto, necessários.

Outro objetivo da escola é promover as condições para o fortalecimento da subjetividade e da identidade cultural dos alunos, incluindo o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade e da imaginação. A escola também prepara para o trabalho e para a sociedade tecnológica e comunicacional, orientando e possibilitando que o aluno aprenda a tomar decisões, a fazer análises globalizantes, a interpretar informações de toda natureza, a ter atitude de pesquisa e a trabalhar coletivamente.

É função da escola a formação para a cidadania crítica. Isto significa não apenas formar indivíduos para integrar o mercado de trabalho, mas desenvolver nos mesmos, competências que os possibilitem atuar como um cidadão trabalhador capaz de interferir criticamente na realidade, para transformá-la. O desenvolvimento e formação de valores éticos, isto é, formação de qualidades morais, traços de caráter, atitudes, convicções humanistas e humanitárias, também compõe as funções da escola. A

instituição escolar não pode viver na inércia, acreditando que sua função é só ensinar. A escola ensina e educa.

Libâneo (1998), em sua obra “Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente”, comenta que “os professores, além de favorecerem uma formação crítica, devem estar cientes de que tipo de educação estão possibilitando com sua prática pedagógica”, o autor ainda afirma que o professor, a partir da sua prática vai favorecer que seu aluno construa um conhecimento crítico-reflexivo, ou apenas possibilitar que ele saiba “como fazer algo”. Desta forma, “é necessário que o professor assuma seu papel na sociedade e com a sociedade, atuando para uma educação justa e igualitária para todos”, conclui o autor.

Com o olhar na instituição escolar como este espaço de democracia, o diretor, aquele que dá a direção e lidera seu grupo, passa a assumir um papel de articulador de ações de cooperação recíproca, protagonismo, responsabilização solidária, pertencimento e identificação, pautando assim, em um modelo de gestão democrática, que implica na construção da autonomia dentro do ambiente escolar e até mesmo fora dos muros da escola, quando há interação da escola com a comunidade, a partir de ações voltadas para a melhoria da qualidade do ensino.

A partir da implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, o termo gestão democrática se consolidou e os seus princípios passaram a fazer parte dos movimentos de todas as escolas, principalmente daquelas que se enquadram no setor público. A LDBEN, evidenciou e consolidou a importância dessa prática, no seu art. 3º, inciso VIII: “VIII – gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino”. E ainda, no art. 4º, em seus incisos I e II: “I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto político-pedagógico da escola; II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares e equivalentes.”.

O diretor é peça fundamental no desenvolvimento desse tipo de gestão. No exercício da sua atuação democrática, o diretor passa a observar de forma atenta sua comunidade escolar, abrindo diversos espaços, com diferentes organizações, para uma participação mais consciente e ativa.

Sobre a importância da liderança, dentro do processo democrático, Lück (2014) nos traz a seguinte reflexão:

gestão democrática se aprende a partir do desenvolvimento de competências de liderança, que necessitam ser desenvolvidas em capacitação tanto inicial como continuada em serviço, a partir de um foco claro sobre desenvolvimento de habilidades orientadas por

conhecimentos educacionais e pedagógicos, assim como atitudes condizentes aos objetivos pretendidos”. (LÜCK, 2014, p. 81).

Também Lück (2013) discorre sobre a difícil construção da autonomia, mola mestra da gestão democrática:

(...) a autonomia é um processo aberto de participação do coletivo da escola, na construção de uma escola competente, em que os seus profissionais assumem as suas responsabilidades e prestam contas e seus alunos têm sucesso. Para que essa autonomia aconteça é importante o entendimento pelos participantes da escola dos vários desdobramentos dos conceitos e significados relacionados ao processo. Em especial é importante o entendimento das implicações relacionadas a essa prática, que envolvem princípios, atitudes e estratégias, assim como, nos bons processos de gestão, monitoramento e avaliação. (LÜCK, 2013, p 107).

Em outras palavras, a partir do momento em que os gestores escolares abrem possibilidades para a participação de todos na tomada de decisões, descentralizando o poder, conseqüentemente, são estabelecidas relações democráticas na escola e há grandes possibilidades da construção da autonomia, uma vez que, como nos destaca FREIRE, 2000, “ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas”.

Para que tais construções aconteçam dentro dos espaços escolares, é necessário que todo o tempo o líder "fortaleça os valores institucionais, faça com que eles sejam entendidos por todos, discuta-os. Mude a cultura organizacional de maneira planejada, acompanhada e não de forma abrupta, pois é melhor conquistar a confiança que impor o medo". (TIO FLÁVIO, 2016, p. 10)

Estes valores institucionais precisam ser internalizados por todos os segmentos da escola. Desta forma, a relação família-escola é também uma construção necessária. Uma construção que nem sempre é simples e fácil, mas que precisa ser feita no dia a dia, a partir de várias estratégias, de forma cuidadosa e bem devagar. De acordo com TÓFANI (2016)

é importante promover encontros que sejam realmente edificantes, reflexivos, engrandecedores, onde os pais saiam dali com ideias e estimulados para educar melhor os filhos. Por mais que não demonstrem, todos são carentes: seja de atenção, seja de orientação. O importante é trazer à tona as responsabilidades, de maneira que a família sinta que consegue e não que é incapaz.

A gestão escolar, sendo um processo democrático, abrange as dimensões pedagógica, administrativa, financeira, política e a gestão de pessoas. Pode-se dizer que o principal objetivo da escola é a aprendizagem e formação dos estudantes e que a gestão pedagógica, compreendida como a organização, coordenação, liderança, monitoramento e avaliação de todos os processos e ações diretamente voltados para este objetivo, seja a centralidade do trabalho do diretor escolar.

Conhecer os alunos, suas necessidades e o desenvolvimento dos mesmos, propor e sustentar os projetos da instituição, participar das reuniões pedagógicas, formações de professores e encontros com a equipe pedagógica, envolver-se ativamente nos eventos culturais, tudo isso é parte da gestão pedagógica e do trabalho do diretor.

Porém, as demais dimensões são também importantes, fazem com que o sistema funcione e precisam ser bem alinhadas, garantindo estabilidade em todas as relações, a melhoria da qualidade dos serviços oferecidos, dos gastos dos recursos destinados à escola, do espaço físico escolar e de regras de funcionamento.

O diálogo constante com todos os segmentos da escola, ouvindo as impressões destes profissionais sobre funcionamento da mesma, ajuda na leitura constante dos diversos espaços escolares e permite ao gestor refletir e ponderar no momento das tomadas de decisões.

A construção de um projeto político-pedagógico, o PPP, bem articulado e em um movimento de reflexão-ação-reflexão, garante a participação de todos. Para Vasconcellos (1995) o PPP “é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita resinificar a ação de todos os agentes da instituição”. Na mesma linha de pensamento, Veiga, (2002), define o PPP como um instrumento que dá para a escola uma identidade, situando-a como uma instituição social, voltada para a educação, portanto, com objetivos específicos para esse fim.

Equalizar a gestão pedagógica junto as dimensões administrativa, financeira e políticas e a gestão de pessoas, atendendo às demandas e especificidades de cada uma delas, é um grande desafio. Um diretor de escola, primeiramente, precisa ter conhecimento sobre o desenvolvimento humano, assim como das estratégias de aprendizagens que atinjam cada sujeitos. Porém, a responsabilidade burocrática do diretor é muito grande,

no que se refere as demais dimensões, o que consome grande parte do seu tempo. Desta forma, uma boa organização do trabalho é crucial.

Liderança

A partir dos conceitos de democracia e liderança aqui tratados e fundamentados, torna-se possível destacar em um verdadeiro líder, características que o possibilitem criar a atmosfera propícia para as tomadas de decisões, através de um ambiente sempre equilibrado emocionalmente e inspirador.

Liderar pessoas e equipes com as mais diversas personalidades, é uma capacidade que pode ser desenvolvida. De acordo com Andrea McAleenan, Ph.D em administração educacional na Claremont Graduate University, “Nem todos os que se esforçam para ser líderes têm condições de chegar lá, mas também não é verdade que a pessoa já nasce líder. Existem habilidades que podem ser aprendidas”.

O profissional que ali está, à frente do processo, pode e deve buscar formação continuada e em serviço e melhorias de condições de trabalho. Liderança não é uma característica nata das pessoas, embora alguns pareçam ter mais facilidade que outros em exercê-la. Mas assim como qualquer bom profissional, em qualquer área de atuação, um bom gestor escolar deve buscar aperfeiçoamento para sua prática.

Além de gerenciar as habilidades, de forma a mobilizá-las, com o intuito de atingir um ou mais objetivos comuns, os líderes precisam ter muita disciplina, perseverança e integridade. De maneira simples, liderar é conseguir se comunicar com as pessoas fazendo-as enxergar seu valor e potencial de maneira clara e forte, convencendo-as a acreditar em si mesmas, naquilo que são capazes de realizar e de colocar em movimento, se sentindo parte importante de todo o processo.

Desta forma, nos momentos de decisões importantes, o líder vai utilizar a ampla gama de habilidades de todos da equipe. "Não importa quem é o autor das boas ideias. O que interessa que as ideias funcionem, e as organizações se fortaleçam, servindo bem aos seus usuários" afirma Carlzon (2005). Jan Carlzon, na mesma obra, A Hora da Verdade, (2005), também destaca que a comunicação clara e eficaz é fundamental nas relações e que é necessário considerar quais as palavras que serão melhor assimiladas pelo interlocutor e torná-las suas. Só assim a comunicação será eficaz.

Um líder tem várias características essenciais para atuar de forma eficaz. Uma das principais é saber como conquistar o respeito de seus liderados, através de suas ações, por meio de sua sensibilidade e senso de justiça. Quando uma equipe é tratada de forma justa e com igualdade, cria-se a sensação de segurança. Este sentimento é extremamente construtivo e um importante fator na motivação e fortalecimento das relações no ambiente de trabalho.

De acordo com Oliveira (2017):

Lideranças precisam entender que uma empresa é como uma orquestra. O maestro é importantíssimo, mas sem os músicos não há sinfonia. Sem sinfonia não há público (clientes). É função do maestro encantar os músicos. É, neste exato momento, no momento do encantamento que os músicos se transformam em maestros. Este encantamento entra na veia e atinge o coração do público, tornando-o fiel. Eis um dos segredos da fidelização; eis um dos segredos mágicos da liderança. (OLIVEIRA, 2017, p. 213).

Portanto, ser transparente na forma de conduzir suas ações, é peça chave no trabalho do diretor. A gestão é democrática, envolve os colaboradores em quase todos os planos, discussões e procedimentos da escola. Nela, as responsabilidades são distribuídas por todos os membros da equipe, que participam da tomada de decisões junto com o líder gestor. Porém, precisa ser também responsável, firme e transparente. Um grande aprendizado que um diretor de escola adquire quando pratica gestão democrática, é que a omissão é uma falta grave e que desencadeia muitos outros problemas.

Ao assumir a gestão de uma escola, o diretor precisa ter claro o seu estilo de liderança, registrando-o em um bom Plano de Ação ou Plano de Trabalho ou Plano Estratégico, que cabe a ele nomear. Este plano será desenhado antes dele assumir a gestão e redesenhado, a cada passo dado durante a sua jornada. É importante, que para tal, este gestor faça um diagnóstico da instituição, conhecendo a comunidade com a qual vai trabalhar, a realidade em que a mesma está inserida, o grupo de profissionais com os quais vai atuar e a experiência que cada um acumula, a história da escola, os seus funcionários, enfim tudo aquilo que for importante para ajudar a definir um bom plano de metas para sua gestão.

Ao se diagnosticar é possível qualificar, determinar o que é preciso mudar, onde e como. De acordo com Cipriano Luckesi (2000), "O ato de avaliar, devido a estar a serviço da obtenção do melhor resultado possível,

antes de mais nada, implica a disposição de acolher". Para o autor, quando se toma a situação da forma como se apresenta, seja ela satisfatória ou insatisfatória, agradável ou desagradável, bonita ou feia, existe a possibilidade de acolhe-la e esse é o ponto de partida para se tomar qualquer decisão e fazer o que realmente precisa ser feito para melhorá-la.

Sendo assim, a partir do diagnóstico, é o momento de se pensar que ações são necessárias e quais os atores deverão ser envolvidos. Apontar possíveis projetos que poderão ser desenvolvidos durante a sua gestão, ações para melhorias progressivas nos resultados do processo de ensino aprendizagem dos alunos e diferentes alternativas, que devem ser constantes, para envolver as famílias que precisam participar do processo, assumindo a responsabilidade que lhes cabem.

Este líder, a partir de seu Plano de Ação, precisa ter um olhar atento, todo o tempo à escola, aos diferentes espaços da mesma e aos seus atores. Necessita sempre "ver" a escola e ir dialogando sobre ela, buscando encaminhamentos e soluções para diferentes situações que vão surgindo a partir daquilo que vai "enxergando". É preciso ter este olhar observador, investigador, de estranhamento e que faz leituras e as interpreta.

Estar motivado todo o tempo ou a maior parte dele, ajudará o líder a conseguir motivar as demais pessoas. Quanto mais motivado o gestor estiver, mais motivada estará sua equipe. É importante que o diretor descubra as habilidades de cada membro de seu grupo e procure potencializá-las. É sua função inspirar e transmitir autoconfiança às pessoas. Enxergar o futuro com esperança. Mostrar que valem a pena os projetos apontados, as propostas de trabalho definidas e desenhadas em grupo. Que o PPP, construído coletivamente, "é um documento que propõe uma direção política e pedagógica para o trabalho escolar, formula metas, prevê as ações, institui procedimentos e instrumentos de ação." Libâneo (2005).

Líderes vencem por meio dos esforços alheios, por isso o tempo todo eles devem estar criando condições para que os seus liderados tenham sucesso. Necessita ter equilíbrio profissional e emocional. Muita autoconfiança gera arrogância e pode afastar as pessoas. Desta forma, vai acreditar em si próprio, e assim, fazer um bom trabalho. É fundamental, nesse contexto, que a liderança se dê por meio de exemplos. Dar bons exemplos. Motivando seus colaboradores através do seu próprio comportamento. E, muito importante, cumprir aquilo que promete.

Conhecendo bem sua equipe de trabalho, motivando-a e potencializando suas habilidades é possível delegar tarefas, o que é importantíssimo na gestão democrática, mas o que não é tarefa fácil, pois

cabe ao gestor "mapear as fortalezas" e encontrar o nível de maturidade de cada um da equipe, dentro de cada função e a partir daí, distribuir as tarefas a serem realizadas. Porém não se encerra neste ponto as responsabilidades do gestor. Delegar tarefas não significa desligar-se das mesmas, mas abrir mão dos detalhes e deixar o profissional realizar as atividades da forma que ele considerar assertiva, acompanhando em determinados momentos, gerenciando os resultados, principalmente. Em outras palavras, delega-se a tarefa, não a responsabilidade.

Em um ambiente escolar, onde as regras de funcionamento interno são bem claras e a comunicação rápida e direta, existe a possibilidade da garantia de uma convivência mais sadia. Escutar o que o outro tem a dizer é muito importante. Desta forma, é essencial a escuta por parte do líder. Atuar é, em grande parte, reagir ao que os outros têm a dizer. Quando se escuta uma pessoa, demonstra-se o real interesse por ela. Um líder só vai saber o que as pessoas pensam se parar para ouvi-las.

Por isso ele precisa ser acessível e estar sempre disponível para ajudar a esclarecer dúvidas, impulsionar projetos, incentivar e ouvir. Deve reservar momentos visitar o local de atuação dos seus liderados, investir em boas conversas, olhar nos olhos, exercer a prática da escuta. Assim um líder inspirador e atento, poderá aprender com quem está na linha de frente, traçar estratégias, dar bons conselhos, apoiá-lo no que for preciso, motivar a equipe, inspirar, elogiar.

Espalhar confiança, trabalhar em conjunto, compartilhar conhecimento e experiências são formas mais eficientes para que a escola atinja seus objetivos e para motivar pessoas. Muito importante aqui é a diferença entre não opinar pelo mais conveniente, mais sim pelo mais justo. Manter suas convicções. Defende-las e fundamentá-las sempre, expondo para a equipe aquilo que é para o bem coletivo e promover a justiça nas relações.

Ser transparente e argumentar com segurança, mas ao mesmo tempo, cuidando das relações, sem perder o foco do lugar de gestor. É importante numa conversa de trabalho, sobre o trabalho, destacar o que as pessoas têm de melhor e buscar a partir daí apontar o problema que existe. Deve ficar claro que o foco tem que ser o problema e não a pessoa. Os feedbacks são importantes e devem ser dados com frequência, para que todos da equipe saibam como anda o próprio desempenho. Se perderem o rumo, este retorno serve para mostrar o caminho de volta. Avaliar é um recurso que serve para instrumentalizar.

O trabalho em equipe é fundamental, pois é por intermédio das pessoas que se constroem os resultados. Desta forma, é preciso facilitar o

trabalho em equipe, mantendo-a ativa, envolvida na resolução de obstáculos e ideais de melhorias. Define-se por equipe um conjunto de pessoas relacionadas por objetivo comum. Quanto mais a dinâmica das relações favorecera que estas pessoas permaneçam juntas em direção ao objetivo, mais poderemos dizer que há uma equipe, um grupo ou um time bem formado. Os objetivos devem estar sempre bem definidos e claros e as relações entre todos da equipe bem cuidadas. É como se formássemos uma rede, que sustentasse este trabalho dentro da escola e esta rede é basicamente pautada em um objetivo claro - a aprendizagem dos alunos - e nas relações entre os profissionais é que formamos a equipe.

Sendo assim, é mais uma função do líder, estabelecer e manter elevado um nível satisfatório de expectativas a respeito da educação e da possibilidade de melhoria dos resultados dos alunos e da escola como um todo. Isto levando em consideração a avaliação que ele próprio faz e que a equipe também faz, uma vez que este gestor é democrático e ouve sua equipe.

Gestão escolar e empreendedorismo

É nesse novo lugar, diante destas expectativas e necessidades que se delineiam, que encontramos campo fértil para o gestor escolar empreendedor. O gestor escolar empreendedor, foca no desempenho dos processos e não apenas nos resultados. Ele se importa como as tarefas e a compreensão dos processos, estão sendo desempenhados diariamente preocupando-se com que grau de qualidade se chegou a determinados resultados. Para ele, os resultados passam a ser consequência de um conjunto de atitudes determinantes, que geraram mudanças, e, logo, resultados. Deixa claro, Lück & Freitas (2002),

As escolas bem dirigidas, conforme evidenciado pelo desempenho dos alunos e pela percepção clara dos professores sobre seu trabalho, exibem uma cultura de reforço mútuo das expectativas: confiança, interação entre os funcionários e a participação na construção dos objetivos pedagógicos, curriculares e de prática em sala de aula.

É crescente a demanda de organizar as tarefas do dia a dia, de modo geral, e atender, paralelamente, a todas as questões advindas da convivência e da dinâmica acelerada de um contexto escolar. Esse movimento evidencia o papel do gestor e exige dele uma formação diversificada e não apenas específica do ato de gerir. Sendo assim, apesar

das recentes mudanças com relação a formação destinada a um gestor escolar, pode-se concordar que ainda são poucas as ferramentas formativas utilizadas pelos professores em situação de gerenciamento escolar.

Santos (2008, p. 10), nos descreve:

Cremos que a formação dos gestores continuará mostrando um descompasso enorme com a gestão para a modernidade, em razão também de os referidos cursos manterem-se resistentes a mudanças, repetindo a formação do passado, quando a educação não ganhara o destaque que assume hoje no contexto das atividades sociais e profissionais, exigindo repensar o ato de educar. Acresce-se ainda que as mudanças que vêm ocorrendo no campo da gestão empresarial não podem ser ignoradas, tendo em vista a precariedade de estudos e das pesquisas educacionais e a necessidade de preparar pessoas capazes de entender o novo significado que assumem a gestão educacional e a escola dos sistemas e das escolas respectivamente.

Assim, ao se pensar no perfil do gestor escolar na contemporaneidade, torna-se importante, trazer para a discussão uma nova visão desta função, juntamente com a reformulação das práticas que já são concebidas e portanto, aplicáveis, realçando algumas características que são capazes de quebrar paradigmas e colocar em discussão novas reflexões sobre as numerosas atribuições exercidas pelos gestores de escolas.

O gestor escolar empreendedor promove entre os sujeitos da comunidade educativa, além do que denomina-se compromisso e participação, o 'empoderamento' de cada ator, fazendo com que sintam-se parte do processo e das tomadas de decisões, não mais meros coadjuvantes. A intensão do gestor empreendedor é trazer para o centro da cena, todos os membros da escola, dotando-os de autonomia e promovendo a participação ativa. A autonomia possibilita que os sujeitos sejam mais competentes, capazes de opinar, decidir e trazer novas ideias para aquele contexto.

Se ser empreendedor é ser alguém que transforma, inovando e oferecendo contribuições produtivas para a coletividade, é empenhar toda sua energia no crescimento, criando ou desenvolvendo algo que já tem vida, a pedagogia empreendedora exige grande energia e dedicação por parte do gestor, para que possa conduzir as mudanças necessárias, imprescindíveis e que envolvem a reflexão sobre as metodologias de ensino, posturas e convicções. Aos educadores não bastará apenas conhecer a pedagogia empreendedora, mas utilizar instrumentos didáticos adequados às peculiaridades e aos modos próprios de ser dos educandos.

Empreendedorismo define-se como um campo de estudo que busca compreender como as oportunidades, que geram novos produtos e serviços, podem ser descobertas, criadas e exploradas, apontando por quem e com que consequências.

Para Dolabela (2014), o conceito de empreendedorismo que tem mais força é aquele sob a ótica do “empreendedor como alguém que sonha e busca transformar o seu sonho em realidade. O que significa isso? Alguém que concebe o futuro e gera caminhos, formas, metodologias para criá-lo. Na verdade, no empreendedorismo, o que importa é o processo e não a chegada”. O autor ainda nos sinaliza:

A pedagogia empreendedora é uma estratégia didática para o desenvolvimento da capacidade empreendedora de alunos da educação infantil até o nível médio que utiliza a teoria empreendedora dos sonhos, não se propondo a ser uma metodologia educacional de uso amplo. Restrita ao campo do empreendedorismo, conviverá com as diretrizes fundamentais de ensino básico adotadas no ambiente de sua aplicação: a escola. (DOLABELA, 2003, p. 55).

Ao se pensar em um ensino que deixa de ser convencional e ganha força e espaço no mundo contemporâneo, com seus avanços e mudanças rápidas, o ensino empreendedor, nota-se que a ênfase está no processo, em aprender a aprender. Nenhum conteúdo é visto como pronto e acabado, cabendo em vários contextos a participação de todos os envolvidos, com suas reflexões e necessidades. O que acontece é uma vasta investigação, aliando teoria à prática, a partir de experimentos na sala de aula e fora dela. Há espaço para conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo, onde os conflitos são algo que possibilita o crescimento de todos. Portanto, na educação, assim como em outros segmentos da sociedade, o empreendedorismo oportuniza novos e amplos horizontes para todos os envolvidos no ambiente escolar. É um desafio, pois é algo novo no Brasil, mas já é possível visualizar ações empreendedoras em escolas, que trazem até mesmo para suas grades curriculares, o empreendedorismo como disciplina a ser trabalhada ou oferecendo atividades pedagógicas que possibilitem a formação de empreendedores.

Resultados

A função da escola, há muitos anos, deixou de ser apenas a alfabetização. Ao contrário, assim como nos faz refletir Alvin Toffler,

conhecido pelos seus escritos sobre a revolução digital, “Os analfabetos do século XXI não serão aqueles que não conseguem ler e escrever, mas sim aqueles que não conseguem aprender, desaprender e reaprender”. Mudar é difícil em qualquer área de atuação, assim como é difícil descartar ideias, verdades absolutas e princípios e valores que são construídos ao longo de todo um processo de formação. A disposição é o primeiro grande passo.

Analisando este cenário, o papel da escola hoje, vai além da aquisição do sistema de escrita ou de se ensinar a decodificar textos. É claro, na contemporaneidade, que a educação forma e transforma vidas. A ideia de uma escola autoritária e modeladora perdeu força através das lutas dos profissionais da área, do legado de estudiosos e das mudanças atemporais e históricas.

O momento, vivenciado em sociedade e, portanto, na educação, coloca em xeque depois de séculos, um ensino estagnado, as práticas tradicionais e o papel da escola e do professor. As mudanças que se observam hoje, como o investimento na formação inicial e continuada dos professores, a implementação de metodologias ativas e significativas, têm gerado vários impactos positivos, não somente para os discentes, mas também para os docentes, conforme afirma Ruan Carlos Nascimento, professor do SENAI Sergipe no Centro de Educação e Tecnologia Coelho e Campos. Porém, o caminho ainda é longo e exige de todos os envolvidos no processo, posturas diferenciadas, que nos levem a aprender a desaprender, abrindo mão de conhecimentos que temos como prontos e acabados, para buscarmos os novos e necessários.

Trazer para o meio escolar a cultura empreendedora é contribuir para a formação de pessoas criativas, reflexivas e busquem uma melhor posição na sociedade e no mercado de trabalho. Por esse motivo, a figura do gestor escolar é de extrema importância. O profissional precisa ter características específicas para conduzir uma instituição de ensino, as quais não serão desenvolvidas apenas a partir de sua formação acadêmica. Além de saber qual é a missão da escola em que trabalha, precisa ter um sonho, um objetivo, uma meta é fundamental. É o empreendedor surgindo.

O gestor empreendedor tem como objetivo, tornar o seu negócio único e duradouro, parte integrante na vida daqueles que utilizam de seus serviços. Assim, esse profissional na escola, tem o papel de tornar a instituição inesquecível para os alunos, suas famílias e profissionais que ali estão. Para ressignificar a escola, com o olhar neste novo modelo educacional, o gestor empreendedor precisa, além de conhecimentos técnicos na área, desenvolver a habilidade de lidar com pessoas,

envolvendo-as em todo processo, identificando e destacando as habilidades específicas de cada um. Quando todos se sentem parte do processo, a satisfação se eleva e os resultados alcançados são melhores e maiores.

O papel do gestor empreendedor traduz-se então, em implantar a aprendizagem contínua, desenvolver habilidades e competências em seus colaboradores, transformar a escola em uma instituição de ensino sem limites para o saber, despertando em todos da equipe, vontade de sempre fazer o melhor e expor suas ideias, que sempre serão bem-vindas.

Empreender na educação é ampliar a visão de mundo e oferecer possibilidades variadas aos alunos. Instigar a vontade de buscar sempre mais conhecimentos, observando não só quantidade, mas também a qualidade. É mostrar que o aprendizado nem sempre é simples, mas é importante e desafiador, e que com a ajuda da escola, todos podem mais.

Análise e discussão dos resultados

O conhecimento é sempre a base de tudo. Para assumir um cargo de diretor de escola, o profissional pedagogo tem que primeiramente conhecer sobre desenvolvimento humano, metodologias e estratégias de aprendizagens, para que possa fazer uma boa gestão pedagógica. Para isso é pedagogo. Porém o cargo é acrescido de responsabilidades voltadas para dimensões administrativas, financeiras e políticas que despontam conhecimentos específicos. Pensando nesta dimensão do gestor escolar e em sua formação de pedagogo, a formação acadêmica, ficam as reflexões: falta preparo para o cargo? É necessário também formação em liderança? A sociedade contemporânea determina mudanças profundas no perfil deste profissional? É possível administrar uma instituição escolar e ao mesmo tempo ser um empreendedor?

A liderança, por mais inerente que seja ao trabalho educacional como um todo, o seu exercício não é tão facilmente encontrado assim nas escolas. Isso porque ele demanda conhecimentos, habilidades e atitudes específicas, cujo desenvolvimento deve ser contínuo e requer atenção diferenciada de todos que trabalham nas escolas, mas principalmente dos gestores. Estes últimos, assumem as responsabilidades conjuntas de influência sobre tudo que acontece no ambiente escolar.

Desta forma, liderar um grupo tão diverso dentro da escola é trabalho muito complexo e é preciso criar estratégias diferentes, todo o tempo, para que esta equipe se estruture e aflorem habilidades que são diferentes e complementares. Uma escola é diferente de outros espaços sociais, onde

dezenas e até centenas de pessoas convivem diariamente. Analisando a escola, comparando-a a ambientes com bancos, hospitais e restaurantes, percebe-se que nesses espaços, diferente do ambiente escolar, não se encontram as mesmas pessoas todos os dias. Mas na instituição escola, convivem as mesmas pessoas, todos os dias, uma relação coletiva e contínua. Uma realidade que traz alguns dificultadores para o diretor.

O profissional da educação, que assume o cargo de gestor da escola, se colocando assim, a frente do processo, precisa e deve buscar formação continuada e em serviço, que traga melhorias para suas condições de trabalho. Liderança não é uma característica inata das pessoas, embora alguns pareçam ter mais facilidade que outros em exercê-la. Mas assim como qualquer bom profissional, em qualquer área de atuação, um bom gestor escolar deve buscar aperfeiçoamento para sua prática, compreendendo as necessidades apontadas pelas mudanças e avanços sociais e tudo que é historicamente construído.

Como líder e também empreendedor, o gestor trará suas ideias, que a princípio, podem aparecer em forma de desejos e refletirem ainda um sonho, uma vontade, algo não muito definido. Para aprofundar-se em suas ideias emergentes, o empreendedor traz para perto de si, pessoas com as quais possa estabelecer vínculos, parcerias e então aprimorar suas ideias, testá-las, verificar se serão possíveis e benéficas para a escola. Procura aprimorar seus conhecimentos, estudar, participar eventos na área de educação, ouvir e trocar experiências.

As ideias iniciais são visões em processo e progresso. Portanto, prosseguir em sua busca, trazendo os parceiros, também com suas ideias, para perto de si, o torna um profissional empreendedor que é capaz de colocar em prática seus sonhos e permitir que os outros também sonhem os seus próprios sonhos.

Agindo de forma empreendedora, o gestor estrutura sua visão geral, dando vida às ideias, possibilitando novas relações que irão contribuir para aprimorar a ideia primária. Apoiando-se em sua equipe e nas habilidades que desenvolveram, o gestor empreendedor trabalha intensamente, sempre voltado para os melhores resultados possíveis.

O empreendedor deve ser uma pessoa com autonomia e autoconfiança. Sua crença em que pode mudar as coisas para alcançar melhores objetivos, é que é capaz de convencer as pessoas e de conduzi-las para algum ponto no futuro. Neste momento é possível a definição de gestor escolar empreendedor, um profissional que tem a capacidade de convencer e influenciar pessoas, propondo e fundamentando ideias que beneficiem a

todos da equipe, ajudando-os a realizar sonhos. E isso se faz, através da liderança.

As políticas públicas também precisam investir nestes profissionais que vão para frente destas escolas e assumem na ponta, no “chão da escola” os grandes desafios. Só ocorrerá o avanço efetivo de uma instituição de ensino que estiver sob uma liderança efetiva.

Conclusões

Não houve, em momento algum, qualquer pretensão no presente artigo, de esgotar a discussão com relação aos temas tratados: gestão escolar, liderança e empreendedorismo, mas sim de buscar uma articulação entres os mesmos, destacando alguns conceitos, por meio da literatura e diálogo entre diferentes autores. Pelo contrário, o propósito deste artigo é difundir a literatura existente e acender a discussão a esse respeito no meio educacional.

Conclui-se, refletindo sobre o modelo escolar vigente, que existe hoje a exigência de um formato de gestão ampliado, com vários desdobramentos, trazendo para a discussão as múltiplas funções e desafios do profissional dentro do espaço de sua atuação: a escola

O perfil do gestor escolar empreendedor, apesar de apresentar um desenho possível, é ainda inacabado e complexo, caracterizado pela falta de incentivo financeiro, de políticas públicas diretivas e desvalorização profissional da função.

É indiscutível a importância do gestor escolar e das instituições de ensino, envolverem todos os segmentos em práticas e atividades empreendedoras. Para tal, a inovação é fundamental, pois é um instrumento específico, que auxilia o empreendedor na reflexão e no apontamento de novas e diferentes ideias. O planejamento de ações dentro do espaço escola, sempre se fez necessário e ainda continua sendo. Porém, a abertura para o mais amplo, onde todos possam colocar com clareza suas habilidades, competências, ideias e sonhos, possibilita o “continuar aprendendo”, fundamental na atualidade, na sociedade empreendedora.

Referências

- AYRTON SENNA, I. **Como ser um gestor escolar inovador?** Disponível em e-book a partir de 2018.
- BALDONI, J. **101 práticas de Liderança**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

- BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9393/1996.**
- CARLZON, J. **A hora da verdade.** Rio de Janeiro: Cop, 1994.
- CONNELLAN, T. K. **Nos bastidores da Disney: os segredos do sucesso da mais poderosa empresa de diversões do mundo.** Futura. 1998.
- DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor.** 1999.
- _____. **Empreendedorismo: a viagem do sonho: como se preparar para ser um empreendedor.** Brasília (DF): AED. 2002.
- _____. **Pedagogia Empreendedora.** São Paulo: Editora de Cultura. 2003.
- _____. **O segredo de Luísa.** 30. ed. rev. e atual. -- São Paulo: Editora de Cultura, 304 p. 2006.
- _____. **Pedagogia empreendedora.** *Revista de Negócios*, 9(2). 2007.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor.** São Paulo: Pioneira, 2ª edição. 1987.
- EALES-WHITE, R. **O líder eficaz.** Clio Editora. 2010.
- FREIRE, L.L. **Organização escolar e gestão participativa: contribuições da formação continuada do professor.** Imperatriz-MA, v.1, n.2, 2009. Disponível em: <http://www.fest.edu.br/data/fckfiles/file/nepe/2009_2fest_revistatransversalidades_issn.pdf#page=22> Acesso em 17/01/2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 15. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 165 p.
- LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** São Paulo: Cortez. 1998.
- LÜCK, H. **Concepções e Processos Democráticos de Gestão Educacional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. **Liderança em Gestão Escolar.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Série Cadernos de Gestão, vol. IV.
- _____. FREITAS, K.S.; GIRLING, R. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar.** 6. ed. Rio de Janeiro: DP e A. 2002.
- LUCKESI C. C. **Avaliação da aprendizagem: visão geral.** 2009.
- OLIVEIRA, C, PhD. **Psicologia Positiva: a arte de materializar sementes de sonhos.** 2º ed. São Paulo: Laços. 2017.
- OLIVEIRA, M. A. Monteiro (organizadora). **Gestão Educacional: novos olhares, novas abordagens.** Vários autores. p. 11-35. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- PESCE, B. **A menina do vale: como o empreendedorismo pode mudar sua vida.** Rio de Janeiro, RJ: LeYa, 2ª edição, 2014.
- SANTOS, C.R.S. **A gestão educacional e escolar para a modernidade: São Paulo: Cegange Leanirg, 2008.**
- TÓFANI, F. (Tio Flávio) , **Gestão de escolas em momentos de crise.** Disponível em e-book a partir de janeiro de 2016.

- _____. **Entender marketing na Gestão Escolar:** agregando valor à marca das escolas. Belo Horizonte: Editora Educacional. 2016.
- TULGAN, B. **Não tenha medo de ser chefe.** Rio de Janeiro: Sextante. 2009.
- VASCONCELLOS, C. S.. **Planejamento:** Plano de Ensino-Aprendizagem e Projeto Educativo. São Paulo: Libertat. 1995.
- VEIGA, I. P. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). **Projeto político-pedagógico da escola:** uma construção possível. Campinas: Papirus. 1998.
- LIBÂNEO, J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: **Democratização da Escola Pública** – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. Cap 1. São Paulo: Loyola, 1992. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAehikAH/libaneos>>. Acesso em 14/08/19.

EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Fábio Marques de SOUZA¹

Vera Lucia ISAIAS²

Neste capítulo, apresentaremos uma breve revisão teórica acerca do termo empreendedorismo de forma a relatar as concepções semânticas desse tema ao longo do tempo e a definição que adotaremos para este ensaio. Apresentaremos, também, as principais características do empreendedor e as classificações de empreendedorismo conforme a literatura da área. Após isso, realizaremos uma revisão documental e bibliográfica sobre a promoção do empreendedorismo via educação formal, abordando temas como educação empreendedora e pedagogia empreendedora.

Empreendedorismo

Ao refletir a respeito do termo empreendedor, Dolabela (2008, p. 65) apresenta que há muitas definições em virtude das contribuições de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, já que os diferentes especialistas utilizam os princípios de suas próprias áreas de interesse para construir o conceito. Duas correntes principais tendem, no entanto, a conter elementos comuns à maioria delas. São as dos pioneiros do campo: os economistas, que associaram o empreendedor à inovação, e os comportamentalistas, que enfatizam aspectos atitudinais, como a criatividade e a intuição.

A palavra empreendedorismo deriva do francês “entre” e “prende” que significa qualquer coisa como “estar no mercado entre o fornecedor e o consumidor” muitas vezes é dada à palavra empreendedorismo uma conotação diferente, devido à diversidade de significados que tem sido utilizado há séculos (SARKAR, 2008, p. 21).

A maioria dos estudiosos do assunto coincide em afirmar que Richard Cantillon teria sido o primeiro responsável pelo aparecimento da noção de

¹ Especialista em Gestão Empreendedora e Inovação (UEPB). Doutor em Educação (USP). Estágio de Pós-doutorado em Educação Contemporânea (UFPE). Professor na Universidade Estadual da Paraíba. fabiohispanista@gmail.com

² Especialista em Gestão Empresarial (FIA/AFSEBRAE-SP). Colaboradora do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de São Paulo. veralucia.isaias@gmail.com

empreendedorismo. Cantillon dedicou-se a definir as funções do empreendedor. Lima *et al.* (2010, p. 25) acrescentam que o economista francês do século XVIII teria “sido um dos primeiros a diferenciar o empreendedor (aquele que assume riscos), do capitalista (aquele que fornecia o capital)”.

Também Adam Smith, em *A riqueza das nações* (1776), faz referência aos empreendedores como sendo pessoas que reagem às alterações das economias, sendo agentes econômicos que transformam a procura em oferta. No século seguinte, John Stuart Mill (1848) se refere ao empreendedorismo como sendo a origem da empresa privada. Para ele, o empreendedor é uma pessoa que corre riscos e toma decisões, gerindo recursos limitados para lançamento de novos negócios.

Para Carl Menger, em *Principles of Economics* (1871), o empreendedor é quem transforma recursos em produtos e serviços úteis, criando oportunidades para fomentar o crescimento industrial. Mais tarde Jean Baptiste Say (1803) cita que o empreendedor é o agente que transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento.

Knight, em 1921, invocou a diferença entre os empreendedores e os outros indivíduos da sociedade, reconhecendo-lhes competências e capacidades que lhes permitem proceder a análises mais bem informadas das realidades, preparando-os para assumir riscos em situações de incerteza (SARKAR, 2008, p. 39 - 42).

A palavra empreendedorismo mais próxima do conceito contemporâneo foi utilizada pelo economista Joseph Schumpeter, um dos mais importantes economistas do século XX. Ele “definiu [o empreendedor] como sendo uma pessoa com criatividade e capaz de inovar com sucesso, por meio do desenvolvimento” (SOUZA & GUIMARÃES, 2006, p. 09). Posteriormente, Peter Ferdinand Drucker amplia a definição descrevendo os empreendedores como aqueles que aproveitam as oportunidades para criar as mudanças. Os empreendedores não devem se limitar aos seus próprios talentos pessoais e intelectuais para empreender, mas mobilizar recursos externos para alcançar seus objetivos. (SARKAR, 2008, p. 40)

Segundo Timmons (*apud* DOLABELA, 2008) “o empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que a revolução industrial foi para o século XX”, ao comparar com a revolução industrial, a grande responsável por radicais mudanças no século XX, demonstra o grau de importância para a sociedade do tema empreendedorismo.

Para Drucker, os empreendedores são pessoas que inovam, em outras palavras, a inovação é a "ferramenta própria dos empreendedores" (2003, p. 52). "A inovação é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio ou serviço diferente" (2003, p 50). O autor trata da inovação como uma disciplina que pode ser ensinada e aprendida, e que leva o empreendedor a tomar conhecimento de como e onde pode obter o sucesso.

Segundo publicação do SEBRAE (2009), o empreendedor tem como característica básica o espírito criativo e pesquisador. Ele está constantemente buscando novos caminhos e novas soluções, sempre tendo em vista as necessidades das pessoas. A essência do empresário de sucesso é a busca de novos negócios e oportunidades e a preocupação sempre presente com a melhoria do produto. Enquanto a maior parte das pessoas tende a enxergar apenas dificuldades e insucessos, o empreendedor deve ser otimista e buscar o sucesso, apesar das dificuldades.³

Nesse sentido, Dornelas (2008) nos apresenta que "empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam a transformação de ideias em oportunidades" (p. 22). O autor enfatiza assim de forma mais geral o real objetivo do empreendedorismo, que é gerar oportunidades.

Uma definição mais ampla e abrangente, recorrente na literatura é a do *Entrepreneurship Centre da Miami University of Ohio*:

O empreendedorismo é o processo de identificar, desenvolver e trazer uma visão para a vida. Essa visão pode ser uma idéia inovadora, uma oportunidade, ou simplesmente uma nova maneira de fazer algo. O resultado final desse processo é a criação de um novo empreendimento, estruturado sob condições de risco e incerteza (SIMON, 2002, p. 5 *apud* Oliveira 2006, p. 24).

Portanto, segundo esse centro, empreendedorismo vai muito além da criação de negócios, reflete uma forma de ver e de fazer coisas, onde a criatividade tem papel fundamental.

³ Disponível em: <www.sebraesp.com.br>. Acesso em: 16 jun. 2011.

Características do Empreendedor

O empreendedor deve ter um conjunto de características que o diferenciam e permitem que ele seja capaz de trabalhar com habilidades específicas, que otimizam seu desempenho, são elas:

QUADRO 1. AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO EMPREENDEDOR.

Estabelecimento de Metas	☛ Define claramente seus objetivos, assumindo metas e objetivos que sejam desafiantes e representem significado pessoal; objetivos de curto e longo prazo.
Busca de Informações	☛ Busca orientação conforme a necessidade detectada e está atento aos acontecimentos do mercado e da sua atividade.
Planejamento e Monitoramento Sistemáticos	☛ Organiza e divide atividades em ações determinadas e com prazos definidos, revisando os resultados obtidos e efetuando as mudanças necessárias.
Busca de Oportunidades e Iniciativa	☛ Identifica oportunidades e situações para desenvolver ou expandir sua atividade e age diante de uma oportunidade ou cria uma situação inovadora desenvolvendo produtos ou serviços e soluções.
Persistência	☛ Efetua as mudanças necessárias, agindo diante de obstáculos, utilizando estratégias na resolução de problemas.
Comprometimento	☛ Age para cumprir os objetivos estabelecidos e assume compromisso pessoal e responsabilidades pela realização de tarefas.
Corre riscos calculados	☛ Assume riscos calculados com base na análise de informações e se compromete com esse risco.
Exigência de Qualidade e Eficiência	☛ Faz sempre o melhor buscando exceder a satisfação do cliente, estabelecendo critérios e controles para essa qualidade resultante.
Persuasão e rede de contatos	☛ Desenvolve e mantém seus relacionamentos empreendedores e persuade agentes para o alcance dos seus objetivos.
Independência e Autoconfiança	☛ Acredita na sua capacidade de se desenvolver, realizar e alcançar seus objetivos, confiando que pode enfrentar dificuldades e vencer desafios.

FONTE: Elaboração e compilação nossa, a partir dos dados levantados por Gutierrez e Rufino (2009).

No quadro 2 é possível analisar a matriz de características de empreendedor e empreendedorismo, que descreve que há vários tipos de empreendedores:

QUADRO 2. MATRIZ DE CARACTERÍSTICA DE EMPREENDEDOR E EMPREENDEDORISMO

Características	Autores													TOTAL			
	J. Schumpeter	D. McClelland	M. Weber	L. J. Filion	R. E. McDonald	R. Degen	P. Drucker	R. Lalkala	I. Dutra	Barros e Prates	H. Mintzberg	E. Angelo	Logenecker et al.		E. Leite	Carland et al.	Frese et al.
Buscar Oportunidades	X	X		X	X	X	X		X		X	X	X	X			11
Conhecimento do Mercado						X	X	X				X		X			5
Conhecimento do Produto						X	X	X				X		X			5
Correr Riscos	X	X		X	X	X	X				X	X		X	X		10
Criatividade		X		X		X		X	X	X		X		X	X		9
Iniciativa	X	X		X					X					X		X	6
Inovação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	16
Liderança	X	X	X	X	X		X				X						7
Necessidade de Realização	X	X									X				X	X	5
Proatividade	X	X		X											X	X	5
Visionariedade				X					X		X			X		X	5

FONTE: SOUZA & GUIMARÃES, 2006, p. 17

Nas palavras de Dolabela (2008) o estudo do comportamento do empreendedor pode ser analisado nas atividades do empreendedorismo, a saber:

Disseminação da cultura empreendedora no sistema de ensino formal em todos os níveis;

Disseminação da cultura empreendedora e o apoio à ação empreendedora entre grupos sociais, tais como desempregados, minorias, aliados do processo econômico;

O empreendedorismo comunitário, em que sociedades desfavorecidas se articulam para enfrentar a adversidade;

A sensibilização das forças da sociedade para a importância do empreendedorismo e da pequena empresa;

A geração do auto-emprego;

A criação de empresas;

A identificação, criação e busca de oportunidades para empresas existentes e novas;

O financiamento de organizações emergentes e daquelas ameaçadas de desaparecimento;

O intra-empreendedorismo (*intrapreneurship*) ou estudo do papel do empreendedorismo em grandes organizações;

A promoção do desenvolvimento econômico local;
 A concepção e adoção de políticas públicas de apoio e suporte à criação de empresas, abrangendo práticas econômicas, legais tributárias, de financiamentos etc;
 O estabelecimento de redes de relações com universidades e com todas as forças sociais. (DOLABELA, 1999, p. 46-47).

Classificações de empreendedorismo

É consenso entre os pesquisadores que as características empreendedoras podem se estender a vários tipos de empreendedores. Observa-se na literatura a distinção entre os tipos de empreendedorismo tradicionalmente estudados pela ciência e os tipos fenomenológicos: o primeiro, basicamente, envolve capital (e a ideologia subjacente) ao passo que o segundo demonstra ser a atividade própria do homem.

O quadro 03 apresenta os tipos de empreendedorismo geralmente abordados pela ciência:

QUADRO 03. VÁRIOS TIPOS DE EMPREENDEDORES (ABORDAGEM TRADICIONAL).

EMPREENDEDORISMO..	DE NEGÓCIOS	» trata-se do mais estudado e conhecido tipo de empreendedorismo, relacionando-se a criação de empresas, especulação, negociações etc.
	SOCIAL	» o foco não é o lucro, mas o benefício social, relacionando-se com atividades de melhoria e redução de problemas sociais.
	CULTURAL	» busca-se explorar as possibilidades na área da cultura, relacionando-se a criação e exploração de empreendimentos culturais.
	CORPORATIVO (intra-empendedorismo)	» relacionando-se com o desenvolvimento de ações de inovação dentro de empresas.
	POR NECESSIDADE	» a pessoa é motivada a empreender (investir ou participar de um projeto) como única alternativa para obtenção de renda e de sustento. É aquele empreendedor que está desempregado e sem alternativas, e assim inicia seu empreendimento.
	POR OPORTUNIDADE	» a pessoa tem outras escolhas, tinha um bom emprego, e lançou-se no mundo do empreendedorismo por escolha própria.
	FAMILIAR	» a pessoa cresce dentro de uma empresa fundada por familiares e dá continuidade ao empreendimento.

FONTE: Elaboração, adaptação e compilação nossa, a partir dos dados levantados por Macedo, Boava & Magalhães (2010, p. 3), Dolabela (2008) e Chiavenato (2005).

Os tipos de empreendedorismo enquanto atividade própria do homem, conforme apresenta a abordagem fenomenológica, são apresentados no quadro 04:

QUADRO 04. VÁRIOS TIPOS DE EMPREENDEDORISMO (ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA).

EMPREENDEDORISMO..	TRADICIONAL	▶▶ a criação de organizações, especulação, negociações, atividades mercantis e financeiras (com assunção ao risco e incerteza). Ex.: Bill Gates, Eike Batista.
	IMANENTE	▶▶ estado próprio do homem, o ser-para-empreender. Trata-se do desenvolvimento de ações empreendedoras em qualquer campo da vida humana (no lar, na escola, na igreja). Ex.: Zilda Arns, Dom Pedro II.
	TRANSCEN-DENTE	▶▶ estado próprio do homem, o ser-que-empreende. Consiste em uma maneira de pensar e agir do homem, em todas as situações. Ex.: Heidegger, Sartre
	ACADÊMICO	▶▶ ruptura com o conhecimento pré-dado e criação de novos saberes, por parte de pesquisadores, professores e alunos. Desenvolve-se dentro e fora dos centros de pesquisa e ensino na busca de conhecimentos não vislumbrados. Exemplos: Einstein, Tesla.
	SOCIOCULTURAL	▶▶ ações de diversas naturezas, visando à superação de imperativos sociais e culturais, seja em uma comunidade ou na música, cinema. Busca-se ir além do convencional e do esperado, de modo a fazer coisas novas, não contempladas. Exemplos: Vila Lobos, Juscelino Kubitschek.
	INDÍGENA	▶▶ consiste no desenvolvimento de atitudes inovadoras por parte de indígenas, visando o bem-estar da comunidade em que vivem. Ex.: Raoni, Juruna.
	MILITAR	▶▶ trata-se de ações no campo estratégico militar, com a adoção de possibilidades não vislumbradas. Ex.: Aníbal Barca, Cipião Africano.
	INFANTIL	▶▶ processo próprio das crianças, em que desenvolvem ações empreendedoras mediante procedimentos de tentativa e erro. Ex.: a primeira corte amorosa, com superação do medo e risco de rejeição.
	ESPORTIVO	▶▶ transformação de um talento em possibilidade e da possibilidade em realidade, ou seja, aprimoramento contínuo das técnicas e ações visando o estabelecimento de referência na área esportiva. Exemplos: Pelé, Oscar.
	POTENCIAL	▶▶ estado de espera, o ser-que-pode-empreender. Consiste na potencialidade que todo ser humano possui em empreender, mas não o faz e encontra-se em constante estado de adormecimento. Ex.: toda pessoa que faz o que sempre fez, de forma irrefletida.

FONTE: Elaboração, adaptação e compilação nossa, a partir dos dados levantados por Macedo, Boava & Magalhães (2010, p. 3), Dolabela (2008) e Dolabela (2003).

Educação Empreendedora

O senso comum relaciona o sentido de empreendedorismo à criação de empresas, o que é uma visão limitada. Segundo o Dolabela (2010)⁴, “empreendedorismo é uma forma de ser e desenvolver a ‘Pedagogia Empreendedora’”. Tomando esta definição como ponto de partida, neste item nos dedicaremos a conceituar o que entenderemos por educação empreendedora, bem como a traçar uma breve revisão bibliográfica sobre o assunto.

Cabe ressaltar que a bibliografia acerca da difusão do empreendedorismo via educação formal costuma utilizar os termos “educação empreendedora” e “pedagogia empreendedora” como sinônimos de forma que nesta monografia não faremos distinção entre estes termos.

Um dos principais autores a difundir esta temática no Brasil tem sido Dolabela (2003a, 2003b, 2008, p. ex.). Ao discutir o assunto o autor (2003a, p. 123 – 130) apresenta que a educação empreendedora deve estar vinculada às tecnologias de desenvolvimento local, sustentável e que deve ter como alvo não só o indivíduo, mas a comunidade de forma a estimular a capacidade de escolha do aluno sem influenciar as suas decisões, preparando-o para as suas próprias opções. Assim sendo, este pesquisador trata o empreendedorismo como uma forma de ser e não somente de fazer, transportando o conceito que nasceu na empresa para todas as áreas da atividade humana:

a educação empreendedora diz respeito ao indivíduo e à sociedade. Tanto para quem ainda não é, como para quem já se considera empreendedor, há sempre o que aprender. Sempre há novos conhecimentos a serem gerados, pois essa é a tarefa do empreendedor. Por seu caráter estratégico, o ensino de empreendedorismo deve ser discutido ampla e profundamente em nossa sociedade (DOLABELA, 2003a, p. 123).

Dolabela (2003b) apresenta uma abordagem acentuadamente humanista, cuja metodologia elege como tema central não o enriquecimento pessoal, mas a preparação do indivíduo para participar ativamente da construção do desenvolvimento social, com vistas à melhoria de vida da população e eliminação da exclusão social.

⁴ Disponível em: <<http://fernandodolabela.wordpress.com/servicos-oferecidos/pedagogia-empreendedora/#comments>>. Acesso em: 21 Out 2010.

Partindo do pressuposto que todos nós nascemos com as características básicas do empreendedorismo, Dolabela (2003b) afirma que, nossa educação acaba reprimindo o livre desabrochar e desenvolvimento destas características. Para ele “lidar com crianças é lidar com autênticos empreendedores ainda não contaminados pelos valores antiempreendedores da educação, nas relações sociais, no ‘figurino cultural’ conservador a que somos submetidos (2003b, p. 29).”

Não se trata de uma estratégia pedagógica destinada exclusivamente a preparar os alunos para criar uma empresa. Ela desenvolve o potencial dos alunos para serem empreendedores em qualquer atividade que escolherem: empregados do governo, do terceiro setor, de grandes empresas, pesquisadores, artistas, etc., e também evidentemente, para serem proprietários de uma empresa, se esta for a sua escolha. Cabe ao aluno, e somente a ele, fazer opções profissionais e decidir que tipo de empreendedor irá ser.

Com uma abordagem acentuadamente humanista, a metodologia elege como tema central não o enriquecimento pessoal, mas a preparação do indivíduo para participar ativamente da construção do desenvolvimento social, com vistas à melhoria de vida da população e eliminação da exclusão social (DOLABELA, 2003b).

Dolabela (2003b) cita que a educação tradicional aprisiona impõe limites, preserva poderes, exclui, enquanto a pedagogia empreendedora liberta, pois, esta diferentemente daquela, não priva os jovens do conhecimento e dos sonhos. Parte do pressuposto que o empreendedor precisa primeiro sonhar para em seguida realizar. A origem e a essência do empreendedorismo estão na emoção do indivíduo, na energia que o leva a transformar-se e transformar sua vida.

O autor entende que o empreendedorismo no Brasil deve ter como tema central a construção do desenvolvimento humano e social, inclusivo e sustentável. A educação empreendedora, portanto, deve incluir necessariamente o aumento da capacidade de gerar capital social e humano, diferentemente da idéia tradicional “centrada no fazer empresarial, que, por ter como prioridade o crescimento econômico, habitualmente concentra renda, reproduzindo assim padrões socioeconômicos geradores de miséria”.

A Pedagogia Empreendedora (Dolabela, 2003b) entende o ser humano como alguém habilitado a criar novos conhecimentos a partir de um conjunto de saberes que constituem os quatro pilares da educação: aprender a saber, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. O empreendedor precisa representar o mundo de forma diferenciada do real

socialmente objetivado, pois, somente assim conseguirá inovar iniciando a trajetória empreendedora. Só identificam oportunidades aqueles que “olham” o mundo diferentemente, e este “olhar” diferente é aprendido na escola empreendedora.

Em termos institucionais, o SEBRAE tem prestado serviço relevante. Entre seus produtos de educação encontramos o Programa Educação Empreendedora que trabalha o comportamento empreendedor, empreendedorismo e as características do empreendedor e está dividido da seguinte forma:

QUADRO 05. PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA DO SEBRAE.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA SEBRAE	
Programa	Foco metodológico
Jovens Empreendedores Primeiros Passos	Ensino Fundamental
Formação de Jovens Empreendedores	Ensino Médio
Sebrae no Campus	Ensino Superior
Desafio SEBRAE	Jogo lançado anualmente. Trata-se de um programa que permite aos jovens universitários controlar uma empresa e tomar decisões como se fossem donos. O jogo testa a capacidade de administrar um negócio, tomar decisões e trabalhar em equipe.

FONTE: De elaboração nossa a partir dos dados coletados em pesquisa de campo.

A instituição tem se organizado de forma a atender desde o ensino fundamental até o ensino superior na promoção da educação empreendedora. Quanto aos trabalhos acadêmicos na área, realizamos em 15 de janeiro de 2012 uma pesquisa no banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)⁵. Este banco de dados tem como objetivo facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país. Uma pesquisa pelo termo “Pedagogia Empreendedora” retornou 9 resultados. Já a busca por “Educação empreendedora” apresentou 36 trabalhos, o que demonstra ser uma temática ainda incipiente no meio

⁵ <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>

acadêmico. Não tivemos acesso a todos os trabalhos na íntegra, em alguns casos só obtivemos o resumo. A análise desses materiais nos revela que existem basicamente duas linhas de pensamento predominantes sobre o assunto no Brasil:

A primeira, sobretudo na área de educação (PINHEIRO, 2010 e DREWINSKI, 2009, p. ex.), associa a difusão do termo empreendedorismo como fruto do discurso neoliberal que busca atribuir ao ser humano a responsabilidade pela sua empregabilidade diante do agravamento do desemprego estrutural: “desta forma, procuramos encontrar algumas lacunas do discurso empreendedor para caracterizá-lo como restrito para a formação humana, e como de extrema precarização para os trabalhadores” (PINHEIRO, 2010, p.10).

A segunda linha (GUERRA, 2010 e VIVONI, 2009, por ex.), à qual nos filiaremos neste ensaio, apresenta o empreendedorismo como uma característica inerente ao ser humano, já que atitudes empreendedoras vão desde a abertura de um pequeno negócio até ao gerenciamento da própria carreira (tanto no setor público quanto privado) como forma de realização pessoal, e não de falta de opção.

Ao relacionar o resultado da atividade empreendedora aos sonhos, visões e desejos da sociedade e do empreendedor, o empreendedorismo pode ser visto como um instrumento auxiliar na construção da liberdade e também da felicidade (que é sinônimo de auto-realização) (DOLABELA, 2003a, p. 130).

Dessa forma, acreditamos ser de fundamental importância o preparo consciente, via educação formal de empreendedores por oportunidade e não por falta de opção de forma a promover a prospecção de negócios e o desenvolvimento econômico do país.

Neste sentido, Dolabela (2008, p. 25) ao discorrer sobre a relação entre empreendedorismo e o desenvolvimento econômico local, apresenta que segundo o PNUD (ONU) “o pequeno empreendedor é um elemento tão importante para o setor privado quanto uma corporação multinacional”.

O autor cita também pesquisa realizada pelo GEM – *Global Entrepreneurship Monitor* em que conclui-se “a criação de empresas é o instrumento mais eficaz para a geração de empregos, o crescimento econômico, o desenvolvimento social e, conseqüentemente, para combater a pobreza em uma sociedade”.

Habilidades e Competências

Dolabela (2008) afirma: “empreendedorismo significa a capacidade de transformar conhecimento em riqueza para toda a coletividade, oferece valor positivo a comunidade a que pertence (p. 11)”, para o autor, o empreendedorismo é forma de ser e não de fazer, e está ligado à relação que a pessoa estabelece para o mundo. O conceito se aplica a qualquer atividade humana, e envolve criatividade, intuição, sonho e principalmente, a realização do sonho.

A escola pode construir e incentivar nos alunos novas atitudes por meio do empreendedorismo. Poderá preparar um futuro no qual a criatividade, a inovação, a tomada de atitudes positivas diante das dificuldades, alavanca ao sucesso proporcionando e favorecendo a sobrevivência no mundo competitivo.

O Ensino Fundamental dá o fundamento básico das disciplinas, daí a importância de a escola introduzir o empreendedorismo como um componente curricular. É preciso que os professores, educadores em geral e pais saibam que os estudantes que não desenvolverem seu potencial empreendedor terão sérias dificuldades de inserção no mundo do trabalho.

Dolabela (2003a, p. 123 – 130) apresenta vinte propostas que se referem às preocupações básicas que devem ser enfrentadas por uma educação empreendedora no Brasil:

1. Explicitar objetivamente uma intencionalidade;
2. Adotar postura ética;
3. Estar afinada com a agenda nacional de desenvolvimento;
4. Apoiar-se nas raízes culturais da comunidade, do município, da região, do estado, do país;
5. Ser formadora de capital social;
6. Ser agente de mudança cultural;
7. Considerar a comunidade como o verdadeiro espaço de aprendizado;
8. Entender que empreender é gerar conhecimento;
9. Utilizar linguagem adequada;
10. Não dar respostas, porque não sabe e não deve fazer isso;
11. Privilegiar o auto-aprendizado;
12. Atribuir ao professor o papel de organizador de uma ambiente ou “cultura” favorável ao aprendizado;
13. Possibilitar que a metodologia seja “recriada”: evitar a rigidez.
14. Compatibilizar baixíssimo custo com alta eficácia (não duplicar meios e recursos; ter velocidade e auto-suficiência; ser descentralizado; não depender de especialistas);
15. Attingir (principalmente) as populações carentes;
16. Não pretender “ajustar” pessoas a um modelo externo;
17. Considerar o empreendedorismo em seu conceito mais amplo;
18. Eliminar a distância entre sonho, emoção e trabalho;
19. Apoiar-se em fundamentos de cooperação, rede e

democracia; 20. Promover o estudo das oportunidades; (DOLABELA, 2003a, p. 123 – 130)

É interessante ressaltar que o autor comenta: “a rede de ensino, pública e privada, deve ser utilizada para a introdução da educação empreendedora, aproveitando investimentos já feitos” (p. 127). Para ele, não é necessário criar uma dependência onerosa a especialistas, já que “o conhecimento empreendedor está na comunidade, contido nas experiências de terceiros em todo o mundo, na criatividade do ser humano. Toda a sociedade deve ser empreendedora. O conceito de incubadora social é polinizante e deve ser adotado (p. 128)”.

Efetuamos uma análise documental e, tomando como base a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n.º 9394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) encontramos várias orientações que convergem com os objetivos da educação empreendedora.

O discurso oficial sobre a educação argumenta que a escola deve preparar alunos para o mundo, buscando formar indivíduos autônomos, e delega aos professores a missão desenvolver nos alunos as competências necessárias que os tornem capazes de organizar suas ideias, traçar planos e tomar decisões, características que estão intimamente ligadas ao perfil empreendedor.

Os PCNs - Pluralidade Cultural (BRASIL, 1997, p.6) apresentam os objetivos do Ensino Fundamental. Segundo o documento, espera-se que os alunos sejam capazes de:

- ☛ compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotar, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitar o outro e exigir para si o mesmo respeito;
- ☛ posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- ☛ conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;
- ☛ conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;

- ☛ perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
 - ☛ desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
 - ☛ conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
 - ☛ utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- ☛ questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, 1997, p.6)

Os objetivos elencados apresentam vários elementos, dentre eles: “compreender a cidadania como participação social e política”, “perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente”, “desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania”, “questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los [...] utilizando a criatividade” que estão em sintonia com as características que se esperam no desenvolvimento do espírito empreendedor.

Referências

- BRAGA, J. L.; BRAGA, C. D. **“Empreendedorismo, infância e adolescência”**
Disponível em:
<<http://zeluisbraga.wordpress.com/2007/01/08/empreendedorismo-infancia-e-adolescencia/>>. Acesso: 06/out/2011.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LEI 9394/96.**
Brasília: Congresso Nacional, 1996.

- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.
- CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- DOLABELA, F. **Empreendedorismo, uma forma de ser: saiba o que são os empreendedores individuais e coletivos**. Brasília: Agência de Educação para o desenvolvimento, 2003.
- _____. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- _____. **Pedagogia Empreendedora – o ensino de empreendedorismo na educação básica, voltado para o desenvolvimento social sustentável**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003b.
- DORNELAS, J. C. A. **Transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- _____. **Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- DREWINSKI, J. M. A. **Empreendedorismo: o discurso pedagógico no contexto do agravamento do desemprego juvenil**. Tese (Doutorado em Educação). Curitiba: Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2009.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito Empreendedor** (*entrepreneurship*). São Paulo: Cengage Learning, 2003.
- GUERRA, J. F. C. Educação Empreendedora e desenvolvimento local sustentável: uma análise da pedagogia empreendedora em São João del Rei – MG. **Dissertação** (Mestrado profissionalizante em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local). Belo Horizonte: Centro Universitário UNA, 2010.
- GUTIERREZ, P. L.; RUFINO. E. C. **Oficina de Empreendedorismo**. Apostila elaborada para um curso sobre Empreendedorismo para o Sebrae-SP, 2009 .16p.
- HISRICH, R. D. ; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LIMA, C. A. F. *et al.* **Empreendedorismo na educação: perspectivas e desafios para o professor do século XXI**. Trabalho de conclusão de curso (Especialização MBA em Gestão e Ensino de Ciências, Tecnologia e Inovação). Imperatriz: Faculdade de Tecnologia IBTA, 2010.
- MACÊDO, F.M.F.; BOAVA, D.L.T ; MAGALHAES, I. H.; SILVA, A. F. Desenvolvimento de Metodologia para o Ensino de Empreendedorismo em Séries Iniciais. In: **XIII SEMEAD**, 2010, São Paulo. Anais, 2010.
- MAZILLI, J. “O que é que Coréia tem?” In: **REVISTA PLANETA**, Edição n.º 465 de junho de 2011. p. 43-53. Disponível em:

<<http://www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/465/artigo221029-1.htm>>
Acesso: 10/out/2011.

- OLIVEIRA, G. A. G. A percepção do empreendedor da micro e pequena empresa em relação à ferramenta estratégica plano de negócios. **Dissertação** (Mestrado em Administração). Belo Horizonte: FEAD-Minas - Centro De Gestão Empreendedora, 2006.
- PINHEIRO, A. O. Aprender a Empreender: a Pedagogia Empreendedora do SEBRAE. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2010.
- PNUD. “Unleashing Entrepreneurship – Making Business Work for the Poor – Private Sector & Development”. **Relatório para o secretário-geral da ONU**, 1.º março de 2004.
- SARKAR, S. **O Empreendedor Inovador: faça diferente e conquiste seu espaço no mercado**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- SOUZA, E. C. L.; GUIMARÃES, T. A.. (org.) **Empreendedorismo além do plano de negócio**. 2ª Reimp. São Paulo: Atlas, 2006.
- VIVONI, S. M. N.. A questão da identidade social e política da pedagogia empreendedora no desenvolvimento local: ressignificando competências através da educação. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Local). Rio de Janeiro: Centro Universitário Augusto Motta, UNISUAM, 2009.

O PODER TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DA PEDAGOGIA EMPREENDEDORA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Simene de Matos TEIXEIRA¹

O presente trabalho traz uma revisão bibliográfica sobre a metodologia da Pedagogia Empreendedora aplicada a Educação Ambiental no Brasil. Buscou-se apresentar um histórico das questões ambientais no Brasil e no mundo, para que se possa entender a relação existente entre o contexto histórico e a evolução das preocupações com a temática ambiental.

É crescente o número de estudos e desenvolvimento de técnicas de ensino para melhorar a qualidade da educação no país. Entretanto, uma análise breve dos dados, de reportagens sobre pesquisas realizadas com o objetivo de avaliar a educação no Brasil, mostram que, apesar dos investimentos, os alunos ainda apresentam baixos níveis de aprendizagem e deficiências em disciplinas básicas. Observamos que tal fato é recorrente, assim como apresentado por Fajardo e Foreque (2018) e Ferreira (2017).

A análise do cenário atual é que a educação brasileira passa por uma crise, onde se vê pouca perspectiva de melhora (FAJARDO E FOREQUE, 2018), sugerindo assim a necessidade de uma reformulação de sua metodologia. Assim como há uma crise econômica, com altos índices de desemprego há crise ambiental, com grandes problemas a serem resolvidos, como, a gestão dos resíduos sólidos, a conscientização ambiental da população, o desmatamento, o tráfico de animais, entre tantos outros.

Frente a essa realidade os educadores têm o papel de unir conhecimento de diferentes áreas, juntar metodologias e conduzir os alunos a um pensamento crítico, incentivar o pensar baseado na sua realidade, incentivar o desenvolvimento pessoal e a busca por sonhos, visando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (DOLABELA, 2004). Sobretudo os educadores de crianças e adolescentes, que trabalham com o futuro do país. A junção de duas áreas do conhecimento, como Educação Empreendedora e Educação Ambiental, pode contribuir para o

¹ Professora de Ciências e Biologia dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio do Estado de Minas Gerais. Enfermeira. Especialista em Educação Empreendedora pela Universidade Federal de São João Del rei (UFSJ); Especialista em Saúde Pública e da Família pela Universidade de Brasília (UnB); Especialista em Formação Pedagógica de Educação Profissional na saúde: Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Especialista em CTI com ênfase em Urgência e Emergência pelo Instituto Passo 1 e Associação do Vale do Itajaí- Mirim (ASSEVIM).

desenvolvimento de uma sociedade melhor, mais consciente com as questões ambientais e sociais.

Além disso, contribui direta e indiretamente, com alguns dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) proposto pela ONU, na Agenda 2030 (AGENDA, 2030). Como, por exemplo, 4 – Educação de Qualidade; 5 – Igualdade de gênero e empoderamento para meninas e mulheres; 10 – Redução das desigualdades; 11 – Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis; 12 – Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis; 13 – Ação Contra a Mudança Global do Clima.

Pedagogia Empreendedora

A Pedagogia Empreendedora é uma metodologia pedagógica que surgiu com base nos estudos de Fernando Dolabela (2004). O pesquisador é pioneiro nesses estudos no Brasil e sua metodologia foi inicialmente implementada no estado do Paraná. Dolabela (2004) afirma que o objetivo central da metodologia é facilitar a aprendizagem empreendedora pelas crianças e adolescentes, estimular o desenvolvimento de sonhos, autoestima, criatividade, segurança, além de estimular o aluno para que ele torne um empreendedor na forma de agir.

A metodologia tem como objetivo principal o desenvolvimento das habilidades do aluno, a preparação dos alunos para participar ativamente da construção do desenvolvimento social, visando à melhoria de vida da população e eliminação da exclusão social. (DOLABELA E FILION, 2013). Apesar do foco não ser estimular os alunos para que eles se tornem empreendedores empresariais, em alguns casos isso é uma consequência (DOLABELA, 2019). O autor destaca que através da aplicação dessa metodologia o aluno pode atuar de forma empreendedora seja na comunidade, em parceria com instituições públicas e governamentais, em organizações não-governamentais (ONGs), ou na própria escola.

Para a aplicação da metodologia os professores passam por um treinamento cuja função é prepará-los para auxiliarem no desenvolvimento de uma nova forma de pensar dos alunos. Os professores passam a ensinar os alunos a pensar em termos empreendedores, de maneira que se ensine valores individuais e coletivos (DOLABELA E FILION, 2013).

Durante a aplicação da metodologia se utiliza uma linguagem clara e simples, de fácil entendimento para os alunos. São formuladas duas

questões básicas: “Qual é o seu sonho? Qual é o caminho ou estratégia que irá utilizar para que ele se torne realidade?” (DOLABELA E FILION, 2013).

O objetivo é fazer as crianças e adolescentes pensarem de acordo com seus sonhos e seus anseios. Esse processo que vai influenciar as decisões sobre as atividades futuras (DOLABELA E FILION, 2013). Os autores ressaltam que no início a proposta pode parecer um pouco romântica, mas que tem trazido bons resultados.

Apesar de sua recente implementação, essa metodologia vem ganhando destaque cada vez maior. No Brasil, já estão sendo realizadas atividades de Educação Empreendedora para a educação infantil, ensinos fundamental e médio. Dados de 2004 apontam que a metodologia já havia sido aplicada em 93 cidades, envolvendo cerca de 8.400 professores e 224.000 alunos, com repercussão em uma população de 2,5 milhões de habitantes (DOLABELA, 2004). Em 2013 já havia atingido 123 cidades do país (DOLABELA E FILION, 2013). A presença de cursos de Pós-Graduação, como o da Universidade Federal de São João del-Rei, também contribuem para o aumento desse número. Embora a metodologia se mostre em expansão, de acordo com dados disponíveis, ela ainda atinge menos de 3% dos municípios brasileiros.

A disseminação do conhecimento da metodologia é de extrema importância para que ela atinja um número maior de pessoas. Tendo em vista a baixa quantidade de municípios que a metodologia é aplicada e a grande extensão do país, supõe-se que nem todos profissionais da área da educação a conhecem ou a implementem.

Utilizando as bases da Pedagogia Empreendedora de Dolabela (2004) se pode trabalhar a Educação Ambiental. Dolabela e Filion (2013) afirmam que um dos seus objetivos é contribuir para formação de cidadãos comprometidos com a mudança de atitudes com o meio ambiente e em suas relações sociais. Sabe-se que as crianças e adolescentes são mais abertos a mudança de atitudes. Narcizo (2009) destaca a necessidade de pensar e realmente iniciar as atividades da escola com um Projeto Pedagógico Participativo, em que se opte pela parceria com as famílias e com a sociedade. Assim como, proposto na Pedagogia Empreendedora por Dolabela (2008).

A questão ambiental: Histórico

As preocupações com as questões ambientais surgiram principalmente após a década de 1960. Quando começaram as discussões sobre o meio

ambientes e os problemas de degradação ambiental. A instituição de gestão políticas públicas foi a possível solução para a redução e mitigação da degradação ambiental (POTT E ESTRELA, 2017, p. 1). Ao longo dos anos foram realizadas diversas conferências internacionais e pequenos eventos sobre a temática ambiental no mundo. Governantes de todo mundo passaram a se reunir e buscar formas de conter a degradação ambiental e de remediar os problemas causados pela Revolução Industrial (POTT E ESTRELA, 2017, p. 1).

A primeira vez que se utilizou a expressão Educação Ambiental foi em 1965 na Conferência de Educação da Universidade de Keele, na Inglaterra. Apesar de haver uma evolução e modificação no conceito de Educação Ambiental ao longo dos anos, esta foi uma das primeiras discussões sobre o tema. Durante a conferência foi recomendado que a Educação Ambiental se tornasse parte essencial da educação para todos os cidadãos (EFFETING, 2007).

Em 1971 foi realizado no Brasil, em Brasília, o I Simpósio sobre Poluição Ambiental. O evento não teve grande relevância, pois nenhuma atitude significativa, local ou global, foi tomada a partir de sua realização (POTT E ESTRELA, 2017, p. 3).

A Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em Estocolmo, na Suécia, em 1972, foi um marco para as questões ambientais. Foi sugerido o “Eco desenvolvimento” com objetivo de conciliar o desenvolvimento econômico à prudência ecológica e à justiça social, o que hoje damos o nome de desenvolvimento sustentável. Durante a conferência foi definido o “Plano de Ação Mundial” que recomendou que fosse estabelecido um programa internacional de Educação Ambiental. De acordo com Dias (1991) esse foi um dos eventos mais decisivos para as questões ambientais mundiais. Foi onde a Educação Ambiental passou a ser considerada como campo de ação pedagógica, adquirindo relevância e vigência internacional (EFFETING, 2007).

Em 1975 foi realizado o Encontro Internacional sobre Educação Ambiental pela UNESCO, o evento foi em Belgrado, Iugoslávia. Um importante documento foi criado nesse evento, a Carta de Belgrado. Nela estão expressas as necessidades de combate à pobreza, analfabetismo, poluição e desigualdades sociais, exploração humana, de acordo com a realidade da época (FZB, 2014a). Além disso, foram propostas uma reformulação na educação com a criação dos princípios e orientações para um Programa Internacional de Educação Ambiental, onde a Educação Ambiental deve ser contínua, multidisciplinar, levar em consideração as

diferenças regionais e voltada para os interesses nacionais (EFFETING, 2007). A Carta de Belgrado estabelece a meta Educação Ambiental de:

Formar uma população mundial consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas associados, e que tenha conhecimento, aptidão, atitude, motivação e compromisso para trabalhar individual e coletivamente na busca de soluções para os problemas existentes e para prevenir novos. (FZB, a).

Em 1977, foi realizada em Tbilisi, URSS, a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental. Nessa conferência se reafirmou que a Educação Ambiental é um elemento essencial para uma educação global, pode ajudar a descobrir as causas dos problemas ambientais (FZB, b). Ainda foi destacado a importância das relações natureza-sociedade (EFFETING, 2007). Nessa conferência a Educação Ambiental é tida como área interdisciplinar e que deve estar presente em todas as etapas do processo educacional, no ensino formal, e informal (FZB, 2014).

Vinte anos após a Conferência de Estocolmo, aconteceu a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92. Durante a conferência foram elaborados documentos que até hoje são referências importantes para educadores e pesquisadores da Educação Ambiental. Esses documentos são a Agenda 21, a Carta Brasileira para a Educação Ambiental e o Tratado de Educação Ambiental para as Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. Este último documento foi produzido por um evento paralelo a Rio-92, a Primeira Jornada Internacional de Educação Ambiental. Todos os três documentos têm uma parte destinada a área da Educação Ambiental, ressaltam a sua importância como metodologia de auxílio na conservação da biodiversidade, combate à poluição e degradação ambiental, além de destacarem a importância da participação de toda a sociedade nos programas de Educação Ambiental, seja ela realizada de maneira formal ou informal.

Em 1997 foi realizada a terceira Conferência das Partes (COP – 3), na cidade de Quioto, no Japão. Essa conferência ficou bastante conhecida pela elaboração do Protocolo de Quioto. O protocolo é um acordo dos países que viessem a assiná-lo de comprometerem-se com a redução das emissões de gases de efeito estufa (CCST, 2014 - Protocolo de Quioto, 1997).

Aconteceu também Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, chamada de Rio+ 10, que ocorreu em Johannesburgo, África do Sul em 2002. E a Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável,

a chamada Rio +20, na cidade Rio de Janeiro, Brasil em 2012. Em ambos os eventos foram feitas afirmações sobre o desenvolvimento sustentável, políticas internacionais de combate a degradação ambiental, desigualdade social, educação. Mas também surgiram críticas sobre a falta de planejamento de ações e metas claras para que se atinja os objetivos propostos. Além disso, ambos os eventos não apresentaram evolução ao que se foi proposto durante a Rio-92.

Evolução da legislação e preocupações ambientais no Brasil

Apesar das preocupações ambientais mundiais surgirem por volta da década de 60, no Brasil, o processo se deu mais tardiamente e lentamente (LOREIRO, 2003, p. 10). Fazendo um resumo das principais leis criadas na área ambiental vemos que os programas ambientais começam a ganhar dimensões políticas com a instituição da Lei 4.771 de 1965 institui o Código Florestal Brasileiro. Tal lei tinha por objetivo preservar os diferentes biomas. No entanto, permitia o total desmatamento de florestas desde que fossem replantadas, mesmo que com espécies exóticas. Esse fato que reflete a incoerência do texto, mostra a falta de preocupação com a biodiversidade, um desconhecimento, ou não importância, aos problemas que podem ser causados pela introdução de espécies exóticas.

Na Conferência de Estocolmo, em 1972, um dos marcos mundiais do início com as questões ambientais, o Brasil foi contra a redução dos níveis de poluição, defendeu o crescimento a qualquer custo e condenou a proteção ao meio ambiente como obstáculo para crescimento econômico dos países em desenvolvimento.

O avanço da degradação ambiental e alguns desastres ambientais em diferentes países marcaram o início das preocupações ambientais e instituição de políticas públicas. Essas políticas públicas tinham como objetivo reparar ou conter a degradação ambiental (POTT E ESTRELA, 2017). Aos poucos são formuladas e implementadas no país diversas leis.

Em 1981 foi instituída a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA) (Lei 6.938 de 1981) e a Lei 6.902 do mesmo ano, dispondo sobre a criação de Áreas de Proteção Ambiental e Estações Ecológicas. Tais leis foram um importante marco do Brasil para as questões ambientais. Através da PNMA foram criados o Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA) e o Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) que são órgãos importantes até hoje. Criou-se instrumentos de gestão ambiental que são

utilizados até hoje, como, Avaliação de Impactos Ambientais, Licenciamento Ambiental, entre outros.

Em 1997 há a regulação do Licenciamento Ambiental instituído pela PNMA.

No Brasil, o licenciamento ambiental, desde sua regulamentação em 1997, se mostrou como uma poderosa ferramenta por promover o planejamento das atividades antes da sua implantação, a redução, compensação e aumento da responsabilidade e, conseqüentemente, o cuidado com o meio ambiente. As atividades poluidoras que antes assombravam e causavam grandes danos ambientais e humanos agora passam por processos reguladores e licenciatórios antes mesmo de serem implantadas, promovendo o planejamento em todas as suas fases, da concepção à operação de qualquer empreendimento, reduzindo consideravelmente os potenciais impactos e proporcionando mitigação ou mesmo compensação em torno de passivos ambientais inerentes. (POTT E ESTRELA, 2017, p. 8)

Em 1988 a Constituição Federal foi alterada e traz um artigo destinado a questão ambiental:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (BRASIL, 1988, art. 225).

Em 1999 foi instituída a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), Lei 9795, que reconhece a Educação Ambiental como um componente urgente, essencial e permanente em todo processo educativo, formal ou não-formal. E legaliza a obrigatoriedade de trabalhar o tema ambiental de forma transversal. E o Decreto 4281, em 2002, regulamenta a PNEA (MMA, 2008).

Em 1998 a Lei 9605 dispõe sobre as penalidades aplicadas em relação aos crimes ambientais (MMA, 2008).

Em 2000 a Lei 9985, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC (MMA, 2008).

Somente em 2007 que surge uma política pública com foco no desenvolvimento sustentável, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (MMA, 2008).

Em 2010 foi instituída a Política Nacional dos Resíduos Sólidos, pela Lei 12.305 de 2010 com objetivo de uma mudança na gestão dos resíduos sólidos, como por exemplo, eliminar os lixões, repensar nas formas de

utilizar os recursos e destinar seus resíduos, reunir catadores de materiais recicláveis em associações, entre outros. A política que previa eliminar os lixões até ano de 2014 ainda não teve seu objetivo alcançado em diversos municípios brasileiros.

Analisando o contexto histórico da questão ambiental, e fazendo uma relação com a legislação do país, observa-se que há uma evolução nas preocupações com problemática ambiental. Apesar de haver outras leis não citadas aqui, fica claro que os debates e preocupações com as questões ambientais se instauraram no país e se fazem presentes, muito mais por força de pressões internacionais do que por um movimento social nacional consolidado. (LOREIRO, 2003, p.11). Observa-se que há uma boa legislação ambiental no Brasil, além de vários acordos internacionais assinados. Mas ao que se vê, há diversos casos de descumprimento das leis e as vezes falta de fiscalização. Os acordos internacionais objetivam a diminuição da degradação ambiental, muitas vezes são questionados pela dificuldade de avaliação dos seus resultados.

Quando se analisa a questão das florestas e água, ainda se têm grandes problemas em relação a sua proteção, apesar de uma ampla legislação (POTT E ESTRELA, 2017, p. 9). O desmatamento e a utilização de águas de forma indevida são dois grandes impactos causados pelo não cumprimento da legislação, ocorrendo de forma ilegal em diversas regiões do país. O índice de desmatamento cresce em uma velocidade assustadora, algumas políticas ambientais não são cumpridas em sua totalidade. No país um momento político preocupante para as questões ambientais. Quando se deveria focar em reduzir os impactos já existentes e na prevenção e precaução, para que novos problemas não sejam causados, o que se tem como realidade é um cenário político que deixa ambientalistas alarmados. Possíveis modificações na legislação têm sido pauta de diversos debates e caso ocorram podem comprometer o esforço de décadas para conter a degradação e além de causar novos problemas. Pott *et al* (2017) mostram em seus estudos o quanto as decisões políticas são importantes para as questões ambientais.

No que se diz respeito a sociedade e seus hábitos de consumo e preocupações ambientais, o que tem se notado é que o modo de agir da população mundial mudou em parte. Atualmente há mais preocupação com desenvolvimento sustentável, embora ainda caminhamos em passos lentos (POTT E ESTRELA, 2017, p. 9). Pode-se relacionar essa mudança de hábitos aos trabalhos de Educação Ambiental que vêm sendo realizados nas escolas, universidades e comunidades. Precisamos de mais consistência e

resultados para caminharmos para um desenvolvimento sustentável efetivo.

Educação Ambiental: O conceito de Educação Ambiental

Diversos pesquisadores apontam que a Educação Ambiental no Brasil se comporta de maneira plural em relação as suas bases filosóficas, epistemológicas, pedagógicas e ideopolíticas, entre eles podemos citar Lima (2009, p. 147) Carvalho (2011), Reigota (2012).

Desde que se cunhou o termo “Educação Ambiental”, diversas classificações e denominações explicitaram as concepções que preencheram de sentido as práticas e reflexões pedagógicas relacionadas à questão ambiental. Houve momentos que se discutia as características da educação ambiental formal, não formal e informal; outros discutiram as modalidades da Educação Conservacionista, ao Ar Livre e Ecológica; outros ainda, a Educação “para”, “sobre o” e “no” ambiente. (LAYRARGUES, 2004, p. 7)

Por ser um campo plural e envolver diferentes áreas da ciência surgem conflitos teóricos sobre seu conceito, modo de implementação, definindo então diferentes modelos, ou tipos, de educação ambiental (REIGOTA, 2012; CARVALHO, 2004). Apesar de apresentarem alguns pontos de conflito, esses diferentes modelos de Educação Ambiental compartilham características em comum (SAUVÉ, 2005, p.18). A Educação Ambiental possui diferentes denominações, variando conforme o autor, por exemplo, ‘educação ambiental crítica’ (GUIMARÃES, 2000), ‘educação ambiental popular’ (CARVALHO, 2001), Educação Ambiental conservadora (GUIMARÃES, 2004), Educação Ambiental (pseudo) transformadora e Educação Ambiental Transformadora (LOREIRO, 2003), Educação Ambiental Conservadora ou Educação Ambiental Crítica (SOUZA E JUNIOR, 2018).

A Educação Ambiental conservadora tem como foco os indivíduos e suas responsabilidades (SOUZA E JUNIOR, 2018). Um modelo voltado para o antropocentrismo. Onde o ser humano é tratado de forma genérica como causadores da degradação ambiental, desconsiderando qualquer contexto social. Possui uma ideia conservacionista e vincula a Educação Ambiental a debates sobre temas como biodiversidade, unidades de conservação, determinados biomas, ecoturismo e experiências agroecológicas (LAYRARGUES E LIMA, 2014, p. 30). Acredita que educar é suficiente para

gerar mudanças de comportamentos individuais para chegar a uma mudança global. Ainda não questiona a estrutura social em sua totalidade (LAYRARGUES E LIMA, 2014, p. 30). De acordo, com Guimarães (2004), essa metodologia é inapta a transformar a realidade, pois não compreende que a educação é relação e se dá no processo e não, simplesmente, no sucesso da mudança comportamental de um indivíduo.

Já a Educação Ambiental crítica ou transformadora leva em consideração os fatores sociais, sua evolução histórica. Busca modificar o pensamento dos indivíduos, levando a uma nova concepção da realidade. Além disso, esse é um processo que foca na vivência com o coletivo, no exercício da cidadania e na participação de movimentos que busquem a transformação da realidade socioambiental (GUIMARÃES, 2004, p. 30). Na perspectiva da Educação Transformadora os indivíduos são capazes de atuar de forma crítica se reconhecendo como parte do ambiente em que vivem. Acredita-se que somente se reconhecendo com parte do ambiente os indivíduos possuem a capacidade para pensar em soluções para os problemas e dar importância aos mesmos.

Loreiro 2003, faz uma reflexão acerca da Educação Ambiental Transformadora e como a Educação Ambiental ocorre no Brasil. Para o autor há dois eixos da educação ambiental transformadora, a educação (pseudo) transformadora e a transformadora, que de fato possui capacidade de transformação da realidade.

Para ele a educação (pseudo) transformadora não garante a transformação efetiva, mas sim leva a reprodução de um caráter conservador da educação e sociedade. O autor define da seguinte maneira:

Um conservador, em que o processo educativo promove mudanças superficiais para garantir o status quo, a alteração de certas atitudes e comportamentos, sem que isso signifique incompatibilidade com o modelo de sociedade contemporânea em que vivemos. São alterações ocorridas no campo psicológico, ideopolítico e cultural, melhorando certos aspectos, minimizando ou compatibilizando outros pelo acúmulo de conhecimento e pela defesa de valores dominantes (entendidos como universais), adequando sujeitos individuais e coletivos a padrões, tradições, dogmas e relações de poder vistas como "naturais" no sentido de a-históricas. (LOREIRO, 2003, p. 2)

Loreiro (2003) ainda destaca que alguns programas de Educação Ambiental são realizados sem discutir a relação produção-consumo-cultura. Layrargues (2002) mostra que o processo educativo, como vem sendo

realizado em alguns projetos de educação ambiental, não possui efeito transformador, apesar de causar mudanças em alguns hábitos. Mas pode reforçar e ampliar, por exemplo, o consumismo e a cultura do descartável e do desprezível, com o que o autor chama de “ensino reprodutivista”.

Já a Educação Ambiental Transformadora, que resulta em mudanças efetivas possui características marcantes, como a visão do contexto social como um todo, busca observar e compreender as particularidades de cada situação, não enxergando o indivíduo de maneira genérica e de forma isolada de um contexto social.

Há um outro eixo revolucionário e emancipatório que pode ser realmente chamado de Educação Transformadora, em que a dialética forma e conteúdo se realiza plenamente, de tal maneira que as alterações da atividade humana implicam em mudanças radicais¹ individuais e coletivas, locais e globais, estruturais e conjunturais, econômicas e político-sociais, psicológicas e culturais; em que o sentido de revolucionar se concretiza como sendo a transformação integral do ser e das condições materiais e objetivas de existência. (LOREIRO, 2003, p. 3).

A Educação Ambiental Transformadora caracterizada por Loreiro (2003) possui características da metodologia de Educação Empreendedora proposta por Dolabela (2004), ambas buscam trabalhar com contextos sociais e suas especificidades. Levam em consideração as particularidades individuais, mas sem deixar de considerar as questões sociais, econômicas e culturais específicas. Dão ênfase ao processo educativo com foco nas mudanças concretas, deixando de lado as ideologias teóricas.

Não basta também atuar sem capacidade crítica e teórica. O que importa é transformar pela atividade consciente, pela relação teoria-prática, modificando a materialidade e revolucionando a subjetividade das pessoas. (LOREIRO, 2003, p. 8).

Com base nas definições da Pedagogia Empreendedora observa-se que a Educação Ambiental pode se utilizar das premissas da Educação Empreendedora como uma forma de se livrar da visão naturalista e conservacionista e adotar uma concepção construtivista. Na concepção construtivista a mudança ou intervenção na natureza ou no mundo social passa, necessariamente, pela ação conjunta dos indivíduos (DOLABELA E FILION, 2013).

A Educação Ambiental no Brasil

A Educação Ambiental é uma importante ferramenta para o enfrentamento da problemática ambiental. Como já citado anteriormente em 1999 foi instituída a Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA, que reconhece a Educação Ambiental como um componente urgente, essencial e permanente em todo processo educativo, formal ou não-formal. Esse foi um importante marco para a área, que passou a ter maior reconhecimento. A Educação Ambiental juntamente com as medidas políticas, jurídicas, institucionais e econômicas voltadas à proteção, podem garantir a recuperação e melhoria sócio ambiental (PRONEA, 2003).

Atualmente a Educação Ambiental é parte integrante da Base Nacional Comum Curricular, mas não como disciplina isolada, e sim trabalhada de maneira interdisciplinar (BNCC, 2017). Durante as aulas de diferentes disciplinas, sobretudo nas aulas de ciências e biologia, a Educação Ambiental vem sendo desenvolvida nas escolas. Apesar de constar como conteúdo obrigatório, ainda ganha pouco destaque frente a outras disciplinas vistas como mais importantes (Narcizo, 2009), principalmente quando comparadas as disciplinas de português e matemática, em que os alunos apresentam dificuldade e deficiência na aprendizagem (FAJARDO E FOREQUE, 2018). A Educação Ambiental precisa ser entendida como parte do currículo escolar na busca de um conhecimento integrado (NARCIZO, 2009).

Alguns autores relatam que existem grandes dificuldades na implementação ou continuidade de projetos de Educação Ambiental nas escolas (NARCIZO, 2009). Alguns dos fatores que dificultam esses projetos são “ tamanho da escola, número de alunos e de professores, predisposição dos professores e da diretoria de implementar um projeto ambiental, entre outros (ANDRADE, 2000). A disponibilidade de tempo também é um fator influenciador, visto a carga horária de disciplinas tidas como mais importantes (NARCIZO, 2009). Além disso, alguns trabalhos realizados nas escolas mostram que alguns docentes ainda apresentam uma ideia naturalista de meio ambiente, como o trabalho de Trevisol (2004) com professores do Ensino Fundamental. Isso pode atrapalhar os resultados finais dos projetos.

Os primeiros trabalhos de Educação Ambiental tinham uma visão naturalista de meio ambiente, e transmitiam as crianças e adolescentes essa visão (REIGOTA, 2017). Consideravam o meio ambiente de maneira isolada, sem considerar o homem como parte integrante. Hoje se sabe que uma das formas mais eficientes para efetiva mudança de pensamentos e

hábitos por parte da sociedade é trabalhar a educação ambiental de maneira crítica (SILVA E LEITE, 2008). Levar o aluno a um pensar crítico sobre a situação ambiental atual e modificar a visão do meio ambiente naturalista.

Conclusões

A análise do contexto histórico das questões ambientais nos mostra que as preocupações sobre o tema no Brasil surgiram tardiamente, em relação a outros países e que foram fortemente influenciadas por pressões internacionais. A implementação das políticas públicas aconteceu de maneira gradativa.

Hoje se tem uma forte legislação ambiental que apoia a Educação Ambiental, entende sua importância como área interdisciplinar. No entanto, por se tratar de uma área de estudos nova, observamos conflitos conceituais. Ao longo do trabalho damos ênfase as discussões de Loreiro (2003) sobre o que o autor chama de Educação Ambiental pseudo (transformadora) e Educação Ambiental Transformadora. Acreditamos que pelas definições a Educação Ambiental Transformadora muito possui das correntes de pensamento da metodologia da Pedagogia Empreendedora. Em que se usa como metodologia a análise dos contextos sociais, despertar o interesse dos alunos para depois partir em busca de uma mudança de hábitos. Assim poderíamos formar uma nova concepção do meio ambiente, que deixa de lado a visão naturalista e conservacionista passando para uma concepção construtivista, que depende do toda a sociedade. Observamos que apesar dos avanços nos estudos da Educação Ambiental, alguns dos projetos realizados em escolas ressaltam a dificuldade da implementação de práticas de Educação Ambiental. Concluímos que a metodologia da Pedagogia Empreendedora pode contribuir para melhor desenvolvimento das atividades de Educação Ambiental. Pode despertar maior interesse de alunos e professores e gerar mais resultados promissores. Isso mostra a importância de disseminar o conhecimento dessa metodologia.

Referências

- AGENDA 2030. Objetivos de desenvolvimento sustentável. Disponível em: <<http://www.agenda2030.org.br/sobre/>>. Acesso em 24 de junho de 2019.
- ANDRADE, D. F., "Implementação da Educação Ambiental em escolas: uma reflexão. In: Fundação Universidade Federal do Rio Grande", **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Vol. 4. out/nov/dez. 2000.

- BRASIL. BNCC- “**Base Nacional Comum Curricular**”, Ministério da Educação, p 470. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 22 de junho de 2019.
- _____. **Lei Federal n.6.938**, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm>. Acesso em: 10 de agosto de 2019.
- _____. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 de agosto de 2019.
- _____. **Lei Federal n.9.605**, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm>. Acesso em: 13 de agosto de 2019.
- _____. **Lei Federal n.12.305**, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm>. Acesso em: 10 de agosto de 2019.
- _____. **Lei Federal n.12.651** de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nos 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nos 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória no 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/L12651compilado.htm>. Acesso em: 15 de agosto 2019.
- _____. Ministério do Meio Ambiente. Consultoria Jurídica. **Legislação Ambiental Básica** / Ministério do Meio Ambiente. Consultoria Jurídica. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, UNESCO, 2008. 350 p.: il. ; 25,5 cm. Disponível em:
https://www.mma.gov.br/estruturas/secex_conjur/_arquivos/108_12082008084425.pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2019.
- CARVALHO, I. C. de M., “Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação”. In: Layrargues, P.P. (org)., 2004, “**Identidades da Educação**

- Ambiental Brasileira**". Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Disponível em:
<http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf>.
Acesso em: 6 de agosto de 2019.
- DIAS, G. F. "**Os quinze anos da educação ambiental no Brasil: um depoimento**", *Em Aberto*, Brasília, n.49, jan./mar., 1991.
- DOLABELA, F. "Pedagogia Empreendedora", *Revista de Negócios*. Blumenau, Vol. 9, Nº. 2, pp 127-130, abril/junho. 2004.
- DOLABELA, F., 2008, **Oficina do Empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante.
- _____. "**Fernando Dolabela**". Disponível em:
<https://fernandodolabela.wordpress.com/>. Acesso em: 26 de junho de 2019.
- _____; FILION, L. J. "Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação", **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, Vol.3, Nº. 2. 2013.
- EFFETING T. R.. "Educação Ambiental nas escolas públicas: realidade e desafios", **Monografia**, Especialização, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pp-90. 2007.
- FAJARDO V., F. F., Disponível em:
<<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/08/30/7-de-cada-10-alunos-do-ensino-medio-tem-nivel-insuficiente-em-portugues-e-matematica-diz-mec.ghtml>>. Acesso em: 25 de junho de 2019.
- FERREIRA, P. "Pesquisa aponta retrocesso no aprendizado do ensino médio brasileiro". 2017. Disponível em:
<<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/pesquisa-aponta-retrocesso-no-aprendizado-do-ensino-medio-brasileiro-20788792>>. Acesso em: 25 de junho de 2019.
- FUNDAÇÃO ZOO BOTÂNICA – FZB a, "**Carta de Belgrado**". Disponível em:
<http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20130508155641carta_de_belgrado.pdf>.
Estudos Avançados 31 (89), 2017 281. Acesso em: 10 de agosto de 2019
- _____. b, "**Recomendações de Tbilisi**". Disponível em:
<<http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20130508155354tbilisi.pdf>>. Acesso em: 10 de agosto de 2019.
- GUIMARÃES, M. "**Educação ambiental: no consenso um embate?**" Campinas: Papirus, 2000.
- _____. "Educação Ambiental Crítica". In: LAYRARGUES, P.P. (org), "**Identities da Educação Ambiental Brasileira**", Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2004. Disponível em:
<http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf>.
Acesso em: 10 de agosto de 2019.
- LAYRARGUES, P.P. "O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação

- ambiental". In: Loureiro, C.F.B., Layrargues, P.P., Castro, R. de S. (Orgs.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez. p. 179-219. 2002 b.
- _____.; LIMA, G. F.C., "As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira", **Revista Ambiente e Sociedade**. São Paulo, v. XVII, nº 1, pp. 23-40. 2004.
- LIMA, G.F.C. "Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis", **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 35, nº 01, pp. 145-163. 2009,. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v35n1/a10v35n1.pdf>>. Acesso em: 10 de agosto de 2019.
- LOREIRO, C. F. B. "Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora", **Ambiente e Educação**, Rio Grande, 8, pp. 37-54. 2003,
- NARCIZO, K.R.S. "Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas", **Revista eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**, vol. 22, janeiro a julho. 2009.
- POTT, C. M., ESTRELA C .C., "Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento", **Estudos avançados**, vol.31, no.89, São Paulo. 2017.
- PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL – PRONEA, 2003, Secretaria do Meio Ambiente.
- REIGOTA, M., **O que é educação ambiental**. P. 107 editora: Brasiliense 2ª ed. 2017.
- REIGOTA, M. "Educação Ambiental: a emergência de um campo científico". **Perspectiva**. Florianópolis, v. 30, nº 2, p. 499-520. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/2175-795X.2012v30n2p499/23328>>. Acesso em: 16 de agosto de 2019
- SAUVÉ, L. "Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental.". In: Sato, M.; Carvalho, I. C. Moura (Orgs.). **Educação Ambiental**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SILVA, M. M .P., LEITE, V. D., "Estratégias para realização de educação ambiental em escolas do ensino fundamental", **Revista eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**, Vol. 20. 2008.
- SOUZA, T., JÚNIOR, H A S., "Educação Ambiental crítica ou conservadora? Elementos para uma reflexão crítica acerca do Projeto Ecoa", **Revista de Educação Ambiental**, v. 23, n.1, pp- 100-121. 2018.
- TREVISOL, J.V., "Os professores e a Educação ambiental: um estudo de representações sociais em docentes das séries iniciais do ensino fundamental", **II Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade**, pp- 01-20. 2004.

FERRAMENTAS DE GESTÃO ESTRATÉGICA PARA O SUCESSO DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR: UM BREVE ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Ícaro Luís Fracarolli VILA¹

Nunca na história viveu-se em um tempo de tamanha diversidade de mudanças. O ser humano é protagonista e receptor de uma série de transformações de grandes proporções, que impactam diretamente o seu modo de viver, de se comunicar, enfim, seu estilo de vida foi totalmente transformado nos últimos vinte anos. A tecnologia é a maior responsável por esse cenário. Não se imagina mais como é viver sem ao menos ter um celular ou uma televisão inteligente. Isso sem contar com as já realistas modernidades da Internet das coisas, que vêm agregando a rede mundial de computadores aos elementos de casa com maior frequência e praticidade.

Em meio a esse caos cibernético, o estilo de vida se transformou drasticamente. Hoje, a população tem uma incessante busca pela produtividade, fazendo mais em menos tempo. Além disso, os chefes, ou líderes em boa linguagem deste século, buscam formas maiores de motivar seus liderados para que seus negócios sejam mais rentáveis. Tudo isso em prol do capitalismo selvagem, muito além daquele pensado por Durkheim, Weber e até Marx. Contudo, Giddens (1991, p.16) no início da década de 1990, acreditava que a rápida transformação da vida social moderna não era derivada em essência do capitalismo, mas do “impulso energizante de uma complexa divisão de trabalho, aproveitando a produção para as necessidades humanas através da exploração industrial da natureza. Vivemos numa ordem que não é capitalista, mas industrial”, acrescenta o estudioso.

¹ É bacharel em Letras (tradução) pela UNAERP, licenciado em Letras (português-ínglês) pelo CEETRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ, licenciado em Letras (português e espanhol) pela UNIFRAN; licenciado em Pedagogia pela UNIFRAN; Tecnólogo em Processos Gerenciais e Gestão Comercial pela ESTÁCIO DE SÁ; graduando em Filosofia pela UFSJ, além de Ciências Econômicas e Ciências Contábeis pela UNIFRAN; pós-graduado em mais de 20 áreas; mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Michigan; doutorando em neurociência e linguística pela Yale University; pesquisador associado do Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo (campus Ribeirão Preto). Suas pesquisas se voltam para o emprego de método e técnicas da neurociência como forma de efetivar o ensino de línguas e, em paralelo, medidas político-econômicas para profissionalizar a gestão escolar. Atua como coordenador de polo EaD e professor da UNIFRAN; gestor pedagógico do CNA Brodowski; professor de pós-graduação na ESTÁCIO. Email: vila.icarol1@gmail.com

Além de tamanha transformação, as relações humanas também sofreram profundas alterações. Se antes, era comum ouvir um “bom-dia” na rua, hoje, mal se ouve a voz de alguém. A multidão se cala e se esconde, em cavernas do anonimato. As relações nem são tão humanas assim mais, são mais uma forma de cumprimento de padrões sociais historicamente convencionados. Sobre esse tema, Bauman (2001) faz uma importante comparação aos elementos fluídos, os quais não mantêm sua forma com facilidade, dependendo do recipiente em que estão. Eles também

[...] não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la. (BAUMAN, 2001, p. 8).

E é exatamente nessa situação em que encontramos as relações entre sujeitos: sem formas, neutralizadas, sem significação e passíveis de poucas mudanças. Essa é a sociedade líquida de agora. Neste contexto, é que se tem que aprender a ser um novo ser humano. E a escola, mais que nunca, tem um papel bastante importante. Muitos campos evoluíram tecnologicamente, mas as relações humanas foram mudadas profundamente.

O conhecimento sistematizado da sociedade é trabalhado nas escolas. É nelas que conhecimentos formais são socializados, por intermédio de tecnologias, sejam elas um simples caderno e lousa, ou tecnológicos tablets e lousas digitais. Libâneo (2013) acentua ser onde a cultura formal e a cultura experienciada se encontram. Além disso, se promovem capacidades cognitivas, fortalece-se a subjetividade e identidade cultural, prepara para a sociedade tecnológica, forma para a cidadania crítica e desenvolve a formação de valores éticos.

Libâneo (2013, p. 53) ressalta ainda que a escola tem a função de interagir e articular-se com as práticas sociais, como alguns movimentos sociais. Embora ainda rodeada de certo tradicionalismo, a escola é o ambiente para o trabalho com a pluralidade de ideias e movimentos sociais.

Hoy & Miskel (2015, p. 31) evidenciam ainda que as escolas são organizações de aprendizagem, ou seja, locais em que seus participantes “continuamente expandem suas capacidades de criar e realizar, onde novos padrões de pensamento são incentivados, onde aspirações coletivas são acalentadas, e que todos aprendem juntos”. Uma escola não é nada sem uma direção. O gestor é o responsável pela divisão de tarefas, orientação e

integração de pessoas para atingir os objetivos. É quem está à frente na tomada de decisão e na coordenação dos trabalhos para que a escola possa atingir os seus objetivos.

O estudo da gestão escolar é recente no campo da educação. É uma área interdisciplinar, pois interliga assuntos pedagógicos a administrativos, financeiros, recursos humanos, comunicação e eficácia. Libâneo (2013) frisa que seus estudos datam da década de 1970, quando a teoria geral da administração foi tomando nova forma e as empresas foram buscando se profissionalizar. Com o aumento da competitividade e ambiente de grande proliferação de instituições, a gestão escolar buscou ser empreendedora e estratégica.

O empreendedorismo é um processo que nasce da paixão pelo que se faz, que busca superar obstáculos e novos horizontes. O empreendedor tem atitude diferenciada, toma à frente, é criativo, inovador e arrojado. É ainda analítico, líder, tomador de decisões, corre riscos e deseja sempre mais. Esse é o gestor escolar de que se almeja para dar tomar frente junto aos novos tempos. Junto a isso, uma educação empreendedora que seja capaz de fortalecer valores do empreendedorismo na sociedade, reafirmando capacidades individuais e coletivas, gerando valor para a comunidade e buscando a autonomia, sustentabilidade e protagonismo. Mais ainda, o empreendedor deve ser capaz de correr riscos limitados e, se adaptar e antecipar às mudanças, mudando dentro de si constantemente (DOLABELLA, 2003).

Para conseguir prever e estar preparado para o amanhã, o gestor educacional tem importantes ferramentas em suas mãos. A administração contribui com a administração estratégica, ramo cujos estudos se acentuaram na década de 1990, devido ao ambiente de rivalidades acirradas.

A palavra “estratégia” tem sua origem no grego “*strategia*” e significa “comando ou ofício de um general”. Mintzenberg e Quinn (2001) também a definem como “o padrão ou plano que integra as principais metas, políticas e sequências de ações de uma organização em um todo coerente”. Pensar em uma estratégia é definir metas e meios de alcançá-las. Para uma organização, Oliveira (2005) e Porter (2004) ainda ressaltam que deve focar na interdependência das relações com adversários e expectativas a respeito do comportamento de uns e outros para cumprir a meta. Ter uma estratégia é criar uma posição exclusiva diante dos outros de forma a atingir um resultado extraordinário.

Porter (2004) define esse termo como sendo aquilo que uma empresa tem de diferente das outras que gera valor para os seus clientes. Por exemplo, para um comprador de um smartphone, o quesito desempenho tem mais valor que design se o usuário realiza tarefas mais pesadas com o aparelho. Assim, a companhia de celular deverá ofertar vantagem para aquele nicho específico de mercado. No caso da educação, pode-se classificar em nichos também, determinando o tipo de clientela que a escola atende, o contexto ambiental (social, demográfico e econômico) da região e quais demandas deve-se atender.

Para estruturar este trabalho, serão trabalhadas as diversas ferramentas que a administração estratégica oferta para uma gestão mais competitiva e de forma a cumprir o seu papel. Entre as ferramentas, destacam-se a análise SWOT, a tabela 5W2H, a matriz de valor de Porter e matriz de Ansoff. Com a adequada utilização das técnicas, o gestor terá uma visão mais competitiva da sua unidade escolar e conseguirá, assim, fazer com que sua unidade escolar atinja os objetivos. Terá ainda uma visão global dos ambientes interno e externo, traçar planos de ação, desenvolver novos serviços e buscar novos mercados, garantindo a sobrevivência e competitividade da organização. Destarte, objetiva-se equipar o gestor educacional com técnicas eficazes e de bastante uso no meio empresarial.

Para se atingir o que se propõe, a técnica de pesquisa bibliográfica será empregada. Esse tipo se caracteriza pela leitura e fichamento de livros, artigos, tabelas e demais materiais escritos. Macedo (1994) explica, ainda, que essa pesquisa é realizada a partir de fontes já publicadas, procurando referências teóricas a fim de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o assunto cujas respostas são procuradas. A triagem é uma importante etapa. O pesquisador deverá eliminar possíveis trabalhos duplicados ou similares. Além disso, deve-se eliminar as referências pouco relevantes, classificando o material por importância. Então, pode-se começar a ler o material (SEVERINO, 2000).

A vida em constante transformação requer novas atitudes. Assim, este trabalho em área de estratégia administrativa com foco em gestão escola se justifica por ser um importante aporte referencial ao meio educacional. Pouco se pesquisa e pouco se vê a escola como um sistema, ou seja, de elementos que inter-relacionam para atingir um objetivo final. Para que este seja atingido, um gestor é necessário, como um maestro a uma orquestra, com as devidas ferramentas. No caso do administrador educacional, ferramentas estratégicas podem ajudá-lo a compreender melhor o ambiente em que está inserido, bem como o público atendido e que medidas a serem

tomadas. Assim, os resultados serão mais satisfatórios e garantirão sobrevida à instituição escolar.

Estratégia empresarial: das grandes corporações às casas do aprender

As organizações da atualidade têm operado em ambientes cada vez mais competitivos. Não importa a sua área de atuação, em todos os segmentos, há muitas mudanças rápidas. O processo de analisar e se modificar de acordo com elas é uma estratégia de negócios bastante utilizada e vital. Porter (2009) assevera que estratégia é a direção que a organização deve seguir a curto e longo prazo, a qual se assegura vantagens competitivas com recursos e competências. É ainda, segundo o mesmo autor, a maneira ou maneiras que o gestor encontra de salvaguardar a continuidade da organização.

É dever e premissa básica da administração a tomada de decisão a um nível estratégico, a fim de não se deixar de perder a competitividade. Há esquemas, apresentações, relatórios e estatísticas que poderão afetar as estratégias futuras. Sun Tzu (1999) escreve sobre a estratégia:

Diz-se, portanto, que aquele que conhece o inimigo e conhece a si mesmo não ficará em perigo diante de centenas de batalhas. Aquele que não conhece o inimigo, mas conhece a si mesmo às vezes perde. Aquele que não conhece o inimigo nem a si mesmo invariavelmente perde todas as batalhas. (SUN TZU, 1999, p.69).

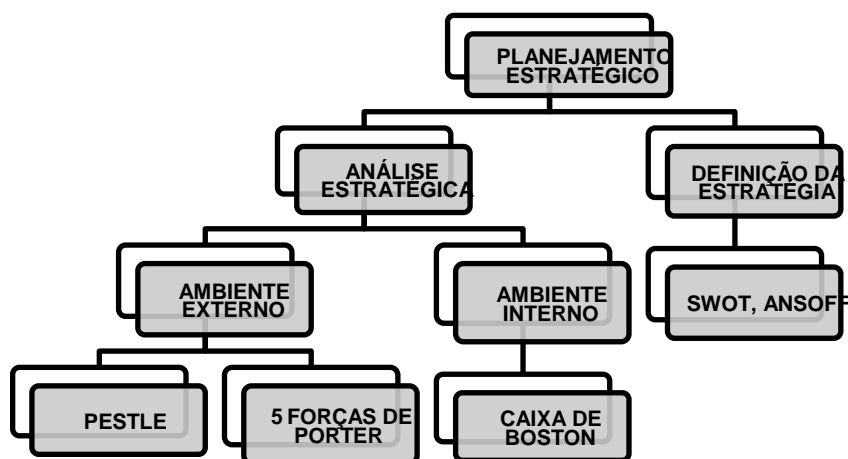
Sem estratégia não há metas, nem planejamento de ações. Quando bem formuladas, ajudam a ordenar e alocar os recursos de uma organização a fim de tomar uma postura singular e viável, com base em suas competências e deficiências internas relativas, mudança no ambiente, antecipação de demandas e providências de contingentes, como relatam Mintzenberg e Quinn (2001).

Oliveira (2005) subdivide a estratégia em quatro partes: Estratégia de Sobrevivência, Estratégia de Manutenção, Estratégia de Crescimento e Estratégia de Desenvolvimento. Sobre a primeira, ela deve somente ser adotada quando não houver alternativa e instituição necessitar manter as atividades básicas de operação. Já sobre a de Manutenção, tem que ser adotada em casos onde a empresa está enfrentando ou espera encontrar dificuldades com a concorrência e, diante dessa situação, prefere tomar uma atitude defensiva frente às ameaças. Já a de crescimento, ocorre quando há chance e tempo de transformar os pontos fracos em oportunidades. E por

fim, a estratégia de desenvolvimento deve ser adotada quando há predominância de pontos fortes e de oportunidades, sendo que esta será a que melhor desenvolverá a empresa.

Na figura 1, apresenta-se os cinco tipos de análises e definição de estratégias mais usadas no mundo todo. Percebe-se o modelo clássico, das cinco forças competitivas de Porter (2009), voltado para o ambiente externo, a Caixa de Boston, para o ambiente interno, e análise SWOT, para ambos ambientes e mais largamente usada, como se verá no item subsequente.

FIGURA 1. SISTEMATIZAÇÃO DOS TIPOS DE ANÁLISE ESTRATÉGICA



FONTE: OLIVEIRA, 2005.

Neste estudo, nosso objetivo, como explicitado anteriormente, é oferecer ferramentas para o gestor(a) escolar, de modo que ele ou ela consiga aplicar corretamente as ferramentas de administração estratégica a fim de promover uma educação de melhor qualidade, ter melhor controle dos recursos humanos e recursos financeiros, além de promover inovações em seu ambiente de trabalho. Por esse motivo, serão apresentados nos próximos itens, quatro importantíssimas para qualquer organização pública ou privada: análise SWOT, a 5W2H, a cadeia de valor de Porter e a matriz de valor de Ansoff.

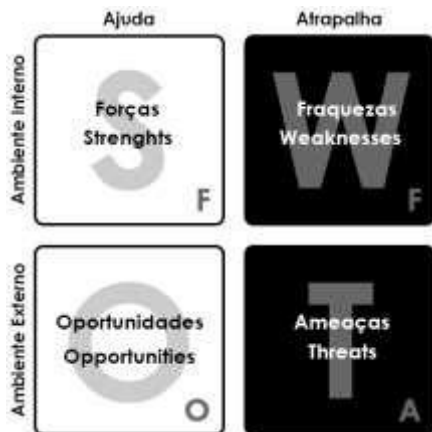
Análise SWOT ou FOFA

A análise SWOT ou FOFA é ferramenta estratégica mais utilizada no meio organizacional. Por ela, seu utilizador consegue ter uma visão ampla de todo o cenário em que a empresa – no caso a instituição escolar – esteja inserida. É uma etapa do planejamento estratégico e deve ser realizada anualmente ou semestralmente em caso de ambiente com muita competição.

O processo consiste essencialmente na identificação das forças e fraquezas da organização, bem como as oportunidades e as ameaças presentes no mercado em que ela opera. A sigla é um acrônimo das palavras *strengths*, *weakness*, *opportunities* e *threats* ou forças, oportunidades, fraquezas e ameaças.

Mintzenberg e Quinn (2001) e Oliveira (2005) têm opiniões congruentes quanto à metodologia primordial da análise SWOT, que é de fazer um levantamento de dados, cruzá-los e realizar uma avaliação estratégica, de forma a tomar decisões estratégicas que erradiquem as fraquezas, neutralizem as ameaças, aproveite as oportunidades e engrandecem as forças. A seguir, há um esquema nosso que esclarece como se faz uma análise SWOT:

FIGURA 2 MATRIZ SWOT, COM OS QUATRO ITENS DE ANÁLISE E SEUS CORRESPONDENTES EM LÍNGUA INGLESA.



FONTE: Elaborado pelo autor.

A análise SWOT, desta forma, é uma ferramenta essencial de sobrevivência para uma organização escolar, pois permite ter uma visão

clara e objetiva sobre as suas forças e fraquezas no ambiente interno e as oportunidades e ameaças no ambiente externo (MINTZBERG & QUINN, 2001). O administrador-gestor deve planejar as atividades futuras da organização com dados obtidos desta análise. Deve ainda ajudar qual segmento deve continuar investindo ou se deve lançar um produto para atender a uma nova demanda de mercado.

É ainda uma ferramenta versátil, envolvendo decisões subjetivas em cada estágio. Para Oliveira (2005), deve ser usada como um guia e não apenas mais um processo da organização. Sua aplicabilidade é para qualquer tipo de empresa a fim de melhorar o desempenho.

Nas instituições educacionais, o gestor deve fazer um levantamento dos pontos fortes da escola e dos pontos fracos. A seguir, deve mapear, com ajuda de sua equipe gestora, quais são as possíveis ameaças no caminho e, só assim, identificar as oportunidades. Podem ser levantados dados como notas e frequências do aluno, estrutura da escola, localização geográfica, frequência e formação dos docentes, número de colaboradores de apoio, escolas no entorno, proximidade ou não a zona de riscos, contexto socioeconômico da escola, outras escolas no raio de atuação da escola, entre outras. Com a devida separação dos dados, a equipe gestora pode então traçar um planejamento visando melhorar qualidade de ensino da instituição e ofertar o melhor possível, com uso mais racional dos recursos e com maior lucro (em casos instituições particulares).

A escola que se consegue executar de forma cooperativa é uma demonstração do grau de maturidade da sua equipe, do grau de desenvolvimento dos seus professores e, mais ainda, da capacidade de liderança do gestor escolar, estando à frente de todo o processo de identificação e de planejamento. O plano surgido a partir da análise SWOT não deve ser confundido com a organização escolar, nem tampouco substitui a gestão. São coisas diferentes. Enquanto o plano propõe ações, a gestão age para formular metas, instituir procedimentos e instrumentos para a ação (LIBÂNEO, 2013).

Devido à alta necessidade de formular metas, o gestor escolar conta com outra poderosa ferramenta administrativa e estratégica: a planilha 5W2H, que será tema do nosso próximo item.

5W2H

A Administração é uma ciência com uma história em curso. Muitos foram aqueles que trabalharam para seu desenvolvimento, como Henri

Fayol. O administrador é seguidor de Taylor, pai da Administração Científica, que vigorou com muito sucesso nos anos de 1910 a 1980. Essa linha era caracterizada pela ênfase nas tarefas e no resultado, objetivando o aumento da produção e dos lucros, por conseguinte. Taylor propunha a racionalização do trabalho com a proposição de tarefas bem definidas, para que fossem mais possíveis de serem cobradas. Contudo, isso gerou muito descontentamento dos operários, que chegavam a trabalhar até 14h diárias.

Contudo, outro conceito importante em Taylor é a eficiência do trabalho. A seu ver, o trabalho bem elaborado, inteligente e com máxima economia de esforço produzia os melhores produtos ou serviços (pouco explorados ainda na época). Com essa visão administrativa, Fayol adicionou a importância da liderança diante dos resultados alcançados. Enfatizou uma abordagem sintética, global e universal da empresa, de forma a inaugurar uma abordagem anatômica e estrutural, que rapidamente ganhou espaço nas organizações e nas academias, suplantando a abordagem seca de Taylor.

Coube a Fayol enunciar as funções da gerência administrativa que, apesar de serem concebidas na década de 1980, ainda são bastante atuais no cotidiano. Assim, são cinco funções, as quais nos aportamos a Chiavenato (1998):

- a) Planejar ou prever: o gestor deve prever o futuro da organização, visualizando-o e definindo ações;
- b) Organizar: coordenar todos os recursos da organização de maneira mais eficaz possível, em função dos objetivos definidos;
- c) Comandar: fazer com que as pessoas executem as tarefas e respeitem as hierarquias existentes;
- d) Coordenar: articular atitudes e esforços de toda a organização para que os objetivos sejam alcançados e
- e) Controlar: estabelecer padrões de medida de desempenho para verificar se tudo está ocorrendo como planejado e de acordo com as regras estabelecidas.

Dessa forma, o diretor escolar deve aprender a pensar em longo prazo, se planejando, propondo ações e controlando recursos financeiros, humanos e materiais. Contudo, são muitas pessoas em uma instituição escolar, desde a equipe de apoio, gestora, professores, pais e alunos. A organização é de suma importância nesse contexto.

A ferramenta estratégica 5W2H contribui para colocar seus planos em ação, além de ajudar a tomar decisões importantes. Ela oferece vários usos, desde os mais simples, até versões mais sofisticadas. Além disso, é essencial

quando se faz uma análise SWOT, pois uma vez que os problemas foram detectados, deve-se planejar adequadamente o plano de ação (GHEMAWAT, 2000).

Nokagawa (2019) para o Sebrae, instituição governamental de fomento e incubadora de pequenas e médias empresas, em sua cartilha explicativa sobre o 5W2H, indica que a ferramenta deve ser preenchida da seguinte forma:

- 1) Ação ou atividade que deve ser executada ou o problema ou o desafio que deve ser solucionado (*what*);
- 2) Justificativa dos motivos e objetivos daquilo estar sendo executado ou solucionado (*why*);
- 3) Definição de quem será (serão) o(s) responsável(is) pela execução do que foi planejado (*who*);
- 4) Informação sobre onde cada um dos procedimentos será executado (*where*);
- 5) Cronograma sobre quando ocorrerão os procedimentos (*when*);
- 6) Explicação sobre como serão executados os procedimentos para atingir os objetivos pré-estabelecidos (*how*);
- 7) Limitação de quanto custará cada procedimento e o custo total do que será feito (*how much*)?

A forma mais usual da ferramenta é por meio de tabela, em que o gestor pode explicitar de forma bastante didática cada um dos itens, conforme figura a seguir:

FIGURA 3 TABELA DA FERRAMENTA 5W2H, IMPORTANTE ALIADA NO PLANEJAMENTO DE AÇÕES.

TEMPLATE 5W2H

		PROJETO	INTEGRANTE 1	INTEGRANTE 2	INTEGRANTE 3
What?	O que será feito?				
Why?	Por que será feito?				
Where?	Onde será feito?				
When?	Quando será feito?				
How?	Como será feito?				
How much?	Quanto custará?				

FONTE: Chiavenato (1998)

Um planejamento bem efetuado das ações da instituição educacional é um fator crucial para o sucesso. Como salientam Hoy e Miskey (2015), essa ação promove a melhoria na qualidade de ensino, incentiva ações culturais, promove maiores momentos de qualificação do corpo técnico-pedagógico, agiliza processos e facilita ainda o cumprimento do papel efetivo da escola, que é de ser uma instituição que promova a diferença na vida das pessoas. O gestor que utiliza a 5W2H só tem ganhos, principalmente se aliadas às outras ferramentas estratégicas, de forma a garantir a manutenção as atividades e a perpetuação da unidade escolar. Sobre este assunto, se pautará o próximo item.

Cadeia de Valor de Michael Porter

Sabe-se que o ambiente em que as escolas estão é de profunda concorrência, sejam elas particulares ou públicas. Concorre-se com outras escolas, com tecnologia, com a televisão, com o governo, enfim, há uma grande fonte de ameaçadores da atividade escolar. Dessa forma, realizar uma análise estratégica é de notável importância, principalmente às instituições particulares, que dependem das mensalidades para financiar as suas atividades.

O modelo de cadeia de valor de Michael Porter é um dos modelos mais confiáveis e utilizados no meio empresarial e pode ser de grande usabilidade para as instituições educacionais. Porter é um dos precursores da estratégia, levando a

cabo os estudos em importante organizações, promovendo a diferença em milhares de empresas pelo mundo. Seus estudos se concentraram no posicionamento que empresa tem diante o mercado, considerando forças internas e externas, de formas a balanceá-las e criar vantagem perante os concorrentes (MINTZBERG, AHLSTRAND & LAMPEL, 2000).

São identificadas, em seu modelo, cinco forças que atuam sobre as empresas. Quanto maior a força desses cinco itens, menor será o retorno financeiro e a eficiência da organização. Assim, são elas, segundo MINTZBERG, AHLSTRAND & LAMPEL (2000) e OLIVEIRA (2005):

- a) Ameaça de novos entrantes: toda organização sofre esta ameaça. A qualquer momento, novos concorrentes podem surgir com opções iguais ou até melhores. Dessa forma, deve-se preparar sempre evitar possíveis ameaças.
- b) Poder de barganha dos fornecedores: o valor cobrado pelos fornecedores pode influenciar no nível de serviço oferecido pela escola. Se

é possível conseguir material de escritório a preços mais competitivos, o gestor tem a sua mão mais capital para investir em formação e motivação da equipe pedagógica, por exemplo. Eles ganham força quando: a) existem poucos fornecedores na indústria; b) quando não existe produto substituto e c) quando o insumo é um componente principal da indústria que você está inserido.

c) Poder de barganha dos clientes ou compradores: o quanto seu cliente está disposto ou pode pagar é um fator decisivo de sucesso para o empreendimento educacional. Sempre há uma pressão pela diminuição dos preços e aumento da qualidade, jogando concorrentes uns contra outros. As organizações educacionais devem estar preparadas para lidar com essa demanda. É importante ressaltar que os alunos de escola pública, mesmo que não paguem mensalidades, devem ter seu poder de barganha calculado, pois é com base no nível socioeconômico da escola que a equipe gestora conseguirá realizar seus projetos.

d) Ameaça de produtos substitutos: os ditos populares nos ensinam que ninguém é insubstituível. A escolha por determinado ensino desta ou daquela escola vai depender do nível de serviço ofertado e do zelo e eficácia nele empregados. Diante disso, cabe à instituição ofertar o seu melhor, dentro das possibilidades econômicas, para ser uma referência.

e) Intensidade da rivalidade de empresas concorrentes: Porter acredita que todos os fatores anteriores convergem para uma verdadeira guerra entre as organizações, em busca do cliente final. É uma guerra aberta e de diplomacia pacífica. As empresas devem se organizar de forma a conquistar seu local no mercado tão acirrado.

A escolha desta ou daquela estratégia pela empresa é determinada, assim na visão de Porter, na combinação desses fatores. A escola, mesmo que pública, que souber entender seu público-alvo, ofertar uma excelente relação custo-benefício e tiver um diferencial competitivo certamente terá uma longa e duradoura estadia ofertando seu ensino. Além disso, manter-se atraente no mercado é algo de muita dificuldade na modernidade líquida, mas que com adequada atuação do gestor e planejamento de cursos terá bastante sucesso.

Matriz de Valor de Ansoff

Algumas escolas se mantêm intactas por toda a sua existência. O que seria isso? É simples. Elas não procuram ofertar novas disciplinas, novos cursos ou até modalidades de ensino as suas comunidades. Com isso, muitas oportunidades são perdidas, colocando em risco a permanência da

escola por muito tempo, algo que pode levar à falência ou níveis pífios de desempenho.

Diante disso, Igor Ansoff, pesquisador russo, desenvolveu na década de 1960, uma matriz de valor para mapear os serviços ofertados e estruturar uma estratégia de crescimento da empresa como um todo. Sua matriz é uma relação de produtos e mercados, de forma a analisar essa relação. Pode ser ilustrada pela figura a seguir:

FIGURA 4 MATRIZ DE ANSOFF



FONTE: Oliveira (2005)

No primeiro quadrante, com o auxílio da análise SWOT, deve-se medir o *market share*, ou seja, a participação no mercado da escola. Pode ser mais bem explicitada pela relação de produtos existentes versus mercado existente, ou seja, buscando analisar tudo aquilo que a empresa já oferta no mercado. Quando se preocupa com a penetração de mercado, a organização está alçando voos mais altos, em busca de novos clientes e fidelizando seus próprios consumidores (BARNEY e HESTERLY, 2007).

O desenvolvimento de mercado é caracterizado pela busca de novos mercados com os produtos existentes. É quando, por exemplos, uma escola quer diminuir o seu horário ocioso e abre turmas com valores mais acessíveis de mensalidades. É a busca, assim, de novos clientes, mas com os serviços que já oferta. Também pode ser considerada a

abertura de uma nova escola do mesmo grupo educacional como forma de desenvolver o mercado (MINTZBERG, AHLSTRAND & LAMPEL, 2000).

O terceiro quadrante é, para Oliveira (2005), quando a empresa busca em seus mercados já existentes desenvolver novos produtos, aumentando seu faturamento. É quando a escola oferta uma nova gama de cursos para a mesma clientela, atendendo novas necessidades e idealizando-as.

Por fim, a diversificação é a forma mais arrojada de buscar aumentar o faturamento, pois se propõe um produto novo para um mercado totalmente novo para a organização. Isso demanda muitos esforços de comunicação, a fim de conquistar a credibilidade de novos públicos. Pode-se exemplificar quando uma escola de idiomas de classe A lança cursos técnicos para classe C, ou seja, tem-se um produto totalmente diferente de seu *core business*² e para uma classe social totalmente diferente daquela que está acostumada a trabalhar (OLIVEIRA, 2005).

Hoy e Miskey (2015) alerta para o fato de que o uso da matriz de Ansoff demanda bastante capacidade profissional do gestor escolar. Essa capacidade está relacionada com a qualidade, o envolvimento, a criatividade, o comprometimento do líder, a sua capacidade de analisar cenários e idealizar o futuro. Ademais, ser líder e motivar pessoas são habilidades essenciais para o sucesso escolar. A seguir, será discutido como as estratégias se unem para a construção de uma escola totalmente competitiva e em sintonia com a nova sociedade.

Estratégia e escola: por uma escola competitiva

Até aqui, foram apresentadas as quatro principais ferramentas da administração estratégica. Com elas, o gestor educacional tem em suas mãos poderosas ferramentas para implementar estratégias e garantir vantagens competitivas importantíssimas para a perpetuação de suas escolas. Essas estratégias, depois de formuladas, passam a ser chamadas de objetivos estratégicos funcionais. Kotler (1999) ensina que esses objetivos são úteis para orientar o processo de tomada de decisão, propiciar noções de investimentos, ajudar a criar indicadores de desempenho, quantificar e formalizar planos e estabelecer metas a serem perseguidas.

Os objetivos devem ser desafiantes e viáveis, terem prazo definido, mensuráveis e coerentes entre si. A adoção das quatro ferramentas aqui apresentadas leva o gestor a atingir esses desafios. A análise SWOT lhe dá uma situação do ambiente interno e externo da escola, de forma a tomar as primeiras medidas. A tabela 5W2H auxiliar na definição sistemática de tarefas e atribuição de tarefas, mensurando resultados e custos. A análise de cadeia de valor proporciona a relação escola-clientes-concorrência, de forma

2 Termo da área da administração para designar a atividade que fornece a principal renda da organização.

a maximizar as ações. Já a matriz de Ansoff é uma maneira de refletir sobre os serviços ofertados e possíveis mercados serem alcançados.

Quando se tem o resultado de todas as ferramentas, o gestor conclui o seu planejamento estratégico a curto e longo prazo. Por meio dele, é possível estabelecer um direcionamento para a organização, de forma a otimizar a sua relação com o ambiente em um contexto repleto de mudanças. Busca ainda responder de forma estruturada às pressões estruturadas do mercado e do ambiente, tornando a organização cada vez competitiva. Busca a flexibilidade de objetivos, habilidades e recursos, mantendo compromisso com oferta de serviço de qualidade, estabilidade financeira, crescimento e desenvolvimento de sua missão organizacional (MINTZBERG, AHLSTRAND & LAMPEL, 2000).

A escola deve ser pensada como uma empresa sim, pois o mercado está cada vez mais competitivo. A profissionalização da sua gestão com ferramentas organizacionais da administração põe em evidência o engajamento das intenções por busca de educação de qualidade, com recursos adequados a cada etapa do ensino. O gestor que é bem nutrido de formação administrativa estratégica conseguirá promover o ensino e aprendizagem mais eficientes na sua instituição, contribuindo não só para o sucesso organizacional, mas para a mudança de vidas pela educação.

Conclusões

Immanuel Kant, famoso filósofo moderno, afirmava que é no problema da educação que se assenta o grande segredo do aperfeiçoamento da humanidade. É por meio dela, que a humanidade poderá ser melhor. Assim, qualquer esforço que seja por ela tem validade e merece ser realizado. A educação é, na atualidade, um dos maiores problemas brasileiros. Ela tem sido ceifada brutalmente, sem medir consequências. Verá o resultado disso daqui a cinco, dez, vinte anos...

Assim, pensar no gestor escolar e nas ferramentas que ele tem é de bastante importância no contexto em que estamos. A formação de gestão dos diretores escolares é bastante falha. Contudo, as ciências administrativas demonstram que o emprego correto de técnicas contribui para prestação de serviços mais eficientes e eficazes, buscando a excelência. A profissionalização da profissão é um requisito essencial para salvaguardar a qualidade do seu exercício. Além disso, a ação com profissionalismo remete ao desempenho competente e comprometido com os deveres, envolvidos em um comportamento ético e justo.

As mudanças são constantes e aceleradas e para aqueles que não forem capazes de se prepararem serão facilmente aniquilados. O planejamento é mais do que necessário para as empresas de hoje, embora para que seja colocado em prática demande bastante conhecimento, organização e senso de inovação. Não se pode negligenciar algo tão importante que é de suma importância para a sobrevivência da organização.

Neste trabalho, buscou-se apresentar as quatro principais ferramentas da administração estratégica. Administrar com esse pensamento demanda não só saberes técnicos, mas uma mentalidade e atitude de líder. O senso da vitória por se ter obtido resultados positivos é almejada por qualquer instituição educacional, contudo são poucas aquelas que têm atitudes proativas para atingi-las.

Em muitos momentos, usamos da nossa rica e longa experiência em gestão escolar e na docência em administração. Acreditamos, mais ainda, na educação como a arma mais poderosa para mudar o mundo.

Referências

- BARNEY J. B.; HESTERLY E. W. S. **Administração estratégica e vantagem competitiva**. São Paulo: Pearson, 2007.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- CHIAVENATO, I. **Teoria Geral da Administração**. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1998.
- DOLABELLA, F. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.
- GHEMAWAT, P. et. al. **A Estratégia e Cenário de Negócios**. Porto Alegre: Bookman, 2000.
- HITT, M; IRELAND, R. D.; HOSKISSON, R. E. **Administração Estratégica**. São Paulo: Thomson-Pioneira, 2002.
- HOY, W.; MISKEL, C. **Administração Educacional: teoria, pesquisa e prática**. 9. ed. Tradução de Henrique de Oliveira Guerra. Porto Alegre: Mc Graw Hill, 2015.
- KOTLER, P. **Marketing para o século XXI: como criar, conquistar e dominar mercados**. São Paulo: Futura, 1999.
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. 6 a. ed. São Paulo, Heccus Editora, 2013.
- MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: um guia do estudante para a fundamentação de pesquisa**. São Paulo: Loyola, 1994.

- MINTZBERG, H., AHLSTRAND, B. e LAMPEL, J. **Safári de estratégia: um roteiro pela selva do planejamento estratégico**. Porto Alegre: Bookman, 2000.
- _____; QUINN, J. B. **O processo da Estratégia**. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- NAKAGAWA, M. **5W2H**. Plano de ação para empreendedores. Sebrae: São Paulo, 2019. Disponível em:
<<https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/5W2H.pdf>>.
Acesso: 08.set.2019.
- OLIVEIRA, D. P. R. **Planejamento Estratégico: Conceitos Metodologias Práticas**. 22. ed. São Paulo: Atlas, 2005. PORTER, M. E. **Estratégia Competitiva: Técnicas Para Análise de Indústrias e da Concorrência**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- _____. **Vantagem Competitiva: Criando e Sustentando Um Desempenho Superior**. 26. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2000.
- TZU, S. **A arte da Guerra**. 2a. ed. São Paulo: Record, 1999.

PRÓLOGO

Prof. Dr. Julieno Lopes VERGARA¹

Inicialmente torna-se importante ressaltar que esta obra reflete a materialização de muitas expectativas, desejos e sonhos. É fruto do fértil curso de Especialização em Educação Empreendedora da Universidade Federal de São João del-Rei – NEAD/UFSJ, que encontra-se atualmente em sua quinta edição, tendo capacitado mais de 1.000 profissionais da Educação Fundamental até profissionais do ensino superior.

A respeito da Universidade, sua origem se dá na Lei nº 7.555, de 28 de dezembro de 1986, a FUNREI foi o resultado da reunião e federalização de três instituições: Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis e

¹ Experiência acadêmica: Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista de iniciação científica do PIP/UFOP (Programa de Iniciação a Pesquisa), no período de julho a dezembro de 2005; Bolsista de iniciação científica do programa PROBIC/FAPEMIG/UFOP, durante os anos de 2006 e 2007. Participante do grupo de pesquisa NESFE/UFOP (Núcleo de Estudo Sociedade Família e Escola), tendo como área de atuação: a história da educação e a trajetória profissional docente. Pedagogia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Pós-Graduação *latu sensu* em Planejamento, Implementação e Gestão da EaD oferecido pela Universidade Federal Fluminense. Pós-Graduação *latu sensu* em Ética, valores e cidadania na escola pela Universidade de São Paulo. Pós-Graduação *latu sensu* em Gestão Escolar de Educação Básica oferecida pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei, orientação: Ruth Bernardes Sant'Ana, Bolsista da CAPES/Institucional/UFSJ, tendo por temática a História da Educação Infantil, experiência de ministrar 30 horas/aulas no decorrer de dois anos, no curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei, lecionando a disciplina Psicologia Social II e professor do pré-vestibular UFSJ lecionando as disciplinas de História e Literatura. Curso de Capacitação em Tutoria pela Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor pela Pós-Graduação em Serviço Social e Educação da UNESP/Franca, com a orientação da Prof^{fa}. Dra. Djanira Soares de Oliveira Almeida, participando do Grupo de Pesquisa Educação: Linguagens, coordenado pela professora Djanira Soares de Oliveira Almeida no campus de Franca da Unesp. Experiência profissional: Funcionário Administrativo da Secretária de Educação de Mariana, 2007 a março de 2008. Tutor à distância no curso de aperfeiçoamento em Direitos Humanos da Universidade Federal de Ouro Preto (2011). Docente de História no Ensino Municipal da cidade de Brodowski-SP entre 2011 a 2013. Técnico em Assuntos Educacionais do Serviço Social da Indústria (SESI) em 2013 a janeiro de 2014. Docente na Pós-Graduação do curso de Práticas de Letramento e Alfabetização como Professor/Orientador de Trabalho de Conclusão oferecido pela Universidade Federal de São João del Rei, de fevereiro de 2013 a junho de 2014. Atualmente atua como Coordenador Pedagógico na rede municipal de ensino de Brodowski-Sp e como diretor da instituição de ensino privada Colégio Antonio Frata, além do papel de professor mediador no curso de Pedagogia da Universidade Virtual do Estado de São Paulo.

Faculdade de Engenharia Industrial. Em 19 de abril de 2002, a FUNREI foi transformada em Universidade (Lei nº 10.425), passando a chamar-se Universidade Federal de São João del - Rei.

Sobre o curso de Especialização em Educação Empreendedora, dentre seus objetivos, está buscar dar resposta para a formação de profissionais da educação para lidar com a necessidade de formar pessoas autônomas e empreendedoras, capazes de reagir proativamente diante de novos desafios e mudanças, de modo criativo e inovador.

A concepção do curso explora conhecimentos articulados de Pedagogia, Administração, Psicologia e outros, que visam a estimular o desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano de forma a canalizá-las a promover o desenvolvimento econômico e social do próprio estudante e de seus semelhantes. O propósito é levar os alunos, desde a formação fundamental até a Universidade, a pensar e criar estruturas organizacionais de cunho econômico ou organizações sociais.

O curso destina-se, prioritariamente, a profissionais da educação, graduados e a todos os demais interessados neste campo do conhecimento. Dando a possibilidade desses atores atingirem o alcance dessas novas habilidades, exigidas no mundo e nas relações de trabalho atuais, uma linha empreendedora na educação vem se delineando na busca do fortalecimento de novos valores em uma sociedade heterogênea, marcada pela diversidade cultural e por processos de exclusão social determinados, pelas diferenças de renda, poder e conhecimento.

Sendo um espaço sociocultural, a escola básica está comprometida com a recriação permanente da visão de mundo da coletividade em que se situa. Os profissionais que atuam nessa escola, responsáveis pelos componentes curriculares, precisam adquirir competências para contextualizar os conhecimentos e o processo pedagógico nas atividades educacionais, considerando que a formação do educando deve passar necessariamente pela autonomia, capacidade de inovar, de buscar sustentabilidade, de ser protagonista no seu tempo e espaço históricos.

Ao falar dos alunos do polo de Serrana/SP que será o lócus de origem dessa publicação, fica evidente que o curso de Educação Empreendedora expressou sua importância para alunos de pós-graduação, dos diversos cursos que envolvem as ciências humanas e sociais, bem como para profissionais que buscam a formação continuada pelo aprofundamento da temática da pesquisa e da escrita científica. Buscou esclarecer questões do processo de construção de conhecimentos no que se refere à produção e publicação de textos acadêmicos.

Desta forma, outro objetivo do curso foi de contribuir com a comunidade acadêmica e profissionais interessados a respeito da pesquisa científica. Assim, o conhecimento produzido por meio dos artigos apresentados, trata de temáticas diversas relacionadas diretamente ao processo de se desenvolver o empreendedorismo na educação. Os textos presentes nesta coletânea referem-se aos trabalhos completos selecionados, escritos e apresentados para a conclusão do curso, conforme avaliação do orientador que é autor desse prólogo.

Disponibilizamos estes textos na intenção de colaborar com a socialização dos conhecimentos construídos, valorizando a pesquisa desenvolvida que somente encontra sentido se fizer sentido para a humanidade, para a realidade extramuros acadêmica. O conteúdo dos artigos é de total responsabilidade dos autores, envolvendo os dados e as informações neles presentes. A educação empreendedora, apesar de temáticas conhecidas nas preocupações acadêmicas, não esgotam a necessidade de aprofundamento. Ambas assumem no século XXI um papel fundamental mediante o compromisso com o conhecimento em sua nuance ética e política. Em tempos neoliberais, a pesquisa tem chamado a atenção de grandes investidores, mais vezes em função de sua representatividade lucrativa, que propriamente em decorrência de sua função social. Cabe então ao pesquisador contemporâneo, atuar mediante a relação de forças e interesses presentes, com capacidade técnica e prática diante do árduo trabalho de pesquisar.

O curso, assim como evidenciam os textos que os leitores terão a oportunidade de conhecer, contribuíram para avançar na fronteira do conhecimento científico, especialmente na área de ciências humanas e sociais, pensar o processo de pesquisa a partir da ótica empreendedora, realçar a importância da escrita, fundamental no trabalho do cientista, identificar as pesquisas em educação como gênero literário específico e sugerir metodologias de atuação em pesquisa educacional.

Os autores em geral são graduados em diferentes áreas do conhecimento, como História, Letras, Química, Pedagogia, entre outras, tendo formações distintas em pós-graduações em nível de especialização, mestrado e doutorado. Nesse sentido, a partir desse momento o prólogo trará alguns dos artigos a partir do olhar do orientador, levando em conta todo o seu processo de produção de escrita, defesa para a banca julgadora e publicação.

O texto *“GRÊMIOS ESTUDANTIS COMO MÉTODO PARA DESENVOLVER A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA”* de autoria de

Cinthia Cristina Amaro Monteiro apresenta uma análise documental sobre as fraquezas da concepção tradicional de ensino, confrontando com as concepções progressistas sobre educação, dessa maneira traz questionamentos em torno da docência no espaço escolar a partir da participação dos discentes na vida escolar, em atenção às influências políticas, econômicas, sociais e culturais de determinados períodos históricos.

Claudemir de Sousa Buzato, através das *“EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS – EDUCAÇÃO BASEADA EM PROJETOS EM CONTEXTUALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO 4.0”*, apresenta uma análise fundamentada na atividades interdisciplinares desenvolvidas dentro da comunidade escolar, demonstrando a importância do desenvolvimento de projetos que visam ao empreendedorismo, incentivar aos alunos de curso técnico e de projeto com alunos do Ensino Médio, que há novas oportunidades de funções após a conclusão do curso, implementado através novas metodologias empregadas em sala de aula, tendo como referência a educação 4.0. Um trabalho que transmite ao leitor uma experiência prática realizada com alunos de uma escola técnica, e que demonstra ser possível incentivar o discente em busca do saber.

O artigo denominado *“EMPREENDEDORISMO E CONSCIÊNCIA AMBIENTAL PROMOVIDA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO EM ESCOLA TÉCNICA”*, escrito por Flávia Botelho Honório de Moraes, abrange os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) que tenham caráter empreendedor com proposta de uma formação profissional que seja vinculado a teoria com a prática de forma construtivista, tornando-se necessária a vinculação do ensino oferecido no ambiente escolar com o mundo do trabalho, colocando em prática as metodologias da Educação Empreendedora. O texto traz um viés interessante a partir da área de Química produzido por alunos de uma escola técnica, principalmente porque é possível observar nos discentes a vontade de divulgar suas descobertas e experiências. Não basta apenas aprender, o conhecimento é preciso compartilhar.

“FERRAMENTAS DE GESTÃO ESTRATÉGICA PARA O SUCESSO DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR: UM BREVE ESTUDO BIBLIOGRÁFICO” é o texto escrito por Ícaro Luís Fracarolli Vila, que tem por objetivo oferecer ao diretor escolar ferramentas típicas da administração estratégicas para análise ambiental, planejamento de ações, forças ambientais e serviços ofertados. Então, oferece-se uma visão da análise SWOT, da matriz 5W2H, das forças competitivas de Porter e da matriz de Ansoff. Com uma vasta experiência em gestão escolar, o autor evidencia que os saberes

apresentados em seu artigo são essenciais em qualquer planejamento estratégico e serão capitais no trabalho de gestores de diferentes áreas do conhecimento, indo além do campo educacional.

O artigo elaborado por Ivo Di Camargo Jr, intitulado *“EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA X ENSINO MÉDIO”* analisa a relevância de uma educação empreendedora que esteja incluída na base curricular das escolas, buscando demonstrar a relevância da sensibilização de todas as partes envolvidas nos processos educativos, tais como pais, docentes, gestores, governo, para uma propagação da cultura do empreendedorismo nas instituições de ensino através da educação empreendedora. Com uma experiência em pesquisa adquirida ao longo de sua formação acadêmica, o autor apresenta um texto que transmite toda esse arcabouço cultural que tem por ótica aventar o papel do aluno como um sujeito autônomo e capaz de pensar e interferir sobre sua própria trajetória escolar e de vida.

Por fim, Kátia Gumiero Ferracioli Colmanetti, apresenta o artigo *“EMPREENDEDORISMO NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA ATRAVÉS DE PROJETOS DE MINICURSOS”* que busca mostrar a Semana da Química realizada para alunos de uma escola técnica a partir da percepção atrativa e dinâmica, fazendo com que os discentes sejam protagonistas no processo ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo complementar a grade curricular do curso. A autora demonstra em suas palavras todo o seu envolvimento com a divulgação do curso de Química que exerce seu ofício como professora, principalmente ressaltando o quanto é importante para os alunos o dialogar com experiências de profissionais atuantes que podem contribuir para a formação desses jovens.

Ademais, convidamos os leitores a conhecerem a obra, na expectativa de que, de alguma forma, mediante as especificidades e particularidades de cada um, a mesma possa despertar o interesse e o compromisso para uma educação empreendedora no contexto escolar.

SOBRE OS ORGANIZADORES

IVO DI CAMARGO JÚNIOR

É professor de língua portuguesa efetivo dos municípios de Sertãozinho e Ribeirão Preto/SP. Mestre e Doutor em Linguística pela UFSCar, desenvolve pesquisas sobre Mikhail Bakhtin e cinema e outras mídias/linguagens. É Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Metropolitana, Especialista em Educação Infantil pela UFU, Especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio pela Universidade Federal de Brasília/UNB, Especialista em Educação Empreendedora pela UFSJ e cursa Licenciatura em Filosofia pela mesma instituição. É vice-líder do Grupo de Estudos Bakhtinianos da UNESP Assis e Vice-líder do Grupo Tecnologias, Culturas e Linguagens – UEPB.

E-mail: side_amaral@hotmail.com

ÍCARO LUÍS FRACAROLLI VILA

É bacharel em Letras (tradução) pela UNAERP, licenciado em Letras (português-inglês) pelo CEETRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ, licenciado em Letras (português e espanhol) pela UNIFRAN; licenciado em Pedagogia pela UNIFRAN; Tecnólogo em Processos Gerenciais e Gestão Comercial pela ESTÁCIO DE SÁ; graduando em Filosofia pela UFSJ, além de Ciências Econômicas e Ciências Contábeis pela UNIFRAN; pós-graduado em mais de 20 áreas; mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Michigan; doutorando em neurociência e linguística pela Yale University; pesquisador associado do Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo (campus Ribeirão Preto). Suas pesquisas se voltam para o emprego de método e técnicas da neurociência como forma de efetivar o ensino de línguas e, em paralelo, medidas político-econômicas para profissionalizar a gestão escolar. Atua como coordenador de polo EaD e professor da UNIFRAN; gestor pedagógico do CNA Brodowski; professor de pós-graduação na ESTÁCIO. Email: vila.icaro1@gmail.com

Coleção O Círculo de Bakhtin em diálogo

1. *O círculo de Bakhtin em diálogo: relatos de pesquisas* - Fábio Marques de Souza e Ivo De Camargo Junior [Orgs.].
2. *A memória de futuro em tela: diálogos entre o cinema e Bakhtin* - Ivo Di Camargo Junior.
3. *Mikhail Bakhtin na linguagem cinematográfica* - Ivo Di Camargo Junior.
4. *Pedagogia da Alteridade* - Eliete Correia dos Santos.
5. *Bakhtin em diálogo: vozes brasileiras em ação* - André Monteiro Moraes e Rickison Cristiano de Araújo Silva [Orgs.].



mentesabertas.com.br



contato@mentesabertas.com.br



[MentesAbertas.Com.Br/](https://www.facebook.com/MentesAbertas.Com.Br/)



[Mentesabertas2019](https://www.instagram.com/Mentesabertas2019)